



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
ROK SÔNIA NAIÁRIA DE OLIVEIRA

**O MILITAR DE CRISTO TODO MUNDO CONHECE PELO
UNIFORME: A Indumentária da Neoconvertida Assembleiana,
Milhã-CE (1990-2012).**

FORTALEZA - CEARÁ

2014

ROK SÔNIA NAIÁRIA DE OLIVEIRA

O MILITAR DE CRISTO TODO MUNDO CONHECE PELO UNIFORME: A Indumentária da Neoconvertida Assembleiana, Milhã- CE (1990-2012).

Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em História.

Área de Concentração: História e Culturas

Orientador: Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Junior

FORTALEZA - CEARÁ

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Biblioteca Central Prof. Antônio Martins Filho

Bibliotecário(a) Responsável – Giordana Nascimento de Freitas CRB-3 / 1070

O48m Oliveira, Rok Sônia Naiária de

O militar de Cristo todo mundo conhece pelo uniforme: a indumentária da Neoconvertida Assembleiana, Milhã-CE (1990-2012) / Rok Sônia Naiária de Oliveira. — 2014.

CD-ROM. 235 f. : il. (algumas color); 4 ¾ pol.

“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slin (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico em História e Culturas, Fortaleza, 2014.

Orientação: Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior.

Área de concentração: História e culturas.

1. Mulheres – Vestimenta e identidade – Milhã (CE). 2. Assembleia de Deus – Milhã (CE). I. Título.

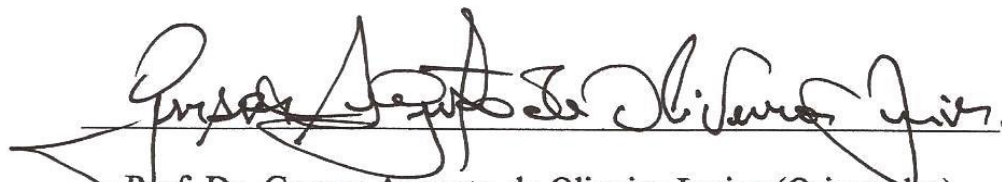
ROK SÔNIA NAIÁRIA DE OLIVEIRA

O MILITAR DE CRISTO TODO MUNDO CONHECE PELO UNIFORME: A Indumentária da Neoconvertida Assembleiana, Milhã- CE (1990-2012).

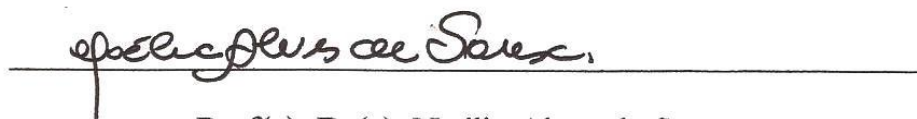
Dissertação submetida ao Programa de Mestrado Acadêmico em História, do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Culturas

Aprovada em: 22/04/2014.

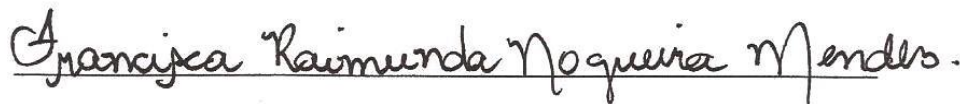
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Junior (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará



Prof(a). Dr(a). Noélia Alves de Sousa
Universidade Estadual do Ceará



Prof(a). Dr(a). Francisca Raimunda Nogueira Mendes
Universidade Federal do Ceará

FORTALEZA - CEARÁ

2014

A tia Maria e primo Rubens (*in memoriam*), cuja luta pela vida e a rápida partida, no decorrer desse curso de mestrado, marcaram com muita dor e saudades essa difícil jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é recordar. É uma oportunidade de relembrar pessoas, lugares, dificuldades, alegrias e conquistas. Finalizando esta etapa tão importante da minha vida é impossível não falar de pessoas que vivenciaram comigo, direta ou indiretamente, esses dois anos de mestrado.

Antes de mais nada agradeço a Deus. Minha fé vive e se alimenta pelas belas obras que o senhor fez e faz em minha vida. Sua presença, guiando meus passos é algo incontestável. Quando pensava em desistir sentia sua força mostrando que eu podia superar as dificuldades.

Aos meus pais Romádio e Vanderlúcia e aos meus irmãos, Rafaela e Raveli. A vocês dedico todas as minhas conquistas. Incentivo e apoio sempre estiveram presentes em toda jornada acadêmica percorrida até aqui. Minha família é o que me sustenta e me faz ter a confiança de que meus sonhos podem se tornar realidade. Com toda humildade, o amor nunca nos faltou.

A meu namorado Erick. Você me ajudou em todas as dificuldades desde que passei a residir em Fortaleza. Foi um abraço acalentador nos meus momentos de desespero.

A meu orientador e amigo Gerson Jr., que abraçou esta pesquisa e se tornou cúmplice em meus devaneios acadêmicos. Obrigada por seu apoio e compreensão em todos os momentos de dificuldades.

A turma do mestrado de 2012, Cícero, Frederico, Eudesia, Cintya, Rochester, Gabriela, Cecília, Eliene e Tiago. O crescimento que tivemos juntos e toda a cumplicidade de nossa relação, mostraram que grandes amizades podem ser construídas em um mundo de tantas concorrências e ambições. O companheirismo, as brincadeiras nas aulas, as saídas e almoços juntos, deram uma marca e um brilho especial a nossa turma.

Aos amigos, Natália, Lucas e Elcelane, que me acompanham desde a graduação, quando eu escrevia as primeiras palavras do projeto de pesquisa. E, além disso, obrigada pela companhia neste ano de 2013, quando passamos a residir todos no mesmo espaço. Sonhamos juntos todos esses momentos. Infelizmente nesta etapa de conclusão do mestrado sigo sozinha. Mas nossos caminhos sempre voltam a se cruzar nas estradas da vida.

A Livia, mesmo distante em muitos momentos difíceis suas palavras de conforto foram essenciais.

A Luciana, a pequena menina que tem um dos maiores corações que conheço.

A Lucélia, minha orientadora de graduação, porém eterna mestra. A você devo muito. Exemplo de pessoa e profissional que estará sempre no meu coração. Você é a madrinha desta pesquisa. Ensinou que sonhar e unir paixões nos caminhos da história é algo possível.

Ao coordenador do mestrado, Altemar e todos os docentes do programa que estiveram comigo em algum momento, Zilda, Carlos Jacinto, Gleudson, Marco Aurélio, Pádua, Erick, Gerson Jr.. As disciplinas, as leituras e o aprendizado compartilhado foram essenciais neste momento de crescimento acadêmico e pessoal.

Aos professores do curso de história da FECLESC, em especial Isaíde, Noélia, Edmilson Junior, Sander, e não poderia esquecer Manuel Alves. Aprendi com vocês a importância da História e o papel social que cada historiador deve assumir.

Aos amigos de graduação Samilli, Suzana, Michelle, Wilker, Nathan e Elmo. Pessoas especiais que carrego no coração.

Aos Pastores, demais lideranças e todos os fiéis que congregam na Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã, por sempre me receberam com entusiasmo e dedicação. Especialmente as mulheres assembleianas, que foram entrevistadas para essa pesquisa. Elas são as grandes sujeitas desta pesquisa. Sem o trabalho que vocês desempenham e sem toda a força com que carregam a identidade do grupo em todas as ocasiões, a Igreja não seria o que é. Vocês são pilares de força e determinação. “Virtuosas” e elegantes mulheres assembleianas.

A minha amiga Mara Pinheiro, que nunca se negou a oferecer ajuda desde os primeiros passos dessa pesquisa na Igreja. Suas palavras, sua fé, sua história de vida, sempre motivaram muito minha jornada.

A minhas amigas irmãs Xalla, Érica, Deyliane, Karla Érica e Jakeline, que vivem distantes deste mundo acadêmico, mas nunca deixaram de apoiar minhas decisões e torcer por mim.

A minha afilhada Thayanne, uma jovem amante da História. Curiosa, corajosa, determinada. Uma menina que vai longe e sabe bem que a história é muito além do que consta nos livros.

A tia Aldeiza, pela acolhida, pela torcida, por se importar com o meu futuro e torcer pelo meu sucesso.

Aos funcionários do Mahis, Neto e Rozilda, pelos tantos favores prestados nesses dois anos. A Silvia, pelas palavras de conforto, de esperança e fé. A vocês, obrigada pelas tantas vezes que me sentindo sozinha nessa cidade ia para o mestrado e encontrava uma companhia desprendida.

RESUMO

Sendo uma maneira visível de expressar identidades, a indumentária é um dos principais aspectos que caracterizam as mulheres da Igreja Assembleia de Deus. As saias, os vestidos e as blusas com mangas longas, além do não uso de decotes e dos cabelos alongados e discretos, definem as fiéis que seguem a doutrina dos usos e costumes. Uma mulher assembleiana logo é reconhecida por sua aparência, tendo em vista que grande parte das proibições, principalmente no tocante ao controle das vestimentas e das vaidades é direcionada a elas. Desta feita, esta pesquisa visa analisar a indumentária das mulheres que congregam na Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã- CE, no período que data de 1990 a 2012, como um símbolo de distinção e afirmação de identidades. Em meio a essas mulheres, focamos principalmente no grupo das neoconvertidas, explorando suas memórias sobre o período de conversão e seus posicionamentos sobre a importância de uma conversão nos hábitos de trajar. A pesquisa discute como a indumentária, através de suas diversas maneiras de usos, é portadora e geradora de identidades, além de revelar os meandros das relações de gênero, corpo e espírito e sagrado e profano. Nesse sentido, para a mulher, não basta converter-se a ADTC (Assembleia de Deus Templo Central), é necessário evidenciar a conversão para toda a sociedade, e isso é expresso através dos signos indumentários. A mudança de vestes é uma forma de conquistar rápida e visivelmente a identidade de mulher virtuosa. Nesta pesquisa, utilizamos fontes orais: entrevistas realizadas entre lideranças e mulheres da Igreja, fontes escritas: revistas lições bíblicas, questionários socioeconômicos e atas de conversões do grupo, e fontes fotográficas: fotografias da Igreja, dos cultos, e das mulheres assembleianas. Temos ainda, uma bibliografia que navega pela história, sociologia, antropologia, ciências da religião e teologia.

Palavras- Chave: Vestimenta. Mulheres. Identidade. Assembleia de Deus.

ABSTRACT

Being a visible way of expressing identities, clothing is one of the main aspects that characterize women of the Church Assembly of God. Skirts, dresses and blouses with long sleeves, besides not using necklines and elongated and discrete hair, define the faithful who follow the doctrine of uses and customs. Assembleiana a woman is soon recognized by its appearance, considering that much of the prohibitions, particularly as regards the control of garments and vanities is directed at them. This time, this research aims to examine the clothing of women who congregate in the Church Assembly of God Temple Center Milhã - EC in the period dating from 1990 to 2012, as a symbol of distinction and affirmation of identities. Among these women, we focus mainly in the group of neoconvertidas, exploring his memories of the conversion period and their positions on the importance of a conversion in the habits of dress. This article discusses how to dress, through its various ways of uses, carries and generates identities, in addition to revealing the intricacies of gender relation, body and spirit, sacred and profane. Accordingly, for the woman, not just become the ADTC, we must remember that the conversion to the whole society, and this is expressed through the sartorial signs. A change of clothes is a way to win quickly and clearly the identity of a virtuous woman. In this research, we used oral sources (interviews between leaders and women of the Church). Written sources (magazines bible lessons, socioeconomic questionnaires and minutes of batch conversions). And photographic sources (photographs of the Church, the cults, and assembleianas women). We still have a bibliography that navigates through the history, sociology, anthropology, religious studies and theology.

Keywords : Clothing. Women. Identity. Assembly of God.

LISTA DE TABELAS

TABELA 01	Caracterização socioeconômica das mulheres assembleianas	69
TABELA 02	Número de conversões da Igreja Assembleia de Deus Central de Milhã entre os anos de 2002 à 2011.	78

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01	Mulheres Assembleianas da década de 1990	54
FIGURA 02	Imagem de uma Jovem Assembleiana	57
FIGURA 03	Senhoras durante o culto da ADTC.	136
FIGURA 04	Andreia Mattos antes de se converter a ADTC.	142
FIGURA 05	Andreia Mattos depois de se converter a ADTC.	143
FIGURA 06	Fiel Assembleiana antes da conversão em show de Forró.	164
FIGURA 07	Fotografia de Daniela Martins antes da Conversão, ao lado de “Imagens em vidro” no Santuário Rainha do Sertão em Quixadá-CE.	166
FIGURA 08	Fotografia de Daniela Martins antes da Conversão, ao lado de “Esculturas em tamanho real” representando Maria e Jesus, no Santuário Rainha do Sertão em Quixadá-CE.	167
FIGURA 09	Fotografia da Daniela Martins Sousa em um bar.	168
FIGURA 10	Fotografia da Fiel Daniela Martins em uma festa de conclusão de curso.	169
FIGURA 11	Interior da Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã- CE	178
FIGURA 12	Altar da Igreja ADTC de Milhã. Nesta fotografia percebemos as hierarquias masculinas	179
FIGURA 13	Fotografia de todas as “senhoras” da ADTC de Milhã, no 1º Encontro de Senhoras da referida Assembleia de Deus no ano de 2012	184
FIGURA 14	Croquis de vestidos com boleros	210
FIGURA 15	Croquis de saias e blusas.	211
FIGURA 16	Croquis de saias e blusas.	212
FIGURA 17	Croquis de vestidos com mangas	213
FIGURA 18	Croqui de vestido com echarpe	214
FIGURA 19	Materialização do vestido com echarpe	214

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01	Prioridades das mulheres assembleianas na escolha das roupas	153
------------	---	-----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADTC	Assembleia de Deus Templo Central
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CPAD	Casa Publicadora da Assembleia de Deus
ELAD	Encontro de Líderes da Assembleia de Deus
CONADEC	Convenção das Assembleias de Deus do Estado do Ceará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 O HOMEM É O CABEÇA: UMA IGREJA DE ESTRUTURAS SEXISTAS	33
1.1 A Igreja Assembleia de Deus de Milhã.....	39
1.1.1 Os Usos e Costumes.....	49
1.2 As hierarquias da Igreja: papéis de homens e de mulheres.....	59
1.2.1 A mulher Assembleiana e as Bases de um Fundamentalismo Religioso.....	74
1.3 A conversão para a Igreja: de uma mulher do mundo para uma mulher virtuosa.....	78
1.3.1 A conversão para a mulher.....	86
2 O CORPO, A VESTIMENTA E A MORAL RELIGIOSA CRISTÃ.....	96
2.1 O corpo como morada do “Espírito Santo”.....	103
2.2 O imaginário do corpo feminino.....	114
2.2.1 Os cabelos como um campo de disputas: o pecado dos cabelos	126
2.3 O corpo e ascensão da nova convertida.....	137
3 A VESTIMENTA E OS ESPAÇOS SAGRADOS E PROFANOS.....	155
3.1 A igreja como um espaço sagrado.....	160
3.2 “E não haverá traje de homem na mulher[...]” (deuteronômio 22:5): a calça com o tabu.	186
3.3 O traje de usar na Igreja: as astucias da mulher assembleiana.....	200
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	221
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	224

INTRODUÇÃO

Afinal, em que medida nossas escolhas profissionais caminham lado a lado com a subjetividade? Como a busca por respostas alimenta nossos anseios de pesquisar a respeito de assuntos que para muitos possam parecer obsoletos? É pensando nisso que iniciamos esta breve introdução. Mais que falar de uma pesquisa para obtenção do título de mestre, estamos nos remetendo a vivências, conflitos e indagações. Bloch (2001), refletindo a respeito do ofício do historiador, nos leva a compreender que o fato de estudar o homem e suas ações no tempo é mais que uma busca profissional. Nós historiadores faremos carne humana porque compartilhamos da mesma matéria. Buscamos compreender nossos antecessores para refletir nossos próprios comportamentos. Procurando os vestígios do passado, mergulhamos na análise da sociedade em busca de gente, de seus feitos, dos rastros que foram sendo deixados.

Uma das contribuições dessa obra para nossa formação é o constante alerta para com as responsabilidades que nós historiadores temos. É um prestar contas com a sociedade, com os sujeitos pesquisados e consigo mesmo enquanto pesquisadores. Hoje, percebemos que realizar uma pesquisa sobre as mulheres da Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã¹, e suas práticas vestimentares, vai além de um estranhamento, é também uma prestação de contas com nosso passado. E para aqueles que duvidam da possibilidade de realizar um trabalho em história sobre essa temática, leiam atentamente cada frase escrita, e acreditem que tudo tem uma história e toda história é digna de ser revelada.

Nossa história de vida² está atrelada à história da denominação da igreja Assembleia de Deus Templo Central (ADTC)³ de Milhã. Isso porque em 1994, quando nos mudamos para a Rua José Adamir Pinheiro, além da casa, muitas outras novidades eram introduzidas em nosso cotidiano. Uma nova rua, novos vizinhos, novas paisagens, tudo muito espetacular aos olhos de uma criança. Foi então que nos deparamos, ainda naquele ano, com algo inusitado. Próximo a nossa casa foi construída uma Igreja, e lá um grupo de pessoas que todos chamavam de “crentes” começaram a se reunir e fazer seus louvores.

¹ A cidade de Milhã é localizada no Sertão Central do Ceará. Situada na margem direita do rio denominado Capitão Mor e distante cerca de 301 km da capital Fortaleza. Conta com uma população de aproximadamente 13.086 mil habitantes, e uma área de 502.036 km². A cidade é povoada por pequenos agricultores, comerciantes e criadores de espécies diversas, tendo na pecuária a principal fonte de renda e desenvolvimento econômico. O lazer da cidade se constitui basicamente de shows de forró que acontecem em pequenos clubes e bares. O município é constituído pela sede (Milhã) e mais 05 distritos, são eles: Carnaubinha, Monte Grave, Baixa Verde, Ipueiras e Barra. Fonte IBGE. Disponível em www.ibge.org.br. Acesso em: 20/03/2013.

² Nesse sentido, falo da minha história de vida e de toda minha família. Pois desde que a Igreja foi construída próximo de nossa residência sempre acompanhamos a rotina dos fiéis assembleianos.

³ A partir deste momento utilizaremos essa abreviação para falar da Igreja Assembleia de Deus Templo Central.

No início eles incomodavam a todos, faziam muito barulho, emitiam muitos gritos de “Aleluia, Aleluia!”. Falavam umas palavras que não conseguíamos entender (glossolalia⁴) e nas calçadas das casas ouvíamos uma pregação que alertava para as tentações do diabo e traçava os caminhos para salvação. Aquilo trazia um estranhamento muito grande para todos que residiam nas redondezas do prédio. Os que moravam muito próximos do templo chegavam a sair de casa nos horários dos cultos para não ouvir o que eles chamavam de escândalo. No entanto, aquela “algazarra” não ocorria apenas algumas vezes na semana ou nos horários da noite. Essas pessoas que não conhecíamos se reuniam em vários horários: como ao meio dia para louvar, à tarde para ensaiar cânticos, aos domingos para estudar a Bíblia (escolas dominicais), e assim não havia como fugir de toda aquela movimentação. Não compreendíamos, e muitas vezes criticávamos tanta euforia e “exagero”, afinal para que gritar tanto, será que o Deus deles era surdo?

Na época o que mais chamava nossa atenção era a maneira como as mulheres se vestiam. Elas tinham os cabelos muito longos, alcançando as nádegas, algumas chegavam a ultrapassá-las. As roupas também eram muito longas, as saias quase arrastavam no chão. Usavam blusas com mangas no cotovelo, algumas um pouco mais curtas, mas assim mesmo se apresentavam diferentes. Um dos principais rumores da época, e que custávamos a acreditar, era que aquelas moças e as outras mulheres da Igreja não se depilavam, em nenhum aspecto, e aquilo nos parecia absurdo.

Com o passar dos anos fomos estabelecendo uma relação mais próxima com a ADTC. De vez em quando íamos para os cultos, por iniciativa própria, ou por algum convite de conhecidos que haviam se convertido. O curioso é que sempre no dia que decidíamos ir para o culto, usávamos as saias ou vestidos mais longos que tivéssemos. É como se o fato de ir para aquele local com roupas parecidas com a das mulheres da Igreja, amenizasse um estranhamento da nossa parte e da parte delas. As idas para os cultos nunca passaram disso, íamos por curiosidade ou por convites de amigos que congregavam no grupo. Muitas vezes a Igreja promovia celebrações comemorativas e convidava os moradores da rua para se unirem a eles. Nesse sentido, era perceptível como gostavam de ter a casa cheia, de dizer que haviam convidados na Igreja, e que todos se sentissem acolhidos e prontos para “aceitar Jesus” (se converter).

⁴ (glos.so.la.li.a) sf.1. Fenômeno que pode ocorrer com pessoas ger. em transe religioso, que se caracteriza pela capacidade de falar línguas desconhecidas. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/glossolalia#ixzz2vlaVvJli>

Nós⁵, particularmente, ficávamos impressionadas com a falta de vaidade das mulheres assembleianas, parecia que mandavam fazer suas roupas com o mesmo modelo, para ficarem todas iguais. No entanto, isso foi mudando, e mais ou menos a partir dos anos 2000, percebemos que a Igreja estava entrando numa nova fase, mas principalmente, que suas mulheres estavam se transformando. Observamos que as saias haviam encurtado, diminuído de tamanho. Elas usavam blusas mais coladas ao corpo, com mangas mais curtas. Os cabelos começaram a ser cortados, e posteriormente algumas começaram a pintá-los. Usavam saltos, vestidos longos que chamavam a atenção pela “beleza e elegância”. E desde então, sempre que havia festas na Igreja, principalmente casamentos, nós que morávamos ao lado ficávamos olhando e observando o luxo de alguns vestidos e calçados, a elegância nos penteados dos cabelos. A partir disso uma nova atitude passou a ser introduzida em nossa maneira de nos referir às mulheres evangélicas. De um espanto pela falta de vaidade nas roupas e com seu corpo, passamos a comentar sobre a elegância de suas roupas, sobre como vestidos e saias deixavam a mulher mais bonita e feminina, mas claro, se houvesse um pouco de vaidade alimentando todo o conjunto. Percebemos então, que aquelas mulheres começavam a se transformar e ganhar uma nova aparência. Começamos a perceber, ainda, o grande fluxo de conversões, principalmente de mulheres e aquelas que se convertiam nem sempre deixavam todas as vaidades de lado.

O cenário da pequena cidade foi sendo transformado, não só em virtude de alguns investimentos na agropecuária, no comércio local, ou nas intensas construções de prédios residenciais. Mas também foi um período em que outras Igrejas protestantes, principalmente pentecostais começaram a se instalar estabelecendo um processo de intensas conversões no pequeno município.

Nesse período, percebíamos que as novas Igrejas convertiam as pessoas, mas estas pouco modificavam suas roupas. Algumas até continuavam frequentando festas e praças, mesmo se denominando evangélicas, um exemplo disso, era a Igreja assembleia de Deus Ministério de Madureira, uma outra denominação da Assembleia que era liderada por um pastor que por alguns anos congregou na ADTC. Assim, ele se desmembrou e fundou na cidade outra Igreja, que mesmo tendo muitas de suas práticas herdadas da Templo Central, não direcionava tanto controle ao corpo e as roupas de suas fiéis. Isso nos trazia novas indagações como o porquê de a ADTC ter regras tão rígidas? Porque controla tanto as suas mulheres?

⁵ Eu, minha família e vizinhos.

Esses questionamentos, essas dúvidas e experiências de infância, nos levaram ao ano de 2009 para escolhermos a Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã como espaço de uma pesquisa monográfica que iríamos começar a desenvolver na disciplina de metodologia da pesquisa II, no curso de História da Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central - FECLESC, um campus da Universidade Estadual do Ceará em Quixadá. Foi na história que buscamos retomar certas curiosidades a respeito do grupo religioso anteriormente citado, a fim de encontrar vestígios que pudessem nos levar às respostas que tanto procurávamos. E com isso, a maneira de trajar dessas mulheres se torna o objeto central de nossas pesquisas.

A pesquisa iniciada ainda no ano de 2009 culminou em 2011 na monografia intitulada, “Construindo uma identidade e combatendo o vício da vaidade: a vestimenta da mulher Assembleiana de Milhã- CE (1990-2011)”. Esta tinha por objetivo compreender como se dava a relação das mulheres assembleianas com os padrões vestimentares impostos pela congregação. Nosso intuito era perceber como o grupo vinha modificando seus hábitos indumentários através do que chamamos de táticas de uso⁶.

Os objetivos propostos nos instigaram a necessidade de compreender o imaginário dos membros dessa instituição, sua forma de organização, o papel dessas mulheres na Igreja, como elas compreendiam sua maneira de vestir e como eram vistas pelos homens e lideranças do grupo. Tínhamos sempre em mente que não eram papéis, ou qualquer outro documento, que estava em nossas mãos. Eram vidas, histórias, subjetividades, e que, portanto, precisavam ser tratadas com o mesmo respaldo que as demais fontes, tendo ainda uma preocupação maior com as consequências dos nossos atos. Pois como destaca Rémond (2006, p.208) “o historiador do tempo presente sabe o quanto sua subjetividade é frágil, que seu papel não é o de uma chapa fotográfica que se contenta em observar fatos, ele contribui para construí-los”.

Ainda nesse sentido, concordamos com Portella (2011), ao destacar que para realizar uma reflexão sobre a religião no tempo presente o historiador não pode deixar de concentrar suas atenções nos vivenciadores da fé/religião. Pois mesmo reconhecendo a importância das fontes normativas e institucionais, seria inconcebível “historiar a atualidade sem colher as fontes da boca e da vida do povo em sua religião”. Segundo o autor, quem tem por objetivo entender a religião, ontem ou hoje, precisa direcionar mais atentamente o olhar para as pessoas considerando seus discursos e principalmente, suas atitudes. Para ele, “religião, mais que a doutrina, é o que o povo faz dela.” (PORTELLA, 2011, p.496).

⁶ Utilizamos o termo “táticas vestimentares” tendo por base as reflexões realizadas por Certeau (2009) na obra *A invenção do Cotidiano: Artes de fazer*.

Nesse sentido, reconhecendo que realizar uma pesquisa na temporalidade do presente possibilita um contato direto com os sujeitos, iniciamos na Igreja uma observação participante⁷, indo para os cultos e conhecendo melhor o grupo. A respeito disso, Cardoso (2000, p. 19) ressalta que “a partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo”. E nesse sentido, passamos a frequentar a Igreja sabendo que nossa maneira de olhar estava transformada pelos questionamentos da pesquisa.

A Igreja Assembleia de Deus Templo Central, ainda hoje é considerada uma das mais tradicionais da cidade de Milhã-CE. Tal fato é visivelmente evidenciado através dos códigos vestimentares de suas mulheres, que são incitadas pelos usos e costumes da congregação a fazer uso de peças tidas como estritamente femininas. Para a congregação, o trajar feminino é um símbolo que distingue quem segue ou não os ensinamentos bíblicos e as doutrinas da Igreja. De tal modo, as fiéis devem utilizar saias na altura do joelho, blusas e vestidos com mangas e sem decotes, e o uso de maquiagens e tinturas no cabelo deve ser muito controlado.

Assim, depois de alguns contatos prévios realizados no momento dos cultos, e através de diálogos informais com alguns membros da instituição, começamos a selecionar e em entrar em contato com os primeiros entrevistados. Para isso, tínhamos em mente, como afirma Portelli (1997, p. 288), que “a fala como ato que constitui os sujeitos nos remete ao entendimento das relações históricas que explicam as formas como esses personagens se colocam diante da vida”.

Baseados sempre nos objetivos propostos pelo projeto de pesquisa, estabelecemos a busca por entrevistados através da classificação em três grupos: o primeiro, de lideranças masculinas da instituição. Neste, entrevistamos o pastor e o diácono que atuavam no período. O segundo grupo, composto por duas mulheres tradicionais da Igreja, onde buscamos fiéis que se converteram desde o estabelecimento da congregação no município. Posteriormente, o terceiro grupo, formado por duas jovens assembleianas, que de maneira visível adaptavam seus trajes a modernidade sem deixar para trás os signos femininos exigidos pela instituição. E por último temos a costureira, um personagem central na relação das assembleianas com suas vestes.

Para a realização dessas entrevistas, destacamos as propostas metodológicas do uso da História Oral atribuídas por Ferreira e Amado (2006, p.16) uma vez que concordamos com

⁷ Sobre isso ver OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. “O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever”. In: O trabalho do antropólogo. 2ª ed. São Paulo: editora UNESP, 2000.

a ideia de que como outras metodologias, a história oral “estabelece e ordena procedimentos de trabalho [...] funcionando como ponte entre teoria e prática”. Pensando dessa forma, os tipos de entrevistas e as diversas possibilidades de transcrevê-las, os depoimentos e a relação do historiador com os sujeitos estudados, são dignos de reflexão tendo em vista que influenciam nos resultados do trabalho. Posto isso, constitui-se o elo entre a realidade estudada e o saber científico.

Refletindo a partir do material das entrevistas e das observações de campo, consideramos que no primeiro grupo de entrevistados encontramos um discurso que assumia visivelmente os tradicionalismos que tentam controlar a aparência feminina. Eles evidenciavam um tipo ideal de mulher, características que atribuíam à verdadeira mulher assembleiana, sempre legitimados por trechos bíblicos que na interpretação dos mesmos, condenavam, ou melhor, destinavam a mulher a uma eterna submissão.

Para os líderes da instituição, as mulheres assembleianas devem se vestir conforme manda a Bíblia, tida como uma sagrada escritura e uma espécie de “manual” que dita às regras de comportamento. Desta feita, a maneira de trajar para os assembleianos não é ditada por homens, eles seriam apenas responsáveis por intermediar a palavra.

No segundo grupo, o das fiéis tradicionais, percebemos como o discurso legitimador dos que detém a homilia oficial é responsável pela maneira como essas mulheres se auto identificavam. Em outras palavras, a visão de fiel assembleiana, de que os homens falavam, era a característica almejada por essas mulheres. Elas buscavam ser consideradas exemplos para as demais. Passavam a ressaltar atitudes que consideravam dignas de uma verdadeira mulher cristã, aquela que tem a marca da dedicação em casa e na Igreja, uma mulher devota à família, ao esposo e filhos, que acata com boa vontade o que a Igreja diz ser o papel da mulher.

No terceiro grupo, composto pelas mulheres mais jovens, nos evidenciava que mesmo em detrimento do discurso conservador, exposto nos parágrafos anteriores, as mulheres mais jovens estavam assumindo características peculiares. De acordo com as entrevistadas, elas tentavam adaptar o que era proporcionado pelo mercado da moda ao que podia ou não ser utilizado na Igreja. Tentavam adequar a modernidade dos trajes ao ambiente conservador da instituição, e é o que definimos como táticas de uso.

Entrevistamos, portanto, Maria Silvia⁸, que segundo as mulheres, era a profissional mais solicitada pelas assembleianas. A conversa com a costureira nos trouxe a outro tipo de fonte: os “croquis”⁹, ou seja, desenhos de roupas rabiscados pela profissional, e que já haviam se materializado em roupas para as mulheres da Igreja ADTC.

Portanto, a oralidade possibilitou que tivéssemos um contato íntimo com os sujeitos, na qual acreditamos que a realização dos objetivos propostos na pesquisa não seria possível se nos pautássemos em outros tipos de fonte. Foi também uma maneira de chegar até a Igreja e criar laços de proximidade, já que por não sermos membros da instituição o início dos trabalhos ocorreram de maneira muito conflituosa.

No processo de conhecimento do grupo, necessitávamos de um histórico a respeito do surgimento da instituição no município. Buscamos ainda as atas de reuniões ou cadastros de membros para identificar o número total de fiéis e respectivamente a quantidade de homens e mulheres que congregavam. Mas isso só foi possível de maneira concreta ao final da pesquisa monográfica, quando estávamos iniciando o projeto de mestrado.

Assim, algumas fontes escritas foram surgindo, e, através da oralidade, construímos uma relação de confiança com os membros da instituição. Outra fonte que muito almejávamos e que só conseguimos ter acesso após um longo processo de conhecimento e obtenção de confiança na legitimidade da pesquisa, foi o acervo de fotografias pessoais das entrevistadas. Tendo em mente que se as fotografias “são utilizadas como fontes de pesquisa histórica, é porque funcionam como mediadoras e não como reflexo de um dado universo cultural”. (BORGES, 2011, p.18). Mesmo diante de todo um pudor e recato com sua imagem, algumas mulheres aceitaram que estas fizessem parte da pesquisa. Deste modo, ressaltamos as considerações de Portelli (1997, p. 36) quando este salienta que “a comunicação sempre funciona de ambos os lados”. Isso porque é uma falsa pretensão dos pesquisadores acreditarem que são os únicos observadores da relação com os sujeitos. Os entrevistados não são agentes passivos na construção do conhecimento. Observando as atitudes, gestos e comportamentos do historiador, podem optar pela contribuição que desejam prestar à pesquisa.

⁸ Maria Silvia de Lima de 35 anos. Esta profissional trabalha como costureira na cidade de Milhã e segundo ela, a maior parte de sua clientela é composta por mulheres da Igreja Assembleia de Deus Templo Central. Entrevista realizada em 15/09/2010.

⁹ Croquis são desenhos de moda ou um esboço qualquer que não exige refinamento nos traços. É feito rapidamente como o esboço de uma ideia. Os croquis apresentados a seguir foram cedidos pela costureira Maria Silvia de Lima de 35 anos.

Obter a confiança do grupo foi algo essencial. Demonstrar interesse e respeito, acima de tudo, foi o que fez com que os entrevistados abrissem as portas de suas casas e consequentemente de suas vidas para que a pesquisa pudesse seguir adiante. Porém, antes que isso acontecesse, realizar as entrevistas se tornava um trabalho muito árduo. Algumas mulheres não queriam ou tinham receio de falar, outras limitavam suas falas por medo de serem mal interpretadas. Acreditamos que foi sobre as falas, mas principalmente a partir dos silêncios, que surgiam novos vestígios e a pesquisa conseguia avanços consideráveis.

Ressaltamos, que a utilização da história oral foi pensada a partir da premissa de que ela não somente “suscita novos objetos e uma nova documentação, como também estabelece uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história” (FERREIRA E AMADO, 2006, p.09). Isso porque hoje também nos sentimos parte dessa pesquisa. No trabalho com a história oral e com o tempo presente, o investigador mantém um diálogo direto com o sujeito que pretende estudar, interferindo no diálogo e na criação de novos vestígios. Tendo em mente que toda pesquisa é parte de um processo, sendo, portanto, uma construção, as fontes que acabamos de descrever são essenciais para embasar novas questões propostas na pesquisa de mestrado.

O projeto de Mestrado produzido em fins de 2011 começa a ser posto em prática no início de ano de 2012. Pensando a intensa conversão feminina na Igreja ADTC, nossa pesquisa tem seus interesses reconfigurados, e novas indagações nos levam a percorrer o caminho das neoconvertidas. Perrot (2005), que trabalha com o gênero feminino, evidencia o que ela acredita ser a relação das mulheres com a indumentária. Para a autora “A memória das mulheres é trajada, o traje é sua segunda pele.” (s/p.) E concordando com ela, passamos a utilizar os métodos da oralidade para tentar resgatar as memórias dessas fiéis a respeito do período de conversão.

Salientamos que todas as fontes utilizadas na monografia funcionam como suporte para esse novo trabalho. Isso, porque utilizamos as entrevistas com mulheres mais velhas da Igreja, com as lideranças masculinas e com algumas jovens assembleianas para entender como essa identidade é construída. E como esta mulher que já está na Igreja há muitos anos, ou que cresceu no seio assembleiano, se relaciona com suas vestes? Afinal, é com base no exemplo dessas mulheres que as novas convertidas passam a modificar sua aparência.

Nesse sentido, passamos a nos questionar sobre a relação que essas mulheres mantinham com seu corpo, antes e depois de ingressarem na Igreja ADTC. Percebemos que, utilizando a metodologia da história oral na busca por memórias, algumas ainda muito

recentes, apreenderíamos os conflitos, permanências e transformações numa disputa entre as aparências, onde uma seria visivelmente deixada para trás, tida como “imoral”, “indecente”, e outra seria assumida na tentativa de legitimar uma nova identidade para aquela que se converte.

A temporalidade dessa pesquisa foi pensada tanto a partir da trajetória da Igreja, como a partir das vivências de nossas entrevistadas. 1990 foi uma década crucial para a denominação “Assembleia de Deus” em Milhã, pois foi aí que a Igreja conseguiu uma maior autonomia, podendo levantar seu templo, ter um pastor exclusivo para a Igreja e estabelecer bases mais sólidas na cidade. No período, os usos e costumes eram mais rígidos e a resolução doutrinária que vigorava na Assembleia de Deus em todo o país era a de Santo André, de 1975. O abrandamento nos usos e costumes só irá ocorrer em meados de 1999, com a resolução do Encontro de Líderes das Assembleias de Deus (ELAD).

Portanto, uma doutrina mais maleável foi lentamente inserida na Assembleia de Deus em todo Brasil, desde o início dos anos 2000. Destarte, a década de 1990 é um período de consolidação e também de mudanças na ADTC de Milhã. Conseguimos nos reportar a esse período através dos relatos de nossas entrevistadas. Inicialmente, utilizamos entrevistas coletadas de 2009, 2010 e 2011. Contudo ampliamos nossas discussões, e em 2012, realizando um novo trabalho de campo, obtivemos novas entrevistas que nos conduziram a uma percepção da vestimenta e de como os usos e costumes tem sido apropriados no cotidiano na Igreja.

Nossas novas entrevistadas são mulheres que se converteram entre fins da década de 1990 a 2008, portanto, contribuíram com percepções que nos dirigiram a um momento de mudanças na aparência indumentária da mulher assembleiana. Assim, comungando de uma dificuldade comum entre aqueles que estudam a “história do tempo presente”, definir uma temporalidade inicial e final para esta pesquisa se torna um trabalho árduo, de muitas reflexões teórico-metodológicas.

Não obstante, essas novas fontes produzidas em 2012 trouxeram novas visões, novas contribuições, que nos reportaram a outras perspectivas dignas de reflexão. Por isso, neste momento, para sanar uma exigência da disciplina de história, definimos 2012 como o recorte final deste trabalho. Tendo em mente que, por tratar-se de uma história do vivido, ela está em constante reinvenção de sua temporalidade. Como salienta Bédarida (2006, p. 221) “a história do presente é feita de ‘moradas provisórias’[...] sua lei é a renovação”. Por isso, definir onde começa e onde termina uma pesquisa sobre o tempo presente é algo que tem

causado calorosos debates dentro da disciplina histórica e que ainda hoje apresenta uma série de dificuldades. Segundo Fico (2012, p. 67),

A história do tempo presente não é uma especialidade voltada apenas para assuntos peculiares ao século XX. A expressão assinala o início de um período histórico que se estenderá por muito tempo. Ela tem sido usada como equivalente de outras, assemelhadas, que designaram a história narrada por historiadores desde a Antiguidade, mas que o cientificismo do século XIX condenou. A discussão de graves demandas teóricas, como a necessidade de distanciamento ou as limitações impostas pela perspectiva, não diz respeito somente à modalidade, mas afetam toda a disciplina histórica.

Para o autor, a “história do tempo presente”, inicialmente debruçada nos acontecimentos do século XX, assinala uma nova percepção do fazer histórico. Novas fontes, novas temáticas e uma gama de discussões não apenas sobre o objeto de pesquisa, mas também sobre o ofício do historiador. Por se tratar de uma história onde o pesquisador também é uma testemunha dos fatos, onde se está muito próximo do objeto, muito tem-se debatido a respeito da legitimidade e dos cuidados em realizar uma pesquisa do presente. Contudo, como atesta Fico (2012) esses debates devem ser presentes em todas as modalidades de história. Isso porque, toda a história, em suas tantas modalidades, temporalidades e em suas diferentes fontes, está sujeita a riscos. A necessidade de rigor acadêmico e o controle dos subjetivismos, tão questionado, não é uma exclusividade daqueles que se dedicam ao tempo presente.

A busca pela verdade, muito embora saibamos que não a dominamos apenas nos aproximamos dela. E o desejo de total imparcialidade, que também já foi repensado, tendo em vista que somos filhos de nosso tempo, é um assunto muito debatido na disciplina de história, e se coloca em todas as suas modalidades. Contudo, o grande diferencial de quem estuda o presente é a proximidade, é o olhar e a vivência com o objeto. “O historiador do tempo presente é contemporâneo ao seu objeto e, portanto, partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais.” (CHARTIER, 2006, p. 216). Diante dessa proximidade nós, historiadores, devemos destacar que,

[...] o relato do vivenciado tem uma peculiaridade em relação a outras narrativas históricas: escrevemos para quem viveu aqueles episódios e essa forma singular de “pressão pela verdade”, exercida pelos coetâneos, tem marcado o estatuto discursivo de nossa especialidade [...]” (FICO, 2012, p.83)

Nesse sentido, uma peculiaridade marcante é que os sujeitos pesquisados falam, opinam, e também poderão ter acesso ao que o historiador produz. Isso exerce uma cobrança maior no pesquisador, que deve prestar contas de suas análises. Pois o que define que um fato é presente ou passado está para além da temporalidade, é também uma questão dos interesses que estão em pauta. "Eventos já ocorridos são um “presente” para nós pelo tempo em que nosso interesse por eles estiver acesso.” (FICO, 2012, p.14). Citando Lubbe (2004, p. 143) e Pereira e Da Mata (2012, p. 15) salientam que, “O simples fato de algo ser pretérito não basta para que o consideremos “passado”. Haverá presente enquanto estivermos ativos determinados interesses de presentificação do passado[...].

Portanto, tendo como sujeitos as mulheres assembleianas e destacando como objeto de análise algo tão pessoal e ao mesmo tempo carregado de coletividades, como a vestimenta, concordamos com Bom Meihy (2006, p. 07), quando este vem salientar que:

O uso da história oral, portanto deveria ser aplicado onde os documentos convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados em códigos dignificados por um saber acadêmico que se definiu longe das políticas públicas. Aspectos subjetivos, deformações dos fatos, mentiras, fantasias, ilusões, seriam, pois elementos consideráveis para quem procura mais do que a “verdade” os motivos das “inverdades”.

Temos, portanto, a perspectiva de abordar a indumentária em suas mais diversas facetas. Principalmente no que se refere à relação das mulheres com sua própria maneira de vestir, e como sua forma de trajar influencia na relação com os demais membros da Igreja. Consideramos que através das memórias, alcançaremos como seu imaginário, a respeito da maneira “correta” de se vestir, foi sendo modificado pelo discurso da Igreja e pelas práticas cotidianas do grupo. Fatores que não se apresentariam de maneiras tão visíveis se não fosse pelo resgate das memórias. Possibilitando relacionar o discurso da época, com o atual, bem como a recepção desses discursos antes e hoje. A esse respeito, Guimarães (2010, p. 06) destaca que:

Em sentido abstrato, genérico e cotidiano poderíamos pensar a memória como a capacidade de aproveitar os vestígios para a preparação de novas experiências. Podemos, também, pensá-la como a capacidade de relacionar um vento atual com um evento passado do mesmo tipo, podendo assim evocar o passado por meio do presente, já que a “memória é desencadeada de um lugar, e este se situa no presente”.

Portanto, este segundo bloco de entrevistas é composto por seis gravações que foram realizadas no início de 2012. No intuito de dar ênfase às novas indumentárias que essas mulheres passaram a utilizar a partir da conversão, percebemos que nossas entrevistadas rememoram uma série de outros acontecimentos que vão além de uma transformação na aparência. Elas conseguem lembrar o preconceito que sofreram, tanto dos membros da Igreja, pela maneira como se vestiam antes, quanto daqueles que não viam a conversão com bons olhos. Relembrem ainda as dificuldades de adaptação às normas vestimentares, onde o desapego a certas vaidades ocorreu de forma lenta e conflituosa, acompanhada ainda da vergonha e do medo de recriminação por parte dos demais fiéis. Acreditamos assim que, “recordar é, então, precisamente não lembrar acontecimentos de forma isolada. É ser capaz de formar sequências narrativas com sentido” (CONNERTON, 1993, p.30).

Ainda com relação a esse processo de rememoração da conversão, as entrevistadas resgatam os problemas pessoais que enfrentavam na época, muitos dos quais foram responsáveis pelo seu primeiro contato com a Assembleia de Deus, e posteriormente as levaram à conversão. Nessa perspectiva, Candau (2011, p. 65) salienta que, “no processo de mobilização memorial necessário a toda consciência de si, a lembrança não é a imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida.”

Destacamos ainda que diante de uma relação que vem sendo construída desde o período de elaboração da pesquisa monográfica, nossa presença nos cultos ou mesmo o agendamento de entrevistas já não causou tanto estranhamento, e já não significou um fator de dificuldade. Mesmo não compreendendo totalmente os objetivos da pesquisa, ou os motivos do nosso interesse em permanecer estudando esse grupo, as fiéis demonstram uma maior receptividade pela proposta. Elas gostam de falar de como se vestiam antes e de como estão hoje, talvez por acreditarem que agora seguem o caminho “correto” estabelecido por “Deus”.

Essas mulheres falam de seu passado, preenchidas dos valores assembleianos. Muitas recriminam, condenam e afirmam não ter nem vontade de se vestir como antes, consagrando e bendizendo sua nova aparência. Desta feita, consideramos que “a memória é também uma construção do passado, mas pautada em emoções e vivências; ela é flexível, e os eventos são lembrados a luz da experiência subsequente e das necessidades do presente.” (FERREIRA, 2002, p. 321).

Portanto, conversar informalmente, fazer entrevistas com roteiros pré-definidos, fotografar o ambiente da Igreja e as próprias mulheres, conhecer um pouco mais de suas subjetividades e dos motivos que as levaram a conversão, nada disso seria possível se uma relação de confiança e respeito não tivesse sido construída entre pesquisador e sujeitos. Acreditamos deste modo, que todas essas entrevistas irão contribuir para uma compreensão do imaginário do grupo com relação à necessidade de mudança das mulheres que se convertem e da busca pelo diferencial da mulher assembleiana, dentro da sociedade milhanense. Um fator que está presente em todas as memórias e discursos das entrevistadas. Diante disso, ponderamos que o processo de doutrinação aos valores da Igreja introjeta visões de mundo que mesmo atuais, e adquiridas após a conversão, permanecem interligados as memórias da época de uma forma indissociável. Sobre isso Halbwachs (1990, p.71) afirma que:

[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada.

Ainda sobre a influência do presente nos dados do passado Halbwachs (1990, p. 51) segue falando que a memória é constantemente alterada pelas vivências do indivíduo e pela transitoriedade dos grupos aos quais ele pertence,

A sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se sempre pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos meios coletivos, isto é, em definitivo, pelas transformações desses meios, cada um tomado à parte, e em seu conjunto.

Percebemos a influência que o coletivo exerce nessas lembranças, ou seja, as memórias individuais das fiéis a respeito da conversão são pautadas pelo atual discurso da Igreja. Acreditamos, pois, que essas memórias nos possibilitam perceber de que maneira ocorreu a modificação nos aspectos indumentários das novas convertidas, a partir da premissa de que “a roupa proporciona um sentimento de pertencimento social” (ROCHE, 2007, p.11). De tal modo, o uso da fonte oral, dando destaque às memórias, se faz central. Pois acreditamos na “dimensão simbólica da memória” e nos subsídios que ela fornece para a compreensão não apenas dos indivíduos, mas também do espaço social onde estão engajados. (Cf. JUCÁ, 2003, p.24)

Com base nessas considerações, destacamos que o diálogo estabelecido na entrevista, o interesse que o pesquisador demonstra pela vida religiosa do entrevistado, e que

muitas vezes leva o sujeito a se reportar a diversos outros acontecimentos pessoais, trás um grau de cumplicidade muito difícil de ser alcançado através de outras fontes e metodologias. Exceto no caso da observação participante onde o pesquisador é inserido diretamente no cotidiano do grupo vivenciando sua realidade.

Portella (2011), citando Lauri Wirth, destaca um trecho onde, refletindo a respeito dos objetivos que levam os pesquisadores a navegar na história e no conhecimento científico do mundo religioso, ressalta a necessidade de compreender a experiência e as vivências dos sujeitos nas instituições religiosas:

Quem opta pelo estudo da religião a partir daquilo que a caracteriza como religião está mais interessado na compreensão que os sujeitos, as instituições e as culturas religiosas têm de si mesmas. Diria que é uma abordagem que respeita profundamente os sujeitos da experiência religiosa e está imbuída em elaborar estratégias metodológicas que permitem compreender a religião a partir de seus argumentos e sentidos internos. [...] Seu interesse está mais focado no ser humano que em regras metodológicas, às vezes bastante estranhas ao fenômeno religioso. Penso que é uma abordagem que favorece o diálogo e o intercâmbio religioso e assim pode influenciar na compreensão do outro e na maneira como os sujeitos religiosos se percebem no mundo. (WIRTH, p.04, *apud* PORTELLA, 2011, p. 484).

Sobre isso, Da Mata (2010, p. 52) nos fala de uma gradativa mudança no ponto de vista dos estudos sobre história da religião, ocorrida em fins do sec. XIX e nas primeiras décadas do sec. XX. Segundo ele, os pesquisadores estão saindo de pesquisas que se voltavam apenas para as instituições religiosas, e as “relações entre poder político e poder religioso”. Dirigindo olhares também, para uma história que almeje compreender as práticas religiosas e os vivenciadores das religiões. Segundo o autor, “partindo de uma história eclesiástica e dos estudos bíblicos, a história das religiões aos poucos se constituiu em uma disciplina marcada pela diversidade de abordagens e perspectivas analíticas” (DA MATA, 2010, p. 65). Da Mata (2010, p. 74) ressalta ainda, a necessidade de um conhecimento profundo das religiões que se pretende estudar, e citando Van der Leeuw destaca que, “a religião deveria ser analisada a partir de dentro”, uma vez que “a realidade psicológica nunca deve ser quantificada se se pretende compreendê-la”.

Finalmente, consideramos que a oralidade, além de sua importância para diversas pesquisas que possam ser desenvolvidas na área da religião e religiosidade do tempo presente, é também um meio de inserção em grupos muito fechados. Nos quais, os historiadores encontram dificuldades em adentrar, por na maioria dos casos não ser membro, ou frequentá-los com objetivos científicos.

Ademais, a proximidade proporcionada pelos contatos nas entrevistas foi fundamental para a obtenção de outros tipos de fonte: as fotografias. Tendo em mente, que nos estudos da indumentária, as fotografias e quadros apresentam uma riqueza de detalhes e possibilidades de análise indispensáveis ao pesquisador, empreendemos uma coleta de fotografias dos acervos pessoais de nossas entrevistadas. Acreditando que as fotografias são carregadas de valores e símbolos de uma sociedade, concordamos com Borges (2011, p. 72-73) ao salientar que,

[...] imagens fotográficas, assim como as literárias e sonoras, propõem uma hermenêutica sobre as práticas e suas representações. Funcionam como sinais de orientação, como linguagens. Quando utilizadas com fins compreensivos e explicativos, elas demanda não apenas o emprego de metodologias afinadas com seus estilos cognitivos- que ajudam a ler e interpretar suas ambiguidades e seus silêncios- como também o cruzamento com outros tipos de documentos. [...] Para responder às questões que orientam nossas pesquisas- calcadas em vestígios do passado e, portanto, marcadas por uma margem relativamente grande de conjecturas e incertezas- as imagens fotográficas devem ser vistas como documentos que informam sobre a cultura material de um determinado período histórico e de uma determinada cultura, e também como uma forma simbólica que atribui significados às representações e ao imaginário social.

As fotografias serão, pois, analisadas e comparadas às fontes orais e escritas de nossa pesquisa. Elas são vestígios de um passado e de uma forma de trajar peculiar a cada época. São uma maneira visível de percebermos as práticas indumentárias e suas transformações. Solicitamos às mulheres que narram a respeito do período em que se converteram para que selecionassem fotografias anteriores a conversão, e fotografias pós-conversão. Mesmo diante da recusa de algumas, que temiam expor inadequadamente sua imagem, conseguimos reunir um arquivo com 42 fotografias, de quatro entrevistadas. Isso simbolizou uma grande conquista para esta pesquisa, levando em conta que após a conversão muitas mulheres tentam se libertar das lembranças do passado se desfazendo de suas antigas fotografias.

Destacamos que utilizando esse material é possível perceber o que mudou e o que permaneceu dos hábitos vestimentares a partir do processo de conversão. Fazendo uma relação direta entre o que elas narram nas entrevistas e o que na prática se evidencia. Nesse

sentido, também percebemos as fotografias como testemunhos¹⁰ de uma determinada realidade, e que como tal precisam ser interrogados pelo olhar do historiador.

É necessário salientar que, mesmo possuindo autorizações assinadas por cada uma de nossas entrevistadas, referentes às entrevistas e imagens, em todas essas fotografias o rosto e o nome das personagens são preservados. Bem como, todos os trechos de entrevistas utilizadas no decorrer da dissertação são referenciados nomes fictícios. Preservando assim a identidade das fiéis e lideranças que se disponibilizaram a responder nossos questionamentos.

Algumas fontes escritas também surgiram no decorrer da pesquisa. São as atas de conversões do período de 2002 a 2011, cedidas pela secretaria da Igreja. Através delas, podemos traçar períodos de altos e baixos no número de convertidos. Proporcionando ainda uma comprovação de que a conversão feminina ao longo dos anos sempre foi mais intensa que a masculina. Utilizamos também, algumas Revistas: Lições Bíblicas, um material lançado trimestralmente pela editora da Convenção Geral da Igreja Assembleia de Deus do Brasil (CGADB) que se chama Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Atualmente dispomos de 07 edições¹¹ disponíveis para análise.

No decorrer da pesquisa realizamos ainda a aplicação de um questionário socioeconômico com mulheres assembleianas. Ao todo 33 mulheres entre 18 e 50 anos foram entrevistadas. Elas foram indagadas a respeito de sua vida pessoal, profissional e religiosa, onde buscamos principalmente entender em que medida se dava a atuação dessas mulheres na organização e manutenção da Igreja.

Diante disso, salientamos que nossa pesquisa visualiza um diferencial da ADTC com relação às demais. E foi esse estranhamento que nos fez iniciar a pesquisa alguns anos atrás. Temos consciência que, com relação às vestes, a Assembleia de Deus não é a única ou a mais tradicional. Existem Igrejas tão ou mais rígidas quanto ela, como é o caso da Congregação Cristã no Brasil (Fundada no Brasil em 1910), conhecida como Igreja do véu, onde as mulheres ainda hoje cobrem suas cabeças com o véu, como forma nítida de

¹⁰ Segundo Mauad (1996, p. 08) As fotografias são testemunhos validos, “não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida”. Fazendo uso ainda das contribuições de Jacques Le Goff, ele salienta a necessidade de “considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo.”

¹¹ Temos um exemplar de cada ano, 1996, 2000, 2003, 2005, 2006, 2008, 2009.

submissão. E destacamos ainda a Igreja Deus é amor (Fundada no Brasil em 1962), que também tem doutrinas muito rígidas com relação a mulheres. Nesta Igreja é terminantemente proibido que suas mulheres utilizem calças ou cortem os cabelos.

Mesmo estando classificada como uma Igreja tradicional do ramo pentecostal a Assembleia de Deus tem alcançado uma visibilidade muito grande em todo o território nacional, e principalmente conquistado um grande número de fiéis, onde destacamos a intensa conversão feminina. E isso nos faz refletir, o porquê de uma Igreja que normatiza fortemente suas mulheres alcançar tanto destaque? E aí acreditamos que ao contrário das citadas anteriormente, que mantém uma postura rígida nos seus usos e costumes, a Assembleia de Deus tem permitido dentro de certos limites algumas flexibilizações e até mesmo negociações no que se refere à aparência de suas fiéis. Iremos abordar esse assunto no decorrer desta pesquisa.

O primeiro capítulo tem por título “O Homem é o Cabeça”: Uma Igreja de estruturas sexistas. Neste, apresentamos uma análise da estrutura hierárquica da Igreja Assembleia de Deus que define papéis diferenciados aos homens e mulheres, tanto no que se refere ao comportamento, quanto com relação às vestes e as funções desempenhadas no grupo. Refletimos ainda, a respeito da conversão, no sentido de que aquela que se converte muda de vestes e de comportamentos para assumir uma nova identidade.

No segundo capítulo, “O corpo, a vestimenta e a moral religiosa cristã”, discutimos o imaginário assembleiano a respeito do corpo, e principalmente o feminino. Isso porque acreditamos que a discussão a respeito do corpo e da vestimenta é intrínseca. Assim, a forma de trajar das assembleianas reflete a maneira como essas mulheres se relacionam com seu corpo. E no caso das novas convertidas, discutimos como a relação com o corpo foi sendo transformada pela indumentária através da homilia da Igreja.

Tendo em mente que para o ser religioso, os espaços não se constituem da mesma maneira, ou seja, não são homogêneos, no terceiro capítulo “A vestimenta e os espaços sagrados e profanos” analisamos, como a partir da conversão, as mulheres passaram a conceber os espaços nas categorias sagrado e profano. Evidenciando a importância do espaço da Igreja para cada uma dessas mulheres. Nesse sentido, os assembleianos acreditam que existem as vestes inadequadas para ir à Igreja, entre elas destacamos a proibição ao uso de calças, considerada uma vestimenta tipicamente masculina. E entre as vestimentas permitidas (saías, vestidos, dentre outros), destacamos as diversas formas de uso empreendidas pelas mulheres para inovar e adequar os trajes assembleianos.

Tendo feito essas considerações convidamos você, leitor, a vestir “o uniforme da mulher assembleiana” e viajar com as neoconvertidas para a cidade de Milhã/Ceará, rumo a Igreja Assembleia de Deus Templo Central.

CAPÍTULO 1

“O HOMEM É O CABEÇA”: UMA IGREJA DE ESTRUTURAS SEXISTAS.

*Mulher de Deus não se preocupa
Ela segue em frente é vencer ou vencer
Ela é de fibra, ela é diferente
É conselheira só fala em deus
No trabalho é exemplo, no lar é uma bênção
Essa mulher é de consagração
Mulher de deus, mulher de deus
Deus te chamou pra ser cheia de unção.*

*Música: Mulher Vitoriosa
Intérprete: Michelle Nascimento*

Como falar de mulheres sem falar de homens? Como pensar em uma instituição religiosa sem pensar nas hierarquias que nela existem e nos ritos que ela institui? É possível pensar uma religião sem se remeter aos seus vivenciadores e a maneira como suas vidas estão galgadas em princípios, práticas e normas atribuídas ao transcendente? E nesse sentido, fazemos mais um questionamento, como falar das mulheres da Igreja Assembleia de Deus templo central sem imaginar, de maneira quase imediata, a forma como se vestem? É a partir dessas reflexões que iremos conhecer um pouco mais da relação existente entre as mulheres assembleianas de Milhã e sua maneira de trajar.

Consideramos, pois, a indumentária um “arquivo cultural privilegiado” (ROCHE, 2007, p.09), e pretendemos a partir dela, discutir sobre uma instituição religiosa que atribui normas vestimentares e comportamentais a suas fiéis. Pregando uma forte distinção entre os sexos, a Igreja destaca que os papéis de homens e mulheres são diferenciados, tendo ainda nos seus “usos e costumes” a base fundamental para uma conduta e uma aparência digna da verdadeira mulher evangélica.

Para pensarmos o contexto assembleiano de Milhã, é necessário nos remetermos aos primórdios da instituição no país, pois só assim compreenderemos a origem de muitas das práticas e ideologias do grupo. De acordo com o mito fundante¹² da referida Igreja no Brasil,

¹² Isso porque, outras versões da história desta Igreja no Brasil estão surgindo através de pesquisas expressivas como as de Gedeon Freire de Alencar. Este autor faz uma intensa revisão aos fatos que são apresentados como verdade oficial na memória da Assembleia de Deus no Brasil. Gedeon acredita num endeusamento dos missionários “fundadores”, destacando de forma enfática a atuação da esposa de Gunnar, Frida Maria Strandberg Vingren. De acordo com o autor Frida era quem mais comandava a Igreja nas duas primeiras décadas de sua consolidação. Para Alencar(2012) “ Berg nunca assumiu nenhum cargo na instituição e Gunnar sempre foi voto

o surgimento e desenvolvimento da Assembleia de Deus é atribuído a atuação de dois missionários suecos vindos dos Estados Unidos¹³, Daniel Gustav Högberg (ou Daniel Berg como ficaria conhecido) e Adolph Gunnar Vingren. Estes chegaram ao país, em novembro de 1910, se instalando em Belém do Pará.

De início frequentavam a Igreja Batista, no entanto, no ano seguinte, foram expulsos por tentar incluir práticas pentecostais no culto. Seguidos de aproximadamente 18 pessoas, que também se distanciaram da Igreja Batista, eles fundaram então uma Igreja chamada de “Missão de fé Apostólica”, que em 1916 ganha o nome de “A fé Apostólica Restaurada”. “A Igreja fundada por eles em Belém recebeu o estatuto jurídico em 11 de janeiro de 1918, quando foi registrada oficialmente como Assembleia de Deus” Entretanto, o marco inicial da Igreja Assembleia de Deus no Brasil é o ano de 1911, período em que esses missionários saíram da Igreja Batista e buscaram expandir suas formas de culto no interior do Pará e Amazônia, acompanhando o ciclo da Borracha.

De maneira visivelmente expansionista, em 1920 a Assembleia de Deus já havia ampliado os horizontes para oito estados do Brasil. As principais regiões a aderirem o pentecostalismo foram Norte e Nordeste, pois o caráter essencialmente proselitista¹⁴ não exigia erudição da parte dos membros para compreender a doutrina. Favorecendo assim, a identificação dos fundadores com os grupos mais pobres dessas regiões.

Em 1930, numa conferência realizada em Natal (RN), os suecos se afastaram do comando da Assembleia de Deus, entregando-a aos brasileiros, onde as novas lideranças assumiriam a partir de julho de 1931. Devemos ressaltar que essa iniciativa de mudar a liderança da instituição, partiu dos próprios brasileiros. Foi ainda nessa reunião que as lideranças definiram a realização anual de uma convenção geral das Igrejas Assembleias Deus para todo o país, conhecida hoje por CGADB¹⁵ (Convenção Geral das Assembleias de Deus

vencido em suas propostas. Frida incomoda o suficiente que precisa ser calada. (p.108). O autor salienta ainda que Vingren e Berg foram os responsáveis pelo nascimento, mas a formação da Igreja, os rumos e sua identidade não foram dados por esses dois. Se era Frida quem comandava (ou tentava fazê-lo no Rio de Janeiro) nas duas primeiras décadas, quem de fato dirigiu a igreja e deu seu rumo, modelo e formação, nas duas décadas seguintes[...] foi o missionário Lars- Erik Samuel Nystron (1891-1960). (p.122).

¹³ Segundo Fajardo (2012, p. 277) os missionários suecos fundadores da Assembleia de Deus no Brasil, “Haviam migrado para a nação estadunidense em busca de emprego em consequência da crise sueca no início do século XX. Foi nos EUA que se conheceram e tomaram contato com a doutrina pentecostal, que tomou grande impulso nesta época em consequência dos movimentos liderados por Charles Parham (em Chicago) e William J. Seymour (em Los Angeles).

¹⁴ Segundo Rolim (1994, p. 24) o proselitismo “Significa tão somente um trabalho de conquista mediante o qual se passa de uma outra religião para o protestantismo”. Ou seja, tem no processo de conversão uma das principais formas de conquistar féis.

¹⁵ Os dados fornecidos no site da CGADB dispõem de algumas informações a respeito de seu surgimento que diferem dos dados apresentados pela obra de Sousa (2011), a qual utilizamos como referência essencial sobre o

no Brasil).¹⁶ A importância das práticas doutrinárias começou a preocupar as lideranças assembleianas a partir da convenção de 1932 e no ano seguinte esses membros votaram pela não aceitação de alguns ritos e credos de outras instituições religiosas que eram tidas como seitas e heréticos. A Assembleia de Deus buscava, então, construir uma identidade sólida para o grupo (Cf. SOUSA, 2011, p.55). Para tanto, o missionário sueco Lars- Erick Samuel Nyström, que estava no Brasil desde 1916, se destacava como principal liderança nas convenções de 1932 a 1948. Segundo Sousa (2011), ele “teve uma participação decisiva na formação e caracterização da Assembleia de Deus no Brasil”, sendo ainda o principal responsável por consolidar o rigorismo doutrinário dessa instituição, bem como torná-la uma Igreja de caráter visivelmente sexista.

Nesse sentido, Sousa (2011) destacando a atuação de Nyström na Assembleia de Deus, considera que por sua influência, as mulheres não tinham poder de deliberação no tocante às questões de doutrina, ficando restrita apenas a condição de espectadoras como esposas de pastores. Para este autor, assim como para Bandini (2009, p. 56), “desde o início a estrutura de poder da Assembleia de Deus no país foi predominantemente patriarcal”. Nyström centralizou o poder da Assembleia de Deus e afastou as mulheres das deliberações institucionais, buscando, ainda, enfatizar a necessidade e a legitimação da submissão feminina. Sobre isso, Rosado-Nunes (2005) acrescenta que, nas religiões, as mulheres sempre têm a palavra omitida quando se trata das deliberações institucionais. Para a autora, as religiões são um investimento tipicamente masculino pois são os homens que criam todas as normas a serem seguidas, inclusive pelas mulheres,

Na verdade, as religiões são um campo de investimento masculino por excelência. Historicamente, os homens dominam a produção do que é ‘sagrado’ nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens

conhecimento da Igreja. Segundo consta no site: www.cgadb.com.br, “A CGADB foi idealizada pelos pastores nacionais, visto que a igreja estava na responsabilidade dos missionários suecos e deram os primeiros passos em reunião preliminar realizada na cidade de Natal-RN em 17 e 18 de fevereiro do ano de 1929. A primeira Assembleia Geral da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil foi realizada entre os dias 5 e 10 de setembro, onde se reuniram a maioria dos pastores nacionais e os missionários que atuavam no país. Foi nessa Assembleia Convencional que os missionários suecos transferiram a liderança das Assembleias de Deus no Brasil para os pastores brasileiros. Nesta mesma reunião que liderança nacional decidiu-se por se criar um veículo de divulgação do evangelho e também dos trabalhos então realizados pelas Assembleias de Deus em todo o território nacional. Estava lançada a semente do que viria a ser o atual jornal Mensageiro da Paz. Com a rápida repercussão nacional, o periódico, então dirigido pelo missionário Gunnar Vingren tornou-se o órgão oficial das Assembleias de Deus no Brasil”. Acesso em 12 de janeiro de 2012. Continuamos a tomar por referência Sousa (2011) em virtude da sobriedade e um de maior detalhamento de suas informações. Acessado em 09/09/2012.

¹⁶ Todo o conteúdo desse paragrafo foi fornecido na obra de Sousa (2011).

em praticamente todas as religiões conhecidas. As mulheres continuam ausentes dos espaços definidores das crenças e das políticas pastorais e organizacionais das instituições religiosas. O investimento da população feminina nas religiões dá-se no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão, como guardiãs da memória do grupo religioso. Rosado-Nunes (2005, p.363).

Desta feita, Nystron foi um dos maiores representantes do conservadorismo no tocante as mulheres. Mesmo tantos anos depois da atuação de Nystron, para restringir o direito de voz feminino na Igreja, deliberando-o apenas aos homens, as mulheres assembleianas continuam não podendo exercer o pastoreado ou mesmo cargos de alto escalão na Igreja. Elas têm uma atuação fundamental em termos práticos, porém secundária no que se refere às questões institucionais.

Ademais, é importante frisarmos que essa rigidez com relação às mulheres, mesmo sendo algo que percorre as raízes assembleianas, não era parte de um consenso geral. Entre as próprias lideranças havia posicionamentos divergentes. O próprio missionário sueco Gunnar Vingren, um dos fundadores da Assembleia de Deus, era entusiasta do ministério feminino através da atuação de sua esposa Frida Vingren, que por muitas ocasiões, na ausência do marido, celebrava os cultos¹⁷. Tal fato acabou gerando conflitos dentro da Igreja, pois mesmo que Frida possuísse conhecimentos teológicos, muitas lideranças assembleianas, como por exemplo, Nystron, não concordavam com uma abertura ao direito feminino de culto. Isso encontrou certa resistência feminina, principalmente nas primeiras duas décadas da AD¹⁸ no Brasil através de Frida Vingren, tanto que a legalização da proibição precisou ser

¹⁷ “Em primeiro de Agosto de 1915, Vingren sai de férias em direção aos Estados Unidos e Europa, e só retorna em 06 de agosto de 1917, tendo como companheira de viagem Frida Vingren Strandberg. Em 16 de outubro de 1917 Gunnar e Frida se casaram [...]. Após o casamento de Gunnar e Frida, uma nova concepção de Igreja instalava-se no meio protestante brasileiro, acostumado com a exclusividade masculina no comando da Igreja. Frida, após dominar parcialmente o idioma português, durante ausência de seu marido tomou a direção da liturgia do culto, mesmo com a presença masculina de alguns oficiais da Igreja no culto, em algumas ocasiões. Essa novidade, que para muitos surgia como uma abertura no Evangelho, desagradou a muitos assembleianos, mesmo levando em consideração o fato de que Frida tinha amplo conhecimento teológico, pois seus estudos abrangiam desde a escolaridade tradicional, até a conclusão do seminário protestante, na Suécia. [...]Essa atitude de Frida era motivo de discórdias e desavenças que colocava em lados diferentes obreiros que divergiam entre si inclusive Berg e Gunnar (p.59). [...] Frida Vingren estava incomodando demais os pastores nordestinos. Sua presença e seus conhecimentos bíblicos e ministeriais na direção dos trabalhos da Igreja, não se harmonizavam com os costumes “machistas” brasileiros. [...] A “gota d’água” deu-se quando, em 1929, o casal Gunnar e Frida Vingren, organizou e produziu o jornal “O som alegre”, no Rio de Janeiro, com artigos de colaboradores e informações do setor Sul do Brasil. Quando alguns desses periódicos chegaram ao conhecimento dos líderes com artigos e informações que conflitavam com os costumes e projetos da Igreja do “Norte e do Nordeste” do Brasil, esses pastores convocaram a primeira Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB), para unificar o sistema doutrinário assembleiano”. A primeira convenção ocorreu em 1930 no Rio Grande do Norte. (ALMEIDA, 2007, p.85).

¹⁸ Utilizaremos a sigla AD para falar da Igreja Assembleia de Deus.

registrada na conversão de 1930. A respeito das investidas de Frida, Alencar (2012) salienta que,

Sua atuação foi um marco divisório. Ainda hoje não é reconhecida pela história oficial da Igreja. Essa missionária pregava, cantava, tocava, existem 24 hinos da harpa cristã- HC registrados em seus nome- dirigia cultos na praça onze, em presídios, nas casas e templos. Trabalhou no jornal oficial da denominação Boa semente, em Belém, e, depois, no Rio de Janeiro, no Som Alegre. Em 1930, os dois jornais são unidos e nasce o Mensageiro da Paz-MP (existente ainda hoje) e ela se torna sua redatora.[...] ao ler os três jornais e tabular por assunto e autores os jornais da época, nomes femininos apareceram em razoável quantidade, em especial os de Frida. Quantos jornais da década de 20 eram redigidos por mulheres e, mais ainda, quantos tinham como redatora principal uma mulher?[...] na teorização teológica pentecostal, á igualdade entre homens e mulheres simples: o espírito santo age indistintamente sobre os gêneros. Na prática eclesiástica, a coisa é outra. No entanto, o período de maior participação e melhores oportunidade que as mulheres tiveram nas ADs, foram as primeiras décadas. (ALENCAR, 2012, p.95-96)

Desta feita, acreditamos nas considerações de Alencar (2012, p. 101) quando este defende a existência de uma maior participação feminina na Assembleia de Deus, nas duas primeiras décadas de sua atuação no Brasil. Segundo ele no decorrer da história da Ad no Brasil essas mulheres são marginalizadas, pois para ele “esta Igreja - como quase todas - têm uma historiografia que dá visibilidade apenas aos homens”.

No Ceará, isso também pode ser percebido, pois mesmo que o pentecostalismo assembleiano tenha sido trazido para o estado através da atuação de uma mulher, no momento que os líderes suecos perceberam o crescimento do movimento no estado, logo começaram a enviar homens missionários e consagrar pastores para concretizar os trabalhos. De acordo com as obras de memorialistas assembleianos a doutrina pentecostal, adentrou no estado através da assembleiana Maria de Jesus Nazareth Araujo no ano de 1914, se instalando na cidade de São Francisco de Uruburetama, atual Itapajé- CE. Isso se deu três anos depois da atuação dos missionários suecos no Pará.

De acordo com Castro (2011) a cearense foi com destino ao Amazonas na seca de 1889, e posteriormente residiu por cerca de 25 anos em Belém. Aos 35 anos ela retornou ao Ceará, e sendo acolhida pela Igreja Presbiteriana¹⁹, que já atuava na região, começou disseminar os ensinamentos do pentecostalismo. Deste modo, ao contrário do que aconteceu

¹⁹ De acordo com Gadelha (2005, p. 72) em 1881 chega a Fortaleza- Ceará, João Mendes Pereira Guerra, convertido ao presbiterianismo desde 1878 em Pernambuco. No Ceará, ele “foi responsável pela conversão do jornalista Sr. José Damiao de Souza Melo, que passou a ser o primeiro converso em terras cearenses”. Em 1883 houve o primeiro batismo de conversos em território cearense, realizado pelo Rev. De Lacy Wardlaw.

no Pará, onde o pentecostalismo inicialmente converteu os membros da Igreja Batista, no Ceará, as raízes do pentecostalismo, se deu através da conversão dos presbiterianos para a Igreja Assembleia de Deus.

O município de São Francisco de Uruburetama é considerado pelos memorialistas da Assembleia de Deus como uma sementeira pentecostal no estado. Onde ressaltamos que o movimento foi inicialmente ganhando expressão na zona rural da localidade. Através da atuação de Nazareth Araújo, a primeira comunidade a receber as pregações sobre o “espírito santo” foi o Sítio Santana, depois chegou até a Fazenda Lagoinha. O Sítio Coité foi o terceiro a conhecer o pentecostalismo na localidade.

É importante destacar que todo o trabalho de evangelização realizado pela missionária tinha o acompanhamento dos fundadores suecos. Gunnar Vingren, com quem Nazareth fazia correspondência, relatando o que as “boas novas” do pentecostalismo vinham alcançando veio conferir de perto o trabalho realizado no estado.

Em dezembro do mesmo ano o fundador da Igreja no Pará permaneceu 40 dias em território cearense, e grande parte de sua estadia foi na cidade de São Francisco de Uruburetama, percorrendo as localidades anteriormente citadas e visitando os novos “irmãos pentecostais” do estado. No período, os cultos eram realizados nas residências dos fiéis, que além de ceder o espaço para os encontros, acolhiam em suas residências os missionários que por ali passavam. Quando o número de fiéis aumentou de forma expressiva os membros iniciaram então a construção do primeiro templo assembleiano no estado do Ceará, como afirma o memorialista Castro (2011, p. 92).

A residência do pioneiro Raimundo Ferreira Gomes, local onde os cultos eram realizados, já não comportava mais os irmãos, quando ficou decidido que seria erguido o primeiro templo da Assembleia de Deus no Ceará. A partir de então, o pastor Juvenal Roque de Andrade lançou uma campanha para a construção do imóvel histórico, depois da doação de um terreno feito pelo pb. Luis Gonzaga Bastos.[...] A inauguração aconteceu no dia 20 de outubro de 1928, 14 anos após a chegada do movimento pentecostal no Ceará, em especial, na região de São Francisco de Uruburetama.

Portanto, 14 anos depois da chegada do pentecostalismo ao Ceará a primeira Igreja Assembleia de Deus foi erguida no município de São Francisco de Uruburetama. Em setembro de 1929 Antônio Rego Bastos funda a primeira Igreja em Fortaleza. E o movimento

pentecostal realizado pela Assembleia de Deus se disseminava por todo o estado²⁰. O trabalho iniciado numa pequena localidade da zona rural, através da atuação de uma mulher foi ganhando enormes proporções. No entanto, assim como Frida Vingren, que mesmo diante de toda sua atuação na Igreja a nível nacional, teve sua participação silenciada na memória oficial assembleiana, (Alencar, 2009, p. 69-86). Nazareth é brevemente citada quando se fala na história da Assembleia de Deus no estado do Ceará. De acordo com Alencar (2012) “[...] são muitas outras histórias de mulheres que levam a mensagem pentecostal, iniciam e constroem as igrejas, mas no momento da inauguração do templo ou colocação dos nomes na história oficial, são esquecidas” (ALENCAR, 2012, p.95, *apud*, SANTANA, 1995).

Na obra do memorialista Castro (2011), que serviu de suporte para adentrarmos no contexto de instalação da Igreja no estado, percebemos uma predominância no enfoque dado aos “pioneiros”, ou seja, aos homens que cediam suas casas para a realização dos cultos, a aqueles que eram consagrados pastores, que doavam posses para a Igreja, que viravam missionários, disseminando a palavra pentecostal em outras localidades, que sofriam repreensões por realizarem as evangelizações, dentre outros.

Maria de Nazareth é citada apenas por ter iniciado a pregação, mas quando se fala no impulso dado aos trabalhos e à conquista de novos fiéis, o autor sempre destaca o trabalho dos homens. E isso nós faz pensar, será que Maria de Nazareth também participava dessas missões em outras localidades? E Quantas mulheres não se converteram e iniciaram os processões de conversões de famílias inteiras? Podemos pensar ainda, como homens e mulheres, juntos, disseminaram a doutrina pentecostal em território cearense?

Agora, realizaremos uma breve visualização do contexto de Milhã, compreendendo suas principais características e o momento de inserção da Assembleia de Deus, bem como uma análise das principais características assembleianas e pentecostais que permeiam as relações de gênero na instituição.

1.1 A Igreja Assembleia de Deus de Milhã.

O presente estudo tem como espaço a Igreja Assembleia de Deus Templo Central, localizada em Milhã, um pequeno município do Sertão Central cearense. De origem muito

²⁰ O cratense Jose Alencar de Macêdo, que residia em Belém-PA volta para o Ceará em 1926, e na companhia do pr. Juvenal Roque de Andrade vão em direção a Miguel Calmon (hoje denominado Ibicuã e pertencente a Piquet Carneiro) distrito de Senador Pompeu- CE. Em 1964 Jose Alencar leva o pentecostalismo até as localidades de Cipós e Serra Azul, pertencentes à cidade de Quixadá-CE. (Cf. CASTRO, 2011)

recente, esse município pertenceu à cidade de Cachoeira do Riacho do Sangue, hoje designada de Solonópole²¹. Milhã era um pequeno sítio chamado de Conceição e posteriormente Vila de Conceição, em homenagem a grande devoção pela santa que hoje é padroeira da cidade. O grande marco para os habitantes da localidade foi a “construção da capela Nossa Senhora da Conceição em 1911” (PINHEIRO, 2011, p.13), pois, foi a partir daí que a vila cresceu em sua volta, passando a categoria de distrito em 1935 e se tornando emancipada em 1985. Com isso, destacamos que uma característica marcante da população do município é a forte religiosidade, especialmente a católica²², como salienta Pinheiro (2011, p. 13),

Assim como muitas outras cidades nordestinas, a cidade de Milhã teve sua trajetória associada a instituição religiosa católica, que ao receberem terras, por doações de seus devotos, foram construindo seus patrimônios e consolidando sua autoridade e influências na ocupação do espaço que deu início à cidade.

Para tanto, a história de Milhã não se diferencia muito da realidade de grande parte das cidades do interior do Sertão que possuem origens tradicionalmente católicas. Entretanto, esta cidade tem acompanhado, nas últimas décadas, a instalação de inúmeras Igrejas de orientação protestante, principalmente pentecostais, genericamente denominadas de Igrejas evangélicas.

Na década de 1960, mais precisamente 1966, se tem notícia das primeiras mobilizações protestantes em Milhã. É importante destacamos que foi ainda nesse período, em 1965, que uma das maiores lideranças religiosas e políticas da vila, o Padre Elmas Feliciano Moreira é transferido para outra cidade. Acreditamos, pois, que este é um fator que desperta uma maior receptividade com relação à religião protestante, já que a instituição

²¹ Este município localizado no Sertão central do Ceará possui uma população de 17.665 habitantes, e uma área territorial de 1.536,165 km². Desmembrada de Jaguaribe-Mirim e elevada a categoria de cidade em 1935. “Da fazenda Umari, situada numa poética e encantadora queda d’água, formada no leito por onde correm as águas mansas do riacho do Sangue nasceu o município. Por isso sua denominação antiga era Cachoeira.” O nome de cachoeira é alterado em 1943, para a denominação Solonópole, em homenagem ao Dr. Solon Pinheiro. Em divisão territorial datada de 31-12-1968, o município é constituído de 8 distritos: Solonópole, Assunção, Cangati, Carnaubinha, Milhã, pasta, são José de Solonópole e Tataíra ex- São Bernardo do Ceará. Pela lei estadual nº 11.011, de 05-02-1985, modificada pela lei nº 11.169, de 1986, desmembrado de Solonópole os distritos de Milhã e Carnaubinha para formar o novo município de Milhã. Pela lei estadual nº 11.429 de 28-04-1988, desmembra de Solonópole o distrito de Tataíra. Elevado a categoria de município com a denominação de Deputado Irapuan Pinheiro. Em divisão territorial datada de 1-07-1995, o município é constituído de 6 distritos: Solonópole, Assunção, Cangati, Pasta, Prefeita Suely Pinheiro e São José do Solonópole. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005. Fonte IBGE. Disponível em www.ibge.org.br. Acesso em: 20/03/2013.

²² A respeito disso ressaltamos a pesquisa de Pinheiro(2011), que tem por título Memória, Cultura e Fé: Histórias de Milhã na oralidade dos velhos (1957 à 1965). Esta pesquisa permite que percebamos a forte influencia do catolicismo na cidade de Milhã, passando por questões econômicas, políticas e sociais.

católica havia perdido um grande líder na localidade²³. Segundo Pinheiro (2011, p.34), a própria modificação no nome da vila, quando ela muda de categoria, deixando de se chamar Vila de conceição, para se tornar o município de Milhã²⁴, reflete um período de menor influencia da Igreja católica em 1985 na recém instituída cidade.

Por conseguinte, antes mesmo de se tornar um município independente, as congregações evangélicas começavam a atuar no cotidiano da pequena vila. A primeira denominação a se instalar no município (ressalto, quando ainda era uma vila) foi a ADTC, uma Igreja de caráter pentecostal, que durante muito tempo foi à única Igreja de orientação não católica presente na cidade²⁵. Recentemente, por razões que não serão abordadas nesse trabalho, podemos ver um aumento considerável de instalações de Igrejas Evangélicas. Ao todo existem oito Igrejas protestantes²⁶ em Milhã, ressaltando que por se tratar de um município pequeno, elas estão localizadas muito próximas umas das outras. A cada dia intensificam suas atividades, estimulam a conversão de novos fiéis, e vão atingindo uma evidente representatividade no município.

Tendo por base o depoimento do fiel Eduardo Nobre²⁷ a respeito da história da Igreja no município, pretendemos traçar um rápido panorama do surgimento dessa instituição na cidade de Milhã. Destacamos que os primeiros fiéis assembleianos a chegaram em Milhã, na década de 1960, residiam em um sítio conhecido por Monte Ararat (pertencente na época à cidade de Cachoeira do sangue, hoje Solonópole). No período, a Igreja, já instalada em Quixeramobim, enviava um pastor para fazer a pregação entre o pequeno grupo de Milhã.

Quando o número de convertidos estava aumentando, a mesma elegeu um dirigente local para comandar os trabalhos na vila, uma prática comum entre os assembleianos, conhecida por nucleação²⁸. Os cultos eram realizados nas casas dos fiéis, e

²³Pinheiro (2011, p. 10) Aborda a atuação da Igreja católica na figura do Padre Elmas. Este influenciava na vida religiosa, econômica e política da Vila, trazendo associações comunitárias, realizando um programa de radio diário, onde transmitia um noticiário católico, e foi também através dele que o açude para abastecimento da localidade foi construído. A autora aborda ainda o imaginário das pessoas com relação a chegada desse pároco, os festejos e homenagens em seu nome, onde ela salienta que o período em que o Padre Elmas esteve na comunidade, entre os anos de 1957 à 1965, “[...] Por ter sido uma época marcada por grandes acontecimentos, além da chegada do primeiro pároco, a seca de 1958 e a primeira introdução da luz artificial em 1961, também foram momentos que resultaram em grandes transformações (ou formação) na sociabilidade, no trabalho, entretenimento e na religiosidade daquela comunidade”.

²⁴ Denominação que vem de uma gramínea na época existente em grande quantidade na região.

²⁵ A segunda denominação a se instalar em Milhã foi a Congregação Crista do Brasil.

²⁶ Assembleia de Deus: Templo Central, Congregação Cristã no Brasil, Assembleia de Deus: Ministério de Madureira, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Presbiteriana Renovada, Assembleia Pentecostal: A conquista de Deus, Igreja Pentecostal: Altar de Deus, Assembleia de Deus no Brasil.

²⁷ Nome fictício. Entrevista realizada no dia 11/02/2010.

²⁸ Rolim (1987, p. 36) chama de nucleação o processo pelo qual se criam os grupos e aos poucos lhes são dadas condições de andar sozinhos. Segundo ele a nucleação é a grande responsável pelo sucesso da Assembleia de

posteriormente o fiel Raimundo Brasilino (que residia em uma localidade próxima à sede da vila) construiu um pequeno galpão ao lado de sua casa, para que os cultos pudessem ser realizados. Tal fato também faz parte da nucleação, um processo que segundo Rolim (1994), foi essencial para o crescimento da Assembleia de Deus no Brasil,

Processo de formação do núcleo inicial, a nucleação foi, principalmente na Assembleia de Deus, ao longo de muitos anos, a matriz germinadora de templos e multiplicadora de crentes. A iniciativa de simples crentes servia de mola propulsora. Não se esperava que os templos fossem construídos primeiro para depois se iniciarem os cultos. Na casa de crentes ou de algum amigo, em terreno baldio, dava-se começo ao culto para atrair simpatizantes [...] O que era e continua sendo importante é que trabalhar na continuação do núcleo inicial é tarefa tanto de pastores como de simples crentes. Prova disso é que o protestantismo desceu para o Nordeste no embalo da nucleação e foi penetrando nas diferentes cidades nordestinas, impulsionado pelo trabalho religioso dos simples crentes. (ROLIM, 1994, p. 45-46).

Posteriormente o grupo adquire na sede da vila um espaço maior para realizar os cultos, e assim, o transformam em um pequeno templo. O pastor que vinha de Quixeramobim passa os trabalhos para outro encarregado e depois designa um presbítero para a vila, o senhor Francisco Alves, que chega em 1971 e ali permanece até 1973. Nesse período, os pastores de Quixeramobim, que já vinham realizando um trabalho de evangelização na cidade de Solonópole²⁹, (sede do Distrito de Milhã - ainda vila de Conceição), empossam o presbítero como evangelista oficial de Solonópole, criando assim uma congregação independente de Quixeramobim na referida cidade. Assim, os assembleianos da localidade de Milhã passam a ser acompanhados pelo pastor da cidade de Solonópole que elege outro dirigente para a Vila de Conceição (Milhã).

Portanto, mesmo sendo emancipada em 1985, a cidade permanece com a Igreja Assembleia de Deus sendo dirigida pela sede de Solonópole até o ano de 1992, onde a Igreja de Milhã também foi desmembrada se tornando uma congregação independente. Em 1993, os membros compraram um terreno e lançaram a pedra fundamental da construção da Igreja. O

Deus, e acrescenta ainda “Se não foi exclusivo dela, foi sem duvida a assembleia de Deus que mais a utilizou, principalmente nos primeiros trinta anos”.

²⁹ Segundo os estudos de Gadelha (2005, p.71) a respeito do Presbiterianismo no Ceará, nos primeiros anos de 1900 o presbiterianismo já estava instalado na cidade de Solonópole. Nos processos de conversões os obreiros tinham o cuidado de recrutar membros das famílias tradicionais das pequenas cidades, para que estes se tornassem focos de disseminação da doutrina presbiteriana. No que se refere à cidade de Solonópole uma das principais famílias convertidas foi à família Nogueira, na pessoa do senhor Sebastião Nogueira, este possuía grandes extensões de terras nas proximidades da cidade denominada fazenda vencedor. É importante ressaltar que de acordo com o autor os primeiros protestantes que iniciaram seus trabalhos no estado do Ceará pertenciam a Igreja presbiteriana. Ressaltando que a 1ª Igreja protestante no Ceará recebeu o nome de Igreja Presbiteriana de Fortaleza, fato ocorrido em 06 de agosto de 1890.

lançamento da pedra fundamental é um ritual comum, utilizado pelas religiões para fundar seus templos, ou entre grupos como a maçonaria para estabelecer um espaço de realização de encontros³⁰. O ritual consiste na colocação do primeiro bloco de pedra ou alvenaria acima da fundação de uma construção. É como se a pedra passasse a ser o suporte de todo o edifício, ou seja, um sustentáculo.

Para o ser religioso, esse ritual evidencia a não homogeneidade do espaço. Segundo Eliade (1992) corresponde a “fundação do mundo”, ao estabelecimento de um ponto fixo, onde o ser religioso funda o centro do mundo para si. É, portanto, a construção de um espaço sagrado, já que lançar a pedra fundamental torna o espaço qualitativamente diferente. É um novo nascimento do território. Deste modo, Igreja foi então construída na Rua José Adamir Pinheiro, N° 229, em um bairro residencial da cidade. Sua inauguração ocorreu em 20 de novembro de 1994. Após isso, ela recebe seu primeiro pastor oficial, o senhor Raimundo Ferreira.

É perceptível, portanto, como a década de 1990 foi crucial para o crescimento e consolidação dessa denominação em Milhã. Tomando questões mais amplas, podemos relacionar este fato a um período conhecido pelos assembleianos como “década da colheita”. De acordo como Roiz e Fonseca (2009), a década de 1990 foi marcada por uma acirrada disputa dos “bens de salvação”. Para entendermos o significado de tal afirmação é necessário que nos pautemos nas referências de Bourdier (1996) que se dedica a compreender as instituições religiosas em suas relações com o meio social, com os personagens sociais.

Levando em conta que a Igreja é uma organização centralizadora e hierarquizada, Bourdier explora suas características dentro de um determinado campo religioso³¹. Em suas análises, o autor evidencia principalmente a estrutura institucional da Igreja católica, no entanto, isto não nos impede de, a partir de suas considerações, pensar o caso das Igrejas protestantes-pentecostais já que estas também possuem uma estrutura institucional altamente hierarquizada.

³⁰ Prédios públicos também são iniciados com esse ritual, que mesmo nesse caso não tendo um sentido sacralizado, é uma forma de dar visibilidade a construção.

³¹ Para pensarmos o campo religioso a partir da lógica empreendida por Bourdier é preciso compreendermos de maneira geral como ele caracteriza o campo. O autor descreve “o espaço social global como um *campo*, isto é, ao mesmo tempo, como um campo de forças, cuja necessidade se impõem aos agentes que nele se encontram envolvidos, e como um campo de lutas, no interior do qual os agentes que nele se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças, contribuindo assim para a conservação ou a transformação de sua estrutura (BOURDIER, 1996, p.50). Ainda sobre o conceito de Campo de deste autor, sugerimos a leitura de Neris (2008), “Bourdier e a Religião: Aportes para (re)discussão do conceito de campo religioso”, que citando Bernard Lahire destaca os principais elementos no conceito de campo apresentado por Bourdier em diversas obras e artigos a respeito da temática.

Para o autor, a Igreja é uma empresa econômica, mas que só obtém sucesso em seu funcionamento “porque se nega como empresa” (BOURDIER, 1996, p.184). Assim, podemos pensar a disputa pelos bens de salvação a partir de uma ótica de disputas dos “bens simbólicos” num determinando “campo religioso”. O autor pensa, portanto, a dimensão simbólica e a dinâmica das instituições religiosas dentro de algumas razões práticas, que caracterizam o universo econômico, marcados pela produção, propaganda, e consumo do capital religioso³².

De acordo com Bourdier (1996) os bens simbólicos são diretamente relacionados pelas dicotomias material/espiritual, corpo/ espírito, dentre outros. A partir disso podemos pensar que a disputa por fiéis é marcada por uma lógica de mercado. As Igrejas em concorrência oferecem a interpretação correta da palavra de Deus, as normas de condutas mais adequadas, ou seja, oferecem o alimento “espiritual” e “prático-diário” para aqueles que desejam viver da “maneira correta”, a fim de obter a salvação. Assim, a salvação, que se caracteriza como uma busca individual, é marcada dentro de uma determinada coletividade, e cabe, pois, ao fiel optar pela Igreja que mais lhe oferece caminhos para encontrar a “formula correta do viver”.

Deste modo, percebemos um dos principais aspectos que caracterizam segundo Bourdier (1996), a economia simbólica, que é a “troca de dádivas”. Nesta, ele desenvolve a relação existente entre a dádiva e a retribuição. Portanto, a Igreja oferece os meios de obter a salvação, “tira o fiel das coisas mundanas e dos pecados”, e em troca não espera pagamentos ou evidencia o “preço” que o fiel deve lhe pagar por isso. Contudo, isso não impede que uma espécie de dívida permaneça existindo de forma disfarçada. Trata-se de uma troca de favores ou obrigações que cria uma ação de crédito. Sendo ainda, uma forma de reter devedores. Os fiéis que sentindo-se acolhidos, resgatados, passam a se manifestar em prol da instituição, não como uma forma de pagamento, mas como uma retribuição aos bons serviços prestados.

No caso de Igrejas protestantes (pentecostais de maneira mais específica), a retribuição esperada é a permanência na Igreja e o engajamento nos trabalhos do grupo. O novo membro participa das evangelizações, dos louvores, deve pagar o dízimo (que deve ser

³² Pensando na função e no funcionamento do campo religioso Bourdier destaca a utilização do capital religioso. Segundo ele, “Em função de sua posição na estrutura da distribuição do capital de autoridade propriamente religiosa, as diferentes instancias religiosas, indivíduos ou instituições, podem lançar mão do *capital religioso* na concorrência pelo monopólio da gestão dos bens de salvação e do exercício legítimo do poder religioso enquanto poder de modificar em bases duradouras as representações e as práticas dos leigos, inculcando-lhes um *habitus* religioso, princípio gerador de todos os pensamentos, percepções e ações segundo as normas de uma representação religiosa do mundo natural e sobrenatural, ou seja, objetivamente ajustados aos princípios de uma visão política do mundo social”. (BOURDIER, 2007, p.57).

de 10% de tudo que o membro arrecada por mês através de seu trabalho), e claro, realizar uma boa representação do grupo em sociedade através dos seus comportamentos. No caso dos assembleianos (em especial as mulheres), através da aparência. Nesse sentido, é importante pensar que as religiões se inserem de forma diferente no mercado religioso, existem diferenças na maneira como cada uma,

explica a si mesma como instituição, produzindo estratégias específicas de se pôr no mundo ou, mais precisamente, no contexto do mercado religioso contemporâneo, que implica concorrência, propaganda, técnicas de persuasão, definição do consumidor e meios para chegar até ele (PIERUCCI e PRANDI, 1996 *Apud* PRANDI, 2008, p.156)

As Igrejas protestantes se afirmam como as únicas e verdadeiras portadoras da palavra de Deus. Embora muitas de suas práticas e crenças religiosas tenham origem no mesmo documento (a bíblia), as interpretações podem variar muito de acordo com cada denominação, marcando, pois, uma disputa interna dentro do próprio universo protestante. Com isso, é importante percebermos que as religiões também são internamente diversificadas, compondo uma rede de Igrejas com grandes e pequenas diferenças. (PRANDI, 2008, p.158). Tal fato acaba propiciando um campo de disputas, tanto entre religiões que possuem bases diferenciadas como o catolicismo e o protestantismo, quanto por religiões que advêm das reformas, como é o caso das protestantes históricas e pentecostais. A respeito dessas disputas de monopólio do capital religioso, Bourdier (2007) salienta que, as Igrejas com toda sua hierarquia, tentam manter o “monopólio do exercício legítimo do poder religioso sobre os leigos e da gestão dos bens de salvação” deste modo,

[...] a Igreja tende a impedir de maneira mais ou menos rigorosa a entrada no mercado de novas empresas de salvação (como por exemplo, as seitas, e todas as formas de comunidades religiosas independentes), bem como a busca individual de salvação (por exemplo, através do ascetismo, da contemplação e da orgia). Ademais, a Igreja visa conquistar ou preservar um monopólio mais ou menos total de um *capital de graça institucional ou sacramental* (do qual é depositária por delegação e que constitui um objeto de troca com os leigos e um instrumento de poder sobre os mesmos) pelo controle do acesso aos meios de produção, de reprodução e de distribuição dos bens de salvação [...]”(BOURDIER, 2007, p.58).

Foi pensando de forma estratégica, a fim de destacar-se na concorrência do mercado religioso³³, que em agosto de 1989 na cidade de Indianápolis, no Estado de Indiana, Estados Unidos,³⁴ a Igreja Assembleia de Deus realizou uma assembleia geral extraordinária. Na ocasião, se colocou como principal discussão de pauta a arregimentação dessa congregação no Brasil.

Um projeto, que ficou conhecido por “década da colheita” foi formulado pelo comitê mundial das Assembleias de Deus, tendo como marco inicial para o Brasil, janeiro de 1990, “juntamente as coirmãs de todo o mundo”. Portanto, mesmo fazendo parte de uma realidade diferente, as conquistas estabelecidas pela Igreja de Milhã neste período, fizeram parte de um projeto maior que a Igreja de forma geral desenvolvia no país e no mundo. Buscando a implantação de novas igrejas, a adesão de novos membros, a formação de novos obreiros, visando atingir a chegada do ano 2000 “com cerca de 50 milhões de fiéis no Brasil.” (ROIZ E FONSECA, 2009, p.198)³⁵.

Desde sua fundação, a Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã já contou com sete pastores, que permanecem no cargo durante um intervalo médio de 3 a 4 anos. Conta com aproximadamente 250 fiéis, entre membros e congregados³⁶. De acordo com as observações de campo, as entrevistas e as atas de conversão da Igreja, há mais membros comungantes do sexo feminino, o que não é algo exclusivo do contexto de Milhã, já que de acordo com estudos realizados por Machado (2006), a participação feminina nas Igrejas de orientação pentecostal de maneira geral é acentuada. Sendo possível nesse sentido, atribuir um rosto feminino ao pentecostalismo.

Estabelecendo uma relação do local com o contexto mais amplo evidenciamos que para a compreensão da estrutura da Igreja ADTC de Milhã até chegarmos ao modo como

³³ É importante pensarmos que nesse período, no que se refere ao Brasil a Igreja Assembleia de Deus, assim como as demais igrejas pentecostais viam o crescimento a partir da década de 1970 das Igrejas neopentecostais. Estas, mesmo herdando muitas das práticas da antecessora incluíam em seus cultos uma forte guerra espiritual contra o Diabo, dando ênfase ainda a teologia da prosperidade.

³⁴ “[...]por ocasião do aniversário das Assembleias de Deus dos Estados Unidos (que naquele ano completava 75 anos)[...]” (ROIZ e FONSECA, 2009, p.198).

³⁵ “Das reuniões realizadas entre nos dias 08 e 13 de agosto foram estabelecidas as metas para o Brasil, que com a responsabilidade que tinha, por ser o maior país pentecostal do mundo devia: 1) Criar no Brasil uma cadeia de oração: três milhões de brasileiros orando pela década da colheita; 2) Iniciar o ano de 1990 com um grande trabalho de evangelização, utilizando-se de todos os meios: jornais, rádio, televisão, folhetos, praças, telefone, casa em casa, hospitais, etc. com o propósito de chegar no ano 2000 com cerca de 50 milhões de membros; 3) Formar novos obreiros; 4) Implantar novas Igrejas; 5) Enviar novos Missionários (DANIEL, et al. 2004. P.530).” (ROIZ e FONSECA, 2009, p.197-198).

³⁶ Utiliza-se o termo “Membros” para designar aqueles que “vão aos cultos e seguem as normas de sua Igreja, chamados também de membros comungantes (os que comungam com as normas e ensinamentos da Igreja a que pertencem), já os “Congregados” são aqueles que frequentam a Igreja sem estabelecer laços mais fortes, como o batismo. (ROLIM, 1987, p.42).

suas fiéis se vestem, é necessário que entendamos como a Igreja surgiu e foi se desenvolvendo em todo o país. Destacamos, pois, sua vinculação ao pentecostalismo, e ao mesmo tempo evidenciamos suas características específicas, através de seus usos e costumes.

Para abrangermos um pouco mais das “tradições”, ou podemos dizer, práticas doutrinárias e formas de cultos da Igreja Assembleia de Deus, é preciso que conheçamos mais a fundo o movimento religioso do qual ela faz parte, é o chamado movimento pentecostal. O Pentecostalismo é uma corrente religiosa que surgiu dentro do Protestantismo no começo do século XX³⁷, eclodindo pela primeira vez nos Estados Unidos³⁸. Ele tem pontos comuns tanto com o catolicismo como com o protestantismo histórico. No entanto, tem por fundamento central a crença no batismo³⁹ pelo Espírito Santo. A esse respeito Rolim (1987, p.07) acrescenta que,

O nome vem de pentecostes, festa religiosa dos judeus, dia em que o espírito santo desceu sobre os apóstolos e começou o cristianismo. Por isso, o centro do pentecostalismo é o batismo no espírito santo, que não é um rito como o batismo com água, e sim, uma presença toda especial do espírito santo, que tem como sinal exterior proferir algumas palavras estranhas.

Os fiéis dessa corrente acreditam na força da oração individual, e durante o momento oracional falam em línguas estranhas (glossolalia)⁴⁰, como uma forma de

³⁷ (...) enquanto no protestantismo há um forte apego a preservação da pregação e da ortodoxia do texto bíblico, no pentecostalismo há uma busca pela repetição constante do pentecostes bíblico, o que faz com que a emoção tenha um lugar central no culto. (FARJADO, 2012, p.274).

³⁸ Segundo Rolim (1987), o ponto inicial do movimento pentecostal foi em 1906, numa velha igreja metodista de Azusa Street, em Los Angeles, Estados Unidos. Para o autor John Wesley, o fundador da Igreja Metodista, é considerado criador do pentecostalismo (s/p).

³⁹ “Este batismo não se dá ao mesmo tempo que o batismo nas águas, ou no momento da conversão. É uma experiência distinta que deve ser incessantemente buscada pelo fiel a fim de seu próprio benefício e maior edificação da igreja. Explicam-se os assembleianos nos seguintes termos: “[...]O batismo do Espírito não é idêntico com a salvação: a salvação só provém da fé, o batismo do Espírito, entretanto, é uma benção que vem da salvação [...] vós que estais salvos, buscai o batismo do Espírito Santo”. O sinal que exterioriza a benção operada pelo Espírito Santo é o falar em línguas, ou o comunicar-se em “línguas estranhas”. A conhecida passagem do livro neotestamentário de Atos dos Apóstolos, capítulo 2, verso 4, serve como sustentação bíblica deste ensinamento pentecostal.” (PEIXOTO, p.07).

⁴⁰ De acordo com Nogueira (2009, p.01) “é impossível dissociar o fenômeno da glossolalia dos conceitos antropológicos de transe, do estado de consciência alterado e do contexto sociológico do êxtase”, além de salientar que “Vários paralelos desse fenômeno são encontrados em diferentes períodos e lugares da história das religiões”. A autora evidencia, pois, que o estudo da glossolalia tem causado calorosos debates dentro e fora do universo acadêmico. Para o movimento pentecostal, falar em línguas é um dom especial dado pelo Espírito Santo as pessoas, como expressão da aprovação de sua conduta. Deste modo, para os fiéis a glossolalia é vista como revelação e oração, não como invocação. Para os estudiosos do fenômeno as explicações perpassam por outros caminhos, divergindo da opinião religiosa e apresentando explicações a partir das características do homem enquanto um ser religioso. Para Felicitas Goodman, por exemplo, “falar em línguas é produto de um estado dissociativo, ou seja, a saída do mundo da consciência. Para ela, tal comportamento pode ser observado em várias regiões e culturas, se manifestando de maneira diferenciada, em maior ou menor grau, de acordo com aspectos pessoais, variando de uma sociedade para a outra” (NOGUEIRA, 2009, p.02). A autora destaca ainda, as contribuições de Ioan M. Lewis para pensar o êxtase religioso no fenômeno de possessão. Para este, a

demonstrar a corporeidade dos dons do Espírito Santo. Os pentecostais tem a Bíblia como palavra de lei. Suas pregações são voltadas puramente para a religião e o espiritual, ou seja, não fazem alusão a problemas e conflitos da sociedade. Entrar para a Igreja pentecostal é aceitar Jesus, e quem não é pastor também pode realizar pregações.

Os pentecostais foram os primeiros a levar à leitura da bíblia as camadas mais empobrecidas da sociedade. Tem como forte característica o proselitismo, que é a aquisição de novos fiéis mediante o qual se passa de uma religião para o protestantismo. As primeiras Igrejas pentecostais existentes no Brasil foram: Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Cruzada da Evangelização ou Evangelho Quadrangular, O Brasil para Cristo, Nova vida e Deus é amor.

É importante compreender que o pentecostalismo também passa por dissidências, ele não é um movimento homogêneo. Dentro desse ramo protestante, segundo Mariano (1999), existem ainda três vertentes pentecostais, são elas: Pentecostalismo clássico, no qual a Assembleia de Deus esta inserida, acompanhada da Congregação Cristã no Brasil. Esse termo é utilizado para denominar as Igrejas pentecostais que chegaram ao Brasil a partir de 1910, constituindo a primeira onda de implantação de Igrejas e da doutrina de pentecostes.

O deuteropentecostalismo, ou pentecostalismo neoclássico, foi a segunda onda pentecostal,⁴¹ iniciada entre as décadas de 50 e 60. Nesse período, há uma maior fragmentação de Igrejas, e surgem a Igreja Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é amor. A terceira onda é o chamado neopentecostalismo, que começa a figurar a partir de fins dos anos 70 e ganha ímpeto nos anos 80, surge então a Igreja Universal do Reino de Deus e A Igreja Internacional da Graça de Deus como principais representantes.⁴² (MARIANO, 1999, p. 23).

Atualmente, as diversas áreas do conhecimento tem se debruçado sobre o fenômeno do pentecostalismo no Brasil, isso porque o número de Igrejas e fiéis cresce de forma incomensurável. Segundo Mariano (1999, p. 10), o Brasil “em números absolutos, figura como o maior país protestante da América Latina, abrigando pouco menos da metade dos cerca de 50 milhões de evangélicos estimados atualmente no continente”. E em meio a

experiência de possessão da ao místico o conhecimento experimental do divino. De acordo com o autor, no centro de toda religião esta a tomada do homem pela divindade. Deste modo, “A possessão pela divindade é objetivo explícito e abertamente encorajado para uma comunhão extática, que representa o ápice da experiência religiosa.” (NOGUEIRA, 2009, p. 08).

⁴¹ Mariano (1999, p. 31) salienta ainda que “Os quarenta anos que separam essas duas ondas - primeira e segunda - justificam o corte histórico- institucional proposto para distingui-las. Quanto a teologia, entretanto, as duas primeiras ondas pentecostais apresentam diferenças apenas nas ênfases que cada qual confere a um ou outro dom do espírito Santo. A primeira enfatiza o dom de línguas, a segunda, o da cura”.

⁴² Todas as informações desse parágrafo foram extraídas do livro Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. Ricardo Mariano.1999. Edições Loyola, São Paulo.

esse estrondoso crescimento, a Igreja Assembleia de Deus atualmente é conhecida como a maior Igreja pentecostal brasileira em números de adeptos⁴³.

No contexto de Milhã, por exemplo, em uma cidade de 13.086 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2010, existe uma população de protestantes de 955 pessoas, destas 570 são mulheres. É importante destacar que destes 955 protestantes, 589 são pentecostais, ou seja, mais da metade da população protestante é de caráter pentecostal, figurando ainda 358 mulheres entre o grupo. Por fim, do grupo pentecostal, 503 pessoas congregam na Assembleia de Deus⁴⁴. Ressaltamos, no entanto, que o censo não distingue a Assembleia de Deus por suas diferentes vertentes, e assim, continuamos a sustentar os dados fornecidos pela Assembleia de Deus Templo central de que a Igreja conta com aproximadamente 250 fiéis.

1.1.1 Os Usos e Costumes

Para compreendermos as teias sociais, em torno da maneira como as mulheres assembleianas se vestem, é essencial que saibamos como se constituiu as doutrinas que lhes são impostas, e que se concretizam através das práticas vestimentares das mulheres. Por isso, concordamos com Da Mata (2010, p. 92) ao enfatizar que “O estudo sistemático, seja ele histórico, seja ele comparativo dos sistemas religiosos evidentemente requer o reconhecimento de diferenças, assim como da historicidade das práticas e crenças”. Pensando nisso, destacamos que as crenças doutrinárias assembleianas, ao mesmo tempo em que assumem características de normas, são também legitimadas como tradições do grupo. A

⁴³ Para termos uma dimensão do crescimento da Igreja Assembleia de Deus enquanto uma das maiores Igrejas “evangélicas” do país, consideramos alguns dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no último censo de 2010, segundo este a Igreja Assembleia de Deus conta com cerca 12.314.410 milhões de fiéis situando em primeiro lugar entre as demais Igrejas protestantes, que ao todo conta com o número expressivo de 42.275.438 milhões de adeptos. Disponível em www.ibge.gov.br. Acesso em 22/03/2013 Segundo Correa (2011, p. 10-11) uma pesquisa realizada pela Datafolha em 1994 indicou que um percentual de 14% da população brasileira é evangélica; em 2006 este percentual subiu para 23% e em 2010 esse crescimento saltou para 25% o número de evangélicos no Brasil. As Igrejas Assembleia de Deus se encontram na maior parte das grandes cidades brasileiras, principalmente no Rio de Janeiro, onde reúne 760.000 fiéis. Em São Paulo possui cerca de 500.000 adeptos. A terceira cidade é o Recife que conta com aproximadamente 300.000 adeptos. [...] A taxa de crescimento médio anual é de 14,8% entre 1991 e 2000, situando as ADs em terceiro lugar quanto ao aumento de fiéis das igrejas pentecostais. Nos estados do Amazonas, Pará, Tocantins, Maranhão, Ceará e Rio Grande do Norte, em média, em cada três pentecostais, dois são membros das ADs.

⁴⁴ A nível estadual, segundo o último censo do IBGE, realizado em 2010, o número total de evangélicos no Ceará é de 1.236.435, destes 696.545 dos fiéis são do gênero feminino. Desses dados gerais, 825.592 são pentecostais, e dentro dessa vertente 463.086 dos seguidores são mulheres. Diante desses números a Assembleia de Deus conta com o total de 518.843 fiéis no estado. Acesso em: 22/10/12 IBGE :: Cidades@ :: Milhã –CE www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=230835 15/17

Igreja Assembleia de Deus estabelece uma série de normas comportamentais para seus membros, que são conhecidas como “usos e costumes”. Assim salientamos as prerrogativas de Mariano (1999, p. 187), ao salientar que usos e costumes,

[...] é a expressão utilizada pelos pentecostais para se referir ao rigorismo legalista, às restrições ao vestuário, uso de bijuterias, produtos de beleza, corte de cabelo e a diversos tabus comportamentais existentes em seu meio religioso.

A primeira vez que se tratou sobre a temática de estabelecer normas comportamentais para os fiéis assembleianos foi em 1946, numa Convenção Geral realizada em Recife, quando “[...] José Teixeira Rego, um dos pastores que participavam do evento leu um documento publicado no Jornal Mensageiro da paz, em julho daquele ano, assinado pelo ministério da Assembleia de Deus de São Cristóvão, Rio de Janeiro, que impunha regras de vestimentas as mulheres”. (SOUSA, 2011, p. 207).

Diante de um contexto de pós Guerra⁴⁵, os líderes da Igreja de São Cristóvão (RJ) temiam pelo recado na aparência física das mulheres, que poderiam ser incitadas pelo “espírito do mundanismo”, argumentando que elas seriam mais aptas as vaidades mundanas, por serem mais fracas. Segundo eles, alguns autores da bíblia davam orientações sobre a maneira correta de vestir-se e pentear-se. Assim, a Igreja da capital federal (que na época era o Rio de Janeiro) devia dar exemplo para todo o país, e a referida Igreja elaborou um decreto proibindo suas fiéis de cortar os cabelos, tingi-los, devendo ainda utilizá-los sempre presos. No que se refere aos trajes, elas deviam usar vestidos de mangas compridas, sem decotes e que cobrissem todo o corpo, fazendo ainda uso de meias. Destacando que o não seguimento dessas regras acarretariam punições ou até mesmo a expulsão da fiel. (Cf. SOUSA, 2011, p.207).

No entanto, esse decreto não só, não foi aceito pelas lideranças da convenção geral, como também foi proibida sua utilização na Igreja de São Cristóvão (RJ). Assim, mesmo não tendo sido legitimado pelas lideranças assembleianas, podemos perceber todo o

⁴⁵ Durante a guerra a mão de obra masculina precisa ser liberada para as frentes de batalha, portanto ocorre uma valorização da atuação feminina na esfera do trabalho, para atender as necessidades do mercado, principalmente nos países mais envolvidos com a guerra. “É com o final da guerra e o retorno da força de trabalho masculina, que a ideologia que valoriza a diferenciação de papéis de sexo, atribuindo à condição feminina ao espaço doméstico, é fortemente reativada, no sentido de retirar a mulher do mercado de trabalho para que ceda seu lugar aos homens. As mensagens veiculadas pelos meios de comunicação enfatizam a imagem da “rainha do lar”, exacerbando-se a mistificação do papel da dona de casa, esposa e mãe. Novamente o trabalho externo da mulher é desvalorizado, tido como suplementar ao do homem.” (ALVES e PITANGUY, 1985, p.50).

imaginário⁴⁶ dos membros a respeito da “necessidade” de controle do corpo feminino, pois para eles as mulheres estavam mais aptas a cair nas tentações. Foi então, na década de 1960, que os olhares assembleianos voltam-se novamente para o corpo e as práticas vestimentares de suas fiéis, já que as lideranças da Igreja se viam ameaçadas por um período de “liberalização cultural”⁴⁷ que a sociedade enfrentava, principalmente através de muitas transformações no comportamento feminino. Sobre isso, Sousa (2011, p. 208) destaca que,

A CGADB ainda levaria três décadas para aprovar um estatuto de usos e costumes, cujo conteúdo tinha o mesmo rigor do decreto reprovado em 1946. Esse posicionamento foi motivado pelos eventos do final da década de 1960, sobretudo no ano de 1968. Se o uso de minissaias e vestidos curtos chamava a atenção de setores seculares da sociedade, no campo religioso isso foi ainda mais evidente. Se até então a Assembleia de Deus não permitia sequer que as mulheres opinassem nas convenções gerais, tampouco permitiria que adotassem modos estéticos inovadores e ousados⁴⁸.

Percebemos, portanto, que o rigorismo no trajar feminino mesmo não estando estabelecido através de leis, era uma preocupação central nos debates realizados pelas convenções. Essa severidade no tocante as doutrinas culminou na busca pelo afastamento da Igreja Assembleia de Deus das demais Igrejas protestantes, e até mesmo pentecostais, no ano

⁴⁶ Compreendemos por imaginário “um sistema de ideias e imagens de representações coletivas que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo.” (PESAVENTO, 2008, p. 43).

⁴⁷ Hobsbawm (1995) nos traz um rápido panorama de um contexto que certamente influenciou nas decisões assembleianas sobre a necessidade no ano de 1975 de estabelecer um conjunto de doutrinas para o grupo. Isso porque mesmo falando de uma revolução cultural a nível de Europa e Estados Unidos, tais transformações influenciaram, mesmo que de forma não homogênea, na explosão dos movimentos feministas em todo o globo, marcando um Brasil da década de 70 e se estendendo com força até 80. Lembramos que esse também foi um período de emergência e estabelecimento de uma história das mulheres (Cf. DEL PRIORE, p.220). Deste modo segundo o autor “Oficialmente essa foi uma era de extraordinária libertação tanto para os heterossexuais (isto é, sobretudo para as mulheres, que gozavam de muito menos liberdade que os homens) quanto para os homossexuais, além de outras formas de dissidência cultural-sexual. [...] Essas tendências, claro, não afetaram igualmente todas as partes do mundo” (HOBSBAWM, 1995, p.316-317). Portanto o mundo passou por uma intensa “revolução cultural”, que marcada pelas mudanças no ideal de estrutura familiar, transformou a sociedade a partir de uma maior liberalização das condutas. Isso porque tanto homens quanto mulheres buscavam conquistar sua independência financeira, sexual, religiosa, dentre outras. Houve no período um grande aumento no número de pessoas solteiras morando sozinhas, estas buscavam encontrar a liberdade longe dos casamentos. A homossexualidade também passou a ser vista de um outro prisma, sendo defendida a partir liberdade de opção. Com relação às mulheres o grande marco do período foram as mudanças nas relações consigo mesmas, com seu corpo, com sua maneira de vestir, valorizando e exibindo suas formas com o uso das minissaias. As mulheres passaram a optar ou não pela maternidade a partir da propagação no uso das pílulas anticoncepcionais, tendo, portanto, a liberdade de praticar o sexo como um desejo pessoal, não ficando como antes limitadas exclusivamente ao casamento e ao objetivo da procriação. Esse foi ainda um período onde também se propagou uma perda da hegemonia comportamental da Igreja Católica, ocorrendo, pois, um triunfo do indivíduo sobre a sociedade.

⁴⁸ Sousa (2011, Cf. p. 209) destaca ainda que no ano de 1973 a CGADB enviou uma carta ao ministro da educação pedindo isenção no uso de calças nas escolas pelas jovens assembleianas.

de 1975. A partir de então, as lideranças assembleianas rejeitaram qualquer tipo de conciliação doutrinária com as demais Igrejas. (Cf. SOUSA, 2011, p.209).

Outro grande marco desse contexto foi à explosão do movimento feminista. Para Alves e Pitanguy (1985, p. 58), “[...] é neste momento histórico de contestação e de luta que o feminismo ressurgiu como um movimento de massas, que passa a se constituir a partir da década de 70, em inegável força política, com enorme potencial de transformação social”.. Ainda de acordo com os autores, no Brasil da década de 70 as mulheres buscavam ganhar destaque através de eventos organizados, onde destacamos algumas considerações sobre as realizações das mulheres ano de 1975,

Em 1975 foi fundado em São Paulo o Movimento Feminino pela Anistia, que liga sua origem a movimento semelhante de 1945, e que primeiro levantou esta bandeira após 1964. Em 1975, Ano Internacional da mulher, é promovida no Rio de Janeiro, por um grupo de mulheres, com apoio da ONU e da ABI, uma semana de debates sobre a condição feminina. Deste encontro foi fundado, neste mesmo ano, o centro da mulher brasileira no Rio de Janeiro e em São Paulo, que se constitui um marco no sentido de propor a atuar enquanto organização especificamente feminista. (ALVES E PITANGUY, 1985, p.71-72).

Para os autores, no final da década de 70 o feminismo se expande enquanto movimento organizado, criando diversos núcleos em vários estados brasileiros e atuando a partir de diversas maneiras e enfoques. É importante pensar que todas essas transformações ocorridas na década de 70, eram contrárias ao que a Igreja Assembleia de Deus pregava como sendo os bons costumes e os verdadeiros valores cristãos.

Contudo, como esclarece Fonseca (2010, p.15) é importante pensar que na década de 1970, a Igreja Assembleia de Deus também passava por um extraordinário crescimento, alcançando um número significativo de membros. Portanto, uma fase que evidenciava a necessidade de um maior controle doutrinário. “Essa condição de perpetuação no quadro religioso brasileiro, aliada às reviravoltas culturais que marcaram os anos 70, compõe o contexto de formulação da *Resolução de Santo André*”. Por fim, os usos e costumes defendidos pela Assembleia de Deus em todo o Brasil, foram elaborados pela Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), órgão máximo da instituição no país, em 1975, numa conversão realizada na cidade de Santo André (SP). Foram elaboradas na ocasião oito normas proibitivas, que segundo Fonseca (2009) ficaram conhecidas por “Resolução de Santo André”, esta foi estabelecida da seguinte maneira,

E ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo, e separai-vos dos povos, para serdes meus (Lv 20.26). [...] A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil, reunida na cidade de Santo André, Estado de São Paulo, reafirma o seu ponto de vista no tocante aos sadios princípios estabelecidos como doutrinas na Palavra de Deus - a Bíblia Sagrada - e conservados como costumes desde o início desta obra no Brasil. Imbuída sempre dos mais altos propósitos, ela, a Convenção Geral, deliberou pela votação unânime dos delegados das igrejas da mesma fé e ordem em nosso país, que as mesmas igrejas se abstenham do seguinte: 1. Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino; 2. Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino; 3. Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face; 4. Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados); 5. Sobrancelhas alteradas; 6. Uso de mini- saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã; 7. Uso de aparelho de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que se justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde; 8. Uso de bebidas alcoólicas (grifo nosso). (DANIEL, 2004, p.438, *Apud* FONSECA, 2009, p.12).

Com base no trecho retirado da “resolução de Santo André”, fica perceptível que das oito proibições apenas uma é destinada exclusivamente aos homens, duas são direcionadas a todo o grupo, e cinco são destinadas as mulheres e ao controle de seu corpo (já que práticas como modificar sobrancelhas ou pintar a face é um costume mais característico do grupo feminino). Tal resolução apresentava um caráter altamente desigual, destinando maior parte das proibições às mulheres. O documento causou calorosos debates em torno de sua legalização, e mais ainda, dos efeitos que teriam aqueles que não cumprissem o que determinava a Igreja.

Tendo em mente como afirma Martins (2011, p. 23), que a sociedade a cada dia se torna mais visual e que as fotografias funcionam como representações de uma época, observaremos a seguir como deveria ser a maneira de trajar das mulheres assembleianas com base na resolução de Santo André. Para isso, ressaltamos que a fotografia não será utilizada nessa pesquisa “apenas como documento ilustrativo ou comprobatório dos fatos”, pois essa não é sua função. “Ela constitui e representa uma determina realidade, [...] faz parte do imaginário e cumpre funções de revelação e ocultação na vida cotidiana. Portanto, as pessoas são fotografadas representando-se na sociedade e representando-se para a sociedade.” (MARTINS, 2011, p.47).



Figura 01: Mulheres Assembleianas da década de 1990.
Fonte: Acervo pessoal da fiel Marta Sousa (Nome Fictício).

Essa fotografia foi cedida por uma de nossas entrevistadas que congrega na Igreja Assembleia de Deus de Milhã desde a década de 1960. A fiel não reconhece ao certo o ano de registro desse documento imagético. Contudo, percebemos o vestuário como “um equipamento de identificação, uma espécie de “maquiagem” específica e diversa do equipamento cotidiano, para ser fotografado,” (Cf. MARTINS, 2011, p.14) e acreditamos que pelos traços vestimentares das mulheres apresentadas na imagem é possível compreendermos aspectos sociais do contexto fotografado.

A fotografia foi registrada na Igreja Assembleia de Deus de Milhã nos anos 90, muito provavelmente num culto de jovens, já que os espaços designados ao grupo celebrante são mantidos até hoje nos cultos assembleianos. O templo estava em seus moldes originais, já que em no início dos anos 2000 ele passou por uma intensa reforma ganhando a estrutura que mantém nos dias atuais. Além da identificação através do espaço fotografado, esta imagem nos revela aspectos marcantes da indumentária feminina assembleiana, onde ainda estava em vigência a resolução de Santo André. Isso porque, com base nas proibições descritas anteriormente, as jovens expostas nessa fotografia apresentam uma postura rígida e sóbria, já que os usos e costumes cobravam das mulheres trajes que exprimissem um “bom testemunho da vida cristã”.

Os cabelos como podemos perceber, eram muito compridos, já que na época havia a proibição total do corte por parte das mulheres. As saias são extremamente longas, algumas atingem o tornozelo. As mangas nas blusas das mulheres mais jovens são um pouco

mais curtas em relação às das senhoras, que estão de pé no lado esquerdo da fotografia, exibindo saias e mangas muito longas. Um das jovens utiliza mangas muito compridas ultrapassando os cotovelos. De forma geral, o vestuário dessas mulheres não exprime vaidades ou detalhes que as distinguíssem uma das outras.

Os primeiros indícios de que a instituição no país precisava retomar as discussões sobre os usos e costumes criados na década de 70 surgiram em meados de 1990. Mais precisamente em 1995, num contexto de intensa diversificação e trânsito religioso no Brasil (FONSECA, 2010). A temática volta a ser discutida na trigésima segunda Convenção Geral, realizada na capital da Bahia, onde alguns pastores mais liberais⁴⁹ pediram a extinção de algumas normas. No período, estava sendo realizado um “balanço e reestruturação das táticas empreendidas pela Igreja até então”. Isso porque, cinco anos depois de vigência do projeto década da colheita as lideranças assembleianas percebiam que a meta de alcançar 50 milhões de novos convertidos se tornava cada vez mais distante, é o que destaca Fonseca (2010, p. 16),

Essa preocupação foi trazida à Convenção Geral pelo secretário da Comissão do Projeto Década da Colheita, Valdir Bícego, na sessão de 26 de janeiro de 1995. Bícego exortou os líderes a se engajarem no projeto de evangelização e lembrou aos pastores presentes que as metas propostas (50 milhões de fiéis) só seriam alcançadas se as igrejas crescessem até o ano 2000, cerca de 31%, o que, conforme atestam os dados censitários, não ocorreu.

O resultado dessa solicitação só foi declarado em 1999, pois estava sob análise do “conselho de doutrina”⁵⁰ da CGADB. Essa reformulação dos “usos e costumes” ficou conhecida, segundo nos informa Fonseca (2009, p. 16), por “Resolução ELAD”. Isso porque, suas modificações foram apresentadas no 5º Encontro dos Líderes das Assembleias de Deus (ELAD), realizado entre os dias 23 e 26 de agosto de 1999. Sobre a resolução ELAD, o autor considera que “sua aprovação em 1999 representou algo inédito na condução de uma das principais marcas identitárias do cristão assembleianos: as normas de usos e costumes”. De acordo com o autor, depois de modificados, os usos e costumes ficaram da seguinte maneira,

⁴⁹ Para entendermos o contexto de utilização da palavra “Liberais” tomamos como referencia as considerações de Almeida (2007, p. 49) “Liberal no contexto pentecostal nada tem haver com o liberalismo teológico, mas é aquele que mantém o espírito aberto, tolerante; que tolera os comportamentos contrários nos usos e costumes ou em oposição ao tradicionalismo do grupo. É aquele que não deixa tolher por radicalismo ou formas tradicionais de agir. Portanto através dessas divergências em relação aos usos e costumes é importante pensarmos que a denominação não é homogênea. Existem divergências tanto entre as lideranças como entre os membros.

⁵⁰ Segundo Sousa (2011, p. 213), este é o “órgão responsável por determinar quais dogmas as assembleias de Deus devem seguir, bem como resolver querelas doutrinarias em qualquer lugar do país.”

Convém, portanto, atualizar a redação da resolução de Santo André, omitindo a expressão ‘como doutrina’, ficando assim: ‘sadios princípios estabelecidos na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil. Quanto aos 8 princípios da Resolução [de Santo André], uma maneira de colocar numa linguagem atualizada é: 1. Ter os homens cabelos crescidos, bem como fazer cortes extravagantes; 2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias; 3. Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos; 4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica; 5. Mau uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone; 6. Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (grifo nosso). (DANIEL, 2004, p.579 *Apud* FONSECA, 2009, p.12-13).

Sousa (2011, p. 213) chama atenção para o fato de que “a resolução manteve os mesmos costumes, mudando apenas alguns termos no estatuto”. Quando comparadas a primeira versão, constatamos que a 1ª proibição continuou sendo restrita ao grupo masculino e as cinco proibições para as mulheres foram acopladas em três. Duas continuaram atribuídas ao grupo de forma geral. No entanto, um tom mais brando passou a ser introduzido nos usos e costumes, como por exemplo, o uso da televisão, que passa a ser permitido desde que os programas assistidos tenham fortes critérios de escolha.

No que se refere às mulheres, o trajar refletindo decoro, decência, e o não uso de trajes masculinos continuou sendo cobrado. Porém, podemos evidenciar alguns sinais de uma maior maleabilidade na doutrina, já que a proibição para alteração das sobrancelhas foi uma norma extinta. E a permissão ao uso de maquiagens e pinturas por parte das mulheres, passou a ser introduzida, desde que sem exageros.

Outro aspecto desse abrandamento doutrinário está na permissão do corte de cabelo por parte das mulheres, que mesmo sendo algo controlado (não podendo deixá-lo curto assemelhando-se ao corte masculino) significou um avanço considerável para a situação feminina na instituição. Acreditamos que mesmo ocorrendo de maneira aparentemente comedida, essas pequenas modificações ocasionaram grandes transformações, principalmente para as mulheres. Tendo em vista, que elas passaram a ter um pouco mais de liberdade para escolher seus trajes e aderir a algumas práticas de vaidade que antes lhes eram proibidas.

A resolução ELAD, de 1999, determina os usos e costumes defendidos atualmente pela Igreja Assembleia de Deus. O abrandamento na doutrina a partir de então, possibilitou uma modificação da aparência das mulheres desta congregação. Em Milhã, as modificações foram ocorrendo de maneira lenta, mas ao longo dos anos ganharam uma forte expressão através da maneira como as mulheres assembleianas se vestem atualmente, principalmente as mais jovens. Observamos isso na fotografia a seguir,



Figura 02: Imagem de uma Jovem Assembleiana no ano de 2011.
Fonte: Acervo pessoal da fiel assembleiana Ivina Maria (nome fictício)

A fotografia acima é de uma jovem assembleiana de Milhã, o registro foi feito no ano de 2011. Sua imagem reflete um novo perfil indumentário das mulheres dessa congregação na cidade. Ao observamos sua maneira de trajar, conseguimos perceber nitidamente um diferencial em sua aparência com relação à imagem anterior. A pregação sobre a necessidade da decência feminina, mais especificamente nas vestes, continua sendo mantida com base nos usos e costumes. No entanto, a liberação ao corte de cabelo, ao leve uso de maquiagens e pinturas, bem como a extinção da doutrina que proibia estritamente o uso de minissaías, fez com que as mulheres assembleianas introduzissem práticas de vaidades no seu cotidiano.

Como é possível perceber, a assembleiana está fazendo uso de saias com o comprimento pouco acima dos joelhos, algo que marca uma nítida diferença com relação às saias nos tornozelos ou abaixo dos joelhos mostrada na fotografia anterior. Entretanto, ela continua utilizando uma peça da indumentária tipicamente “feminina”, seguindo, portanto os padrões estabelecidos pela Igreja.

Na imagem a fiel esta utilizando uma blusa da moda, já que o xadrez em modelos de camisas chemisier,⁵¹ uma peça inspirada na indumentária masculina, está em alta no mercado da moda. Contudo, o fato de estar utilizando uma vestimenta que atende aos padrões do mercado, não supera o fato de utilizar mangas compridas e estar decente de acordo com as tradições de seu grupo religioso. Para completar o figurino, utiliza sapatos de cores fortes que

⁵¹ “Vestido cuja gola e punhos são inspirados nos das camisas sociais masculinas” in: www.dicio.com.br. Acesso em 20/10/2012.

dá um destaque no visual, modernizando ainda mais o conjunto. Seus cabelos também estão nos padrões da Igreja, pois não possui cores ou cortes extravagantes, sendo ainda um pouco alongado. Portanto, o abrandamento nos usos e costumes possibilitou que a mulher assembleiana pudesse aderir a certas vaidades e mesmo assim continuar mantendo as tradições do grupo a partir do uso de indumentárias consideradas tipicamente femininas e decentes.

Um importante aspecto na temática dos usos e costumes é que, na aquisição e construção cultural destes fica explícito sua sustentação e legitimação com base nos textos bíblicos⁵². Estes são repetidos e reforçados pelos pastores da Igreja como uma espécie de padrão de consciência e comportamento para os crentes, criando um *éthos* do grupo. Assim, é necessário pensarmos nas atribuições de Geertz (2008) a respeito do *éthos*, já que através dele as visões de mundo e as ações se tornam aceitáveis. Isso porque, “o *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete.” (GEERTZ, 2008, p.93). “Portanto, as doutrinas bíblicas criaram uma referência e visão de mundo pela contínua repetição dos textos sagrados para este grupo”. (SILVA, 2003, p.21).

É observável que a doutrina dos usos e costumes como já foi salientado anteriormente é considerada uma espécie de tradição desta Igreja. Para as mulheres, o ato de trajar é ditado pelas sagradas escrituras. No entanto, é perceptível como as entrevistadas falam do discurso do pastor, dos estudos dominicais e da necessidade de dar exemplo as mais jovens. Desta forma, as proibições contidas nos “usos e costumes” são legitimadas pela repetição e pelo ensino.

Desta feita, ponderamos que o discurso em torno da indumentária feminina na Igreja Assembleia de Deus busca manter um tipo de “tradição” que Hobsbawm e Ranger (1997, p. 09), vêm chamar de “inventada”, já que é constantemente pregada a partir da repetição, e da tentativa de legitimar um discurso sem levar em conta o contexto ao qual ele se insere. O autor chama de “tradições inventadas” um,

⁵² Segundo Corobim (2008), para compreendermos como a Assembleia de Deus legitima o estabelecimento dos “usos e costumes” através da Bíblia, é preciso conhecer os trechos bíblicos que os assembleianos utilizam para referenciar cada uma das doutrinas: 1- Ter os homens cabelos crescidos (1 Co 11.14), bem como fazer cortes extravagantes. 2- As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias (1 Tm 2.9, 10). 3- Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos (Lv 19.28; 2 Rs 9.30). 4- Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica - (1 Co 11.6, 15) 5- Mal uso dos meios de comunicação: televisão, internet, rádio, telefone (1 Co 6.12; Fp 4.8) . 6 - Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes (Pv. 20.1; 26.31; 1 Co 6.10; Ef. 5.18).

[...] conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Alias, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.

Portanto, para “agradar a Deus” com roupas decentes, a mulher assembleiana a todo o momento é instigada a seguir as “tradições do grupo”, que permanecem valorizando signos femininos, mesmo que o conceito de feminilidade venha se modificando ao longo do tempo na sociedade, e até mesmo para alguns membros do grupo em questão.

Considerando que os usos e costumes são corroborados como tradições, é fundamental destacar as considerações de Hobsbawm e Ranger (1997), a respeito de uma dicotomia existente entre a empregabilidade do termo “costumes”, e o caráter que ele assume a partir das “tradições”. Para os autores, as tradições devem ser diferenciadas dos costumes, já que a primeira tem como característica principal a invariabilidade, estabelecendo “práticas fixas” formalizadas através da repetição. Já a segunda não impede as inovações, contanto que essas sejam atreladas ou idênticas ao precedente. Silva (2003, Cf. p. 49) destaca ainda, que a rigidez nessa “tradição dos usos e costumes” assembleianos não deixa de sofrer questionamentos, gerando conflitos e crises “nos sentimentos dos fiéis.” No entanto, para muitos pentecostais, uma relação diferenciada com os trajes, adornos, e com uma aparência decente não deve ser contestada, por se tratar de uma “identidade fundamental” para o grupo.

1.2 As hierarquias da Igreja: papéis de homens e de mulheres.

Tendo em mente que a Assembleia de Deus de Milhã é uma Igreja de caráter pentecostal, ressaltamos as considerações de Fonseca (2009), onde ele acredita que, a partir principalmente da década de 1990, os estudos das diversas áreas do conhecimento passaram a se preocupar com o fenômeno do pentecostalismo no Brasil. Porém no que se refere à área de história o número de pesquisas ainda é muito reduzido. Esse fato também é lembrado por Sousa (2011), para este o protestantismo (ressaltamos que ele se refere ao protestantismo de maneira geral- histórico e pentecostal) “ainda é um tema relativamente pouco estudado pela historiografia brasileira”. Ainda nesse sentido, os estudos a que tivemos acesso e que tratam especificamente da Assembleia de Deus, frequentemente citam a indumentária feminina como um dos principais diferenciais da referida Igreja no Brasil, no entanto os comentários se

apresentam de maneira secundária, enfatizando outros aspectos do grupo e remetendo a questão das vestimentas para um segundo plano, até mesmo quando se fala de usos e costumes.

Acreditamos, pois, que o estudo da vestimenta nos levará a uma melhor compreensão do grupo, de suas origens e suas práticas religiosas. Poderemos ainda discutir a constituição de uma identidade feminina, que é construída, assumida, mas que ao longo do tempo também é resignificada a partir da atuação dessas mulheres.

É importante salientar que, se atualmente os estudos que focam na história das mulheres abordam as relações entre masculino e feminino, percebendo a necessidade de estudar a atuação de um para entender o lugar social do outro, nem sempre foi assim. Por muito tempo os pesquisadores escreviam sobre as mulheres de forma “suplementar” como uma “espécie de generosa esmola com que premiava o nascente movimento feminista”, já que a história das mulheres surgiu e ganhou destaque a partir de um contexto de explosão do feminismo na década de 1970 (DEL PRIORE, 2010). Assim, as mulheres eram vistas como figuras submissas, dominadas por uma relação díspar, onde aos homens cabiam às decisões importantes, os grandes feitos, e a elas restava sempre esperar a oportunidade de se manifestarem minimamente⁵³. Ao ter como sujeito as mulheres dentro de instituições religiosas é preciso cuidado para não cair em eufemismos, acreditando que elas estão cegamente enquadradas nas regras das instituições e que por isso são fracas e reprimidas.

Obras importantíssimas que vêm abordar os costumes e culturas dos mais variados períodos, tem tornado público a história de mulheres que mesmo em meio aos conservadorismos de suas épocas e as restrições políticas, sociais, religiosas e econômicas tiveram importantes participações para melhoria da realidade de suas famílias e comunidades. Invertendo, assim, a posição sustentada durante muito tempo pelos estudiosos de que elas seriam as “coitadinhas” da história⁵⁴. Desta feita, acreditamos serem pertinentes às considerações de Perrot (1988, p.212) que percebendo as mulheres como sujeitos atuantes e decisivos nos vários contextos históricos, salienta que:

⁵³ A respeito disso, sugerimos a leitura do artigo “História das Mulheres: As vozes do silêncio” de Mary Del Priore. Onde a autora faz um apanhado de como a historiografia vem trabalhando com a história das mulheres, desde seu surgimento. In: FREITAS, Marcos Cézár (org). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. 6. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

⁵⁴ Uma leitura muito pertinente para pensar essas mulheres que se destacam em meio aos conservadorismos de suas épocas é o artigo *Mulher Macho, sim senhor: histórias de mulheres que romperam limites no Ceará*, de Ana Rita Fonteles Duarte. In: CARVALHO, Gilmar. *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense*. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2003.

As mulheres não são passivas nem submissas. A miséria, a opressão, a dominação, por reais que sejam não bastam para contar a sua história. Elas estão presentes aqui e além. Elas são diferentes. Elas se afirmam por outras palavras, outros gestos. [...] Elas traçam um caminho que é preciso reencontrar. Uma história outra. Uma outra história.

Este estudo evidencia, pois, a história de mulheres, que guiadas pela aceitação de uma nova religião aderem a uma maneira peculiar de se vestir. A partir da conversão, elas passam a receber uma série de restrições a respeito de sua postura, de seu corpo, de sua aparência, vivendo a realidade de um discurso que visa discipliná-las, mas que nem por isso tornam-nas passivas, tolerando todas as restrições sem contestar. Depois de convertidas buscam assemelhar-se as demais mulheres da instituição, comumente chamadas de evangélicas, que são reconhecidas na cidade por suas saias e mangas longas, vestidos sem atrativos e cabelos compridos. Sinais que carregam como espécie de “brasão” da Igreja a qual pertencem⁵⁵.

Portanto, as mulheres assembleianas logo são identificadas por sua aparência. E as novas convertidas, em virtude de sua nova posição, também devem se tornar mulheres diferenciadas. A homilia parte de um ideal de virtuosidade que é constantemente pregado pela instituição. Assim, o ato de trajar das mulheres assembleianas sai de um aspecto meramente utilitário, ou seja, cobrir-se para proteger o corpo, e adentra num espaço social, cultural e ritualístico, que segue uma série de doutrinas e costumes da instituição religiosa.

Destacamos ainda, que os homens assembleianos também são cobrados por sua aparência, devendo utilizar trajes mais sóbrios, principalmente nos cultos, onde a calça comprida, a camisa social e o uso de gravata e ternos em celebrações especiais dão ao fiel um destaque entre os demais. Entretanto as cobranças em relação ao seu comportamento é algo mais evidenciado.

Há nesse sentido um investimento da pregação no que se refere ao não uso do álcool, aos lugares decentes para se frequentar, a maneira como o chefe da casa deve liderar a família no caminho dos bons costumes impondo respeito, e dando ao mesmo tempo exemplo de firmeza moral. Portanto, as pregações são desenvolvidas com base nas diferenças de gênero, e a Igreja deixa isso muito claro quando evidencia que o controle deve ser estabelecido sobre a mulher e o seu corpo através da vestimenta, e que ao homem é exigida a sabedoria de ser um bom líder, atuando sempre no comando da família.

⁵⁵As saias, antes compridas hoje intermediárias, as mangas que antes eram longas e hoje mal cobrem os ombros, a aparência antes nula de vaidade, hoje é cercada de artifícios da moda. No entanto as mulheres assembleianas sempre são lembradas e cobradas com base na aparência que mantinham na época do surgimento da denominação na cidade, que foi 1960.

Percebemos então a necessidade da utilização da categoria gênero, para uma análise histórica da Igreja Assembleia de Deus. Desta feita, adotamos as considerações de Scott (1995, p. 75), enfatizando a importância de um estudo relacional, onde não se pode compreender as mulheres e os homens de maneiras inteiramente separadas. Para Scott, o termo gênero exclui definitivamente explicações biológicas, assumindo ainda uma conotação mais neutra, onde não se faz apenas a história de homens, ou a história das mulheres, mas “um implica o estudo do outro”. De acordo com a autora, “o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e as mulheres” (SCOTT, 1995, p.75). E a partir disso compreendemos que, para conhecer as relações que as mulheres assembleianas mantêm com sua indumentária, é preciso perceber como a Igreja atribui funções e status diferentes aos homens e as mulheres, algo que também é refletido na maneira de trajar.

Scott (1995, p. 86) fala da necessidade de buscar uma explicação baseada nos significados, destacando o sujeito individual e também a organização social, “e articular a natureza de suas inter-relações, pois ambos são cruciais para compreender como funciona o gênero, como ocorre a mudança”. Pensando nisso, pretendemos compreender como o grupo, ou seja, a Igreja, suas regras e seus membros, interferem na maneira individual da mulher assembleiana se vestir, atribuindo um aspecto coletivo a sua aparência.

Continuando com as reflexões da autora, que muito contribui para pensarmos as relações de gênero na Igreja Assembleia de Deus, Scott (1995, p. 86) salienta que sua definição de gênero tem duas partes, porém diversos subconjuntos que estão inter-relacionados. Para ela “O núcleo da definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder”. No entanto, a autora desenvolve sua teorização de gênero na segunda proposição, afirmando que,

[...] gênero é uma forma primária de dar significado as relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é um campo primário no interior do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter sido uma forma persistente e recorrente de possibilitar a significação de poder no ocidente, nas tradições judaico-cristãs e islâmicas. (SCOTT, 1995, p.88).

Consideramos desta forma, que “o gênero, então fornece um meio de decodificar o significado e compreender as complexas conexões entre as várias formas de relação

humana” (SCOTT, 1995, p.89). Através dessa categoria, poderemos perceber como o poder é distribuído dentro da Igreja, destacando ainda que o gênero “legitima e constrói as relações sociais”, (SCOTT, 1995, p.89). É possível deste modo, analisar em que medida as relações de gênero são responsáveis pela legitimação de normas de conduta e papéis sociais destinados as mulheres, tendo por base uma suposta justificação da superioridade masculina que satura os discursos e as práticas da Igreja. Destacando a complexidade das relações entre masculino e feminino em instituições religiosas Rosado-Nunes (2005, p.363) salienta que:

[...] estas definem ‘a natureza humana’ como resultado de uma determinação divina intocável. As religiões têm, explícita ou implicitamente, em seu bojo teológico, em sua prática institucional e histórica, uma específica visão antropológica que estabelece e delimita os papéis masculinos e femininos. O fundamento dessa visão encontra-se em uma ordem não humana, não histórica, e, portanto, imutável e indiscutível, por tomar a forma de dogmas. Expressões das sociedades nas quais nasceram, as religiões espelham sua ordem de valores, que reproduzem em seu discurso, sob o manto da revelação divina. O lugar das mulheres no discurso e na prática religiosa não foi, e frequentemente ainda não é, dos mais felizes.

No que se refere à Assembleia de Deus e sua trajetória histórica no Brasil, Bandini (2009) fala da existência de uma estrutura patriarcal na instituição, isso porque segundo ela, no momento de consolidação dessa denominação no Brasil houve uma forte influência do coronelismo nordestino em suas estruturas, instaurando na denominação práticas oligárquicas e amplificando seu caráter altamente centralizador,

A Igreja possui um sistema oligárquico que se distribui em Igrejas-mãe (ou Igreja sede) e suas congregações. Ao conhecer o processo histórico, torna-se possível entender algumas características que marcam a Assembleia de Deus. A maior parte da cúpula nacional é formada por nordestinos, geralmente de origem rural, como isso, suas características de Igreja oligárquica, caudilhesca e de sistema patriarcal (FRESTON, 1994) derivam de seu processo de origem correspondente aos anos 1930 a 1960, em que predominava o coronelismo nordestino. (BANDINI, 2009, p. 227).

Desta forma, para Bandini (2009) a estrutura conservadora e sexista da Igreja Assembleia de Deus tem fortes influências de uma cultura nordestina da década de 1930 a 1960, que ainda traz muitos reflexos de tal período na atualidade, como uma visão preconcebida da superioridade masculina, e do controle do patriarca sobre os demais membros da família ou do grupo. Contudo, é importante pensarmos as considerações de Alencar (2012, p. 74), este considera o termo “coronelismo nordestino” utilizado por Freston e outros pesquisadores, muito problemático. Para o autor, “ele não dá conta plenamente do

fenômeno. Primeiro, o modelo coronelista brasileiro não é uma especificidade do Nordeste, é muito mais amplo. [...] a questão é muito mais inerente à natureza e exercício do poder, que uma especificidade do nordeste brasileiro”.

No entanto, pensando nas afirmativas de Bandini, acreditamos que para pensarmos a constituição de um grupo com “determinadas características patriarcais”, como por exemplo, o controle masculino sobre a esposa, bem como a cúpula da Igreja formada apenas por homens, devemos evocar as considerações de Thompson (1998, Cf. p. 28). Este autor, retratando os costumes de uma Inglaterra de fins do século XVIII e início do XIX, substitui o “tom patriarcal” pelo termo “paternalismo” que acredita ser mais fraco. Segundo Thompson, para alguns autores “patriarcal” e “paternal” são vistos de maneira diferente, o primeiro implicando severidade e o segundo um tom mais familiar e fraternal. Para ele, os dois termos podem colidir tanto nos fatos como na teoria.

Refletindo sobre as relações de gênero na Igreja Assembleia de Deus é possível, portanto, concordar com Thompson e pensar uma Igreja onde o patriarcalismo, em suas formas originais, pensado como as relações de dominação e dependência, se exercem de maneira muito próxima e familiar. É o que atesta a fala de Dona Marta Sousa⁵⁶, quando indagada a respeito das características de um bom pastor ressalta que “um bom pastor é aquele pastor que é bem amoroso, né, que o pastor numa Igreja é quase como um pai né, pra se responsabilizar por aquele povo todim e agradar a todos”. Para a mulher, a liderança masculina é exercida dentro e fora da Igreja, através do pai, do esposo e do pastor, vistos como aqueles que protegem e que tem o poder de liderar designado por Deus. Portanto esta é uma visão paternalista que descrita por Thompson (1998, p. 32)

[...]é um termo descritivo frouxo. Tem uma especificidade histórica consideravelmente menor do que termos como feudalismo ou capitalismo. Tende a apresentar um modelo da ordem social visto de cima. Tem implicações de calor humano e relações próximas que subentendem noções de valor. Confunde o real com o ideal.

Entretanto, de acordo com o autor “nenhum historiador sensato deve caracterizar toda uma sociedade como paternalista ou patriarcal”, destacando que estes são termos generalizantes. Para Thompson (1998, p. 32) o termo também não deve ser abandonado, pois pode ser um “componente importante não só da ideologia, mas da real mediação institucional

⁵⁶ Marta Sousa (nome fictício)- 61 anos. É congregada da Assembleia de Deus de Milhã desde os 18 anos de idade, mesmo período em que casou e converteu-se com toda a família, sendo hoje uma das mulheres da assembleia que mais preza pelo tradicionalismo e pela conduta dos bons costumes, principalmente com relação a mulheres e suas vestimentas. Entrevista realizada no dia 11/07/2010.

das relações sociais”. Desta feita, pensar na assembleia de Deus como uma instituição galgada em princípios paternais ou patriarcais, não devemos limitar nosso olhar a preconceber toda a estrutura em torno disso. Segundo o autor, pensar o paternalismo existente é uma forma de tentar entender relações sociais mais amplas.

Na hierarquia da Igreja ADTC de Milhã, por exemplo, encontram-se respectivamente as seguintes funções: pastor⁵⁷, que é figura de maior destaque na Igreja, responsável por conduzir os trabalhos e os cultos. Este é seguido pelo copastor, que na ausência do líder oficial assume provisoriamente o comando da Igreja. Em seguida, temos os presbíteros, que também podem realizar a homília oficial, além de assumirem a liderança da Igreja na ausência do pastor e do copastor. Posteriormente temos os diáconos⁵⁸, que auxiliam o celebrante no altar, a estes não são permitidas algumas atribuições, como por exemplo, conduzir os cultos. E por último, destacamos o papel dos auxiliares, que dentre varias atribuições contribuem na coleta das ofertas durante os cultos, sendo ainda os responsáveis por recepcionar os fiéis na chegada a Igreja, são também chamados de recepcionistas.

Com isso, podemos considerar que um dos maiores sinais do conservadorismo assembleiano é o fato de não atribuir cargos as mulheres dentro dessa hierarquia institucional. A ADTC de Milhã, bem como a instituição a nível nacional, não promove mulheres a pastoras, diaconisas, e demais cargos da instituição, estes são patamares destinados estritamente aos homens, como é possível perceber na fala do co pastor Eduardo Nobre⁵⁹:

No nosso ministério não existem pastoras, não consagramos mulheres a pastoras e nem a diaconisas. [...] elas desenvolvem varias outras atividades, é na oração, no louvor, ou até em ministrar, [...] a palavra, as mulheres podem dar palestras na igreja, elas se destacam principalmente na oração, por isso que no nosso ministério existe uma reunião semanal das mulheres que se chama circulo de oração[...]. Existe um outro momento, também semanal no nosso ministério que chama consagração, também é um trabalho que as mulheres estão a frente dele [...] um momento de trabalho de adoração, é, as mulheres também se destacam na assembleia de deus como visitadoras, são elas que mais, não que os homens não possam fazer isso, mas devido ao trabalho do dia a dia as mulheres estão mais trabalhando nesse sentido de visitar os enfermos nos hospitais, levar uma palavra de animo, de consolo pra aquelas pessoas, as mulheres aqui estão realmente voltadas para a evangelização, a gente vê que as mulheres é quem tem mais essa

⁵⁷ Figura de maior destaque na Igreja. “Guardador de rebanho, zagal: as ovelhas e seu pastor. [...] Ministro da religião protestante.”. In: www.dicio.com.br/pastor- acesso em 05/11/2012.

⁵⁸ “Clérigo que não tem mais que a segunda das ordens sacras e cujo officio é ajudar no altar o celebrante”. In: www.dicio.com.br/diacono- acesso em 05/11/2012.

⁵⁹ Nome fictício. Entrevista realizada no dia 11/02/2010.

disponibilidade de tempo, pra sair rua acima rua abaixo distribuindo folhetos falando do evangelho de Cristo. [...] além de dirigir um culto por mês, tem um culto na igreja de adoração a deus que também é dirigido pelas mulheres que a gente conhece como culto de senhoras, e aí elas tem também liberdade de promover eventos na igreja, de tempos em tempos elas fazem a festa do ciclo de oração, de tempos em tempos elas fazem congressos só com senhores, aí as outras igrejas vizinhas vem também, com suas senhoras e fazem também essas festas para louvor e glória no nome de Jesus.

No trecho destacado acima, um fator que desperta atenção, é a evidente importância feminina, principalmente no que se refere ao trabalho de conversão de novos fiéis e de evangelização. São as mulheres, lembrando a fala de Eduardo Nobre, que sobem rua acima, rua abaixo distribuindo convites para visitação na Igreja, bem como evangelizando através da pregação das doutrinas bíblicas.

Ressaltamos ainda, que isso é percebido desde o período de fundação da Igreja na referida cidade, onde segundo a fala de nossas entrevistadas que participaram da fundação da Igreja, grande parte das famílias que iam se convertendo tinham o impulso de suas matriarcas. Nesse sentido, as mulheres se convertiam de forma mais imediata e depois usavam de sua influência no lar para converter esposos e filhos, iniciando um trabalho missionário na comunidade, que permanece até os dias atuais, como fica explícito na fala do copastor. Nesse sentido, dissertando a respeito da participação feminina no âmbito religioso, Rosado-Nunes (2005, p. 364) salienta que:

As mulheres compõem, de fato, a maioria da população de fiéis. ‘Em nome de Deus’, tornam-se ativistas, freiras, obreiras, pastoras, bispas, mães-de-santo, políticas[...] Na sombra ou nos palcos e altares, grande parte das fiéis carrega para a igreja o marido, os filhos, a família, o círculo social e profissional onde atuam.

Na ADTC de Milhã as mulheres desempenham funções primordiais para o bom andamento do grupo. São responsáveis por coordenar os grupos de jovens, encontros de senhoras, missões evangelizadoras, visitas em hospitais e residências de pessoas enfermas e organizam um culto mensal chamado culto das senhoras, em que podem louvar, promover eventos e seminários. No entanto, percebemos que as funções de “alto escalão,” continuam a permanecer de forma legitimada com a parcela masculina da congregação (já que nas entrevistas nos deparamos com muitas mulheres que concordam com o fato de que os homens é que devem liderar a Igreja). Nesse sentido, a palavra e o reconhecimento público são negados às mulheres no espaço da Igreja, havendo uma dupla proibição, cidadã e religiosa (PERROT, 2005).

A importância feminina para a consolidação da ADTC de Milhã é facilmente percebida no discurso de nossos entrevistados. Isso pode ser percebido em mais uma fala de Eduardo Nobre, onde ele afirma que na maioria dos casos as mulheres estão mais engajadas nos trabalhos de evangelização da Igreja do que os próprios homens. Segundo ele, “elas estão envolvidas nesse trabalho e a Igreja caminha porque tem essas mulheres né [...]? Elas que são encorajadas realmente para, às vezes muito mais do que nos homens, pra fazer esse trabalho”.

Diante desse trecho, onde o entrevistado afirma que as mulheres apresentam uma maior disponibilidade de tempo, constatamos que, os membros reconhecem todo o trabalho feminino dentro da Igreja. E atribuem a ele, ao menos discursivamente, uma importância cabal para seu funcionamento. Porém, homens e mulheres que compõem a Igreja Assembleia de Deus de Milhã continuam ratificando o comportamento patriarcalista que se encontra nas raízes das religiões Judaico-Cristãs. Evidenciando que para o grupo a imagem de boa crente caminha lado a lado com a aceitação de uma condição submissa e com o desprendimento das “coisas do mundo”. Nesse sentido Fonseca e Farias (2010, p. 32), abordando a questão da atuação feminina na Igreja Assembleia de Deus, enfatizam que:

As religiões cristãs sempre demonstraram muita resistência em dar visibilidade à atuação feminina nas atividades das Igrejas. Pautadas no argumento da “natural” submissão feminina, afastaram as mulheres por muito tempo das mais importantes esferas religiosas do poder.

Ao mesmo tempo em que o trabalho feminino de Evangelização promove a base de sustentação e crescimento da Igreja, as práticas e discursos insistem em dar às mulheres um papel secundário, sem perspectivas de reconhecimento efetivo. Como nos lembra Perrot (2005, p. 464), a respeito da relação entre as mulheres e a religião, “elas podiam profetizar, não pregar, ser mediadora de Deus, não ser ministro”.

O trabalho dedicado à Igreja é justificado como sendo resultado do excesso de tempo livre, portanto, falta do que fazer, desvalorizando, pois as atividades domésticas desempenhadas pelas mulheres que não possuem um ofício fora de casa. É como se cozinhar, lavar, passar, cuidar dos filhos, e desempenhar funções na Igreja não pudessem ser considerados parte de uma labuta diária. Mesmo exigindo tempo e força de trabalho das mulheres, tais práticas são tidas como naturais e inerentes ao grupo feminino. É importante ressaltar que esse discurso não leva em consideração a ascensão feminina ao mercado de trabalho, um fator comprovado entre as mulheres assembleianas de Milhã.

Através de um discurso omissivo a respeito das mulheres assembleianas que exercem profissões fora de casa, percebemos que as lideranças assembleianas pretendem muitas vezes perpassar a imagem de mulheres que vivem exclusivamente para a família, para as tarefas do lar e para a Igreja. Não levando em conta as transformações que vem ocorrendo no aspecto pessoal e profissional dessas mulheres. Afirmando que as mulheres teriam excesso de tempo livre, o entrevistado anteriormente mencionado acaba por generalizar o cotidiano das mulheres do grupo, não levando em conta que muitas enfrentam uma tripla jornada de trabalho, em casa, na rua, e na Igreja. Onde destacamos que algumas atuam em todos esses espaços, lidam com as responsabilidades da maternidade, e ainda se dedicam na busca por uma formação superior.

Em pesquisas de campo realizadas no ano de 2012 fizemos a aplicação de um questionário socioeconômico no grupo, 33 mulheres assembleianas, na média de 18 e 50 anos responderam as questões apresentadas. Através desse material chegamos a alguns dados no que se refere aos trabalhos desempenhados pelas fiéis.⁶⁰ Isso porque percebemos claramente que embora haja uma supervalorização do masculino e de sua atuação no âmbito religioso, a Igreja depende do trabalho feminino para existir. A mãe, dócil, fragilizada e submissa ao esposo, vem dando lugar a mulheres que tem uma vida extra familiar muito ativa. O fato de ter filhos e ser casada, não tem impedido que essas assembleianas busquem qualificação e uma renda própria. Apresentamos a seguir uma tabela produzida a partir dos dados coletados nos questionários

⁶⁰ De antemão acreditamos que mesmo o questionário sendo um exercício objetivo de perguntas e respostas, esta aplicação muito contribuiu na relação de subjetividade entre pesquisadores e sujeitos. Antes de iniciarmos os trabalhos pensamos em como abordar essas mulheres, como localiza-las, onde moram? Aceitarão elas responderem as perguntas propostas no questionário? O primeiro passo foi fazer a aplicação com mulheres mais próximas do nosso convívio, amigas e vizinhas, que aos poucos iam indicando a residência de outras mulheres da Igreja. A grande dificuldade em efetuar a proposta foi que em muitos casos precisamos retornar de 03 a 04 vezes nas residências para conseguir resolver o material. Foi quando começamos a perceber a positividade disso tudo, que foi passar a frequentar a casa dessas mulheres, a participar de seu convívio e um pouco mais de sua intimidade. Andando de casa em casa, percebemos que eram mulheres muito ativas, donas de casa, mães, estudantes, muitas desempenhavam todas essas funções juntas, e se tornavam verdadeiras guerreiras transformando seu tempo. E nesse sentido, ainda se dedicavam com fervor aos trabalhos da Igreja. Uma das coisas que mais impressionou foi à reação das mulheres por nós abordadas. Muitas nos conheciam superficialmente, mas já tinham conhecimento de que realizávamos uma pesquisa na Igreja, e que nossa visita era relacionada a isso. Assim, elas aproveitavam o momento para perguntar sobre a pesquisa, o que achávamos?, o que havíamos encontrado? que conclusões tínhamos sobre a maneira como se vestiam? No entanto, a principal pergunta era, porque a nossa igreja? Mostravam-se curiosas e ao mesmo tempo entusiasmadas com o nosso interesse em estudar e entender a sua religião. Em alguns casos até se ofereciam para ajudar a preencher questionários com outras irmãs. Nas conversas elas sempre procuravam falar de suas experiências individuais, como chegaram na Igreja, o que deus havia feito em suas vidas, e insistentemente tentavam nos incitar a conversão.

Tabela 01: Caracterização socioeconômica das mulheres assembleianas

Nº de Questionário	Estado Civil	Profissão	Função desempenhada na Igreja	Escolaridade	Filhos	Segue todos os Costumes da Igreja
1	Casada	_____	Vice-presidente do departamento de senhoras	2º grau Completo	02	Sim
2	Casada	Professora	Professora da escola bíblica	3º grau Completo	01	Não
3	Casada	Autônoma	Esposa do pastor-regente	3º grau Completo	02	Sim
4	Casada	_____	Regente da Mocidade	3º grau Incompleto	02	Não
5	Viúva	_____	_____	1º grau Incompleto	08	Sim
6	Solteira	cabeleireira	_____	2º grau Completo	_____	Não
7	Casada	Manicure	Conjunto de Senhoras	1º grau Incompleto	03	Sim
8	Solteira	_____	Recepcionista e Acomodadora	2º grau Completo	02	Não
9	Casada	Micro-empresária	_____	2º grau Completo	02	Sim
10	Casada	Atendente De loja	_____	2º grau Completo	01	Sim
11	Casada	_____	Dirigente de Oração	1º grau Incompleto	02	Sim
12	Viúva	Professora	_____	3º grau Completo	02	Sim
13	Casada	_____	Tesoureira da Igreja	2º grau Completo	02	Sim
14	Viúva	_____	Dirigente de oração	1º grau Incompleto	07	Sim
15	Solteira	Atendente De loja	_____	3º grau Incompleto	_____	Não
16	Casada	_____	_____	3º grau Incompleto	_____	Sim
17	Casada	Atendente de loja	Musicista da Igreja	2º grau Completo	_____	Sim
18	Casada	_____	Visitadora do Hospital	2º grau Completo	_____	Sim
19	Casada	_____	Regente de Mocidade	2º grau Completo	_____	Sim
20	Casada	_____	Dirigente da Oração	1º grau Incompleto	03	Sim
21	Casada	_____	Visitadora do Hospital	2º grau Completo	06	Sim
22	Solteira	Micro-empresária	2ª secretária Da Igreja	3º grau Completo	_____	Sim
23	Casada	Atendente de loja	_____	1º grau Incompleto	01	Sim
24	Solteira	Atendente de loja	_____	2º grau Completo	_____	Sim
25	Solteira	_____	Recepcionista e regente de crianças	3º grau Incompleto	_____	Não
26	Viúva	Professora	Conjunto de	2º grau	_____	Sim

			senhoras	Completo		
27	Casada	Operadora de caixa	Conjunto de Senhoras	2º grau Completo	01	Sim
28	Solteira	Agente Administrativo	1º Secretária da Igreja	3º grau Incompleto	—	Não
29	Casada	Técnica de enfermagem	Conjunto de Senhoras	2º grau Completo	03	Não
30	Casada	Agente Administrativo	—	2º grau Completo	02	Não
31	Casada	—	—	1º grau Incompleto	04	Sim
32	Solteira	—	Professora da escola bíblica para crianças	2º grau Incompleto	—	Não
33	Viúva	—	3º Secretária da Igreja	2º grau Completo	03	Não

Fonte: Questionários socioeconômicos realizados com mulheres assembleianas no ano de 2012.

Das 33 entrevistadas constatamos que 17 exerciam profissões fora do lar. Dentre as principais atividades desempenhadas podemos destacar: professoras, pequenas empresárias, vendedoras e agentes administrativas. Destas, 09 também exerciam cargos ou participavam de algum grupo da Igreja. As 16 demais entrevistadas não desempenhavam nenhum ofício além dos domésticos, porém desse número, 13 exerciam trabalhos ou participavam de algum grupo na congregação. Portanto, das 33 entrevistadas, 22 realizavam trabalhos em prol da Igreja, participando de círculo de orações, do conjunto de senhoras, algumas eram responsáveis pela secretaria da Igreja, pela catequese de crianças, pelas escolas dominicais, pelos grupos de visitas, sendo que uma das entrevistadas era integrante do grupo de cânticos da Igreja.

Ressaltamos ainda que das entrevistadas, 21 tinham filhos, e, portanto, conciliavam a maternidade com os trabalhos domésticos, com as atividades da Igreja, e algumas com uma atividade profissional. Concluímos, com esses dados, que a vida dessas mulheres dentro da congregação é muito intensa, inclusive para aquelas que exercem profissões fora do lar. Além da já mencionada importância nos trabalhos de evangelização realizada pelo grupo, destacamos, como é perceptível na tabela, que todo o trabalho de secretariado está nas mãos das mulheres, inclusive parte do setor financeiro, já que algumas também ocupam cargos na tesouraria da Igreja. Outro fato muito interessante, e que merece relevância, é que muitas daquelas que se identificam como microempreendedoras ou mesmo atendentes de lojas trabalham no mercado de roupas e acessórios femininos da cidade.

Mesmo diante de todos esses dados, que de maneira evidente nos mostra que a feição das mulheres assembleianas é algo que vem sendo cotidianamente transformada, a forte divisão entre os papéis atribuídos aos homens e as mulheres continuam muito evidentes, e também aparentemente aceitos por grande parte da congregação. Isso pode ser percebido na fala da jovem assembleiana Ana Luiza Oliveira⁶¹. Ela considera que na estrutura da Igreja cada um tem sua função, mas o cargo de pastor sempre é destinado ao homem como uma atribuição divina. Para ela quem define a atuação de cada fiel, com base na sua sexualidade, é “Deus”,

a bíblia fala que o homem é o cabeça. Certo? E ele foi criado primeiro, [...] não pra dizer que ele é mais que a mulher. Mas como ele foi criado primeiro, então essa parte de liderança é do homens. Sempre, se você vê no antigo testamento, as guerras, essa questão de trabalho, sempre os homens estavam a frente. [...] sempre foi assim. Não por que a mulher não pudesse fazer, ou não soubesse, num é isso, mas deus já designou. Entendeu? Não que a mulher, cada um tem seu papel. A mulher tem o papel dela perante Deus. A mulher ela ora, a mulher ela faz visitas, tem o culto de mulheres, que elas pregam. Elas só não lideram a Igreja, porque isso já é designação de Deus ter os pastores. Entendeu? Antigamente é, tinha os profetas, tinha os sacerdotes, tinha os pastores, tinha os reis. Então se você vê pela história da bíblia, o homem sempre foi designado o cabeça, o líder. Mas não tratando a mulher como inferior. Isso de forma nenhuma, porque eu já disse, perante Deus todos somos iguais. Mas a mulher tem um papel diferente do homem.

A entrevistada não acredita em uma superioridade masculina, segundo ela, cada um tem sua importância, todos são iguais aos olhos do criador, o homem lidera por ser “o cabeça” designado por Deus, mas isso não exime a importância da atuação feminina. A fala expressa que mesmo identificando a força do trabalho desempenhado pelas mulheres, existe uma forte divisão entre os papéis destinados aos gêneros no que diz respeito ao espaço público e privado, e isso é ratificado também pelas próprias mulheres. Nesse sentido é importante destacar as considerações de Da Mata (2010, p. 115- 116), que ao falar da atuação das mulheres dentro dos sistemas religiosos salienta que:

Há consenso de que a assimetria entre homem e mulher é um fenômeno presente em todas as sociedades humanas. O que nem sempre se investigou foi a questão do status da mulher nos diferentes sistemas religiosos. Não resta dúvida de que sua exclusão da situação de protagonista no culto religioso e nas hierarquias sacerdotais (salvo em casos excepcionais) reflete, mais que explica, a construção social de sua inferioridade face ao homem.

⁶¹ Nome Fictício. 26 anos. Entrevista realizada em 08/01/2012.

Essa “inferioridade”, como indicam Strathern (2006, p.122-129) e outros, se expressa primordialmente por meio de uma segregação da mulher ao espaço doméstico.

Deste modo, liderar a Igreja perante a comunidade é uma tarefa masculina, zelar por seu êxito, trabalhar constantemente pela congregação é uma atribuição feminina. Diante dessa divisão sexista, é preciso lembrar a observação de Perrot (2005, p. 459), ao afirmar que “aos homens o público, cujo centro é a política. As mulheres, o privado, cujo coração é formado pelo doméstico e a casa”.

Ainda com relação aos espaços tidos naturalmente como femininos, Coutinho (1994, p. 29) debate a respeito do significado existente em limitar as mulheres aos espaços domésticos. É através destes que o homem controla as ações de sua esposa, bem como seu contato com as tentações do mundo, tornando-a uma mulher exclusivamente dedicada a família. De acordo com a autora “a mulher passa a viver para o amor: amor a seus filhos, a seu esposo a sua casa. Para tanto, ela deveria se manter pura, distante dos problemas e das tentações do mundo exterior - o mundo do trabalho - que deveria ficar sob o encargo do homem”. Para a autora supracitada, em casa, dedicando-se exclusivamente ao lar se consegue “dominar o lado demoníaco de toda mulher” (Ibid, p.34). Ainda nesse sentido Mello (2007, p. 71), fazendo uma discussão sobre os modos de enunciar o feminino dentro de instituições religiosas, destaca que:

A religião passa a ser a fonte onde elas buscam orientação para sua conduta, alterando os modelos de relacionamento nos vários níveis de sua atuação, tanto no âmbito da família como nos grupos em que participam. Na igreja, a mulher não pode se manifestar na hora da fala oficial dos gerenciadores da fé; ela tem que silenciar. Nesse aspecto, penetrar no conhecimento da palavra bíblica só é permitido aos homens, que podem ocupar posição de destaque na hierarquia da maior parte das denominações e funções religiosas. Cabe às mulheres exercer, na igreja, atividades que sejam reflexos de suas ações e valores específicos de uma vivência feminina. Os discursos religiosos reforçam a presença da mulher no universo da esfera doméstica.

Muitas dessas características da Igreja de Milhã fazem parte de um conjunto elaborado de posicionamentos que são tomados pelas Assembleias de Deus de todo o país. Deste modo, por tudo que já foi exposto anteriormente, é perceptível que o conservadorismo dentro dessa instituição, não é algo exclusivo da Igreja de Milhã.

Tal fato pode ser comprovado nas revistas Lições Bíblicas, que são publicadas trimestralmente pela Editora da Convenção Geral da Igreja Assembleia de Deus do Brasil

(CGADB) que se chama CPAD (Casa Publicadora das Assembleias de Deus)⁶², uma instituição editorial criada em 1940. As revistas são trabalhadas nas escolas bíblicas dominicais de jovens e adultos nas Assembleias de Deus de todo o país aos domingos pela manhã, inclusive na de Milhã. São utilizadas ainda por outras Igrejas que não possuem edições próprias. Essas revistas abordam assuntos diversos, como casamento, aborto, homossexualismo, dentre outros. É um material que de forma concreta evidencia como ocorre a doutrinação do grupo, já que o conteúdo das edições é lido e discutido nas escolas dominicais⁶³.

Um exemplo de antifeminismo na instituição é citado explicitamente numa edição de 1996, que tem por título, “Sal e Luz: As marcas do cristão atual”. É importante discorrer sobre o fato de que os títulos dessas revistas são sempre impactantes e questionadores, do ponto de vista de fazer o leitor desde a capa ser informado sobre os problemas da atualidade, que segundo a edição são causados por conta da liberalização da sociedade.

O próprio título dessa edição sugere que o “verdadeiro” cristão, habitando um mundo complexo e possivelmente descrente dos verdadeiros valores, deve evidenciar na sociedade as marcas daquele que segue de forma consciente os bons preceitos da religião. A edição alerta para os “males e perigos que afetam o lar” destacando como primeiro ponto as “Mutações sociais ilusórias”. Ou seja, considera que muitas das transformações da sociedade carregam aspectos negativos, onde sugere que uma delas é a liberalização feminina, como podemos perceber a seguir,

Elas contribuem para a ruína da família . Uma delas é a chamada “liberação feminista”. Ela beneficiou a mulher num sentido, mas prejudicou em muitos outros, sobretudo no sentido social, moral e espiritual. A liberação feminista, aos poucos, vulgarizou a mulher, e também aos poucos, vem destruindo seus mecanismos de defesa moral e emocional. (CPAD, 1996, p.45).

A edição faz críticas aos aspectos da modernidade como a liberalização feminina, pois segundo sugere o trecho supracitado da revista bíblica, essas transformações afetam as relações familiares, prejudicando a mulher no aspecto “social, moral, espiritual e emocional”. O trecho fala ainda de uma vulgarização da mulher, e da perda de defesa moral, onde podemos nos remeter nesse sentido as transformações da mulher com seu corpo, através do uso de minissaias e de peças indumentárias tidas como masculinas, como é o caso das calças

⁶² De acordo com Sousa (2010, p. 225) a CPAD também publica livros que “vão desde tratados teológicos, até autoajuda evangélicos”.

⁶³ Segundo Sousa (2010, p. 229) “As revistas da EBD constituem um dos mais evidentes exemplos da leitura Fundamentalista da Bíblia operada pela Assembleia de Deus”.

compridas. Pensando nisso, é pertinente destacarmos a consideração de Sousa (2010, p. 223) quando este fala que, “de um modo geral, as religiões de salvação vivem em tensão constante com a liberalização moral das sociedades contemporâneas e tem dificuldades de lidar com um contexto onde os valores mudam frequentemente e prescindem de orientação religiosa”.

Outro trecho dessa mesma edição fala a respeito do princípio da submissão, que deve estar presente dentro da estrutura familiar, e neste, destaca a necessidade de obediência da mulher ao esposo, “Deus instituiu a família sobre o princípio da submissão e obediência: do marido a Deus, da mulher ao marido, e dos filhos aos pais (1 Co 11.3). Essa submissão deve ser motivada por amor”. (CPAD, 1996, p. 43). Segundo o conteúdo da revista as hierarquias dentro da família, onde o homem é sempre o líder, são aspectos desmarcados por Deus, e devem, portanto, serem tratados e obedecidos como algo natural. A edição fala ainda de uma submissão praticada por amor, ou seja, amor a Deus, e amor à família.

O que se observa, portanto, é que há uma pregação constante legitimando a submissão feminina ao masculino, e uma valorização das mulheres que aderem fielmente à doutrina sem contestar, aceitando sempre na figura do homem um símbolo de poder e dominação. O discurso assembleiano estima uma postura de passividade, conformação e obediência das mulheres. Tais aspectos são tidos como fundamentais na construção da imagem de uma verdadeira cristã, ou como os assembleianos dizem, uma “mulher virtuosa”. No entanto nos resta refletir, até que ponto essa suposta submissão está sendo negociada? Existe uma delimitação muito clara sobre a divisão dos campos de atuação. Porém o que fica ainda mais nítido é que as lideranças masculinas necessitam do trabalho feminino, e as mulheres demonstram ter consciência disso, de sua importância para a organização e o bom funcionamento da Igreja.

1.2.1 A mulher assembleiana e as bases de um fundamentalismo religioso.

A busca pela virtuosidade é comumente identificada nas ponderações de nossas entrevistadas. Um dos discursos que mais caracteriza esse tipo ideal de mulher é o da fiel Marta Linhares⁶⁴. Não só por se tratar de uma das fiéis mais tradicionais da Igreja, mas o

⁶⁴ Nome fictício. 61 anos. Entrevista realizada no dia 11/07/2010.

modo como ela vai lendo a passagem de provérbios em que está localizado o trecho sobre a mulher virtuosa, e ao mesmo tempo comentando-o com suas próprias palavras, traz uma riqueza de detalhes inestimável a sua fala,

Provérbios 31, versículo 10 em diante, é muito maravilhoso esse versículo. Mulher virtuosa, quem o achará? Que é uma mulher que tem exemplo pra dá. O seu valor é muito acima de um rubi, o coração do seu marido está nela, guiando e a ela nenhuma fazenda faltará. Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida. A mulher virtuosa agrada o marido, porque tem aquela, uma mulher virtuosa é uma mulher sabia. Que sabe cuidar da sua casa e também serve de exemplo pra sua igreja. Olha, busca lã e linho, trabalha de boa vontade, com suas mãos, é como o navio mercante, de longe traz o seu pão. Ainda de noite se levanta e dá mantimento a sua casa, e a tarefa as suas servas, examina uma herdade e adquire aplaina uma vinha com os frutos da sua mão. Cinge os ombros de forças e fortalece os braços. Esse capítulo é muito maravilhoso, porque uma mulher que é uma ótima dona de casa, ela cuida de seus filhos com carinho, ela cuida de seu marido com carinho, nós não temos lei, mas assim dizer, essa religião que nós segue exige de nós ser uma mulher sabia, pra nossos maridos, pra nossa família, um exemplo de casa né.

Para Marta, esse trecho traduz como deve ser uma verdadeira mulher cristã, enfatizando novamente os cuidados com a casa, com os filhos, com o esposo e claro dedicando-se a Igreja, como uma maneira de ter seu valor ampliado. A fiel ressalta principalmente a necessidade de sabedoria por parte da mulher, ela tem que ser sábia no momento de conduzir os problemas, pois no imaginário do grupo, o homem lidera a família e a representa na sociedade. Porém, o sustentáculo da casa e da família continua sendo a mulher. Frequentemente os entrevistados citam passagens bíblicas com relação à imagem de mulher ideal e virtuosa ditada pelas sagradas escrituras, um fato percebido principalmente na fala das fiéis mais tradicionais e das lideranças masculinas.

É importante percebermos na fala da entrevistada que, ao mesmo tempo em que afirma “não ter lei” que as obrigue a fazer isso, diz que a religião “exige”. Em virtude disso, podemos afirmar que estas mulheres são incitadas a precaver-se quanto a seu comportamento. A Igreja não afixa todas as regras de forma direta nos usos e costumes, mas elas existem implicitamente, já estão impregnadas no subconsciente dos fiéis que a todo o momento são cobrados e vigiados cuidadosamente por sua conduta, através das pregações nos cultos, das escolas dominicais e em nome dos próprios textos bíblicos.

Com relação à postura correta que uma mulher cristã deve assumir, o pastor da Igreja de Milhã, Marcos da Silva⁶⁵ lê a primeira epístola do apóstolo Pedro (3:1-7), onde ele fala da vida exemplar cristã, como um dever dos casados, enfatizando que a mulher deve portar um espírito “manso e quieto”,

Semelhantemente vos mulheres sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também se alguns não obedecem a palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavras; Considerando a vossa vida casta, em temor. O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de joias de ouro, na compostura dos vestidos; mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus. Porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam sujeitas aos seus próprios maridos.

O trecho também evidencia a necessidade de sujeição feminina, destacando ainda a importância na “compostura dos vestidos”, além da negação no uso de joias e de vaidades nos cabelos. Estas atitudes passam a ser relacionadas com a obtenção da santidade por parte da mulher. Na falta de uma lei terrena explícita, o conservadorismo dos membros da Igreja passa por uma justificação bíblica, que interpretada literalmente serve como manual de conduta e comportamento, gerando de maneira explícita um fundamentalismo religioso, onde fora dos padrões da bíblia não há mulher sábia ou digna. Sousa (2010, p. 231), em um artigo que discute exclusivamente o fundamentalismo⁶⁶ existente na Igreja Assembleia de Deus, e expresso principalmente na pregação e nas revistas bíblicas utilizadas nas escolas dominicais, acrescenta que este movimento surgiu no século XIX como forma de se opor fortemente ao liberalismo e ao darwinismo, segundo o autor,

No fundamentalismo, tudo o que importa já foi escrito. Os textos sagrados contém tudo o que os indivíduos precisam saber. Se a ciência contradiz a bíblia, é falsa, porque só a Bíblia é verdadeira, e qualquer ciência que pretenda ser verdadeira deve ratificar tudo o que está descrito na bíblia, se não fizer, é porque está sob jugo do mal.

⁶⁵ Nome fictício. 64 anos. Atualmente não está mais a frente da ADTC de Milhã. Entrevista realizada no dia 10/09/2010. Segundo nossas depoentes é um pastor que trabalha muito com a questão da moral e da necessidade do bom comportamento e do vestir-se decentemente do “crente”.

⁶⁶Citando Azevedo, Sousa (2010) acrescenta que “O fundamentalismo, enquanto movimento religioso, teve origem no interior do protestantismo e nasceu no Tennessee, Estados Unidos, no séculos XIX, e foi teorizado pelo pastor batista Curtis Laws. O nome se deve a um documento lançado por ele intitulado *Fundamentals of Faith* (Fundamentos da fé), uma coletânea de doze textos que reafirmavam os fundamentos básicos da bíblia e da fé cristã, tais como o caráter infalível da bíblia a ausência de erros, a literalidade da criação descrita no gênesis, o nascimento virginal de Jesus Cristo, sua ressurreição e a autenticidade de todos os milagres que teria realizado, descritos no evangelho”.

Uma série de textos bíblicos são selecionados e constantemente pregados, como forma de legitimar a aplicação dos “usos e costumes”, bem como as características consideradas tipicamente assembleianas, que devem ser seguidos por todos aqueles que se consideram “verdadeiros cristãos” e obedecem aos preceitos divinos. Com isso, estes textos passam a interferir ativamente no cotidiano dos fiéis, normatizando, proibindo, cobrando um determinado padrão de comportamento (Cf. SILVA, 2003).

Nesse sentido, recordamos um fato muito comum no momento das entrevistas e presente na própria fala dos sujeitos, que no instante da gravação detêm sempre a Bíblia em mãos e por diversos instantes se remetem a ela, no objetivo de ler algum trecho que confirme o que é dito no depoimento. A utilização do livro sagrado como apoio ao discurso não é algo estranho, pelo contrário, mostra como dentro da cultura assembleiana, a oralidade vem cotidianamente impregnada da cultura escrita da Bíblia. A respeito da utilização de textos dentro de uma gravação, que tem por intuito ser utilizada como fontes orais por parte do historiador, citamos Albuquerque Júnior (2007, p. 230) ao afirmar que:

O oral não deve ser oposto dicotomicamente ao escrito, como duas realidades distintas e distantes, mas como formas plurais que se contaminam permanentemente, pois haverá um traço de oralidade riscando a escritura e as falas sempre carregarão pedaços de textos.

O “crente assembleiano” dificilmente faz uso da palavra sem ter como ferramenta a Bíblia, já que em seu meio religioso ela é considerada o principal fundamento. Um fator de destaque quando os fiéis da Assembleia de Deus, por nós entrevistados, foram indagados sobre a temática “mulher”, ou até mesmo “vestuário”, as referências bíblicas de evidência são aquelas que se referem à mulher ideal, recato e submissão ao esposo, obediência, abusos na vaidade, o controle dessa vaidade, e principalmente, a necessidade de cobrir e censurar o corpo, para eles veículo de pecado. Os textos bíblicos que trazem essas temáticas são tão conhecidos e presentes no cotidiano da Igreja, que os fiéis apresentam a localização, ou até mesmo o texto, memorizado. Esse é também um exemplo da tradição inventada através da intensa repetição, como discutimos anteriormente com Hobsbawm e Ranger (1997).

Aubrée (2000, p.119), em seus estudos sobre as Igrejas pentecostais como a Assembleia de Deus, considera que estas possuem um aspecto específico de sistema religioso que mantêm “uma subordinação explícita da mulher ao homem na vida social justificada pela bíblia, tentam, de modo implícito construir um modelo feminino em termos de um referente cultural mais masculino”. Ou seja, o imaginário feminino é construído a partir de uma

compreensão masculina de mundo. Ainda sobre a representação feminina no meio religioso, Perrot (2007, p. 83), vem salientar que “[...] as grandes religiões monoteístas fizeram da diferença dos sexos e da desigualdade de valor entre eles um de seus fundamentos. A hierarquia do masculino e do feminino lhes parece da ordem de uma natureza criada por Deus”.

1.3 A conversão para a Igreja: de uma mulher do mundo para uma mulher virtuosa.

Uma das principais características dos grupos pentecostais é o proselitismo, que significa justamente a conquista de fiéis para o protestantismo. No contexto de Milhã, esta também é uma forte característica da Igreja Assembleia de Deus, que alcançou um número considerável de fiéis na pequena cidade através das evangelizações e das empreitadas em busca de novos convertidos. Deste modo, apresentamos a seguir uma tabela de conversões da Assembleia de Deus de Milhã, que produzimos com base nos dados fornecidos pelas atas de conversões da Igreja, entre os anos de 2002 a 2011.

Tabela 02: Número de conversões da Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã entre os anos de 2002 à 2011.

CONVERSÕES	MULHERES	HOMENS	RECONCILIAÇÕES FEMININAS	RECONCILIAÇÕES MASCULINAS
2002	36	29	0	0
2003	31	13	0	0
2004	12	09	0	0
2005	45	22	0	0
2006	25	20	01	0
2007	50	27	05	07
2008	31	18	01	03
2009	12	17	02	01
2010	06	03	0	01
2011	01	01	03	0
TOTAL	249	159	12	12

Fonte: Atas de Conversão da Igreja.

De antemão, é importante destacar que as atas de onde fizemos a contagem e criamos a tabela possuem informações falhas, quanto a uma identificação mais detalhada dos novos convertidos. Isso porque ela apresenta poucos dados, se limitando na maioria das vezes ao primeiro nome, ou a um referencial familiar, trazendo sempre a data em que o fiel se converteu. Em poucos casos as atas citam as reconciliações⁶⁷, no entanto, acreditamos que esses casos foram mais comuns do que a quantidade que conseguimos catalogar na tabela, e isso considerando que as atas também não citam os afastamentos⁶⁸. Nesse sentido, segundo a tabela, a Assembleia de Deus de Milhã teria hoje 408 membros, o que não condiz com os dados fornecidos pela secretaria da Igreja já este ano.

Mesmo não tendo precisão quanto à totalidade e especificidade desses fiéis que se converteram e que permanecem atualmente na Igreja, a tabela evidencia, que na maioria dos anos e na quantidade geral, a conversão de mulheres sempre foi maior que a de homens. Principalmente nos anos de 2003, 2005 e 2007, onde o número de conversão de maneira geral foi mais acentuado. Na tabela percebemos ainda uma explícita diminuição no número de conversões a partir de 2009. Nesse sentido acreditamos que tal fato pode ser atribuído ao aumento de Igrejas protestantes na cidade, grande parte também de origem pentecostal.

Converter-se para uma Igreja pentecostal significa simbolicamente “aceitar Jesus”, o novo fiel passa a ser considerado um “renascido em Cristo ou nascido de novo”. No ato da conversão é necessário repetir uma tradicional frase que confirma a adesão ao novo grupo. Isso é destacado pela fiel Karla Lima⁶⁹ ao salientar que, “quando a gente aceita Jesus, a gente tem que dizer, eu aceito Jesus como meu único e suficientemente salvador”. Essa espécie de ritual não é algo exclusivo da Assembleia de Deus. Acreditamos que sua presença é muito forte em Igrejas pentecostais, isso porque os fiéis dessa vertente “acreditam que Deus, por intermédio do Espírito Santo e em nome de Cristo,” (MARIANO, 2012) age nos fiéis, distribuindo dons espirituais e o perdão dos pecados. Significando ainda a negação da crença nos “Santos” cultuados pela Igreja católica, ou a fé em mártires e divindades cultuadas em outras religiões, como o budismo, o espiritismo, dentre outras. De forma objetiva, converter-se é mudar de religião, e tratando-se especificamente de religiões protestantes, é sair de qualquer outra religião para aderir a alguma vertente do protestantismo, isso porque segundo Sousa (2011, p.100-101),

⁶⁷ A reconciliação significa o fato de um convertido, por motivos pessoais ter se afastado da Igreja por um determinado período, e depois retornar ao grupo.

⁶⁸ Desmembramentos de fiéis da Igreja.

⁶⁹ Nome fictício. 34 anos. Entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012.

Um protestante que muda de denominação não precisa converter-se novamente, pois, mesmo se sair de uma Igreja protestante tradicional para uma pentecostal, são instituições que possuem virtualmente os mesmos referenciais simbólicos de sentido a vida. No caso do catolicismo é diferente, embora catolicismo e protestantismo pertençam a mesma vertente- o Cristianismo- o segundo está em oposto ao primeiro na pregação religiosa. Ou seja, doutrinamente são distintos e em alguns temas até antagônicos, em relação ao comportamento cristão.

Nesse sentido, é importante entender a conversão como um processo que traz uma série de mudanças na vida do fiel. Mudanças que não ocorrem apenas na esfera religiosa, mas que interferem diretamente na vida social e nos comportamentos do indivíduo através da adesão a um novo conjunto de doutrinas. Pois como salienta Sousa (2011, p. 100), “a conversão é tanto o ato de adesão à nova fé, como também uma guinada de reordenação da personalidade”. Após a conversão o fiel passa por um período de discipulado, que é a internalização de conceitos e valores religiosos. Depois ele é batizado nas águas, como uma forma de lavar seus “pecados” e viver uma nova vida em “santidade”.

Desta forma, consideramos que a conversão para a Igreja Assembleia de Deus e para as demais Igrejas pentecostais, parte da conquista individual de fiéis. Um fato, que também explica o grande trânsito religioso entre essas instituições, pois como afirma Prandi (2008, p. 171) “O evangelicalismo seria a religião de indivíduos convertidos, um a um (...)”. Assim, a conquista de fiéis, ao mesmo tempo em que é intensa, como percebemos na tabela, não é um processo linear, pois lida com aspectos peculiares de cada indivíduo, para depois mostrar-se de maneira mais concreta na sociedade. Nesse sentido,

A história recente do pentecostalismo no Brasil mostra, inclusive, que sua estratégia de expansão parte do individual, do miúdo, do pequeno, reservadamente, para aos poucos ir se mostrando de forma graúda, se impondo por fim na paisagem, forçando, por assim dizer, seu reconhecimento e ingresso na cultura. (PRANDI, 2008. p.162).

O processo de conversão muitas vezes é lento e conflitoso. Isso porque devemos “pensar a religião não apenas no âmbito do sagrado, mas, sobretudo, como campo de produção de identidades” (SOUSA, 2010, p.11), onde as questões de ordem doutrinária interferem na reordenação identitárias dos fiéis. Sousa (2010, p.87-88), relatando a respeito do processo de conversão para Igreja Assembleia de Deus em Imperatriz (MA) nos traz subsídios para pensar o caso de Milhã, segundo o autor:

[...] o indivíduo não encontra a plena liberdade no ato de adesão (conversão) ao grupo pentecostal. Ele encontra um conjunto de princípios morais rígidos, que visam a integrá-lo a doutrina em detrimento de seus desejos e necessidades subjetivas. O pregador tenta solapar estes últimos, demonizando-os, frequentemente lançando mão de ameaças de vergonhosa exposição pública daquele que não agir de acordo com a doutrina. O fechamento identitário se consolida, ao deixar de incentivar a agregação a outras comunidades fora do grupo de culto. O pentecostal vê a si mesmo como portador da doutrina da salvação e seus maiores esforços são voltados para a pregação, a conversão, o ato de “ganhar almas.”

Deste modo, o convertido encontra uma série de princípios morais que devem ser aderidos como características centrais daquele que se converte inteiramente, que se arrepende de seus pecados e que busca obter a salvação de sua alma. Segundo as revistas Lições Bíblicas, “Quando não há conversão a Deus, não existe salvação. A conversão é a milagrosa transformação que ocorre na alma e na vida da pessoa [...] Somente arrependimento não é conversão: ele precede a conversão (At. 3.19)” (CPAD, 1996, p.35). Portanto só converter-se baseado em arrependimentos não é suficiente, como deixa claro o trecho anterior. É necessário que ocorra uma transformação espiritual do fiel, mas que deve ser refletida também em sua vida material.

Pensando em como ocorre a conversão feminina na Igreja ADTC de Milhã, destacamos a necessidade de compreender como os membros do grupo empreendem a ideia de novo(a) convertido(a), que significa também entender em que momento o grupo considera que um fiel concretizou sua adesão. Assim, de acordo com algumas mulheres da Igreja Assembleia de Deus, o fiel de modo geral é considerado novo (a) convertido (a) quando mesmo depois de ter “aceitado Jesus”, ou até mesmo já estar batizado nas águas⁷⁰, não segue fielmente todos os costumes do grupo. Segundo elas, o membro pode ter ingressado na Igreja a um, dois ou mais anos, mas se não mudou totalmente seu comportamento, se não está de acordo com o que é pregado nos usos e costumes da instituição, ele permanece sendo um neoconvertido.

⁷⁰ Para compreendermos toda a simbologia empreendida no ritual do batismo utilizaremos as reflexões realizadas por Eliade (1996). Segundo o autor, para o homem religioso a natureza não é puramente natural, ela é carregada de valores, exprimindo sempre algo relacionado ao transcendente. No que se refere ao batismo das águas o autor nos chama a compreender melhor os valores religiosos que a água possui, a fim de perceber sua estrutura e sua função simbólica. Segundo ele, “As águas simbolizam a soma universal das virtualidades: são *fons et origo*, o reservatório de todas as possibilidades de existência; precedem toda forma e sustentam toda criação”. Os rituais da água estão presentes na ideia de morte e nascimento simbólico, o contato com a água proporciona regeneração, fertiliza e multiplica o potencial da vida, dissolve (no caso assembleiano podemos pensar que a água dissolve os pecados daquele que se converte) e em seguida cria um novo ser (com relação a Assembleia de Deus, esse novo ser é considerado um renascido em Cristo). O batismo, é pois, uma morte iniciática, faz parte de um rito de passagem. (CF. ELIADE, 1996).

Com isso, percebemos que o novo convertido enfrenta um processo de transição até ser considerado um verdadeiro assembleiano, ou, definindo melhor a situação, ele passa por um de ritual de passagem, onde é incitado a esquecer seu passado, abandonar suas antigas práticas e só assim iniciar-se em um novo universo religioso. Portanto, enfatizamos que todo rito pressupõe uma morte e um renascimento e que todos os grupos, em suas variadas culturas “tem sua vida ritmada” por cerimônias consideradas ritos de passagem. Na passagem há um limite que precisa ser ultrapassado, ela exige transformação, separação (AUGRAS,1984, p.36). Sobre isso, Da Mata (2010) também faz suas considerações, acrescentando que a morte simbólica no rito funciona como um mecanismo de obtenção de status no novo grupo, na “nova vida”. Segundo o autor,

Inúmeros exemplos sugerem que o rito de passagem equivale a uma “morte”, condição necessária para o posterior renascimento do indivíduo. Terminando o ritual, a pessoa recebe um novo nome, goza de um novo status, tem acesso a conhecimentos e privilégios antes impensáveis. Com efeito, não se trata mais do mesmo indivíduo, mas de um outro (DA MATA, 2010, p. 131).

Ainda nesse sentido, Eliade (1992 p.150) afirma que “Os ritos de passagem desempenham um papel importante na vida do homem religioso [...] envolve sempre uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social”. Através do quadro iniciático que equivale ao amadurecimento espiritual, ocorre uma espécie de “morte para a condição profana, seguida do renascimento para o mundo sagrado.”[...] (Ibdem, 1992, p.160).

Van Gennep (1978) folclorista francês, que se debruça na compreensão desses tipos dos rituais, acredita que sem os ritos as coisas seriam puramente vividas e não vivenciadas. O autor acrescenta que os sistemas sociais são compartimentalizados, demarcados pelos rituais, onde estes devem ser vistos de forma dinâmica dentro de um contexto de relações, acreditando deste modo que os ritos separam e dividem. Van Gennep buscou perceber os elementos constitutivos dos ritos de passagem, salientando que todos passam por um mesmo processo caracterizado por três estágios: o preliminar, o liminar e o estágio de agregação. A iniciação no estágio seguinte só ocorre quando o indivíduo elimina sua ligação com o estágio anterior, portanto, essas fases funcionam através de uma constante morte e renascimento para a fase seguinte do rito.

Utilizando as considerações de Van Gennep (1978), buscaremos analisar o passo a passo do processo ritual de conversão na Igreja Assembleia de Deus. O primeiro estágio chamado de preliminar é uma fase de separação caracterizando um momento de extrema

importância para aquele que se converte, pois é um período em que o indivíduo é chamado a uma transformação radical de seus modos de vida. O fiel é chamado a abandonar a vida que levava, morrendo para práticas e comportamentos que a Igreja considera mundanos. Assim o novo convertido (a) se sente pressionado a abandonar aquilo que representa sua vida antes da conversão.

O segundo estágio é um período em que o novo convertido começa a ser enquadrado nas normas comportamentais do grupo, permanecendo por algum tempo naquilo que Van Gennep (1978) chama de estágio “liminar”, ou ritos de margem. Também conhecidos como fase de limo. Para o autor esse é um tempo mais ou menos longo, em que o indivíduo flutua entre dois mundos. É um período “de suspensão, de ambivalência, em que já não se é o que era antes, mais ainda não se é aquilo que o rito nos acena e promete”. (DA MATA, 2010, p.131). Nessa fase o fiel assembleiano busca um engajamento com novo grupo, na tentativa de aprender seus costumes e se sentir parte integrante daquela realidade, é o período de doutrinação nos usos e costumes assembleianos. Tendo por principal fundamento que o corpo é “templo e morada do espírito santo”. No que se refere às mulheres de maneira específica, passam a introjetar gradativamente valores negativos a exibição de seu corpo, sentem-se, portanto, repreendidas e envergonhadas pela maneira como se vestem, iniciando uma transformação de sua aparência. Tal modificação muitas vezes ocorre de maneira lenta e conflituosa, isso fica perceptível em muitos relatos de nossas entrevistadas.

Por conseguinte, a maneira como o novo convertido lida com essas fases, tendo uma rápida aceitação, ou, por outro lado, excitando em seguir as novas práticas do grupo, é o que determina a conclusão de seu ritual de conversão. De tal modo, o fiel chega na terceira fase apresentada por Van Gennep (1978), chamada de pós liminares ou período de agregação. Na Igreja Assembleia de Deus de Milhã, concluir esse estágio depende, portanto da ação individual de cada fiel que deve esquecer seus antigos costumes e renascer para o que a Igreja prega como uma forma correta de se viver, onde a principal característica é se distanciar das coisas do mundo. Para tanto evocamos novamente algumas discussões levantadas por Van Gennep.

Acreditando que todo rito de passagem cumpre este ciclo, o autor evidencia que ao compreender os ritos em toda a sua combinação de fases é possível perceber a totalidade do rito, e saber em que momento ele é mais normatizado, pois essa forte normatização seria o ponto crítico que forneceria a chave dos significados do ritual. Com isso, acreditamos que a fase de agregação é a que mais prende o fiel as normas da Igreja. Após o limo, é onde ele

começa a conhecer as doutrinas do grupo e a legitimação destas na bíblia, é na fase pós-liminar que o fiel deve exercer de maneira concreta tudo que foi apreendendo no decorrer do processo. O convertido, ou, “crente” deixa de frequentar determinados lugares como festas, bares, dentre outros. Exclui de seu convívio pessoas que possam influenciar negativamente em sua conduta, e deixa de ouvir músicas que não possuam um caráter religioso. O fiel passa a considerar a bíblia um manual de condutas e a única portadora da verdade.

No que se refere às mulheres, passam a adotar o uso de trajés condizentes com a doutrina assembleiana (saías, vestidos e blusas que não evidenciem suas formas corporais). Maquiagens, adereços e pequenos hábitos de vaidade passam a ser reduzidos de maneira evidente. A principal busca é alcançar o perfil ideal de mulher assembleiana. É perceptível, portanto, que a importância das vestes está expressa dentro do próprio ritual de passagem da conversão.

Uma das principais características daquele que se converte, é esquecer o mundo e viver intensamente suas relações com o sagrado. Para compreendermos o sentido que a Igreja atribui ao termo “mundo”, destacamos as contribuições de Mariano (1999, p. 189) ao afirmar que:

Tradicionalmente os pentecostais repudiam o que denominam convencionalmente de “mundo” ou “mundanismo”. Isso vem de longe na história do cristianismo; pretende-se a concepções teológicas nas quais o status da criatura, da matéria, da carne, bem como seus desejos, atributos e necessidades, após a queda do paraíso e perante a onipotência e perfeição do criador, é baixíssimo.

Abandonar o mundo é atribuir pouco ou nenhum valor ao que a sociedade oferece ao que é exterior a Igreja. E no caso da Assembleia de Deus, de forma mais específica, Silva (2003, p. 35) destaca que,

Na linguagem cristã escrita, a palavra “mundo” adquiriu conotação pejorativa, o que para os pentecostais e principalmente a Assembleia de Deus, mundanismo é imitar as práticas que a sociedade impõe como valores e que muitas vezes contradiz aos padrões que esta igreja considera como bíblico, e que afeta os padrões ensinados pelos pioneiros desde a fundação desta Igreja.

Converter-se é, pois, abandonar aspectos da sociedade que a Igreja considera, divergentes do que a bíblia e os usos e costumes pregam como a conduta digna de um verdadeiro cristão. Com base nisso, é que a Igreja Assembleia de Deus conduz sua pregação a

respeito da necessidade do assembleiano mostrar diferença. Tal discurso fica perceptível nas revistas “Lições Bíblicas”, onde destacamos uma edição de 1996, que aborda a respeito do “conceito de crente na sociedade”,

Um crente de mau testemunho é uma contradição perante o mundo, pelo fato de confessar que é de Cristo, mas é também uma pedra de tropeço para os mais fracos. Quando o testemunho do crente chega ao ponto em que não há diferença de comportamento, de atitudes, ou procedimento a sós ou em grupo, entre ele e o mundo, tal crente desceu ao nível espiritual mais baixo, e mais difícil. Esse tipo de religião mista, abominável, em que a pessoa teima em pertencer a Deus e ao mundo. Israel chegou a adotar e os levou a destruição (2 Rs 17.33). (CPAD, 1996, p.14).

Percebemos então, que o discurso a respeito da mudança acompanha o novo convertido em todo o processo de doutrinação na Igreja, principalmente nas escolas dominicais, onde as revistas “Lições Bíblicas” são utilizadas. Destacamos este trecho por fazer críticas severas ao fiel que mesmo tendo se convertido continua desejando pertencer a Deus e ao mundo da mesma maneira. Segundo o trecho, o crente que não mostra diferença desce ao nível espiritual mais baixo. Essa diferença abrange vários aspectos da vida de um fiel, no entanto, destacaremos a seguir a pregação sobre a diferença no vestuário, isso porque acreditamos que para a Igreja Assembleia de Deus de Milhã, a maneira de trajar é um dos aspectos mais explícitos da conversão e da opção religiosa do indivíduo. Tal fato fica explícito na fala do pastor Marcos da Silva, que comparando o fiel a um soldado militar, acredita que este deve mostrar a diferença entre os demais,

O evangélico tem que ser diferente. O soldado militar, ele não pode ser um civil. Militar todo mundo conhece por militar [...] O padre qual a diferença o padre? A roupa do padre é diferente. O que é que faz a diferença de um colégio pra outro? É a roupa. Então o cristianismo tem que ser diferente.

A fala do pastor mostra a necessidade do evangélico ser diferente, e também se vestir de maneira distinta para ser reconhecido. Ser um bom crente, afastado das práticas mundanas corrobora a marca do soldado de Cristo, que deve trajar a honra e exibir na sua indumentária evidências do verdadeiro cristianismo. No entanto, como já salientamos anteriormente, essa indumentária distinta, correta, que representa o bom cristão, é predominantemente cobrada para as mulheres da Igreja. Nas entrevistas, tanto com as lideranças masculinas da instituição, como com as próprias mulheres, quando se fala dos

costumes a respeito das vestes, da cobrança a respeito da decência no trajar, e da mudança na aparência daquele que se converte é sempre das mulheres que estamos falando.

Nesse sentido, a maneira de trajar diferenciada das mulheres assembleianas pode ser entendida como mecanismo de representação do grupo. Além da diferença comportamental, que é cobrada de todos os fiéis sejam eles homens ou mulheres, a vestimenta feminina deve ser sinônimo de decência evidenciando as características de uma mulher seguidora da doutrina.

1.3.1 A conversão para a mulher

Considerando que esta pesquisa não tem por objetivo classificar ou mesmo julgar quem segue ou não todos os costumes da Igreja fielmente, a ponto de ter concretizado o processo de conversão como destacamos anteriormente, chamamos nossas entrevistadas de novas convertidas ou neoconvertidas, pois mesmo que muitas tenham se convertido há muito tempo, nossa pesquisa trabalha resgatando memórias, para algumas ainda muito recentes, a respeito do período de suas conversões. Pretendemos perceber como ocorreu a mudança de sua aparência, e como sua identidade foi sendo reconstruída a partir do novo grupo que elas aderiram.

Encarando o processo de conversão como um nascimento, para a nova convertida, vida nova, religião nova e também roupas novas, ou seja, uma aparência totalmente transformada. Ser aceita, respeitada, vista como crente tudo isso está ligado ao cumprimento de uma saia, as mangas cobrindo os ombros e ao não uso de decotes em vestidos ou blusas, trazendo ainda um rosto limpo das impurezas do mundo trazidas nas pinturas. O passado de “pecado e vaidades” deve ser esquecido em nome de um futuro de decoro e obediência, que conferem a mulher uma nova identidade, a de fiel assembleiana.

As neoconvertidas são levadas a investir numa modificação completa de sua aparência e comportamento, condicionando o corpo e escondendo-o do “mundo”. Esta é uma forma necessária e eficaz de alcançar legitimidade no grupo, mais acima de tudo ganhar o respeito e *status* de boa assembleiana, perante os membros da Igreja. “Metamorfosar”⁷¹ a aparência é mais que uma necessidade individual, é algo carregado de coletividade, pois mesmo que pastores e líderes da Igreja, bem como as próprias mulheres afirmem que a

⁷¹ Daniel Roche utiliza o termo “Metamorfose” quando se refere à indumentária como uma possibilidade de transformar a aparência e assumir um novo personagem a cada vez que se troca de roupas.

instituição “não obriga ninguém a nada”⁷²”, as fiéis modificam suas vestes em nome de uma legitimidade Bíblica dos usos e costumes da instituição, e em nome de uma distinta identidade assembleiana. É buscando essa nova identidade que elas transformam sua maneira de vestir. Desta feita, destacamos o conceito de Identidade enquanto “representação social” proposto por Pesavento (2008, p. 89-90), onde concordamos que,

[...] a identidade é uma construção simbólica de sentido, que organiza um sistema compreensivo a partir da ideia de pertencimento. A identidade é uma construção imaginária que produz a coesão social, permitindo a identificação da parte com o todo, do indivíduo frente a uma coletividade, e se estabelece à diferença [...] é relacional, pois ela se constitui a partir da identificação de uma alteridade. Frente ao eu ou, aos nós do pertencimento se coloca a estrangeiridade do outro.

Desta forma, a identidade produz uma coesão social, uma ideia de pertencimento a uma determinada coletividade, se constituindo a partir da busca pela identificação com as características de um determinado grupo, e o distanciamento em relação aos aspectos de outro, ou seja, uma afirmação a partir do que lhe é diferente.

Para compreendermos como as neoconvertidas buscam assumir a identidade da mulher assembleiana, expondo-a de maneira visível através da indumentária é importante considerar o debate realizado por Woodward (1012, p. 10) de que a identidade é relacional, sendo ainda marcada pela diferença e por meio de símbolos. Para o autor, “existe uma associação entre a identidade da pessoa e as coisas que uma pessoa usa”. Ou seja, a vestimenta da mulher assembleiana está diretamente relacionada aos aspectos constitutivos de sua nova identidade.

Nesse sentido, para aquela que se converte a maneira de trajar é um mecanismo simbólico para obtenção da identidade assembleiana, onde através da maneira de trajar iguais as demais fiéis da Igreja, a nova convertida se sentirá igual e aceita. É ainda uma maneira de diferenciá-la na sociedade, obtendo destaque de “nova crente, entre os pecadores do mundo”, tendo nas vestes um sinal de sua diferença.

Como vem sendo perceptível nas discussões deste capítulo, uma das principais características assembleianas, principalmente com relação à indumentária feminina, é a tentativa de traçar um perfil identitário para o fiel assembleiano com base na necessidade da diferença. E assim, a identidade dos membros desse grupo é definida através das qualidades

⁷² Trecho retirado da entrevista com Marcos da Silva (Nome fictício)- 64 anos, Pastor da Assembleia de Deus até fins do ano de 2010. Entrevista realizada no dia 10/09/2010.

do verdadeiro cristão em oposição às falhas das pessoas do “mundo”. Portanto acreditamos que,

as identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas *simbólicos* de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é oposto da diferença: a identidade *depende* da diferença. (WOODWARD. 2012, p.40.)

Nesse sentido, “uma identidade é sempre produzida em relação a uma outra”. (WOODWARD, 2012, p. 47). Para definir as características do verdadeiro cristão, membro da Assembleia de Deus, a Igreja precisa traçar um perfil negativo para aquelas que não se convertem. Segundo a denominação são aqueles que vivem de forma “mundana”. É necessário, portanto, fazer um confronto entre um perfil ideal de “crente” e um perfil abominável aos olhos da Igreja, e dos preceitos divinos. É com base nisso que concordamos com Silva (2012, p. 75) ao salientar que “a identidade se forma a partir de uma intensa cadeia de negações”.

Ainda com base nessa relação entre identidade e diferença, os fiéis assembleianos demarcam uma identidade para o grupo através de suas práticas, ritos, e símbolos, onde a indumentária é um exemplo nítido dessa delimitação. Isso porque as Igrejas protestantes, e a Assembleia de Deus de maneira específica, estabelecem que aquele que se converte e adere aos costumes do grupo, e a uma vida pautada na doutrina bíblica alcançará a salvação. Excluindo explicitamente aqueles que pertencem as demais religiões, ou que optam por uma vida laica. Compreendemos, por conseguinte, que “[...] as afirmações sobre a diferença só fazem sentido se compreendidas em sua relação com as afirmações sobre identidade” (SILVA, 2012, p.75).

Com base nessas considerações acreditamos, pois, que as “identidades são contestadas” (WOODWARD, 2012, p.20), isso porque os membros da Assembleia de Deus alegam possuir a conduta considerada correta por Deus. Buscam legitimar suas principais características identitárias através de um passado bíblico que serve para pautar seus usos e costumes. Portanto, segundo Woodward (2012, p. 28),

Ao afirmar uma determinada identidade, podemos buscar legítima - lá por referência a um suposto e autêntico passado- possivelmente um passado glorioso, mas, de qualquer forma, um passado que parece “real”- que poderia validar a identidade que reivindicamos.

A identidade assembleiana é contestada e legitimada em nome de um passado bíblico. E no que se refere à vestimenta feminina, isso é ainda mais explícito, posto que o uso de peças vestimentares que imprimam submissão, decoro, feminilidade dócil são respaldadas em trechos bíblicos, que segundo a Igreja caracterizam como deve se adornar uma mulher cristã. Nesse sentido, a Igreja busca traçar uma identidade imutável, estanque, que condiciona e cobra as fiéis para que assumam as mesmas características daquelas mulheres narradas pelas “escrituras sagradas”.

Hall (2011, p. 10) se coloca contra qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade, segundo ele a identidade não é algo permanente, inalterável. No entanto, para entender o conceito de identidade em sua complexidade, Hall fala de três concepções distintas de identidade. A primeira, destacando o sujeito do iluminismo, que se coloca diante de uma concepção individualista, centrada e unificada, fechada em si mesma. A segunda é a do sujeito sociológico, onde se destaca uma identidade formada na interação do indivíduo e da sociedade, nesse sentido o sujeito não era autônomo e sim formado a partir da relação com o outro e da influência dos mais variados significados. O autor aborda essas noções porque foi a partir delas que emergiu a noção pós-moderna de identidade, relacionando o indivíduo e sua cultura. No sujeito pós-moderno,

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam [...]. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume diferentes identidades em diferentes momentos, identidade que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. [...] à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar- ao menos temporariamente. (HALL, 2011, p.10)

Para o autor, as identidades são abertas, contraditórias, plurais e fragmentadas. E nesse sentido Hall (2011) defende a necessidade de perceber a identidade não como uma coisa acabada, mas como um processo em andamento, onde devemos refletir a partir da “*identificação*”. A identidade assembleiana é, portanto, buscada por aquele que se converte, e para as mulheres essa busca também passa por uma ressignificação dada a sua maneira de trajar, aprender, pregar e viver conforme a igreja prega é algo que ocorre de maneira lenta, porém, a transformação nas vestes é uma forma imediata de assumir e expor, mesmo que superficialmente essa nova identidade. Nesse sentido para Hall (2011, p. 39) “a identidade

surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de *uma falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros”.

A nova convertida busca distinguir-se das mulheres não crentes, e ficar o mais próximo possível do ideal pregado pela Igreja. Destacamos assim, que a necessidade de mudança na aparência das fiéis é algo que não ocorre de maneira totalmente “espontânea”, ou melhor, por aspectos puramente individuais. A transformação nas práticas vestimentares, expressa a necessidade de ser igual às outras, de ser aceita pelo grupo e poder atuar dentro da Igreja. Como percebemos na fala da fiel Ana Luiza Oliveira⁷³

Quem se converte, é novo convertido, não tem vestes, e no caso como é saia assim, eu não tinha muitas. E as que eu tinha eram muito curtas. Então, eu ia de calça entendeu. Mas [...] eu não me sentia bem, é não porque me disseram algo, ou porque me obrigaram a mudar. [...] O pastor conversou comigo, e disse que queria me ajudar, que eu via que era regra da Igreja, só que[...]no tempo certo Deus ia me tocar disso e no momento certo eu mesma iria escolher mudar as minhas vestes. Não era ele, ou ninguém que ia disser pra mim, mude suas vestes! Não. Era Deus que ia me tocar e falar comigo, e me libertar disso. E foi realmente o que aconteceu. Com o tempo eu fui me desprendendo disso, eu queria sentir aquele desejo de ser igual aos outros. De estar é no grupo de jovens também e tudo. Então com o tempo, aos poucos eu fui mudando as minhas vestes, aos poucos fui me acostumando. Hoje em dia não sinto nem falta.

A fiel afirma que não foi pressionada de forma direta, mas desejava se sentir igual a todas as outras e obter destaque no grupo, participando dos grupos de jovens e adoração, ou seja, mesmo depois de convertida, não podia participar ativamente do cotidiano da Igreja por se vestir de maneira diferente. O desejo de ser aceita e ter os mesmos privilégios que as irmãs de fé fez com que ela mudasse sua aparência.

Portanto, no jogo entre as aparências, a relação entre aquela que se converte e logo muda sua forma de trajar e aquela que tarda a se adaptar a um novo hábito indumentário, revela algumas práticas e relações sociais dentro da Igreja. Estas vão para além de uma “mudança espontânea pelo trabalho de Deus, na vida da nova convertida” como muitas de nossas entrevistadas afirmam. É também uma maneira de ser aceita dentro do grupo. Sobre isso Silva (2012, p. 82) fala das relações de poder existentes na construção de identidades,

⁷³ (Nome Fictício) Entrevista realizada em 08/01/2012.

pois para ele “a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”. Isso porque “traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais”. (Ibidem, 2012, p.81).

Deste modo, a Assembleia de Deus Templo Central reconhece a importância das aparências através das vestimentas, e busca manter uma forte distinção entre suas fiéis e àquelas que não fazem parte da Igreja, como vemos no trecho a seguir retirado da entrevista com o pastor da Igreja, Marcos da Silva⁷⁴:

O pessoal diz que roupa não é documento, mas o frasco é documento. [...] Não, mas Deus quer só o coração, roupa num leva ninguém pra canto nenhum! Leva. Sabe por que é que leva? Por que eu citei pra você, o soldado do exército você conhece, o militar lá do exército, você já sabe a roupa dele. O juiz de direito quando ele tá lá no tribunal você já sabe quem é o juiz, quem é o promotor, é aquele ali, quem é o réu, tá ali o réu com a cabeça baixa. Então nós tamos do lado de quem, nós tamos do lado do juiz, do promotor, do advogado, ou tamos do lado do réu?”

Para eles, os “crentes”, que se vestem decentemente estão no lugar dos “juizes”, já os que se vestem de acordo com as vaidades do mundo são designados ao banco dos “réus”. Os assembleianos acreditam que a roupa do réu é conhecida, e ao se converter, a verdadeira mulher evangélica, deve manifestar a diferença e abandonar antigas práticas de vaidade, o que implica numa mudança radical na aparência e no comportamento. Sobre isso, Roche (2007, p. 21) vem afirmar em seu trabalho sobre a história da indumentária nos séculos XVII-XVIII, que “na visão moral cristã, tanto católica como protestante, a roupa serviu de meio para avaliar a adaptação dos costumes às exigências éticas”.

Acreditamos que a busca pelo consenso, pelo equilíbrio no grupo, e pela autoafirmação de uma nova identidade é o que leva a nova convertida a investir na transformação de suas vestes, deste modo, observemos a fala da fiel Andreia Mattos⁷⁵,

Você é um novo convertido, o pastor ele fala lá na pregação dele, ele mostra as passagens da bíblia, mas ele nunca chega pro novo convertido e diz, você tem que mudar sua roupa se não você não fica na nossa Igreja. Em nenhum momento ele chega e fala isso. Você vai mudando conforme você vai sentindo a necessidade. Entendeu? Porque todo mundo tá ali vestido de saia, todo mundo tá ali vestido com roupa de manguinha, e só você vai tá com uma camiseta e com uma bermuda, ou com uma calça. Você passa a se sentir

⁷⁴ Nome fictício. 26 anos. Entrevista realizada no dia 10/09/2010

⁷⁵ Nome fictício. 41 anos. Entrevista realizada no dia 09/01/2012.

mal. Poxa se eu faço parte da membresia e só eu sou diferente, porque que só eu sou diferente. Entendeu? Por isso que você vai transformando.

Segundo a fiel, o pastor não obriga a nova convertida a mudar suas vestes, mas prega sobre a necessidade de mudança para concretizar a conversão e obter a salvação, tanto que vai mostrando os textos bíblicos, que segundo ele, pregam importância do trajar decente. Ela diz ainda que a nova convertida vai mudando porque vê todas as outras mulheres do mesmo jeito, decentes de acordo com a igreja, e segundo ela, a fiel que estiver diferente vai se sentir constrangida por pertencer ao grupo e ser a única que se veste diferente do que é pregado como doutrina.

Crane (2006, p. 33) destaca que “em geral à medida que as redes sociais do indivíduo se expandem, ou que seus contatos se tornam mais variados, ele é exposto a novas formas de cultura e torna-se propenso a adotá-las”. Com base nisso as lideranças masculinas da instituição também acreditam que quando a mulher passa a conviver na Igreja, com os membros da instituição, e através dos próprios estudos realizados em grupo ou individualmente, a mudança na maneira de ver o mundo vai acontecendo gradativamente, já a mudança na forma de vestir, é mais rápida e evidente, para se tornar visivelmente igual as “irmãs” de fé, é o que vem afirmar ainda o copastor da Igreja, Eduardo Nobre⁷⁶:

Então a mulher quando ela consegue crer, ela consegue crer em Jesus Cristo, ela começa a examinar. Então isso é um processo, um dia ela tira uma coisa, um dia ela vai vendo que aquilo é uma coisa supérflua, que num tem muito valor, e aí ela própria é quem vai, a palavra é quem vai fazendo, fazendo com que ela realmente seja inserida agora nesse contexto bíblico que Pedro e que Paulo afirmou, para andar com modéstia e pudor como assim se adornavam as mulheres de antigamente. Então a própria pessoa é quem vai vendo isso, em todos os sentidos não só na, na, na, no estereótipo, mas também principalmente no ser, vai mudando. Se era uma pessoa que era muito extravagante, voltada a pornografia, a palavrão isso vai gradativamente saindo e Jesus Cristo vai preenchendo tudo isso na vida da pessoa[...] nós temos visto isso nos dias atuais, algumas mulheres que gostavam muito de ser vaidosas, e isso não só na parte da indumentária, na parte física, mas mudou completamente.

Portanto, quando ocorre a conversão, ou um contato mais intenso com a ideologia da Igreja ADTC, a mulher passa a evidenciar isso através de sua maneira de trajar. Isso advém de uma necessidade de expor externamente as mudanças que estão ocorrendo em seu

⁷⁶ Nome fictício. Entrevista realizada no dia 11/02/2010

imaginário⁷⁷ e conseqüentemente em sua vida, através da adoção de novas ideologias e práticas religiosas. É o que também demonstra a fala da fiel Ana Luiza Oliveira⁷⁸, que considera a indumentária uma parte de extrema importância no processo de conversão:

Os evangélicos eles tem, não só pela veste, é uma identidade as vestes, eu acho que é uma identidade, uma característica própria. Porque se você, se a pessoa andar da maneira que andava antes, como é que vão identificar que você é um evangélico? Como é que vão saber? É muito difícil. Lógico que tem as ações também, é um conjunto. As ações, a tua mudança de vida, e as vestes. [...] Mas eu acho que as vestes são a identidade do evangélico. Então como eu queria, como eu estava congregando e tudo, então como lá é tudo lindo, que é tudo Igual, então eu também queria me sentir da mesma forma.

A fala expressa a necessidade de ser igual as demais, ela considera a roupa uma das principais características da identidade evangélica, é uma questão de reconhecimento, de ser vista como evangélica na sociedade, questionando que além dos comportamentos, se não for através dos trajes, ficaria muito difícil às pessoas identificarem sua conversão para a Igreja. Não basta acreditarmos “que somos isto ou aquilo” “É preciso mobilizar um equipamento de identificação, do qual a roupa é fundamental, para apresentar teatralmente para os outros (e para nós mesmos) o que imaginamos ser.” (AGUIEIROS, 1999, p.132).

Sobre isso, Calanca (2008) considera que são as normas ou regras, vindas de diferentes discursos e costumes, que atribuem a cada maneira de trajar sua própria importância. Nesse sentido, podemos afirmar que nossa forma de trajar esta carregada de identidades, assim, ao falarmos da vestimenta da mulher evangélica, estamos tratando não apenas a mulher de forma isolada, e sim de seu grupo, de sua instituição religiosa e que são aspectos que influenciam na maneira como a mulher se apresenta na sociedade através de sua aparência. O copastor Eduardo Nobre⁷⁹ destaca claramente quais são as principais características na aparência de uma mulher assembleiana:

Nossas mulheres, elas são características, a características delas, de uma mulher do ministério Assembleia de Deus é essa, o cabelo é crescido e as vestimentas são diferenciadas, das mulheres da sociedade como um todo, elas procuram realmente se diferenciar desse tipo, para servir a deus com modéstia e com pudor.

⁷⁷ Compreende-se por imaginário “um sistema de ideias e imagens de representações coletivas que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (PESAVENTO, 2008, p. 43).

⁷⁸ Nome Fictício. Entrevista realizada em 08/01/2012.

⁷⁹ Nome fictício. Entrevista realizada no dia 11/02/2010

Os membros da Assembleia de Deus reafirmam a necessidade da mulher assembleiana se mostrar diferente das demais mulheres da sociedade, principalmente, no que se refere à vestimenta feminina, que é tomada como exemplo de decência pelos membros da igreja, seus “cabelos crescidos” e suas “vestimentas diferenciadas” fazem parte da sua identidade enquanto mulher assembleiana.

Desta feita, para as mulheres da Igreja Assembleia de Deus de Milhã dentro do conjunto de normas, existem as peças “apropriadamente” femininas, como saias e vestidos, que possuem ainda, características mais peculiares, principalmente no que se refere ao comprimento e decotes. Portanto, não basta fazer uso de saias, elas devem cobrir o joelho. Já os vestidos, por sua vez, além de longos, não devem evidenciar decotes, trazendo a marca da elegância que no discurso moralizante da Igreja não pode ser dissociada da descendência, assim só é elegante quem é descecente.

É importante observar, que o termo ideal é sempre “elegância”. Não se fala de beleza, nem sensualidade, que sugerem ligação com o mundano e o sensual. Assim, o ideal a ser perseguido é o da elegância, que traz implícito a ocultação do corpo, das formas e da sensualidade feminina, assim, elegância se torna sinônimo de austeridade e também de decência. Tendo ainda a utilização das mangas, longas ou curtas, como uma típica característica do grupo.

Destacando novamente, a importância da vestimenta no que se refere a um diferencial da Igreja Assembleia de Deus, como um símbolo⁸⁰ da mulher decente, o pastor Marcos da Silva⁸¹, chega a comparar a roupa com um frasco de perfume, que tendo seu valor desconhecido pode ser julgado a partir do tamanho ou da estética de seu frasco.

Então, a nossa roupa ela tem muito haver: Por exemplo, você vê um homem vestido todo destrambelhado, você vai olhar pra esse cara, não esse cara é um cara sujo, um cara que usa roupa feia, um cara que num dá. Você vê também uma mulher toda desarrumada, nam essa mulher deixa ela pra lá, o pessoal diz que roupa não é documento, mas o frasco é documento. O frasco é documento, o frasco de perfume é, você chega um frasquinho de perfume, você olha ali, ai você vê escrito ali 5 reais, vixe é ruim. 50 reais, opa melhorzim, 100 reais, 200 reais, 300 reais, 400 reais, perfume francês, ai tem o preço. O frasco identifica o que é que tem dentro. A mesma coisa da pessoa, você identifica quem você é.

⁸⁰ Com relação a isso destacamos Geertz (2003, p. 68) ao afirmar que “Símbolos são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças”. Assim a roupa da mulher evangélica se constitui em um símbolo de seu grupo, representando suas ideologias.

⁸¹ Nome fictício. Entrevista realizada no dia 10/09/2010

Portanto, percebe-se no trecho acima que não se trata apenas de agir diferente, ser uma mulher “crente” da Assembleia de Deus significa se vestir de maneira distinta, pois “o frasco identifica o que é que tem dentro”. É a partir da forma como se veste que se mede a “índole” da pessoa. “O frasco é documento”, que atesta no que se refere à mulher, sua decência, moralidade e valores cristãos. A maneira de trajar é para o pastor, o primeiro depoimento, a contexto do julgamento de um indivíduo na sociedade. Segundo o pastor, no primeiro momento, no primeiro olhar podemos não conhecer o conteúdo, o interior de uma pessoa e suas ideologias, mas inevitavelmente julgamos a partir do “frasco”, ou seja, da aparência traduzida na maneira de trajar.

Desta feita, como afirma Crane (2006, p. 22), “As variações na escolha do vestuário constituem indicadores sutis de como são vivenciados os diferentes tipos de sociedade, assim como as diferentes posições dentro de uma mesma sociedade”. Onde ressaltamos que além da vestimenta possibilitar a distinção entre quem é ou não evangélico da Assembleia de Deus, através das roupas, a própria Igreja julga quem está ou não seguindo devidamente a doutrina e respeitando os costumes. Tendo em vista que a mulher decente, que valoriza seu corpo, cobrindo-o com uma indumentária decorosa, é uma mulher “digna” de ser tratada como uma fiel assembleiana. E digna ainda, de ter seu corpo considerado uma “morada do espírito santo”.

CAPÍTULO 2

O CORPO, A VESTIMENTA E A MORAL RELIGIOSA CRISTÃ.

Quando Paulo escreveu, está escrito assim, “se alguém está em Cristo nova criatura é, as coisas velhas passaram e eis que tudo se fez novo”. Em romanos, capítulo 8, versículo 1º. “Portanto, agora nenhuma condenação há, para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne mas segundo o espírito”. Lá na frente ele diz assim, ninguém destrua o corpo porque o corpo é morada do espírito santo, quem destruir o corpo está destruindo a morada do espírito santo e será destruído por Deus.

Marcos da Silva⁸²
Pastor da Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã

Mencionando o apóstolo Paulo, o pastor Marcos da Silva faz referência a uma das relações mais presentes em toda a história do cristianismo, que é a dicotomia existente entre corpo e espírito. O corpo visto por sua natureza pecaminosa, é tratado como algo que deve ser controlado, a fim de que o espírito santo reine no fiel em inteira harmonia. Nesse ponto vista, para que o corpo seja digno do espírito é necessário que o fiel livre-se dos desejos, e tentações tidos como carnaís. Mas, de fato, o que é o corpo humano? Podemos dizer que é um pedaço de matéria, um organismo que se transforma enquanto tem vida, e que é descartado após a morte? O corpo trabalha como um sistema integrado de órgãos, que funcionando normalmente, alcança o equilíbrio e sustenta toda a engrenagem do homem. O corpo é também uma matéria que vem se transformando ao longo dos anos, se adaptando ao ambiente e as necessidades impostas por cada período. Nosso corpo é moldado. O ser humano tem a capacidade de utilizar seu corpo como uma ferramenta com diversas funcionalidades. É ainda um receptáculo cultural.

As sociedades em diferentes épocas, espaços, e costumes utilizam e atribuem ao corpo diversas cargas valorativas. Esse valor, destinado ao corpo, se modifica de acordo com o tempo e o espaço que ele habita. Pode ser modificado pelo olhar dos grupos sociais e pelas práticas culturais dos variados povos. O corpo ao mesmo tempo em que é um espaço inter-relacionado, é também um espaço de disputas e negociações. O Corpo velho e o corpo jovial, o corpo escultural e o corpo flácido, o magro e o gordo, as diferenças étnico-raciais, tudo isso é expresso na estrutura humana, cujo significado não pode ser compreendido fora do contexto em que o indivíduo se encontra.

⁸² Nome fictício. Entrevista realizada no dia 10/09/2010

Uma das relações mais marcantes no que se refere ao corpo humano são as distinções sexuais, os órgãos genitais. Homens e mulheres são “animais” que se diferenciam e ao mesmo tempo se complementam no processo de reprodução da espécie. Porém, essa diferença está além das questões biológicas, pois é culturalmente construída, religiosamente legitimada, e eficazmente disseminada ao longo de gerações e gerações.

A construção dessas diferenças a respeito do corpo feminino e masculino está refletida nas mais diversas facetas da sociedade. Pessoas, instituições e os mais diferentes grupos, criam abismos, estreitam possibilidades, definem características tidas como inerentes de cada grupo e tentam enquadrar as pessoas. E para isso, homens e mulheres, por possuírem organismos distintos em alguns aspectos, devem se distinguir em toda a organização cultural, social, religiosa, e política da sociedade.

É partindo dessas premissas, que este capítulo se dedica a um estudo do corpo na Igreja Assembleia de Deus templo central de Milhã- CE. Onde objetivamos a partir da relação que homens e mulheres estabelecem dentro do grupo, entender o imaginário sobre o corpo. Principalmente a respeito do corpo feminino. Tendo em vista que no âmbito das religiões judaico-cristãs, as mulheres, e sua aparência definida através da relação que estas possuem com seu corpo, estão presentes em todo um discurso que visa definir e legitimar muitas práticas e doutrinas desses grupos.

As religiões, os principais agentes de enquadramento do corpo humano, se manifestam de formas distintas ao longo dos anos. Desde o período greco-romano, até a atualidade, muitos discursos vão sendo ressignificados, no entanto, o que se percebe é uma constante tentativa de legitimar uma condição de inferioridade feminina. Schmitt-Pantel (2003, p. 130) analisando dois relatos de criação da mulher em diferentes contextos históricos, um na Grécia antiga com a criação de Pandora, e outro na Judaico-cristã com o surgimento de Eva, percebe a semelhança no que se refere a uma imagem negativa da mulher. Em ambas, a mulher carrega um pesado fardo, a culpa pela introdução do mal no mundo,

Ambos são variantes de um mito muito disseminado, que cria a mulher como uma categoria secundária, posterior à criação ou à existência primeira dos homens. Associa a criação da mulher à origem daquilo que se pode denominar “condição humana”, ou seja, à introdução da morte e do mal no mundo. E a ela atribui uma responsabilidade maior pela obrigação do trabalho árduo a que está sujeita a existência humana. Aqui cessam as semelhanças.

Hoje, em pleno século XXI, temos a oportunidade de em meio a uma imensa pluralidade religiosa, perceber como o corpo vem sendo concebido, olhado, e como as diferenças de gênero⁸³, vem sendo abordadas nos mais variados grupos. Pensando nisso, adentraremos no discurso dos membros da Igreja ADTC de Milhã, a respeito do corpo, e principalmente do corpo feminino, que visto como uma matéria carregada de pecado deve estar sempre com vestes que o cubram e o dignifiquem.

Nossas pesquisas evidenciam que, o corpo é um fator central em todos os discursos e dogmas da referida Igreja. Esse é um marco da identidade de toda a Assembleia de Deus no Brasil, bem como das demais Igrejas pentecostais. Negando o corpo, se nega as “coisas do mundo”, “eleva-se o espiritual para viver em Cristo”. No que se refere à Milhã, essa percepção é presente desde a fala das lideranças da Igreja até os discursos das fiéis entrevistadas. Quando conversamos com as senhoras da Igreja percebemos um discurso totalmente moralizado, já que essas, além do pudor de seu próprio corpo, cobram essa atitude por parte das jovens e novas convertidas da Igreja. Para elas o exemplo deve ser dado por todas. A “virtuosidade” é uma busca constante e necessária para qualquer mulher.

Quando dialogamos com o pastor, observamos um discurso pautado em trechos bíblicos que trazem negativismo a ideia de corpo e mundo. O fiel, homem ou mulher, que valorize, sobretudo, as coisas do corpo, as coisas carnavais precisam ser disciplinados⁸⁴. E as jovens, o que dizem? Encontramos um discurso marcado pela necessidade de ser bem vista, e pelo decoro que deve acompanhar uma mulher cristã, cobrir o corpo se faz essencial. Porém, na prática percebemos que para muitas a vaidade com o corpo, com os trajes, se torna uma constante. E o radicalismo é abandonado em nome de um abrandamento da doutrina. Elas buscam o decoro, mas querem se sentir bem com seu corpo. Valorizam o espiritual, porém, querem cuidar da matéria.

Tal fato, também é percebido quando se fala da conversão. Pois, a mudança na relação dessas mulheres com seu corpo é evidente, porém, essa mudança também pode ocorrer de maneira parcial. E podemos pensar, se elas dizem “abandonar o mundo”, em que medida isso é efetivado? Já que muitas modificam sua aparência, mas não deixam antigas vaidades de lado. A centralidade na relação do fiel com as coisas do mundo é evidente, mas isso ocorre principalmente quando se fala em sua relação com o corpo. Para estes, o corpo deve estar sempre em ultimo plano. Contudo, quando tratamos sobre pregação e a doutrinação

⁸³ Optamos pelo uso do termo “gênero” ao invés do “sexual”. As discussões acerca da categoria “gênero” foram realizadas no primeiro capítulo deste trabalho.

⁸⁴ Abordaremos mais profundamente a prática da “disciplina” no decorrer deste capítulo.

feminina, este mesmo corpo assume um espaço central nos discursos, visto de um ponto de vista pessimista.

Para este capítulo, além das fontes orais, utilizaremos de maneira recorrente as Revistas Lições Bíblicas. Esse material, já citado anteriormente, é primordial para entendermos como o corpo é visto pelo grupo, e como a Igreja realiza o trabalho de aprendizagem bíblica no fiel. Dessa forma, acreditamos que a visão que os fiéis expressam sobre o corpo, estão interligadas ao conteúdo dessas revistas. A aprendizagem, ou podemos chamar de doutrinação, é realizada constantemente nas Escolas bíblicas que acontecem na Igreja aos domingos. Um fator de destaque, nessas revistas, é que todos os artigos e temáticas abordados em seu conteúdo apresentam as referências bíblicas dos assuntos tratados. Não basta afirmar que os temas são provenientes da bíblia, é necessário provar e descrever onde se encontram. O corpo, temática marcante no cotidiano dos cultos e principalmente destacado quando se fala na conduta dos fiéis, também ganha relevância das edições dessas revistas. E através delas, ganha espaço nos momentos de estudos bíblicos, onde a efetiva aprendizagem e doutrinação moral e comportamental do fiel ocorrem. Vejamos a seguir um trecho onde a edição define o corpo através de seus significados materiais e imateriais.

O corpo, por si só nada pode fazer. Ele é expressão de algo superior que é a vida, a qual flui da alma humana. O corpo é a sede dos sentidos físicos, pelos quais a alma se manifesta ao mundo exterior. O corpo e a alma, além de bem distintos, são dependentes entre si. O corpo sem a alma fica inerte. A alma precisa do corpo para expressar sua função racional. O corpo, com vida, não se separa da alma. Só a morte causa essa separação provisória, visto que na ressurreição dos mortos os mesmos corpos sepultados e separados da alma e do espírito, ressuscitarão para unirem-se, outra vez, em glória (1 Co 15. 42-44). (CPAD, 4º trimestre, 2003, p.29)

No trecho acima fica perceptível que para o grupo o corpo só assume significados quando relacionado ao espiritual. Corpo e alma são distintos, porém dependentes entre si. A alma traz vida ao corpo, e o corpo é a representação material da alma. Essa visão, que em determinados momentos opõe, em outros complementa. A relação do “crente” com seu corpo não é algo fácil de definir, muito menos de explicar. Tendo em vista que sua relação com o espiritual é o que define seu modo de lidar com o material.

Como estamos falando de um grupo religioso, de origens cristãs, é necessário atentar para os perigos de trabalhar com a dicotomia corpo e alma, presentes no cristianismo desde sua origem. Essa dicotomia presente no fragmento das Lições bíblicas acima citado, é perceptível em todas as edições que apresentam a temática do corpo. É também característico

nos discursos da Igreja. De tal modo, concordando com Porter (2011), acreditamos que muitas vezes essa relação tão abordada quando se fala numa história do corpo, acaba elevando a mente, o espírito, e negligenciando o corpo físico.

Até há pouco tempo, a história do corpo tem sido, em geral, negligenciada, não sendo difícil, perceber o porquê. Por um lado, os componentes clássicos, e por outro, os judaico-cristãos, de nossa herança cultural avançaram ambos para uma visão fundamentalmente dualista do homem, entendida como uma aliança muitas vezes ansiosa da mente e do corpo, da psiquê e do soma; e ambas as tradições, em seus caminhos diferentes e por razões diferentes, elevaram a mente ou a alma e denegriram o corpo. (PORTER, 2011, p. 298)

Porter (2011, p. 307) salienta que as relações mente/corpo não são inatas, mas dependentes da cultura. Segundo ele, trabalhar o corpo partindo de uma visão puramente dualista, como Corpo e Alma, ou mesmo em um ponto de vista biológico ou cultural é reproduzir uma visão simplista sobre o corpo. O autor percebe a necessidade de compreender o corpo físico e suas representações. Ele acredita que aquele que pretende fazer uma história do corpo não deve se deter a apenas um tipo de fonte, ou abordagem, para ele não é “somente uma questão de triturar as estatísticas vitais sobre o físico, nem apenas um conjunto de métodos para a decodificação das “representações”. É antes um chamado para a compreensão da ação recíproca entre os dois”.

Nesse sentido, o corpo enquanto objeto da história não deve ser visto dentro de um único ponto de vista. Ele desperta tanto aspectos físicos, estéticos, como culturais e sociais do espaço, da sociedade em que habita. Portanto,

[...] O “corpo” não pode ser tratado pelo historiador simplesmente como biológico, mas deve ser encarado como mediado por sistemas de sinais culturais. A distribuição da função e da responsabilidade entre corpo e a mente, difere extremamente segundo o século, a classe, as circunstâncias, e a cultura, e as sociedades com frequência possuem uma pluralidade de significados concorrentes. (PORTER, 2011, p.314)

Pensando nessa ‘pluralidade de significados’ que o corpo possui, acreditamos que a relação entre corpo e vestimenta para os assembleianos, faz parte da construção de uma oposição entre corpo e espírito. Isso porque, se a exposição do corpo é uma afronta às crenças cristãs, e se o corpo precisa ser controlado para ser dignificado, o fiel deve utilizar roupas que cubram e “escondam” o corpo, controlando assim sua natureza pérfida. Para

compreendermos melhor essa questão é necessário debatermos o conceito de imaginário⁸⁵, tendo em vista que ele transitara em todas as questões levantadas neste capítulo.

Toda a pregação da Igreja Assembleia de Deus, sobre a necessidade de decência no trajar, definindo a maneira correta de uma assembleiana se vestir, são regulados a partir do “valor simbólico” que o grupo atribui ao corpo. Para tanto, iremos nos pautar nas considerações de Pesavento (2008, p. 43). De acordo com a autora, o imaginário é um “sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”. Portanto, é necessário percebermos como se constrói o imaginário do corpo na Igreja ADTC, tendo em mente que este é um sistema coerente e articulado de construção social e histórica sobre a realidade. Pesavento (2008, p.43) cita o historiador Bronislaw Baczko, para quem o imaginário é,

[...] histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real. Essa construção de sentido é ampla, uma vez que se expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances. O imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores, é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber-fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito.

O imaginário é, portanto, uma construção de sentido do real característica de cada período. Ele constrói identidades, e como tal também marca diferenças. Segundo a autora essa versão “historicizada” do imaginário, trazida pela História e filosofia tanto o entende como “capacidade criadora do homem, como atividade socialmente construída”. Assim, a relação dos assembleianos com o corpo é historicamente edificada no período de criação do cristianismo primitivo. E embora muitos discursos e visões do período sejam utilizados para legitimar as práticas assembleianas de hoje, esse imaginário também vem sendo ressignificado de acordo com as necessidades dos diferentes contextos. O imaginário é uma criação estabelecida a partir da realidade.

Acreditamos que na Igreja Assembleia de Deus de Milhã, exista a construção de um “imaginário negativo” a respeito do corpo. Isso porque, carrega-se o corpo de uma visão

⁸⁵ “O Estudo do imaginário é visto hoje por pesquisadores da nova história cultural como um dos campos mais instigantes de análise para a história. Estuda as imagens visuais, verbais e mentais produzidas pelas sociedades. Mas, o imaginário esteve relegado por parte daqueles que encarregaram de discursos pautados numa verdade única até o final do século XX”.(VIGÁRIO, 2009, p.01)

simbólica negativa, legitimada pelas crenças e práticas religiosas do grupo, e em contrapartida, esse imaginário é capaz de pautar as ações reais dos fiéis sobre este mesmo corpo. Tendo em vista que a escolha dos trajes é fundamentada nessa negatividade com que o corpo é visto pelos membros da Igreja. Portanto, corrobora todo um controle estabelecido no comportamento dos fiéis, pautando ainda a relação desses fiéis com o transcendente. Essa construção simbólica do real sustenta ainda toda uma estrutura hierárquica da Igreja, que concede à figura feminina um lugar secundário a partir de uma visão longamente disseminada pelas religiões judaico-cristãs, que acreditam na fraqueza espiritual da mulher. Nesse sentido é pertinente pensar que

O real é sempre o referente da construção imaginária do mundo, mas não é o seu reflexo ou cópia. O imaginário é composto de *um fio terra*, que remete as coisas, prosaicas ou não, do cotidiano da vida dos homens, mas comporta também utopias, e elaborações mentais que figuram ou pensam sobre coisas que concretamente, não existem. Há um lado do imaginário que se reporta a vida, mas outro que se remete ao sonho, e ambos os lados são construtores do que chamamos de real. (PESAVENTO, 2008, p.47)

A visão de que o corpo é carregado de pecado, e que o corpo feminino é ainda mais apto às tentações, se torna real a partir dos discursos, e da suposta legitimidade bíblica estabelecida pelo grupo. De tal modo, concordamos com Boia, citado por Pesavento (2008), quando este afirma que nenhuma sociedade vive fora do imaginário, para ele é uma falsa impressão separar o mundo real do mundo imaginário. O imaginário exprime, portanto, a capacidade do homem para representar o mundo. É pertinente ainda destacarmos algumas considerações de Laplantine e Trindade (1997, p. 28), onde os autores salientam que,

O imaginário não é a negociação total do real, mas apoia-se no real para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações no aparente real. A negação do real, na qual está contida a concepção de loucura e ilusão, não tem nada a ver com o conceito de imaginário, pois encontram-se no imaginário, mesmo através de transfiguração do real, componentes que possibilitam aos homens à identificação e a percepção do universo real.

O imaginário, transfigurando o real, é uma forma de percepção desse universo. Assim, a forma de trajar das assembleianas e a maneira como essas mulheres se relacionam com seu corpo refletem muito do imaginário do grupo. Pretendemos, pois, discutir o valor simbólico da indumentária, e como a Igreja utiliza a pregação do traje “decente” para controlar o corpo feminino. No caso das novas convertidas, temos ainda o intuito de perceber

como a relação com o corpo foi sendo transformada pela homilia da Igreja através da indumentária.

Como o corpo é visto pelos assembleianos? Em que medida a relação com o corpo influencia em suas práticas cotidianas, nas relações de gênero, nas hierarquias da Igreja, na maneira de trajar? Por se tratar de um grupo de origens cristãs, a ADTC dedica muito de sua homília à dicotomia corpo e alma. Os fiéis são constantemente cobrados a negar o mundo para viver em Cristo. Isso significa abandonar os desejos e vaidades do corpo, as práticas de diversão oferecidas pela sociedade, e viver conforme ensinamentos da Bíblia.

2.1 O corpo como morada do “espírito santo”

O nosso corpo é morada do espírito santo e como tal, deve ser preservado. Assim como nós, ele também gosta de viver em uma casa limpa e adornada e para alcançarmos esse objetivo, precisamos nos manter afastados de tudo aquilo que possa torná-la imprópria para habitar. [...] Nosso corpo deve ser objeto de glorificação para a honra e não para a desonra”.

(CPAD, 2003, p.32-33, 4º TRIMESTRE)

O trecho acima foi retirado de uma revista “Lição Bíblica”. Entendemos que para os fiéis assembleianos o corpo não lhes pertence. Ele deve ser cuidado, preservado para que receba o Espírito Santo⁸⁶. Quando falamos em corpo, com algum membro da Assembleia de Deus de Milhã, seja ele homem ou mulher, o fiel imediatamente afirma em alto e bom tom: “nosso corpo é templo e morada do espírito santo!” É pautado nessa afirmativa que a Igreja legitima os dogmas e proibições a respeito das vestes, das vaidades e mutilações do corpo, da proibição de frequentar espaços mundanos, e até mesmo da manutenção de certas hierarquias, como por exemplo, entre homens e mulheres.

Lembramos, contudo, que essa doutrina, com relação à presença do Espírito santo no corpo do fiel, tem origem nas raízes do cristianismo primitivo, e também serviu de base para que a Igreja católica construísse suas práticas cotidianas e ritualísticas a respeito do corpo. A doutrina do Espírito Santo é também muito presente em outras Igrejas pentecostais e neopentecostais.

⁸⁶ “Receber” o Espírito Santo induz o fiel a prática de falar em línguas estranhas, também chamada “língua dos Anjos”. Esse ato é também definido como glossolalia. Essa temática foi abordada no capítulo anterior desta pesquisa.

Deste modo, para pensarmos a respeito do corpo em uma Igreja de vertente protestante pentecostal, como a Assembleia de Deus, muitas vezes iremos recorrer à visão que o cristianismo, de forma geral, construiu a respeito desse corpo. Para isso, nos pautamos da obra de Brown⁸⁷ (1990), definindo a relação existente entre a concepção de “corpo e sociedade”. A relação com corpo, o dualismo entre corpo e espírito, os tabus sexuais, a renúncia sexual do clero católico, a busca pela preservação da virgindade feminina, são alguns dos principais assuntos que centralizavam os debates iniciais do cristianismo chamado de primitivo. Entender esse momento inicial de formação das crenças religiosas cristãs é essencial para pensarmos a própria crença assembleiana. Isso porque, iremos perceber que muitos dos debates que as Igrejas pentecostais realizam hoje, também já foram muito discutidos no catolicismo desde seus primórdios.

Brown (1990) nos traz uma sociedade⁸⁸ em que a figura do corpo, através de seus prazeres proibidos, se constitui em principal motor para os dogmas cristãos, que vão influenciar comportamentos públicos, mas principalmente, modificar as relações no privado. Isso porque nesse momento, a Igreja (católica) começa a ditar regras conjugais, que adentram no espaço mais íntimo do casal que seria a sexualidade, o coito.

A partir disso começamos a indagar essas relações sociais trazidas pelo cristianismo primitivo. Tendo em vista, que uma das mais importantes conclusões que podemos fazer a respeito da obra de Brown (1990) é que o período de construção desses dogmas, e desse imaginário que nos são postos a partir dos textos do evangelho, trazem marcas da sociedade em que foram produzidos, e das vivências daqueles que mesmo se afirmando religiosos e se pondo distantes das coisas do mundo e próximos dos preceitos de Deus, não estavam isentos de suas cargas culturais.

⁸⁷ O autor analisa a construção do poder e de práticas da Igreja Católica numa fase denominada de *Igreja Primitiva*, ou cristianismo primitivo. Deste modo deixa explícito que o livro aborda os primórdios do cristianismo, e não a antiguidade recente em geral. A narrativa tem início no séc. II d. C, num mundo pagão, em que o cristianismo começa a alcançar visibilidade popular, e introjetar seus preceitos nos diversos eixos da sociedade. Contudo a obra foca principalmente nas transformações da relação que os indivíduos passam a ter com seu corpo, com as práticas sexuais e com a renúncia dessa sexualidade de forma permanente (continência, celibato, virgindade), num período que se inicia das décadas de 40 e 50 d. C. “pouco antes das viagens missionárias de São Paulo” e “vai até pouco depois da morte de Santo Agostinho, em 430 d. C”. Ou seja, de uma sociedade pagã, até a sociedade cristianizada (BROWN, 1990, p.09), isso porque muitos dos principais dogmas e estereótipos da nossa sociedade tiveram origem nesse período.

⁸⁸ O autor nos convida a pensar um pouco dessa sociedade, de um império Romano que em meados do século V d.C. lidava com conflitos entre natalidade e mortalidade. Uma sociedade marcada pela morte e pela baixa expectativa de vida, em que importância do corpo para a procriação se constitui em um benefício para a sociedade. E com isso o autor destaca a importância assumida pelas figuras das mulheres virgens, ou seja, as predispostas aos casamentos, já que em grande parte do “panorama religioso atemporal do mundo clássico” o casamento e o parto eram o destino de maior parte das mulheres

O dualismo corpo e alma⁸⁹, nos moldes que conhecemos hoje, é uma construção dessa fase inicial do cristianismo e tem por principal fundamento as Cartas de Paulo⁹⁰. Os escritos deste “Apóstolo” são um forte exemplo do fundamentalismo religioso. Na Igreja Assembleia de Deus de Milhã, quando se fala em relações conjugais, dualismo corpo e espírito e condutas apropriadas, as passagens bíblicas produzidas por este pensador religioso são constantemente citadas. Evidenciamos principalmente suas considerações a respeito do corpo. Isso porque era um das temáticas que mais o inquietava e transbordava lhe de conflitos. Os desejos do corpo eram ardilosos, e Paulo buscava entendê-los a partir da desonra, da fraqueza, e do pecado. Portanto não podemos deixar de ressaltar a atuação e forte influência desse missionário na construção do pensamento cristão.

O fato de seus escritos e seu nome serem tão citado nas falas de nossos entrevistados é mais um indício de sua influencia e da importância dos estudos dominicais através das revistas lições bíblicas. Isso porque, em todos os capítulos e edições analisadas, e que tratam a respeito do corpo, as cartas de Paulo são o fundamento de todo o discurso teológico dos autores. As passagens desse religioso que são mais utilizadas e incorporadas nas falas de nossos entrevistados e nas pregações da Igreja, estão presentes em suas Cartas aos Romanos, Efésios, Coríntios, Gálatas, Colossenses, Tessalonicenses e Timóteo. Sua produção abrange outras cartas e escritos, porém estas são as que mais sinalizam as discussões sobre corpo, espírito, e matrimônio.

⁸⁹ Para isso nos deteremos a seguir no pensamento pagão a respeito de um dualismo benevolente entre corpo e alma, e poderemos mais a frente perceber como o cristianismo foi transformando esse dualismo benevolente, numa batalha entre as coisas da carne e as coisas do espírito. Para os pagãos a alma era também superior ao corpo. O corpo era marcado pela instabilidade, e a alma seria uma espécie de administradora, que devia controlar as necessidades do corpo, mantê-lo bem ajustado, a fim de preservar a tranquilidade da mente. Contudo, para estes, o corpo era fértil, tinha um papel fundamental na ligação do homem com os deuses. Ao mesmo tempo em que era inferior, era também fundamental para manter o equilíbrio. Desta feita, Brown (1990, p.39) destaca um período de mudanças na percepção do corpo através das pregações cristãs. O dualismo benevolente e a tolerância do mundo pagão fizeram “[...] com que as atitudes do fim da antiguidade clássica para com o corpo se afigurassem profundamente estranhas aos olhos cristãos posteriores e, portanto, aos observadores modernos do mundo antigo”. Para Brown o que estava ocorrendo era uma mudança na percepção do corpo, onde homens e mulheres passam a se relacionar com seus corpos galgados em fortes princípios e dogmas religiosos. Para o cristianismo do século II o corpo era carregado de uma extrema sexualidade que precisava ser controlada. Portanto, cabia aos cristãos realizar e estabelecer as melhores maneiras de vigilância e controle dos desejos sexuais. De acordo com o autor essa “noção cristã de renúncia sexual trazia marcas de suas origens judaicas radicais”. O judaísmo tinha pouco espaço para o dualismo benevolente do mundo pagão, sua visão a respeito da relação entre corpo e alma era oposta. Alma e corpo seriam distintos e, portanto julgados separadamente, pois assim como o corpo, a alma também poderia se rebelar contra o criador. O radicalismo do imaginário Judeu a respeito da relação corpo e alma influenciaram, portanto a construção desse pensamento cristão. E nesse sentido, ressaltamos as considerações de Brown (1990), a respeito dos textos do evangelho. Segundo o autor, Jesus, crucificado em meados de 30 d.C, teve sua vida, morte e ressurreição reunidos em textos que posteriormente se transformaram nos evangelhos. Nesse período a Palestina judaica havia passado por intensas modificações.

⁹⁰ Paulo de Tarso era judeu de língua grega da diáspora, e atuou principalmente a partir de 50 d.C. Se denominava um apóstolo não da parte dos homens, nem através dos homens, mas através de Jesus e por Deus. Afirmava que o evangelho era uma revelação de Jesus.

Pensando nessas cartas, que possuem um forte caráter “normativo”, a bíblia funciona como manual de regra e conduta para os fiéis assembleianos. E a figura de Paulo, através de seus escritos, ganha destaque no cotidiano do grupo. Em suas cartas, os fiéis buscam respostas para os problemas e conflitos que vem assolando as sociedades nos mais variados contextos. A Igreja ADTC as utiliza para legitimar seus usos e costumes⁹¹, tendo em mente que Paulo percebe o corpo como um “vaso de argila” que pode ser moldado pelo mal, ou pela luz, em toda sua natureza perecível aos sofrimentos e riscos do mundo,

nas cartas de Paulo, o corpo humano nos é apresentado como numa fotografia batida contra o sol; trata-se de uma silhueta negra cujas bordas estão inundadas de luz. Perecível, fraco, “semeado na desonra”, “carregando sempre a morte de Jesus” em sua vulnerabilidade aos riscos físicos e a amarga frustração, o corpo de Paulo era realmente um vaso de argila”. No entanto, já refulgia com uma certa dose do mesmo espírito que erguera da sepultura o corpo inerte de Jesus: “para que a vida de Jesus possa manifestar-se em nossa carne mortal” (BROWN, 1990, p.49)

Nesse trecho, Brown (1990) destaca toda a vulnerabilidade e a tendência à fraqueza e desonra com que Paulo concebia o corpo. O corpo, temática recorrente na Igreja ADTC de Milhã, tem em Paulo uma de suas maiores referências. Do mesmo modo, quando se fala no papel da mulher, seus escritos são utilizados para justificar o “tom superior” em que o homem se coloca dentro das relações conjugais. Suas epístolas sobre o pecado das vaidades, principalmente relacionadas ao corpo feminino, são expressas e retratadas em voz alta entre os assembleianos, para que todos comprovem que a Igreja prega através da bíblia. Esse fato é facilmente percebido nas falas de nossos entrevistados. Principalmente na fala dos responsáveis pelo culto oficial da Igreja, como o pastor, por exemplo. Não que as mulheres assembleianas desconheçam a Bíblia, ao contrário, o estudo da palavra é uma constante em todo o grupo, porém em suas falas as pregações de Paulo aparecem mais soltas, em breves citações que elas relatam de maneira tão espontânea, que não percebem a necessidade de localizar essas passagens na bíblia. Esses trechos são, portanto, incorporadas pelas fiéis. No caso do pastor, por ser um “sacerdote”, percebemos sua necessidade em mostrar o conhecimento profundo que possui da bíblia. Ele cita através de suas memórias, porém sabe com destreza onde se localiza cada trecho citado do “livro sagrado”.

Por conseguinte, Paulo aprofundou o corpo e seus desejos carnis, de uma extrema negatividade, e mais ainda o fizeram seus seguidores. De acordo com Brown (1990),

⁹¹ Os Usos e Costumes assembleianos foram discutidos no primeiro capítulo.

em suas epístolas é possível figurar o “rumo do pensamento cristão sobre a pessoa humana”, evidenciando a centralidade na relação entre carne e espírito como uma guerra constante. Essa guerra é evidenciada na fala de nossos entrevistados. Segundo o Pastor Marcos da Silva⁹²,

E a bíblia diz, Paulo diz que os que estão na carne se tornam inimigos de deus, deus passa a ver aquelas pessoas como inimiga. Por que pecar, muita gente não sabe, pecar é errar o alvo. A primeira coisa que se quer acertar é o alvo, o alvo num é Jesus? Quando você peca, você comete uma rebelião, pecar é rebeldia contra Deus. Sabe disso?

“Pecar é errar o alvo”? Mas que alvo seria esse? Citando Paulo, o Pastor Marcos acredita que os que optam pela carne se tornam inimigos de Deus. Escolher a carne, nesse sentido, é não mais controlar os desejos em nome da religião, é simplesmente viver o que “o mundo” e seus prazeres têm a oferecer. Portanto, quando o pastor fala em “errar o alvo” podemos pensar que ele está se referindo a uma “falsa felicidade”. Todos os sacrifícios que o fiel realiza, todos os padrões e normas que ele segue, visam obter a salvação e a felicidade eterna em Cristo. Porém, o preço pode ser muito alto, não é fácil resistir às diversões e prazeres do mundo. Quem opta pelos desejos carnavais obtém um contentamento imediato, mas não a felicidade eterna, pensa que é feliz, mas a felicidade só existe para aquele que segue Jesus, é, pois, errar o Alvo.

O discurso de Paulo é incorporado. Assim, para Paulo e para os fiéis assembleianos, a pessoa humana não é dividida entre espírito e a carne. Ou se vive na carne ou no espírito e estar em um, significa imediatamente excluir o outro. Viver segundo a carne significa se comportar segundo as coisas do mundo, estar rebelado contra as leis de Deus. Isso transforma o ser humano em um inimigo, que vive de forma impura, sujeitada a tirania do mal. Viver segundo o espírito, ao contrário, é ter o corpo dignificado. O corpo em Paulo só assume significância quando é digno no espírito, e esse merecimento deve ser alcançado através da renúncia dos desejos e tentações da carne. Paulo estabelece a premissa de que o corpo deve ser “Templo e Morada do Espírito Santo”.

Portanto, no imaginário assembleiano, o corpo pertencendo ao senhor, deve permanecer longe dos perigos do mundo, precisa ser preservado. Limites devem ser estabelecidos, para que a matéria pecadora alcance santidade com o espírito, e uma das principais maneiras de alcançar esse objetivo seria através do controle sexual. Segundo Brown (1990, p. 54), “Na primavera de 54 d.C, Paulo escreveu de Éfeso em resposta a uma série de

⁹² Nome fictício. Entrevista realizada em 10/09/2010.

cartas de seus defensores em Corinto”. É o que conhecemos por Primeira Epístola de Paulo aos Coríntios. Para o autor ela nos possibilita “vislumbrar uma igreja em que os temas de controle sexual e da renúncia sexual condensavam aflições sobre toda a estrutura das comunidades que Paulo queria fundar”. Essa Epístola é referenciada nas revistas Lições Bíblicas. É ainda uma das passagens bíblicas mais lembradas por nossos entrevistados,

Quem é crente em Jesus, ele olha pro corpo, aí vem pra isso que tá escrito aqui. Que tá escrito na palavra de Deus. Ele medita nessa palavra que eu falei aqui. Ele vai ver que o corpo, que o corpo, num é mais dele, é um templo. Aí vem aqui. 1º Coríntios, capítulo 6 versículo 12 “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas me convêm, Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma”. Aí vem aqui, “os manjares são para o ventre, e o ventre para os manjares, Deus, porém aniquilara tanto uns como os outros, Mas o corpo não é para prostituição se não para o senhor e o senhor para o corpo” (1 Cor, 6: 13). Aí diz aqui “fugi da prostituição, todo pecado que o homem comete é fora do corpo, mas do que prostituir peca contra o próprio corpo. Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do espírito santo que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de voz mesmo porque foste comprado por bom preço, glorificai pois a Deus o vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus” (1 Cor, 6: 18-20). [...] (Cl, 5: 23 – 22), “abstende-vos de toda aparência do mal”, isso encerra qualquer aparência do mal, qualquer que você vá imaginar.

O trecho acima foi retirado da entrevista com o pastor Marcos da Silva⁹³. Convém dizer, que o trecho de 1º Coríntios, capítulo 6, versículo 12. (1Cor, 6:12) “Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas me convêm, Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma” é muito lembrado pelas mulheres assembleianas nos momentos das entrevistas, ou até mesmo em diálogos informais. Isso significa muito mais do que a memorização de um trecho bíblico. Representa a interiorização do controle, das normas as quais os fiéis e principalmente as mulheres são submetidos. A passagem é muito utilizada pelas fiéis, como uma forma evidenciar a necessidade de controle da “carne” e dos desejos. Significa também que aquele que deseja seguir os preceitos religiosos, só consegue obter sucesso se conseguir se enquadrar no que prega a Igreja. Pensamos assim que o fiel controla seu corpo em troca da salvação e do lugar garantido no céu. Isso nos remete às considerações de Bourdier, a respeito das trocas de bens simbólicos, uma discussão iniciada no primeiro capítulo deste trabalho.

Evidenciando a estrutura da economia dos bens simbólicos, Bourdier (1996, p. 193) destaca que

⁹³ Nome fictício. Entrevista realizada em 10/09/2010.

A economia dos bens simbólicos apoia-se no recalque ou na censura do interesse econômico (no sentido restrito do termo), isto é, o preço, deve ser escondida, ativa ou passivamente, ou deixada vaga. A economia dos bens simbólicos é uma economia fluida e indeterminada

O autor fala de uma troca que envolve outros tipos de bens, que tem seu preço real camuflado. No caso assembleiano, o corpo do fiel se torna uma moeda simbólica. Nesse sentido, o preço é uma característica própria das trocas econômicas, porém nas trocas simbólicas ele deve permanecer implícito. Na troca simbólica as coisas devem permanecer sem preço no seu duplo sentido. “o silêncio a respeito da verdade da troca é um silêncio compartilhado.” (BOURDIER, 1996, p.162-163). O fiel censura seu corpo como forma de alcançar um determinado merecimento na religião que pratica, e assim elevar seu valor espiritual. Troca-se o mundo, pelos céus, dar-se o corpo em nome do espírito. Ocorre, pois, uma troca de bens simbólicos, onde o corpo é dado como pagamento, e o objetivo de compra é a elevação espiritual.

Deste modo, a relação do fiel com seu corpo e com as maneiras de controlá-lo está intimamente ligada ao desejo de elevar os valores espirituais. A convivência entre a matéria e espírito é muito debatida pelos historiadores que se debruçam nas religiões, e também no estudo da história do corpo. Isso porque, essa relação cria mentalidades, modos de vida, e práticas que extrapolam o religioso e adentram no cotidiano das pessoas. Um exemplo claro pode ser apresentado através das revistas “lições bíblicas” utilizadas na Igreja ADTC. Em uma edição do terceiro semestre de 2008, a CPAD lançou o título “As doenças do nosso século: as curas que a bíblia oferece”. E mais adiante o tópico denominado: “nosso corpo pertence a Deus”, que faz a seguinte afirmação,

Muitos acham que têm o direito de fazer o que quiserem com seu corpo. Esses tais imaginam que isso é liberdade. Porém, na realidade, não passam de escravos de seus próprios desejos. Nosso corpo não nos pertence, pois fomos comprados por bom preço (1 Co 6. 19,20). (*Grifo Nosso*) Seu corpo é propriedade do senhor, por isso não viole os padrões de vida estabelecidos por ele. (CPAD, 2008, p.60, 3º TRIMESTRE)

Este trecho da revista “lições bíblicas” afirma que “Nosso corpo não nos pertence, pois fomos comprados por bom preço”, evidencia mais uma vez que o corpo é um bem de troca, e controlá-lo em nome da crença religiosa é o preço a ser pago para obter a salvação da alma. Mas pago a quem? Quem comprou o corpo do fiel? A revista se refere ao sacrifício de Jesus Cristo no calvário, que segundo as origens judaico-cristãs, morreu para salvar todos os

homens. Jesus teria dado seu corpo em troca da salvação da humanidade, por isso a revista afirma que fomos comprados por bom preço. O preço pago foi a vida de Jesus. Nesse sentido, para o fiel assembleiano subjugar o corpo é uma forma de entregá-lo em sacrifício, ou seja, é o preço pago pela salvação eterna.

Deste modo, percebemos enfaticamente uma visão de que o corpo é propriedade do senhor, portanto, deve viver de acordo com “os padrões de vida estabelecidos por ele”. O corpo daquele que segue os ensinamentos de Cristo apresentados pela Igreja, deve ser tratado de forma diferenciada. Segundo essa interpretação, Cristo não vai habitar um corpo impuro, carregado dos pecados do mundo. O trecho salienta ainda que aqueles que não libertam seu corpo em Cristo vivem escravizados por seus próprios desejos, ou seja, se não viver no espírito, são escravos da carne. O próprio título da edição é muito sugestivo, dando a entender que valorizar o corpo é uma doença, que precisa ser combatida e tratada através das condutas e modos de vidas oferecidas pelos textos bíblicos. A oposição, portanto, vai aparecendo em todos os discursos que buscam doutrinar o fiel assembleiano, desde as revistas trabalhadas nas escolas dominicais, como no exemplo do trecho anterior, até os discursos dos membros e lideranças da Igreja.

Quando indagado a respeito da maneira de zelar pelo corpo o Pastor da Igreja se mostra enfático ao realizar uma forte oposição entre corpo e espírito. Ele destaca o pecado existente na valorização de práticas mundanas em detrimento das espirituais, sobrepondo mais uma vez o espírito. Como em muitos casos citados no decorrer desta pesquisa o entrevistado toma a bíblia em sua suas mãos, e tomado de uma postura ativa inicia uma leitura bíblica para legitimar seu posicionamento a respeito do corpo. Segundo ele “Quando Paulo escreveu, está escrito assim, se alguém está em Cristo nova criatura é, as coisas velhas passaram e eis que tudo se fez novo”. E destacando um trecho da carta de Paulo aos Romanos (8:1), o pastor Marcos da Silva enfatiza o pecado existente na “destruição do corpo”.

Portanto agora nenhuma condenação há, para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. [...] ninguém destrua o corpo porque o corpo é morada do espírito santo, quem destruir o corpo está destruindo a morada do espírito santo e será destruído por Deus. [...] A destruição que ele usa aqui é uma palavra figurada né, ele quer dizer eu destruir com meu comportamento. Por exemplo, eu mutilo meu corpo, eu visto uma roupa indecente, eu estou destruindo o corpo espiritual. O corpo físico pelo contrário, quando você destrói o espiritual você está construindo o material. O material se eleva, saiu Cristo da nossa vida que é a luz do mundo, quando ele deixa de brilhar na minha vida o que é que acontece? Vai resplandecer a carne. E a bíblia diz, Paulo diz que os que estão na carne se

tornam inimigos de Deus, Deus passa a ver aquelas pessoas como inimigas⁹⁴.
(grifo nosso).

Com a leitura dessa passagem, o pastor deixa claro que para os “crentes” o corpo é um templo do Espírito Santo e como tal, deve ser tomado de cuidados para que se afaste das “coisas que o mundo tem a oferecer”. Ele destaca o uso do termo “destruição” como uma figura de linguagem, pois a destruição não é apenas física, ela é principalmente moral. De acordo com ele o corpo pode ser mutilado através das vestes, do comportamento, do pensamento, e da valorização excessiva do físico. Nesse sentido o ataque ao corpo físico resplandece no espiritual destrói a vida de santidade buscada pelo fiel. Aquele que está em Deus, ressalva seu corpo apenas para o Espírito Santo, já aquele que o mostra ao mundo, que o afeta com os prazeres e os desejos da sociedade, suja o templo, destrói a morada.

O pastor deixa explícita sua posição sobre a imagem que tem do corpo, como algo carregado de pecado, onde o fato de um comportamento que vise valorizá-lo significa um atentado contra o lado espiritual, uma negação de Deus, do transcendente e uma elevação do material. Para ele, carne e espírito são opostos, assim no momento em que um fiel valoriza demais seu corpo, está deixando de lado os valores mais importantes trazidos no cuidado com o espírito.

O trecho destacado é claro ao afirmar que quem vive na carne é inimigo de Deus. Portanto o fiel assembleiano busca assimilar as condutas pregadas na Igreja da melhor forma possível, para não ser considerado um inimigo de Deus e dos irmãos. A visão negativa que os assembleianos têm com relação ao corpo, coloca-o como alvo principal de domesticação. Corpo domesticado, espírito elevado. (OLIVEIRA, 2011). Nesse sentido, como salienta Porter (2011, p. 309) a religião, assim como outras instancias, destinam um lugar secundário ao corpo,

É de importância básica uma compreensão do local subordinado, destinado ao corpo nos sistemas de valor religioso, moral e social da cultura europeia tradicional. Muito antes de Descartes, um dualismo fundamental invadiu a mentalité ocidental, ser humano significa ser uma mente encarnada ou, na formulação de sir Thomas Browne, um “anfíbio”. É um dualismo que muitos pensadores consideram paradoxal e mistificador, devido à radical incompreensibilidade das intersecções entre a mente e a carne.

De acordo com o autor, a ideia de que o corpo deve permanecer sempre subordinado ao espírito, e o ser humano deve “ser visto como uma mente encarnada” são

⁹⁴Nome Fictício. 64 anos. Entrevista realizada em 10/09/2010.

aspectos que perpassam há muito tempo pela mentalidade ocidental. Ainda nesse sentido, Lisbôa (2010, p. 01) em seus estudos sobre as batalhas travadas pelos assembleianos entre corpo e espírito, destaca que o primeiro simboliza o que é do mundo e o segundo o que pertence a Deus, engajando esse fiéis no que a autora chama de uma “batalha espiritual”. Isso porque, o cotidiano de homens e mulheres na Assembleia de Deus é “pontuado pela busca em conseguir sair-se vitorioso nesta “luta”, o que implica contrapor-se ao que está sendo definido por eles como mundano e definido como “obra do inimigo””.

Vencer a carne, abdicar do corpo, negar os desejos, e afastar-se das “coisas mundanas” se torna uma guerra diária para os fiéis assembleianos. Essa não é apenas uma “guerra” entre corpo e espírito, é também uma luta entre o que habita a terra e o que habita os céus. No imaginário pentecostal assembleiano, o mundo em que vivemos é um lugar de preparação, um campo de resistências e provações para que o fiel prove sua lealdade e merecimento e possa assim, obter a salvação de sua alma e a vida eterna em Cristo. Nesse sentido, o corpo está sempre em segundo plano, como um mecanismo utilizado para obter a salvação, porém, o corpo não vai para o céu, por isso para o fiel seu valor é menor.

Cuidar do corpo para que ele seja uma morada sempre pronta a receber o espírito é uma prática, que segundo as “revistas Lições Bíblicas” pode que definida através do termo “mordomia cristã”. No quarto trimestre do ano de 2003 a CPAD, lançou um exemplar das lições bíblicas, que trazia o título de “Mordomia cristã: Servindo a Deus com excelência”. Nesse exemplar é possível compreendermos como a Igreja acredita que seus membros devem zelar pelo corpo. Segundo a edição, a mordomia cristã, chamada de doutrina, “proporciona ao crente uma perspectiva global e administrativa da sua vida como dispêndio de Deus”. (CPAD, 2003, p.03). “Dispêndio” significa gasto, consumo, portanto o fiel deve viver conforme deus acredita, viver como se carregasse o espírito santo constantemente dentro de si, e para isso precisasse testemunhar comportamentos “santos”. A revista define o mordomo como um,

[...] administrador de uma casa, ou dos bens de outrem. As palavras família, casa, pai de família, bens, mordomo, servo e administrador estão todas ligadas ao sentido da palavra mordomia. Do ponto de vista bíblico, aplicável e prático, mordomia é a administração da nossa vida individual em toda a sua extensão física, moral, material e espiritual. Todas as atividades pessoais do cristão devem ser administradas sob a exata aferição da palavra de Deus. Grifo nosso. (CPAD, 2003, p.05-06)

Portanto o “verdadeiro cristão” deve pautar toda sua vida física e espiritual nos ensinamentos bíblicos. Desde os aspectos “físicos, morais, materiais e espirituais” tudo deve

estar galgado nos princípios divinos. O corpo, não lhe pertence, o fiel é apenas um administrador, por isso precisa desempenhar devidamente sua tarefa, para que possa estar apto a receber o espírito santo em sua morada. A revista destaca ainda que o corpo do verdadeiro cristão “é o tabernáculo ou santuário de Deus”, o corpo serve apenas de suporte para a alma, “é o invólucro da alma e do espírito que um dia dará lugar a um corpo espiritual, glorioso e incorruptível”.

Esse trecho faz um paralelo entre o corpo e um Tabernáculo de Israel, pois assim como o espaço de culto “exigia cuidado para sua manutenção e preservação, nosso corpo material requer atenção, zelo, manutenção e pureza”. (CPAD, 2003, p.33). A respeito disso, Porter (2011, p. 310) percebe a existência de uma “subordinação hierárquica do corpo à mente”, e continua afirmando que esta “subordinação sistematicamente degrada o corpo ; seus apetites e desejos são encarados como cegos, obstinados, anárquicos ou (no cristianismo) radicalmente; pode ser encarado como a prisão da alma”.

Através desses trechos percebemos, portanto o discurso dos cuidados que se deve ter com o corpo, tanto nos aspectos físicos, como morais. O corpo subjugado, coberto, com seus desejos sublimados, são provações que devem ser alcançadas. E nesse sentido destacamos Aubrée (2000, p. 120), que nos fala no corpo no imaginário pentecostal:

É contra a imagem de seu próprio corpo que os pentecostais dirigem sua mais forte iconoclastia. E isto é ainda mais acentuado no caso das mulheres, pois seu corpo é o objeto de maior parte das proibições ligadas a esta ética, cuja transgressão para sua exclusão da sociedade. [...] não devem se maquiar, usar roupas justas, decotadas ou sem mangas, nem calças, consideradas como um atributo do vestuário estritamente masculino.

É, portanto, a partir do corpo que os pentecostais, e nesse sentido, os assembleianos, traçam as proibições e regras que visam distingui-los da sociedade. Com isso, podemos pensar: Se dentro das premissas cristãs o corpo, de forma geral, é definido em um ponto de vista negativo, o que dizer do corpo feminino? Beleza, sensualidade, vaidades, na sociedade atual são o que mais caracterizam o corpo da mulher. Mas de um ponto de vista assembleiano, todas essas características simbolizam a tentação e o pecado do corpo. Isso faz com que as religiões sintam a necessidade de cobrir, enclausurar, e negar o corpo feminino. A partir dessa visão de corpo que a Assembleia de Deus possui suas fiéis enfrentam uma série de restrições na aparência. São doutrinadas a respeito de como deve ser seu cabelo, suas unhas, suas roupas e seu comportamento enquanto mulher que vive em sociedade como as demais, mas que deve portar os sinais da “crente” assembleiana.

2.2 O imaginário do corpo feminino

Pela ação sobrenatural do espírito Santo, Maria concebeu Jesus (Lc 1.34, 35). Cumpria-se a profecia de Is 7.14, que previra sua concepção virginal. No ventre de Maria, Deus se fez presente entre os homens (Mt 1.23), redimindo a mulher da tremenda mancha que lhe atingiu, no Éden, quando se tornou culpada, ao lado do homem, pela entrada do pecado no mundo. (grifo nosso) (Rm 5.12)

(CPAD, 2000, p.10, 2º trimestre)

Depois de percorrermos um pouco das visões que foram construídas sobre o corpo ao longo da história, destacamos que muitas ainda se fazem presentes em nosso cotidiano, como, por exemplo, os discursos religiosos. Nesse sentido, partimos de nosso objeto de pesquisa, para realizar a seguinte indagação, como o corpo feminino é percebido dentro da Igreja Assembleia de Deus templo central de Milhã- CE? Para iniciarmos uma série de reflexões nesse sentido, é necessário que percebamos que tal assunto requer a percepção de alguns conflitos, de muitos silêncios, mas principalmente a compreensão de que a relação das mulheres assembleianas com seu corpo é também a tentativa de construção de uma identidade. A relação com o próprio corpo é pautada em discursos, em costumes, em práticas cotidianas, em relações de gênero, em hierarquias, em disputas de poder e obtenção de status. Portanto, está para além de uma absorção passiva da homilia religiosa.

Iniciamos essa reflexão falando da figura da “virgem Maria”, tão venerada no catolicismo, símbolo de pureza, decoro e abstinência, nada mais é para os protestantes (tanto históricos como pentecostais) do que a mãe de Jesus. No catolicismo a imagem de Maria é exaltada como sinônimo de mãe, esposa, e serva de Deus, se sobrepondo a imagem negativa de Eva, uma mulher que pecou pelo desejo. Maria é um exemplo a ser seguido, e Eva é exemplo do que uma mulher não deve ser.

No protestantismo, o ideal de virtuosidade parte dos textos bíblicos que exaltam a mulher submissa e casta, principalmente nas cartas de Paulo. Neste palco, Maria não é venerada, é apenas lembrada como aquela que emprestou seu corpo, e trouxe Jesus ao mundo. E o que dizer de Eva? Esta é julgada por suas atitudes e condenada a uma eterna culpa. Para as religiões Judaico-Cristãs, toda mulher é um pouco Eva, com uma sexualidade aflorada, peca e leva o homem ao pecado, precisa, portanto, ser controlada.

Nesse sentido Brown (1990) atesta para o fato de que os debates a cerca da sexualidade sempre foram presentes na tentativa de uma construção da identidade teológica do cristianismo. O ser humano, que ficou exposto ao sofrimento a partir do pecado e da queda

de Adão e Eva, trazia consigo o peso da “carne”, e das relações pecaminosas do mundo. E a mulher carregava o fardo de ter “incitado”, ou seja, induzido ao pecado.

No período de origem do cristianismo⁹⁵, o discurso médico influenciava no imaginário a respeito da inferioridade feminina, e de como o corpo da mulher seria mais frágil, imperfeito, em suma defeituoso. A superioridade masculina era legitimada através de algo incontestavelmente biológico, natural. A imperfeição era a maior característica médica atribuída às mulheres. (BROWN, 1990)

Enquanto o homem expressava a imagem de uma criatura biologicamente perfeita, a mulher era questionada pela sua falta de calor, pela flacidez, pela falta de formas masculinas, pela impureza da menstruação. Nesse sentido podemos considerar que o corpo expressa códigos sociais. E através de discursos também legitimados pela medicina, “A esposa era um outro inferior no mundo do marido.” (BROWN, 1990, p.20). O homem seria, portanto o guia moral de sua mulher, tendo em mente que a família nuclear já era algo bem estabelecido na sociedade romana ocidental do Séc. II.

O pecado de Eva⁹⁶ perpassa toda a história do cristianismo como um pesado fardo que as mulheres são obrigadas a suportar. Isso porque, segundo as, religiões cristãs, a mulher é mais facilmente arrastada para a influência dos desejos da carne, podendo ainda, incitar seu companheiro ao pecado.

No discurso religioso, o corpo feminino é visto com todo esse peso que relatamos anteriormente. Mas o que dizer das demais esferas da sociedade? Del Priore (1999) nos convida nesse sentido, a perceber a relação entre o discurso religioso e o médico. Isso porque para autora, além da descrição do imaginário do corpo presente na filosofia cristã, o saber médico do sec. XVII iniciou uma forte especulação a respeito da formação desse corpo, estabelecendo, pois, um forte elo com os discursos da Igreja.

⁹⁵ Sec. II d.c.

⁹⁶ O casamento, a sexualidade, a procriação, eram vistas por pensadores como Gregório, Ambrósio e Gerônimo, como um resultado infeliz da queda de Adão e Eva do paraíso. Muito embora Santo Agostinho, que a partir de aproximadamente 400 d.C, até o fim de seus dias, [...] escreveu invariavelmente sobre Adão e Eva, propôs uma exegese dos capítulos iniciais do gênesis. Para ele Adão e Eva eram “seres humanos físicos, dotados dos mesmos corpos e características sexuais que nós”. Deus os havia colocado no paraíso para povoá-lo, portanto, a relação física, o parto e a criação de filhos, assim como uma certa hierarquia na dominação dos homens sobre as mulheres, e do domínio dos pais sobre os filhos, já eram características inerentes a ordem divina originária. Agostinho não atribuiu a Adão e Eva o sentido tão negativo da sexualidade. Ele apresentou a relação sexual como sendo secundária à amizade. Segundo Agostinho, “Eva não havia utilizado a atração sexual para seduzir Adão a comer o fruto fatal: ele o comera *amicali benevolentia*, “por amistosa benevolência”, de modo a partilhar a vida dela em todos os momentos”. (BROWN, 1990, p.330).

Nesta época e em toda a Europa ocidental, a medicina e a Igreja uniam forças na luta para a constituição de um Estado centralizado, baseado na privatização do eu e na apropriação privada dos meios de produção. Nesse Estado, tanto o médico, que cuidava dos corpos, quanto o padre, que cuidava das almas, tinham acesso ao corpo feminino. Apoiados na Escolástica consideravam-no uma abominável roupagem da alma, um perigoso território, um lugar de tentação, votado para a putrefação, destinado aos vermes e excrementos. [...] Havia uma dolorosa distinção entre esses dois polos: um, positivo, centrado na encarnação do único corpo que importava, aquele do Cristo, capaz de fazer pensar o físico como meio e lugar da salvação; e um polo negativo, que definia o corpo como matéria impura, vetor do pecado original, revelando-se, na sua contiguidade com a carne, marcado pela luxúria e pelo pecado. (DEL PRIORE, 1999, p. 03)

A medicina cuidava do corpo, a Igreja alimentava alma. Contudo, nesse período, através da forte ligação entre os conhecimentos, o saber científico se mostrou tão, ou mais agressivo que o religioso. Buscando legitimar biologicamente a inferioridade, e o perigo constante que representava o corpo feminino. Os discursos, médico e religioso, se assemelham no que concerne à formação de uma identidade negativa para as mulheres, à mulher inferior, fraca, fria, incapaz de produzir, ela apenas recebe do homem a semente da criação e cuida para que esta consiga germinar. Seu aparelho reprodutor é defeituoso, é interno⁹⁷, portanto a mulher é um “protótipo do homem que deu errado”. Exemplo disso é a descoberta do clitóris feminino em 1559, por Readodus Colombus. De acordo com sua descrição esta era "a fonte do prazer feminino". No entanto sua “descoberta, digerida com discrição nos meios científicos, não mudava a percepção que existia, há milênios, sobre a menoridade física da mulher. O clitóris não passava de um pênis miniaturizado, capaz, tão somente, de uma curta ejaculação”. (DEL PRIORE, 1999, p.03) É interessante a afirmativa de Del Priore, ao salientar que a medicina desse período incorporou a mentalidade europeia tradicional, ou seja, impregnou seus estudos de uma forte misoginia, desconfiança e negatividade com relação ao corpo feminino,

O útero gerava, mais que desconfiança, medo e apreensão pela possibilidade de vinganças mágicas. Esse temor fazia Alberto Magno afirmar que a mulher menstruada carregava consigo um veneno capaz de matar uma criança no berço, e apesar de ter emitido tal opinião no século XIII, ela ainda repercutia no século XVIII. A ojeriza à mulher, embutida na cultura cristã, ajudava a consolidar essas crenças cujo conteúdo se mantinha, a despeito de algumas mudanças formais. (DEL PRIORE, 1999, p. 06).

⁹⁷ Segundo Rago (2002, p.183) “Por milhares de anos, embora a mulher fosse socialmente percebida como inferior ao homem, acreditava-se que tinha os mesmos órgãos genitais que ele, com a diferença de estarem dentro e não fora”.

Percebemos, portanto que conhecer o posicionamento da medicina nesse período, e relacioná-la ao caráter religioso, nos permite reconhecer como ao longo de tantos séculos de história o corpo feminino foi alvo de intensas violações. A negatividade da imagem de Eva dentro do cristianismo perpassou para o espaço da ciência. Esta última que ao longo dos anos foi afastando-se da religião num intenso processo de secularização, por muito tempo carregou em seu seio essa visão de inferioridade atribuída ao corpo feminino. E nesse sentido, Del Priore (1999, p. 03) falando da Idade Moderna, afirma que “a busca da definição da natureza feminina teria para médicos e físicos, entre os séculos XVII e XVIII, uma função normativa.. Ou seja, estabelecer o lugar da mulher na sociedade. Um lugar domesticado, subalterno, porém tido como merecedor, tanto por conta de suas origens no pecado a partir da expulsão do paraíso, como por sua “decrepitude nauseabunda”. Essa era a visão do corpo feminino na Idade Moderna⁹⁸.

Na Idade Moderna, a sexualidade estava profundamente inscrita nos corpos. Mas o corpo da mulher era visto como um corpo decaído. Seu sexo, sua condição genital, sexual e biológica, definia sua condição no mundo: ser menor e infecto. Biológica e moralmente. Deste ponto de vista, a sexualidade feminina não era apenas uma qualidade inerente à carne, celebrada ou reprimida de acordo com a sociedade na qual estava inscrita. (DEL PRIORE, 1999, p. 08)

Primeiro vista de um ponto de vista da inferioridade, depois analisada a partir da diferença, a mudança na maneira de interpretar o corpo feminino trazia reflexos de realidades sociais. Rago (2002) destaca uma reavaliação do orgasmo feminino e da interpretação do corpo feminino em relação ao masculino no final do século XVIII. Segundo a autora os pesquisadores do período buscavam na biologia as respostas para as “diferenças culturais e políticas entre os sexos”, tendo por intuito fazer uma articulação entre os argumentos feministas e antifeministas do período.

Tendo em vista que o próprio feminismo foi feito tendo por base as diferenças entre homens e mulheres, a autora cita a tese da historiadora Iyonne Knibiehler, e destaca que a emergência da sociedade burguesa no fim do século XVIII trouxe uma “redefinição no lugar social da mulher”, e nesse sentido a ideologia burguesa lhes forneceu novas justificativas científicas. (RAGO, 2002, p.186). Nessa “releitura do corpo feminino” os espaços públicos e

⁹⁸ “Ao mesmo tempo, o útero é definido como o principal órgão feminino, responsável pelo funcionamento de todos os outros: cérebro, estômago, seios, lábios, etc. Portanto, o antigo modelo de interpretação do corpo em que homens e mulheres eram definidos segundo o grau da perfeição metafísica, por seu calor vital, de acordo com um eixo cujo *télos* era masculino, é substituído, no século XVIII pelo modelo da diferença biológica”. (RAGO, 2002, p184)

privados passam a definir as relações entre homens e mulheres. Esta última designada ao privado tem sua “natureza feminina” destinada à família higiênica, e a preparar os futuros cidadãos. A figura da mulher é então entrelaçada à imagem mãe. As diferenças biológicas tão enfatizadas para distinguir a figura de homens e mulheres, funcionaram no decorrer da história para legitimar os papéis que estes desempenham nas diversas esferas sociais.

As visões a respeito de uma “natureza” do corpo feminino estão diretamente atreladas a uma lógica de dominação masculina. Nesse sentido, Bourdier (2010) fala de uma “construção social naturalizada” dos corpos. Enfatizando que o imaginário sobre as diferenças entre corpo, sexualidade, e funções de homens e mulheres na sociedade parece estar “na ordem das coisas”, visto como algo normal e inevitável. A sociedade e suas instâncias políticas, religiosas, familiares, dentre outras, incorporam essa dominação destinando as mulheres a um lugar secundário.⁹⁹ Como afirma Bourdier (2010, p. 18) “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes”.

Com isso percebemos que no decorrer da história, os “corpos” são construídos culturalmente a partir de interesses e disputas. Por isso, Porter (2011, p. 314) nos desperta a responsabilidade do fazer historiográfico, pois segundo ele,

[...] o “corpo” não pode ser tratado pelo historiador simplesmente como biológico, mas deve ser encarado como mediado por sistemas de sinais culturais. A distribuição da função e da responsabilidade entre corpo e a mente, difere extremamente segundo o século, a classe, as circunstâncias, e a cultura, e as sociedades com frequência possuem uma pluralidade de significados concorrentes.

Portanto o que dizer dessa longa e duradoura relação que a religião mantém com o corpo feminino? A afirmativa mais segura é que o modo como a ciência e a religião vêm tratando esse corpo, influenciaram também nos comportamentos, nas relações de gênero, e na própria percepção que as mulheres tem de seu corpo, de sua sexualidade, do que lhes é permitido e proibido. E isso pode ser percebido no cotidiano das mulheres assembleianas.

Buscando perceber toda a construção de significados a respeito do corpo para a mulher assembleiana, é inevitável falar de uma de suas principais formas de resignificação, a indumentária. A indumentária transforma, cria distâncias ao mesmo tempo que aproxima, é símbolo de distinção social, cultural, religiosa e claro distingue através da relação de gênero. Como já abordado na capítulo anterior é um dos principais aspectos da identidade da mulher

⁹⁹ Sobre “A dominação masculina” ver Bourdier (2010).

assembleiana, e por isso está diretamente relacionada à maneira como essas mulheres lidam com seu corpo.

Como adiantamos anteriormente as religiões judaico-cristãs pregam o pecado trazido no corpo e a necessidade de seu controle como uma das principais provações que o fiel deve enfrentar para viver em santidade. No entanto, o que percebemos nos discursos e pregações a respeito dessa temática é que o corpo da mulher é o maior alvo dessa regulação. E considerando esse fato, destacamos Perrot (2005, p. 447), ao enfatizar que o corpo feminino é sempre alvo de maior controle, as religiões o consideram mais propício aos desejos carnis e portanto, necessitam de uma constante vigilância,

O corpo esta no centro de toda relação de poder, mas o corpo das mulheres é o centro, de maneira imediata e específica. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gostos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir (provocante o riso não cai bem às mulheres, prefere-se que elas fiquem com as lágrimas) são o objeto de uma perpetua suspeita .

Na Igreja ADTC de Milhã isso não é diferente, por ter origens sexistas, e uma forte hierarquia em seu quadro institucional a mulher e seu corpo também enfrentam inúmeras sanções, tanto nas práticas como na homília. Muitas vezes, as pregações são tão misóginas que aparentam a ideia que o único corpo que merece ser disciplinado é o feminino. Quando a temática a respeito dos pecados da carne e da tentação que envolve o corpo é iniciada, paira sobre a figura do corpo feminino a relação com o pecado. Isso pode ser observado claramente na fala do pastor Marcos da Silva¹⁰⁰. Em um trecho emblemático ele destaca seu posicionamento a respeito de uma característica que ele considera inerente a mulher, o exibicionismo,

Essa roupa colada, essa que cola no corpo, eu queria que elas me explicassem porque é que elas fazem isso. Por que no meu pensamento, a mulher ela tem muito prazer de se mostrar, isso é verdade, a mulher ela é exibicionista, eu acho que é exibição, ela faz por exibição, que a mulher, eu até digo ande arrumada minha irmã, se ajeite, ande arrumada, ande decente num é porque é crente agora, que agora eu num vou mais lavar meu cabelo, eu sou crente agora, eu, eu, eu, vou chegar ali e comprar um vestido de chita, de chita, pelo contrário, compre o vestido mais bonito que tiver que é filha de Deus.

¹⁰⁰ Nome fictício. Entrevista realizada em 10/09/2010.

Nesse trecho o pastor expõe a opinião de que a mulher tem um instinto exibicionista, que gosta de se mostrar. Resgatando as ideias do cristianismo de origem, de que a mulher é carregada de pecado e marcada pelos desejos carnavais, ele vai sempre deixando claro que a fiel assembleiana deve cuidar de seu corpo, de sua aparência, mas a modéstia deve prevalecer em suas escolhas. Ele é enfático ao dizer que ser “crente” não exime as possibilidades da mulher de se vestir com beleza e elegância comprando o vestido mais bonito de uma loja. Porém, para não ser recriminada diante dos fiéis da Igreja e diante de Deus, ela precisa respeitar os limites, ou seja, não recorrendo aos exageros e exibicionismo de seu corpo. O posicionamento do pastor deixa evidente que para o grupo a mulher precisa ser controlada não apenas por seu corpo, mas principalmente por seus instintos. Ele afirma que a mulher evangélica pode e deve se arrumar. Isso é normal e esta dentro das vontades de cada uma. Mas ao mesmo tempo, enquadra as fiéis dentro de um único leque de possibilidades, que são as roupas decentes, modestas. As roupas que ele acredita serem referenciais para uma mulher que se diz filha de Deus.

Mostrar o corpo utilizando roupas curtas e decotadas não é a única forma de exibí-lo. E o pastor deixa isso muito claro, quando critica o uso de roupas justas, ou seja, coladas ao corpo. Segundo ele é uma “roupa que marca”, marca as formas, e todo o contorto no corpo feminino, torna-o ainda mais passível de cobiça. As formas corporais expostas incitam o pecado dos fiéis, através do olhar, inclusive o do pastor, que se mostra incomodado com as fiéis que exibem o corpo. Para os assembleianos a visão é tida como um dos canais para o pecado. É o que atesta a “Revista Lições Bíblicas” numa edição de 2003. Segundo os comentários da revista,

As pessoas são induzidas a pecar através da “concupiscência dos olhos” (1 Jo 2. 16). Concupiscência é a força do desejo impuro e lascivo despertada através do que se vê. É pela visão de algo proibido, que muitas pessoas pecam contra “o tabernáculo” desonrando-o com o adultério, a fornicação, a imoralidade sexual e o furto (Ex 20.14: Gl 5.19-21)[...] Jesus falou que os “olhos são a candeia do corpo”. Portanto, devemos cuidar dos olhos para que sejam luz e não trevas. (Mt 6.23) (CPAD, 4 ° trimestre, 2003, p.34)

Para os assembleianos a maneira de olhar do fiel deve ser educada, pois ela pode servir tanto para o bem como para o mal, devem olhar para a “luz” e não para as “trevas”. Mas o que seria um olhar para as trevas? O olhar pode ser encarado como um “mecanismo” para aquele que deseja cometer os pecados da carne. O olhar “malicioso”, incitado pela cobiça, pelo belo, é, portanto, uma forma de desonrar o corpo, chamado de tabernáculo.

Diante de tal afirmação, compreende-se que para o grupo a exibição é tida como algo que ultrapassa os limites da moralidade cristã. Fere o princípio da castidade. Como se o corpo fosse algo proibido. E a partir do momento que é mostrado, principalmente o corpo feminino, um crime estivesse sendo cometido, um atentado contra a moral e os costumes de seu grupo.

No trecho anteriormente citado, retirado da entrevista com o pastor, ele atribui à mulher uma necessidade de se exhibir. Como se toda mulher independente de suas características pessoais, do grupo ao qual pertence, precisasse de normas para controlar uma constante necessidade de se mostrar. Tendo em vista que as mulheres que não se omitem e acatam o que é imposto pelo grupo são tidas como perigosas (PERROT, 2007). Nesse sentido, o corpo feminino, uma vez exposto, se torna uma verdadeira armadilha e um perigo, que é preciso evitado. Percebemos, ainda, que o discurso do pastor, está refletido na fala de muitas de nossas entrevistadas. Isso porque as mulheres acreditam que se cobrir e evitar roupas coladas são um dever seu enquanto mulher, para não incitar ao pecado. Esse pensamento é evidenciado na fala da fiel Karla Lima¹⁰¹,

É porque assim, o nosso corpo é templo e morada do espírito santo. Por isso que a bíblia manda que a gente tem que zelar pelo nosso corpo. Então, eu vejo assim, oh, nessa questão das vestes. E a Igreja prega mais a questão das vestes, eu creio também, porque a roupa, ou mesmo o vestido, ou a saia, sendo ela folgada. Não tem como marcar o corpo né. Então não vem a causar assim um, vamos supor, não faz com que o homem veja a gente de uma forma diferente. Ou seja, porque a gente sabe que existe aquela coisa. (Grifo Nosso) O homem, a mulher, a bíblia diz, “desvie teu olhar para que ele não peques”, então a gente sabe que, a gente bota o olhar em uma coisa, se a gente vê que ela, aquela coisa com um olhar diferente, ou seja, com um olhar de desejo, a gente vai estar pecando né. Mesmo dentro da Igreja é isso. Se a gente, vamos supor, eu chego aqui toda, mesmo com um vestido, mas ele todo colado em meu corpo. Marcando as minhas formas né, eu creio que, eu não, mais se um, um irmão, ou alguém, me vê, assim, olha pra mim, vai me vê diferente. E sendo um homem vai, num sei como vai ser a reação dele, né, é isso que eu vejo. É por isso que a igreja prega isso.

Quando a fiel diz; “a gente sabe que existe aquela coisa” acreditamos que ela se refere ao desejo do olhar, aos desejos entre homem e mulher incitados pelo corpo. Sua fala expressa, de maneira implícita, que mesmo presente em discursos e dogmas da Igreja, todo o pudor e controle dos corpos não eximem, na prática, o desejo e a sexualidade dos fiéis. A Igreja define normas e as fiéis tem consciência da necessidade de se controlar e cobrir o corpo com vestes decentes, porém isso não impede que um “olhar diferente” seja lançado ao corpo feminino. Assim, pesa sobre a mulher a responsabilidade de auxiliar o homem para que ele

¹⁰¹ Nome Fictício. Entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012

desvie o olhar e não peque. Isso significa, cobrir-se para que homem não expresse a vontade de olhá-la com intenções maliciosas.

Karla Lima evidencia claramente que compreende seu corpo como um espaço sagrado, sendo um “templo do espírito santo” na qual possui uma imensa carga valorativa. Para ela uma das formas de dignificar essa morada que é o corpo, é através do uso de roupas decentes. A expressão “marcar o corpo” é novamente utilizada, segundo ela, as mulheres devem vestir trajes “folgados” para que não sejam olhadas de maneira diferente. Ao final, enfatiza que a “Igreja prega isso”. Portanto, para o grupo a mulher deve andar decente e evitar roupas coladas ao corpo, para que o homem não caia no pecado. Ou seja, evitar a cobiça, o desejo que é incitado a partir da exposição dos corpos femininos, que para os membros é um veículo de pecado. Em virtude disso, os gostos pessoais femininos devem ser suprimidos em nome da honra masculina. A mulher não deve mostrar seu corpo, porque assim estaria se insinuando para o sexo oposto, cometendo os pecados da vaidade e da carne e ao mesmo levando o homem a pecar por desejá-la. Seria, portanto, uma culpa dupla, pois ela é responsável pela decência em sua aparência, e responsável por não estimular o desejo do outro.

O corpo, a sexualidade feminina quando não controlados, são atrativos do mal. Novaes (2011, p. 498) falando a respeito da regulação do corpo feminino, destaca que mulher e pecado são dois termos que “guardam entre si uma relação histórica, de distância e proximidade, de negação e aceitação”. A autora salienta que o “pecado original” cometido pela mulher é constantemente relacionado ao desejo, a tentação e ao erotismo. Fazendo com que tais características sejam vistas de um ponto de vista negativo, como intrínsecas de toda mulher. Segundo a autora esse posicionamento parte da premissa de que, se Eva inicialmente cedeu às tentações do corpo, posteriormente seduziu Adão e provocou a expulsão do paraíso. Nesse sentido, para a civilização ocidental “é para a sexualidade feminina que o demônio dirigiu seu olhar, marcando o corpo das filhas de Eva com estigma do Mal e da culpa pelo pecado original”. (NOVAES, 2011, p.499).

De acordo com nossas entrevistadas a vigilância deve partir da própria mulher, está concebe seu corpo como algo que precisa ser controlado, regulamentado, para que não induza o próximo a pecar. E para isso, as vestes também assumem um papel importante. A indumentária é um mecanismo de controle desses corpos, pois o tipo de vestimenta que uma fiel utiliza, atribui diferentes sentidos ao corpo. Isso pode ser evidenciado na fala da fiel

Marta Lucia¹⁰², segundo ela, se a mulher não cobrir seu corpo é impossível evitar o pecado, ela acredita que como seres carnis, o desejo no corpo do outro é inevitável.

Que a gente não deve induzir o próximo a pecar. Então é impossível, por que a gente é carnal. É impossível você ir numa praia, você ver alguém de biquíni, você, você não ficar é, pasmado com corpos bonitos. Então você peca, porque você sente desejo. Então se você tá com vestes curtas mostrando as partes do teu corpo, com certeza você induz o próximo a pecar. Induz porque ele vai sentir desejo de você. Então e se você induz, é pecado, porque você tá induzindo o outro a pecar. Então é essa questão de você andar é com vestes mais decentes, é, não que também não induza a pecar, porque o pecado é carnal, é da nossa carne, então é da nossa natureza. Mas você com vestes mais decentes, é eu acho que é mais controlável.

A fala dessa fiel nos faz pensar ainda, porque o homem não pode se controlar sozinho? Porque depende sempre do comedimento da mulher? Será o homem tão animal e instintivo que não consiga domar seus próprios desejos? São questões pertinentes a medida que as fiéis não falam no autocontrole masculino. A afirmação é sempre a mesma, de que a mulher tem um papel de extrema importância contendo-se e contendo o outro. No caso de nossa entrevistada citada acima, ela acredita que se a mulher tem conhecimento de que a carne é fraca ao desejo e aos pecados do mundo, ela deve se resguardar. Evitar que os outros, e nesse sentido, os homens, tenham vontade de olhar para seu corpo. O olhar induz aos pensamentos maliciosos, aos desejos que segundo ela fazem parte de nossa natureza humana. Por tudo isso, ao falar em carnalidade, a fiel evidencia a fraqueza dessa carne, como nos referimos anteriormente, tratada sempre como inferior ao espírito.

A fala expressa que utilizando vestes decentes se torna mais fácil controlar esses instintos, isso porque o corpo não está em evidência. A vestimenta típica da mulher assembleiana, é, portanto, um meio utilizado para tentar purificar esse corpo. No sentido de que, se a mulher esconde suas formas, se ela protege seu corpo dos olhares, ela também estará auxiliando para que os desejos inerentes ao nosso ser sejam postos de lado em nome da fé e dos “verdadeiros preceitos cristãos”. Assim, a indumentária funciona como um escudo, que encobre e protege as mulheres para que não sirvam de suporte aos desejos pecaminosos do corpo.

Esse trecho evidencia, portanto alguns dos principais aspectos no que se refere às relações de gênero na Igreja, onde a mulher deve se cobrir para não induzir o homem a pecar. Antes de possuir anseios e vaidades com relação a sua aparência e a maneira de vestir, as

¹⁰² Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 11/07/2010

mulheres devem cumprir com o papel de servas de Deus, esposas, e mães. Seu corpo não lhe pertence. Além do discurso da Igreja, com base na “legitimidade bíblica” que tenta controlá-lo, ele também deve servir ao esposo. Pois “a mulher que se mostra se desonra” (PERROT, 2007), traz desonra para si mesma, para seu esposo, para a Igreja. Uma mulher que cai em pecado denigre a imagem da família e da Igreja.

Quando falamos da questão de honrar o esposo, também nos situamos nas disputas de poder sobre o corpo das mulheres. Isso porque a mulher deve mostrar suas formas apenas para seu cônjuge, e claro segundo a palavra bíblica, longe das obscenidades e do exagero erótico. Segundo Juliana Martins¹⁰³, uma jovem assembleiana convertida recentemente, o corpo da mulher deve ser visto apenas pelo marido,

Porque as roupas que nós vestimos, muitas vezes cobre a nossa beleza, né, a beleza é, física. A beleza pras pessoas do mundo. E eu me sinto bem, me sinto bonita por que eu sei que eu estou assim servindo a Deus, e eu sei que deus esta se agradando. Porque, eu creio que é do grado de Deus que a gente esteja bem vestida, porque o nosso corpo num é pra todos verem né, nosso, o meu corpo é pro meu esposo, então se eu andasse com um shortinho curto e uma blusinha curta, não só ele ia ver, mais todos os homens e eu iria chamar a atenção deles. E eu iria fazer com que eles me cobiçassem. Então ia, iria trazer vários outros pecados né, além da cobiça.

De acordo com a fiel as roupas que as mulheres evangélicas vestem encobrem a beleza física de seus corpos. Porém, isso deve ser percebido como algo positivo, porque segundo ela, a mulher não deve mostrar sua beleza para o mundo, pois seu corpo deve ser resguardado para seu esposo. Se uma mulher utiliza roupas que deixem seus corpos expostos, ela esta se mostrando para todos os homens, para toda a sociedade. Está, portanto, ferindo sua imagem e desonrando seu esposo. Nesse sentido, percebemos que para a Igreja, esse é um dos principais motivos para pregar a respeito dos pecados do corpo, pois a mulher deve ser auxiliada nesse controle, um controle de seus desejos que ao mesmo tempo é evitar o desejo e o pecado do outro.

Percebemos nessas falas, que o corpo feminino é, portanto, um convite ao vício, e se os membros da Igreja, ou uma mulher de forma mais específica caem no erro, e se fragilizam no vício, é porque a Igreja, na figura do pastor e dos membros, não auxilia no caminho correto para aqueles fiéis. Portanto, tanto os membros da Igreja, como as próprias mulheres devem empreender uma constante vigilância para não cair nos pecados do “mundo”. Essa é uma forma de preservarem a si mesmas e a imagem da Igreja, que deve mantê-las “na

¹⁰³ Nome Fictício. Entrevista realizada em 19 de janeiro de 2012

linha”, ou seja, seguindo os padrões de conduta que a denominação considera dignos para uma mulher, mostrando assim seu forte tradicionalismo. (OLIVEIRA, 2011).

Uma mulher de aparência recatada é vista positivamente pelos assembleianos de Milhã, obtendo o destaque social de boa crente, defendendo também o prestígio da própria Igreja na cidade, já que para a sociedade milhanense a fiel da ADTC é uma mulher que não mostra o corpo e que não manifesta vaidades. Partindo desse pressuposto, destacamos que a forma de trajar feminina é observada, cuidada, cobrada pelos membros da Igreja.

Acreditamos que a atuação dessas mulheres dentro da instituição, bem como sua reputação no grupo e também fora dele, está indissociável da maneira como se vestem. Mesmo a parcela da população que congrega em outras religiões ou Igrejas, não poupam críticas quando percebem que algum membro da Igreja ADTC está se desviando do padrão esperado pelo conservadorismo puritano assembleiano. Tal conservadorismo, vivenciado pelos membros do grupo, é também esperado por aqueles que não pertencem a ele, mas que definem o estereótipo do “crente” assembleiano. Segundo Silva (2003, p. 48):

Quando um membro da Assembleia de Deus está andando na rua ou em qualquer lugar pode-se conhecê-lo pelo traje, pela postura, até pela linguagem, pois são por estes hábitos que se caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais.

Em virtude disso o corpo da mulher evangélica é moldado simbolicamente no cotidiano da Igreja, a percepção que essas mulheres têm de si mesmas é carregada das experiências do grupo, essas ideologias são refletidas na forma como a própria fiel censura a si mesma. Partindo do pressuposto de que o corpo se molda de acordo com a cultura a qual está inserido, consideramos Velosso (2009, p. 32) ao destacar que:

A grande discussão que se mantém em torno do corpo e suas representações é aquela que opõe de um lado, a visão do corpo como dado natural, possuidor de unidade estabelecida e, do outro o olhar no qual a cultura aparece interferindo nos menores gestos e no qual o corpo é infinitamente moldável e controlável.

Controlar e moldar, portanto a natureza perversa e pecadora da mulher é relegar seu corpo ao recato. Deixar a tentação coberta, longe dos olhos do grupo da Assembleia de Deus e de toda a sociedade milhanense. Quando se fala em padrão de comportamento, em conservadorismo religioso na cidade de Milhã, a Igreja ADTC é lembrada como a mais

tradicional da cidade. E a que mais preza pelo comportamento de seus fiéis. Para ser um membro desta Igreja Pentecostal o fiel, seja ele homem ou mulher, deve evitar exposições e escândalos em sociedade. Pois como já debatemos em momentos anteriores neste trabalho, a necessidade de ser “exemplo” é uma das principais metas entre aqueles que congregam nesta Igreja.

2.2.1 Os cabelos como um campo de disputas: o pecado dos cabelos.

Agora veja aqui sobre o que a gente tava falando sobre o véu, sobre o cabelo da mulher. “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo varão e o varão é a cabeça da mulher, e Deus é a cabeça de tudo. Todo homem que hora e profetiza tendo a cabeça coberta desonra a sua própria cabeça. (cabelo grande) Mas toda mulher que ora e profetiza com a cabeça descoberta desonra sua própria cabeça. Porque é como se estivesse raspado. [...] Porque se a mulher não se cobre com o véu, tosquia-se também, e, mas se para a mulher é coisa indecente tosquiar-se ou raspar-se, que ponha o véu.” Que ponha, é problema dela, é uma opção. “O varão, não deve cobrir a cabeça, pois é a imagem e glória de deus, mas a mulher é glória do varão”. É a bíblia que diz. “porque o varão não provém da mulher, mais a mulher do varão. Porque também o varão não foi criado por causa da mulher mas a mulher por causa do varão. Portanto a mulher deve ter sob a cabeça um sinal de poderio, por causa dos anjos, todavia nem o varão é sem a mulher, nem a mulher é sem o varão no senhor. Porque como a mulher provém do varão, assim também o varão provém da mulher, mas tudo vem de Deus. Julgai entre vós mesmos, é decente que a mulher honre a Deus descoberta? Ou não vos ensina a mesma natureza, que é desonra para o varão ter cabelo crescido?” Ele não fala no véu, cadê? Cabelo crescido. “mas ter a mulher cabelo crescido lhe é honroso, porque o cabelo lhe foi dado em lugar de véu”. Véu é o cabelo. “Mas se alguém quiser ser contencioso, nós não temos tais costumes, nem as igrejas de Deus”. Eu tenho várias linguagens aqui, eu tenho a linguagem pastoral da igreja católica, eu tenho a bíblia autografada pelo papa João Paulo II, e eu tenho outras linguagens bíblicas aqui sobre este assunto. Olhe esse caso de não cortar o cabelo, isso, se for uma doutrina do pastor, ele tá praticando heresia.

*Marcos da Silva
Pastor da ADTC*

Os cabelos femininos dentro da Assembleia de Deus de Milhã assumem uma das principais formas de expressão da tentativa de controle do corpo das fiéis por parte dos dogmas religiosos. É também uma dos grandes símbolos da identidade assembleiana. No trecho acima, o pastor da Igreja, lendo e comentando a bíblia, afirma ser honroso para a

mulher ter longos cabelos. Citando passagens da Primeira carta de Paulo aos Coríntios¹⁰⁴ ele fala a respeito da relação de homens e mulheres com seus cabelos. No entanto sua própria fala destaca um abrandamento no posicionamento assembleiano com relação aos cabelos femininos. Isso porque antes, na Assembleia de Deus, o corte de cabelos das mulheres era totalmente interdito. E hoje, segundo o pastor entrevistado, o sacerdote que proíbe o corte de cabelos esta disseminando heresias. Porém entenderemos melhor essas mudanças de posicionamento analisando alguns termos dos usos e costumes do grupo.

Dentro dos usos e costumes do grupo em todo o Brasil a temática relacionada ao controle dos cabelos é sempre posta em destaque através de algumas sanções. Na resolução do ELAD de 1975¹⁰⁵, citada anteriormente, a primeira proibição é direcionada ao uso de cabelos crescidos por parte dos homens. Já para as mulheres, cortar os cabelos era algo proibido. E qualquer tipo de pintura no corpo também era condenado. No ano de 1999, com a resolução de Santo André¹⁰⁶ essas sanções dos usos e costumes sofrem algumas modificações, porém os cabelos também permanecem em pauta.

Para os homens, continua sendo proibido o uso de cabelos crescidos, e também o uso de cortes extravagantes. Para as mulheres, surge uma possibilidade, o uso de pinturas passa a ser mencionado como algo parcialmente permitido. Devendo-se, contudo, evitar exageros, e destaca-se a proibição no uso de pinturas nas unhas e cabelos. Uma das interdições diretamente relacionada aos cabelos femininos é enfática, elas não devem utilizar os cabelos curtos. Portanto, passa a ser permitido que a mulher corte seus cabelos, desde que o corte não interfira muito no tamanho, ou no decoro que estes devem expressar.

Portanto, além da existência de regras para com as vestes femininas, os cabelos também são alvos de controle, tendo em mente que é um dos aspectos mais visíveis do corpo. Homens e mulheres devem seguir as recomendações dos usos e costumes para a maneira correta de utilizar seus cabelos, como uma das principais marcas identitárias do grupo. Tais proibições também são baseadas em cartas do apóstolo Paulo, principalmente em sua primeira carta aos Coríntios, (11: 3-7). Os homens devem evitar que os cabelos ganhem expressão em seu corpo. Já as mulheres devem cobrir-se em seus próprios cabelos como sinal de decência, simbolizando o véu que as protege do pecado.

Deste modo, Perrot (2007, p. 53) enfatiza que “A diferença dos sexos é marcada pela pilosidade e seus usos: os cabelos para as mulheres, a barba para os homens. Os

¹⁰⁴ Do versículo 3 à 16.

¹⁰⁵ Ver Resolução ELAD, no 1º capítulo.

¹⁰⁶ Ver Resolução de Santo André, no 1º capítulo.

cabelos são considerados, com frequência, signo de efeminação”. Os cabelos se constituem no sinal mais visível da feminilidade, por isso são tão evitados pelos homens. Eles se despem dos cabelos em prol da busca pela total “masculinidade”. Um trecho da entrevista com o pastor Marcos da Silva¹⁰⁷ evidencia tal fato, salientando que o fiel assembleiano deve usar um corte de cabelo de “macho”,

[...] Qual é o problema? Se você me perguntar agora qual o problema, a minha dedução desse problema, não é um problema de Jesus, porque eu já citei aqui, que Paulo diz aqui, “quem esta em Cristo é uma nova criatura. As coisas velhas passaram eis que tudo se fez novo”(2 coríntios 5). Então tudo que é novo, aquilo que mudou totalmente, que vai mudar o visual. [...] deixa eu falar de visual aqui, vou usar aqui o pastor que é cunhado dela.(se referindo ao cunhado de sua esposa) Quando esse cara aceitou Jesus, ele usava barba grande e cabelo grande e ele era a segunda pessoa do padre da cidade. Aceitou Jesus. Era um cara super católico, inimigo de crente, aceitou minha cunhada né. E com 8 dias o cara num chega com o cabelo cortado e a barba cortada! Chega vinha azulzinho. O cabelo cortado, corte de cabelo de homem mesmo, de macho. Então aí começou e hoje esse homem é pastor da Igreja. É um homem de Deus.

Além dos sinais de virilidade expressos na maneira como o homem utiliza os cabelos. A mudança também é cobrada a partir da aparência masculina. No fragmento acima, o entrevistado cita o exemplo de conversão de um fiel. E coloca a maneira como o novo convertido utiliza o cabelo como um dos principais aspectos da mudança, da conversão. Segundo ele, antes o cunhado de sua esposa, andava coberto de pelos, mesmo sendo católico e estando ativamente na Igreja. Ao se converter logo cortou os cabelos e retirou a barba, essa foi, portanto, uma forma externa de simbolizar sua conversão. E de reafirmar sua religiosidade.

Questão religiosa, moral, cultural, os cabelos assumem um importante papel para os assembleianos. Sendo ainda, extremamente significativos na construção de diferenças entre homens e mulheres. Com isso, destacamos que além das vestes femininas, como salientamos anteriormente, caracterizada pelas saias, vestidos e blusas com mangas, os cabelos devem distinguir as assembleianas das demais mulheres, sendo considerado o véu que recobre o corpo da mulher cristã.

De acordo com os membros da ADTC de Milhã, os cabelos crescidos das mulheres são seu verdadeiro véu. Destarte, não há a necessidade no uso de um lenço para lhes cobrir a cabeça, seus longos cabelos já exercem essa função. Em algumas Igrejas, como

¹⁰⁷ Nome fictício. Entrevista realizada em 10/09/2010.

a Congregação Cristã no Brasil as mulheres ainda hoje fazem uso do véu¹⁰⁸ sobre seus cabelos. Esta espécie de “lenço” é uma peça da indumentária feminina que traz em si a manifestação do recato, do pudor e também da submissão.

O presbítero da Assembleia de Deus de Milhã nos fala de como o grupo interpreta essa questão dos significados do véu, destacando ainda, suas diferenças, com relação ao posicionamento da Igreja Congregação Cristã do Brasil¹⁰⁹. Eduardo Nobre¹¹⁰ destaca que,

[...] a congregação crista do Brasil, que é popularmente conhecida como Igreja do véu, já porque as mulheres quando chegam aos templos elas se dobram diante de Deus e usam o véu, eu não faço nenhuma discriminação a eles, porque o que acontece na verdade com a congregação éééé eu vejo assim uma má interpretação de alguns textos bíblicos, porque ele usar o véu como uma doutrina, nos estamos num mundo ocidental, ne, então as mulheres orientais, nos seus costumes elas realmente usavam o véu e a uma passagem quando o apóstolo são Paulo ele escreve a primeira epístola uma primeira carta aos coríntios ele fala, no capítulo 11 se não me engano, no capítulo 7 ele fala a respeito do véu, e ele diz lá, para a mulher ter cabelo crescido é honroso, num é, que o cabelo foi dado a mulher no lugar do véu, ne, agora o homem ter o cabelo crescido era desonroso, era isso que ele dizia lá, mas esse ensinamento de Paulo, ele era específico para a igreja de coríntios, ele não virou não doutrina, não, mas infelizmente os irmãos da congregação cristã do Brasil, eles não compreenderam, seus fundadores não compreenderam muito bem esse texto, e eles aplicam isso como uma doutrina, as mulheres são obrigadas na igreja a cobrir-se com o véu, mas aí surge um questionamento, e fora da igreja porque não usam o véu também?

O fiel entrevistado acredita que essa “doutrina” da Congregação Cristã parte de uma “má interpretação bíblica”. Ele destaca mais uma vez passagens bíblicas do apóstolo Paulo, salientando que para as mulheres é honroso ter o cabelo crescido. O entrevistado enfatiza que o cabelo foi dado à mulher no lugar do véu. Portanto o uso de outra peça sobre os cabelos é algo desnecessário. Segundo ele, o uso do véu fazia parte do mundo oriental, de seus costumes, sendo, pois, algo fora de contexto, que não cabe no mundo ocidental.

¹⁰⁸ Indignas de andarem com suas cabeças a mostra o véu se torna adorno da disciplina a qual as mulheres estão submetidas. Neste sentido Perrot (2007, p. 56) considera que “o véu reveste-se de significações múltiplas, religiosas e civis, para com Deus, e para com o homem, seu representante. Ele é o sinal de dependência, de pudor de honra”. Citando Rosine Lambin, Perrot (2003, p. 21) considera o uso do véu como uma forma de controle do corpo feminino, segundo ela, “[...]o véu, muito difundido no Mediterrâneo antigo, é adotado pelo cristianismo como marca do pudor feminino e tornado obrigatório para as religiosas, consagradas à virgindade. Se hoje o Islã é seu principal defensor, o véu tem uma história mais longa e um significado muito mais vasto: é o instrumento e o símbolo da invisibilidade e do silêncio imposto as mulheres em virtude do perigo que se crê que elas representam. O véu exprime, pois, o medo que os homens têm das mulheres e sua vontade de se apropriar de seus corpos”.

¹⁰⁹ A Igreja Congregação Cristã do Brasil, também pertence ao ramo pentecostal clássico. Surgiu no País, um pouco antes da AD, em 1910. Em Milhã não temos registros a respeito do ano de sua fundação, contudo acreditamos que também foi uma das primeiras a se instalar no município. Como o próprio entrevistado destaca, ela é comumente conhecida por Igreja do véu, isso porque ao entrar no templo as mulheres cobrem suas cabeças.

¹¹⁰ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 11/02/2010.

Para o entrevistado quando Paulo falou do véu ele não transformou isso em doutrina, assim Eduardo acredita que os fundadores da congregação não compreendem muito bem esse assunto¹¹¹. O assembleiano acredita em uma contradição a respeito dessa doutrina, para ele, se as mulheres são obrigadas na igreja a cobrir-se com o véu, [...] e fora da Igreja porque não usam o véu também?

Portanto o sentido no uso do véu tem significados múltiplos dentro das diversas religiões que o adotaram como uma peça indumentária destinada às mulheres. Ou mesmo, como termo utilizado para denominar os longos cabelos de suas fiéis. Contudo, o que percebemos é que, de forma geral, a ideia do véu é utilizada para propagar o controle e a necessidade de esconder e moldar o corpo feminino. O véu é, portanto, uma maneira de expressar pudor e silenciar as mulheres. Tornando-as mais submissas pelo fato de andarem com suas cabeças cobertas, como um sinal de obediência.

Contudo ao mesmo tempo em que a utilização de “cabelos crescidos” e sem uso de tinturas, é tida como uma característica da mulher assembleiana e evidenciado nos usos e costumes, esse aspecto vem sendo transformado no cotidiano da Igreja de Milhã. Tomaremos como exemplo um trecho da entrevista realizada com Andreia Mattos¹¹², convertida do ano de 2008. Depois que a indagamos a respeito das características que o pastor mais criticava em uma mulher, ela começou a relatar a respeito do uso de tinturas no cabelo, prática que é muito adotada pelas senhoras da congregação, bem como pelas mulheres jovens da Igreja. Segundo, ela o pastor afirma enfaticamente que as mulheres cristãs não devem pintar o cabelo, é uma afronta a naturalidade de sua aparência, sendo ainda um ato “excessivo” de vaidade.

¹¹¹ Sobre o uso do véu Perrot (2007) destaca que, “O véu era de uso comum no mundo mediterrâneo antigo. Mas sem obrigação religiosa. É certo que em vários ritos sacrificiais greco-romanos deve-se cobrir a cabeça; mas isso vale para os dois sexos. Nem o Antigo Testamento nem os evangelhos fazem exigências quanto a isso. O apóstolo Paulo inova. Na primeira Epístola aos Coríntios (11, 5-10), ele escreve que, as assembleias, os homens devem se descobrir e as mulheres se cobrir” A autora cita o Apóstolo Paulo, quando este salienta que, “Toda mulher que ora ou profetiza, não tendo a cabeça coberta, falta ao respeito ao seu senhor, porque é como se estivesse rapada. Se uma mulher não se cobre com um véu, então corte o cabelo. Ora, se é vergonhoso para a mulher ter os cabelos cortados ou a cabeça rapada, então que se cubra com um véu”. Perrot (2007, p. 56) destaca pois que o véu era um sinal de submissão sobre a cabeça das mulheres. Ela destaca que depois das afirmações de Paulo os pais da Igreja acrescentaram exigências. O véu passa a ser instrumento de pudor, “[...]É preciso velar o corpo das mulheres e sua cabeleira, objetos de tentação”. O véu assume, portanto, significados culturais e religiosos. “Sinal de virgindade, o véu figura o hímen. O véu da noiva é um véu nupcial que apenas o marido deve retirar, assim como é ele que deflora o hímen. Significa oblação, oferenda, sacrifício da esposa. Ou ainda, véu de oblação religiosa, que no dia em que professa oferece sua cabeleira a Deus e põe o véu para ele”. (p. 57). Perrot destaca ainda as relações entre estado e religião citando o exemplo do Islã e a obrigatoriedade no uso do véu por parte mulheres. Segundo Malek Chebel, autor citado por Perrot (2007, p. 57) o Corão não estabelece obrigações para o uso do véu. Mas o “Islã cresceu no seio de culturas mediterrâneas que ocultam as mulheres. [...] num mundo de homens, o véu é, para elas, a única possibilidade de circular no espaço público”.

¹¹² Nome Fictício. 41 anos, convertida no dia 08 de março de 2008. Entrevista realizada em 08/01/2012.

Depois, quando questionamos como essas mulheres que pintavam os cabelos reagiam ao discurso do pastor, Andreia afirmou que,

As mulheres que pintavam reagiam o seguinte, “se a sua própria esposa pinta, porque é que eu vou deixar de pintar?””que é a mulher do pastor, entendeu? Então ele pregava uma doutrina sã, né, porque ele tava pregando uma coisa que a própria esposa fazia né, então mesmo depois a gente chegou e justamente, conversar com ele, “pastor [...], o senhor tanto... ele disse, ah, mas se ela quer pintar eu não posso fazer nada, eu tenho que pregar o que tá na Bíblia, e eu tô pregando o que tá aqui. Que tá escrito. Eu tô fazendo o meu papel. Agora se a minha mulher quer pintar o cabelo dela, não posso fazer nada. Não posso pegar e mudar. Sabe? Então a gente às vezes questionava isso com ele.

Mesmo a contragosto, o pastor afirma e reconhece a vontade de sua esposa, abrindo um espaço para que outras mulheres questionem a doutrina. É um reconhecimento, mesmo que parcial da autonomia feminina dentro do grupo. Percebemos, portanto que as mulheres assembleianas, preocupadas com sua boa aparência, questionam a falação conservadora. E nesse caso em especial elas demonstram incômodo com o fato do pastor pregar uma doutrina que sua própria esposa, a primeira que deveria dar o “exemplo”, por se tratar da cônjuge de umas das maiores lideranças da instituição, não as cumprir. É visível, portanto, que ao mesmo tempo que as doutrinas do grupo pregam o controle do corpo feminino, essas mulheres reagem as imposições e vão aos poucos mudando a feição das mulheres assembleianas.

O uso de tinturas no cabelo há muito tempo é uma questão de polêmica na Igreja ADTC de Milhã, pois mesmo sendo algo condenado pelas lideranças e doutrinas da instituição, as mulheres contestam determinados aspectos. Fato que ocorre principalmente entre aquelas que possuem cabelos brancos, e que utilizam a prática como forma de encobri-los, um método de vaidade comumente difundido entre as mulheres.

Isso acontece porque mesmo com a existência de um discurso a respeito da necessidade de submissão feminina essas mulheres também são portadoras de poder, e nesse sentido concordamos com Foucault (1998) a respeito da existência de um caráter relacional do poder. A Igreja, mesmo portando o discurso oficial, e buscando legitimar suas verdades através do transcendente não é titular do poder. Para o autor, ninguém é titular ou pode tratar o poder como uma propriedade. O autor não considera o poder uma realidade que possua natureza, essência. Para ele o poder não é unitário, global, ao contrário, ele assume formas “disparas, heterogêneas” que estão em constante transformação. Foucault (1998, p.16) não

objetiva fazer uma teoria geral do poder, pois ele acredita que o poder é uma prática social e como tal historicamente construída. Nesse sentido,

Não existe de um lado os que têm o poder e de outro aqueles que se encontram nele alijados. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma máquina, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação.

Mesmo tendo se debruçado sobre objetos específicos como o exercício do poder no controle dos corpos tomando como espaço os hospitais, a psiquiatria, as prisões, as análises de Foucault a respeito do poder nos permite perceber o poder não como algo apenas negativo, apenas repressor, mas como algo construtor, transformador, partindo também de uma relação de negociações. Desta feita, não percebemos os sujeitos desta pesquisa, ou seja, as mulheres assembleianas, como seres passivos diante de um controle do religioso sobre seus corpos físicos. Ao contrario, acreditamos que embora a Igreja busque moldar esses corpos de acordo com a doutrina, as mulheres também exercem seus domínios. Optam pelo que deve ou não ser aceito, realizam resistências ao controle, e muitas vezes utilizam essas “imposições” para galgar espaços e privilégios dentro do grupo. O fato de aceitar o rigorismo de algumas doutrinas é necessário para que as mulheres conseguissem determinados cargos não institucionais, como lideranças em grupos de jovens, de senhoras, de visitas. Portanto, ao mesmo tempo em que a instituição pensa estar controlando-as elas também estão exercendo controle na situação.

Com isso, tendo em mente que o poder é uma relação, entre aqueles que detêm uma maior, ou uma menor parcela de poder, acreditamos que dentro da Igreja ADTC de Milhã, existe uma rede de negociação de poderes. E para isso destacamos um exemplo, em que a fiel Ana Maria Lopes¹¹³, recorda a primeira vez que uma mulher da congregação chegou à Igreja de Milhã com os cabelos pintados. Segundo ela este fato trouxe uma série de transtornos para a congregação, já que foi tido como um escândalo, por se tratar de um grupo que não admitia nenhuma prática de vaidade. Ela conta que a fiel foi castigada, relegada aos bancos de trás da Igreja e impedida de participar dos cultos ou demais atividades do grupo até que a tinta saísse totalmente dos cabelos. Observemos a seguir: “o pastor disciplinou ela, ela

¹¹³ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 10/08/2011

num tomou santa ceia, que enquanto o cabelo num limpou ela nem comia da santa ceia, nem assistia a santa ceia, nem assistia o culto de domingo”.

Conforme a entrevistada, as assembleianas de Milhã começaram a aderir tais práticas de vaidades depois da intensificação de visitantes evangélicas de outras cidades, como percebemos em sua fala, “Aí pegou a chegar gente de fora com o cabelo pintado né, e vinha uma moça de fora com o cabelo pintado, e vinha uma mulher de fora com o cabelo pintado, aí aqui teve que acostumar e o pastor num teve mais o que fazer”. Quando indagamos o que aconteceu depois? Ela afirma que mais mulheres foram aderindo à prática de pintar os cabelos, tanto as que iam se convertendo em Milhã, quanto as visitantes da Assembleia de Deus de outras cidades. Diante disso o pastor realizou uma reunião com os líderes da instituição e passou a permitir que as mulheres pintassem os cabelos. Esse é um exemplo claro de resistência, em que as lideranças da Igreja tentaram exercer poder sobre o corpo das fiéis, e essas reagiram, mostrando que dentro do grupo elas também tinham influência e que mesmo seguindo normas de conduta a Igreja não controlava totalmente seus corpos.

Nesse sentido Foucault (1998, p. 147) mais uma vez traz considerações pertinentes, ao considerar que o poder também é marcado pela luta, pelas resistências. E é no corpo que essa relação de dominação e resistência melhor se aplica. Para o autor “[...] nada é mais material, nada é mais físico, mais corporal que o exercício do poder [...]”. O corpo é a realidade concreta dos indivíduos, e o poder intervém materialmente se situando “ao nível do corpo social”.

Desta feita, as práticas de vaidade foram se instalando na Igreja mesmo a contragosto do pastor, e dos fiéis mais tradicionais. O fato das fiéis utilizarem tinturas nos cabelos foi uma mudança que chocou, mas que foi aceita em virtude da imposição das próprias mulheres, que mesmo em função das proibições e sanções do grupo, empreenderam resistências ao conservadorismo da denominação. Ana Maria Lopes¹¹⁴ (convertida em 1966) não pinta seus cabelos. Os fios brancos evidenciam as marcas da idade, mas ela procura seguir fielmente a doutrina pregada pela Igreja. Não vê com bons olhos essas mudanças que vem acontecendo, segundo ela, essa transformação na postura das mulheres começou a ocorrer nos últimos 10 anos. Tendo em mente que a entrevista foi realizada no ano de 2011, fica perceptível que podemos relacionar esse dado apresentado pela entrevistada, no início dos anos dois mil, com as mudanças nos usos e costumes de 1999, que trouxe certo abrandamento para a doutrina, mesmo que o uso de tintura nos cabelos continuasse sendo proibido. Hoje,

¹¹⁴ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 10/08/2011

nossa entrevistada permanece indignada por não conseguir ver como antes, o diferencial na roupa e na aparência das mulheres da Igreja:

De uns 10 anos daí pra cá né, [...] começou faz pouco tempo né, de pintar cabelo e pintar as unhas de vaidade? Eu tava dizendo ali, menino! tanto faz a gente ta na Igreja, tanto faz agente ta lá na Igreja, como ta lá no mundo! As irmãs da Igreja usa vestido bem, da manguinha bem curtinha, com o ombro de fora, descobertos, já o vestido quando levanta o braço, se fosse pra mim ir pra Igreja eu num ia. Porque quando levanta o braço vê tudo que ta aqui, é como se você tivesse em casa [...].

A entrevistada faz críticas ao fato de muitas mulheres estarem aderindo de forma exacerbada às práticas de vaidade. O uso de tinta nos cabelos, nas unhas, a falta de mangas nas roupas, ou mangas curtas demais, ombros a mostra, descobertos, vestidos curtos demais, são aspectos que segundo Dona Ana Maria Lopes estão fazendo com que a mulher assembleiana não seja mais identificada. Para ela as fiéis que fazem uso dessas práticas não estão buscando o diferencial da mulher assembleiana. Um diferencial que deve ser mantido tanto por aquelas que já são da Igreja, ou que cresceram o seio dos costumes assembleianos. Como também uma marca que deve ser alcançada pelas mulheres que se convertem e querem realmente assumir a identidade da mulher virtuosa. E nos perguntamos, até que ponto as mulheres assembleianas tanto as que já congregam há muito tempo na Igreja, como aquelas que são recém-convertidas conseguem perceber no ato de pintar os cabelos um fato que altere sua busca para atingir o ideal de mulher pregado pela Igreja. Isso porque quando se fala no tamanho dos cabelos elas concordam com a doutrina e afirmam que a mulher assembleiana não deve ter cabelos curtos como os dos “homens”. Andreia Mattos¹¹⁵, convertida no ano de 2008 destaca que,

ANDREIA MATTOS “[...]Tenho que reverenciar tanto a minha religião, como o senhor Jesus. Já que ele, lá na bíblia consta que a mulher, ela tem que andar bem vestida não é verdade? Não com roupa de homens e que os cabelos também tem que ser grandes.

ENTREVISTADOR- Você esta deixando seus cabelos crescer?

ANDREIA MATTOS Too. Meus cabelos, ah, meus cabelos tão grandes, tão enormes. Mudei, eu mudei assim, olhe, pra quem me conhecia, é tipo aquele ditado popular, mudei da água pro vinho.

A fiel acredita na necessidade de deixar seus cabelos crescerem para reverenciar os costumes de seu novo círculo religioso. Porém, ela é uma das muitas de nossas

¹¹⁵ Nome Fictício. Entrevista realizada em 08/01/2012.

entrevistadas que mesmo deixando o cabelo crescer permanece fazendo uso de tinturas, seja para esconder os cabelos brancos, ou para mudar o visual. De todo modo, o que leva as fiéis a pintar os cabelos, a força que move toda essa questão é a vaidade feminina, tão questionada na Igreja, mas que anda longe de estar eximida do cotidiano dessas mulheres. Assim, mesmo que o pastor classifique essa prática como um pecado, ou mesmo que seja proibido nos usos e costumes do grupo, a transformação da aparência através da interferência no aspecto natural dos cabelos com o uso de tintas é algo muito presente entre as mulheres assembleianas.

Durante os trabalhos de campo, ou seja, a realização de entrevistas, a aplicação dos questionários, as participações nos cultos, percebemos um aspecto muito importante a respeito da temática dos cabelos. Isso porque para as mulheres mais velhas da Igreja existem dois posicionamentos com relação a isso. Citamos aqui como exemplo duas de nossas entrevistadas, como Dona Ana Maria Lopes¹¹⁶ e Dona Marta Lúcia¹¹⁷, convertidas em fins da década de 1960, elas estiveram presentes no processo inicial de instalação da Igreja em Milhã, e até hoje procuram seguir fielmente todos os costumes. Ambas exibem seus cabelos brancos não como uma marca do peso da idade, mas como um símbolo de experiência. É também uma tentativa de dar exemplo, para que as demais mulheres percebam a necessidade de manter as características do grupo.

O segundo grupo de senhoras é marcado por mulheres que se converteram a Igreja com a idade mais avançada. Ao contrário das fiéis anteriormente citadas que se converteram ainda jovens, essas mulheres muitas vezes antes de aderir a ADTC já escondiam os efeitos da idade com o uso de pinturas nos cabelos. Conseguimos chegar a tal fato através da aplicação dos questionários, pois visitando as casas, e conhecendo um pouco mais do cotidiano dessas mulheres identificamos essa diferença. As mulheres que se converteram em fases mais maduras de suas vidas, se engajavam na Igreja usando cabelos curtos e pintados. Elas se converteram, mudaram suas vestes, seus hábitos, porém em se tratando dos cabelos mantiveram suas antigas práticas. Esse fato pode ser percebido na imagem a seguir. Utilizamos as setas para direcionar nosso olhar a essas mulheres. Mulheres assembleianas que usam uma indumentária apropriada ao que a igreja prega, mas que usam cabelos muito curtos, fora do padrão exigido pelo grupo.

¹¹⁶ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 10/08/2011.

¹¹⁷ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 11/07/2010



Figura 03: Senhoras durante o culto da ADTC.
Fonte: Acervo da Autora.

Ao mesmo tempo em que encontramos um discurso moralizador, conservador, observamos mulheres que assumem posturas diferenciadas em alguns aspectos. Com relação aos cabelos as mulheres destacadas nesta imagem fogem visivelmente as regras. Duas utilizam o cabelo muito curto e pintado, e uma tem o cabelo um pouco mais longo, porém também faz uso de tinturas. Essa é a realidade de muitas mulheres da Igreja.

No que se refere às mulheres mais jovens, a vaidade nos cabelos é marcada principalmente através do uso de pinturas, mechas loiras ou ruivas, e cortes de cabelos da atualidade. Porém sem uso de extravagâncias. Além do fato dos tamanhos nos cortes não seguirem mais um padrão como o estabelecido anteriormente. Assim, hoje é muito difícil definir o corte de cabelo padrão para a mulher assembleiana. Mesmo tendo em vista que o discurso moralizador com relação à necessidade de decoro e de cumprimento nos cabelos ainda seja uma marca da doutrina assembleiana.

Essas mulheres são vistas e criticadas, porém diante do fato de muitas aderirem a esses pequenos atos de vaidade a Igreja não mais pune ou castiga suas fiéis pelo fato de pintarem os cabelos. É importante destacar que essas mulheres assumem práticas diferenciadas no que se refere à aparência como um todo, isso porque além dos cabelos várias outras restrições dos usos e costumes também vêm sofrendo ressignificações no cotidiano da Igreja. Como salienta Dona Ana Maria Lopes numa fala anteriormente citada,

as saias e vestidos diminuem de tamanho, as mangas estão ficando cada vez mais curtas, os ombros das mulheres começam a aparecer. Essas mulheres buscam seguir os costumes da Igreja, mas ao mesmo tempo modificam sua maneira de vestir e de lidar com a aparência. Assim, mesmo assumindo uma postura divergente com relação a alguns aspectos pregados pela Igreja, elas permanecem seguindo uma série de outras doutrinas da congregação, bem como procurando assumir uma identidade do grupo.

2.3 O corpo e ascensão da nova convertida

[...] é falado a questão de vestes curtas, ou que mostrem partes do corpo entendeu, que, por exemplo, porque homem olha. Homem, mulher. Você com vestes curtas, ou mostrando sua barriga, lógico que vai chamar atenção. Sem dúvida né. Então assim, pro evangélico, ele já tem aquela, as pessoas já tem aquela visão de, principalmente mulheres, principalmente por essa doutrina, já tem aquela visão de que a mulher evangélica tem que andar bem vestida né. Principalmente porque se tem uma vida diferente não pode andar como antes. Principalmente com vestes nuas. Então, se há vida diferente tem que andar decentemente.

Ana Luiza Oliveira¹¹⁸

É importante pensarmos ainda que o corpo feminino dentro da Igreja ADTC de Milhã funciona como um capital, social, cultural e religioso. Isso porque a forma como ele é tratado, através da pregação da necessidade de uma aparência decente, onde uma mulher que se veste adequadamente honra a família e a Igreja, é um investimento que em curto prazo traz prestígio para essa mulher dentro do grupo. E em longo prazo, visa obter a salvação do espírito.

Para aquelas que se convertem, conviver com o corpo de “forma decente” é uma maneira de obter respeito e aceitação no grupo, sendo legitimado socialmente. Nesse sentido, as mulheres que aderem a Igreja ADTC de Milhã, passam a ver a escolha de suas roupas como um ato carregado de significados. Atestando seu bom comportamento, sua obediência, mas acima de tudo sua mudança. Pois aquela que antes “andava conforme o mundo” precisa ser uma mulher diferenciada, devendo ratificar isso através de seu figurino diário. Percebemos, portanto, que a relação entre corpo e indumentária fundamenta percepções de mundo. O caráter normatizador da vestimenta adentra os mais variados contextos da história, como marca de distinção e também de controle dos corpos. A vestimenta impõe inúmeros

¹¹⁸ Nome Fictício.

significados aos corpos, controlando as aparências e disciplinando-os a realidade social que pertencem.

Desta feita, a partir da conversão, o corpo ganha um novo valor para as mulheres, e a maneira visível de expressar isso é através da mudança de vestes. Elas devem deixar muitas de suas individualidades de lado, evitando a opulência e os exageros para assumir a identidade do grupo. A mudança na maneira de trajar é parte fundamental de um processo, porque ela expõe a mudança na visão que a fiel passa a ter de seu corpo e proclama o discurso da Igreja sobre esse mesmo corpo. Funciona ainda como um mecanismo para se adequar mais rapidamente ao cotidiano e as práticas do grupo. A respeito disso, uma fala do pastor Marcos da Silva¹¹⁹ se torna essencial para pensarmos como a questão da mudança no trajar feminino influencia na inserção das novas convertidas. Para o pastor a observância do “vestir-se conforme os costumes” dá às mulheres assembleianas “posição de destaque” dentro do grupo. Esse problema que você tá me procurando aqui ele é muito polêmico, eu acho que você vai ouvir pastores dizendo, não, aqui usa do jeito que quer, do jeito que quiser. Aqui também usa do jeito que quiser, só, aqui na igreja usa, eles usam o que querem, eu não vou proibir nenhuma mulher de andar do jeito que ela quiser andar, só uma coisa ela não vai ter a posição perante a igreja, representar a igreja do jeito das outras que andam direito, que andam nos ditames da Bíblia.

Apesar de assumir a impossibilidade de proibir ou de determinar com exatidão o que as fiéis assembleias devem vestir, gerando uma impressão de liberdade de escolha pelas mulheres do grupo, o pastor deixa explícito que aquelas que não seguem as recomendações sofrem retaliações e não assumem uma posição imponente. Isso porque tanto aquelas que cresceram no seio da Igreja, como aquelas que se convertem, e não se adequam aos costumes impostos com relação às vestimentas, são consideradas indignas de representar a Igreja da qual fazem parte. (OLIVEIRA, 2011).

Para uma mulher que se converte além dos aspectos citados anteriormente como o batismo nas águas e no espírito santo, a conversão só é concretizada quando ela muda sua forma de trajar, posto que isso signifique o sinal externo de uma mudança nos comportamentos e também na relação com o corpo e com o mundo. Deste modo, a indumentária dentro da Igreja ADTC de Milhã, funciona como um mecanismo de representação do grupo, definida como símbolo externo e visível de uma mudança de vida.

Para tanto, é necessário pensarmos as representações, tanto no que se refere a “vestimenta”, quanto com relação às mulheres que através da maneira de trajar são tidas como verdadeiras “representantes” do grupo. E para isso utilizaremos as reflexões de Chartier (1990, p. 21) a respeito do conceito de representação. Para o autor as representações são

¹¹⁹Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 10/09/2010

utilizadas para moldar identidades, para que “o ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não exista a não ser no signo que a exhibe”. A partir dessas reflexões podemos pensar a indumentária feminina assembleiana, como um signo que pretende representar uma determinada identidade para o grupo.

Para assumir o pertencimento a uma nova religião, e a todos os preceitos que esta defende. Levando em conta que “para a teoria cultural contemporânea, a identidade e a diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação” (SILVA, 2012, p.89) pensamos as representações como um aspecto crucial na construção de identidades sociais. Segundo Chartier (1990, p. 18), o principal objetivo da história cultural, como a entendemos hoje, “é pensar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”. Para ele “as representações só o são verdadeiramente quando comandam actos”, no caso das mulheres assembleianas as representações construídas sobre elas, a partir do discurso da Igreja sobre a necessidade da diferença, estabelecem uma determinada maneira de vestir e de se comportar em sociedade.

Chartier (1990, p. 17) pensa as representações a partir de um campo de concorrências e competições, evidenciando ainda relações de poder e dominação. E o corpo feminino, na Igreja ADTC, bem como os costumes vestimentares, caminham dentro dessas competições, já que se adequar também significa obter status, ser vista como representante do grupo, simbolizando a imagem da mulher virtuosa e ideal. E nesse aspecto, Segundo o autor, as representações são ao mesmo tempo estruturadas e estruturantes,

[...] diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. [...] são estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço pode ser decifrado. (Ibidem, p.17)

Desta feita é importante pensar que as representações são sempre determinadas pelo interesse do grupo que as tecem. Elas são subjetivas e tem funções simbólicas. Por isso, Chartier acredita na necessidade de relacionar os discursos proferidos com a posição social de quem os utiliza. A percepção do social não são discursos neutros, produzem estratégias e práticas. Justificam para os próprios indivíduos suas escolhas e condutas.

Dentro dos muros da Igreja as mulheres assembleianas estão protegidas dos pecados do mundo, estão entre irmãos, o espaço do templo é como uma simulação do próprio reino de Deus. Isso porque quando o fiel se converte, é assim que os assembleianos se reconhecem e se cumprimentam. O termo irmão precede o nome do indivíduo, contribuindo

para a representação de uma identidade coletiva. No entanto quando essas mulheres saem do templo, um espaço sagrado em que convivem com seus iguais, para ter contato com as pessoas do mundo, precisam ser identificadas como “crentes”. As roupas comumente utilizadas são as saias, blusas com mangas longas e vestidos, estes são, portanto as características que representam sua crença religiosa.

Para Chartier (1990, p. 23), abordar as representações que os grupos tecem de si próprios e dos outros “faz incidir a sua atenção sobre as estratégias que determinam posições e relações e que atribuem a cada classe, grupo ou meio um ser apreendido constitutivo da sua identidade” . As representações contribuem, portanto, para que os indivíduos construam sua realidade, dando sentido ao mundo e a sua existência. E sobre isso Pesavento (2009, p. 41) destaca que a representação não é a cópia do real, mas uma imagem construída a partir dele. Segundo a autora a representação é a presentificação de um ausente, portanto portadoras do simbólico, “[...] ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.

É nessa perspectiva que destacamos a fala da fiel Andreia Mattos¹²⁰, convertida no ano de 2008,

[...] eu gostava muito era de shortinho. Isso aí foi assim, foi meio que brusco, pra mim tirar de mim mesmo porque eu, aí eu não consigo usar saia. Como é que eu vou ser crente se eu não consigo usar saia? Mas isso é um trabalhar tão profundo de Deus na vida da gente que você deixa de usar os shorts, automaticamente que você nem sente. Quando você olha, e procura dentro do seu guarda roupa só já tá as saias. [...]a importância de modificar a aparência é justamente é ser reconhecida certo?

A fala evidencia memórias do período de conversão. Nela conseguimos perceber algumas dificuldades enfrentadas no processo de conversão, principalmente com relação ao seu corpo, já que mudar a maneira de trajar reflete uma nova percepção dessa fiel a respeito de seu corpo. Ela relata uma crise, pois suas individualidades, seus antigos hábitos entravam em choque com as práticas e as características que sua nova coletividade, ou seja, do novo grupo ao qual ela se convertera. Segundo Andreia, uma de suas maiores dificuldades na conversão foi deixar de usar shorts para usar apenas saias, que segundo ela, era um tipo de roupa que não gostava.

¹²⁰ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 09/01/2012

O fato mais interessante da fala é quando ela diz “como é que eu vou ser crente se eu não consigo usar saia?”, pois nos mostra claramente a visão de que ser evangélica significa se enquadrar num novo perfil de mulher, que tem como ponto crucial o uso de roupas com aspectos muito característicos, como as saias por exemplo. Para Andreia, ela só se tornaria uma verdadeira assembleiana quando visivelmente através das roupas, pudesse ser reconhecida.

A seguir poderemos analisar algumas fotografias desta fiel entrevistada. Embora nos estudos sobre a indumentária a fotografia e demais fontes imagéticas sejam fundamentais para as análises, a dificuldades em conseguir fotografias das mulheres desse grupo marcam toda a nossa trajetória de pesquisa. Muitas de nossas entrevistadas se desfazem de seus antigos álbuns. E isso é um fato que merece relevância, pois também é uma evidencia da nova relação que essas mulheres passam a ter com seu corpo.

A maneira como elas se representavam antes muitas vezes passa a ser motivo de vergonha. As fotografias antigas que evidenciam uma vida ligada as “coisas do mundo”, aos pecados da carne devem ser esquecidas. E, portanto, nossas entrevistadas tem receio de mostrar através de imagens como elas se vestiam e como era a relação com seu corpo antes da conversão. Exemplo disse é que indagando uma de nossas entrevistadas a respeito de como ela percebe a relação com seu corpo hoje, sua resposta é rápida e objetiva. Andreia Mattos salienta,

[...] eu acho que totalmente diferente, cem por cento do que eu era antes. Entendeu? Tanto por dentro, como por fora. Acho que eu consigo hoje valorizar o meu corpo, sem usar vestes curtas. Consigo valorizá-lo com roupas decentes. Sem, sem a necessidade de mostrá-lo.

Felizmente, obtivemos algumas poucas fotografias que foram cedidas e autorizadas para fazer parte de nossa análise. Dentre estas optamos por utilizar as da fiel Andreia, pois são as que melhor expressam essa mudança na relação com o corpo através da mudança de vestimentas. Observemos a seguir algumas fotografias de seu acervo pessoal antes da conversão a Igreja ADTC de Milhã.



Figura 04: Andreia Mattos antes de se converter a ADTC.
Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

Nas fotografias podemos perceber como a fiel se vestia antes da conversão. Na primeira imagem a entrevistada aparece utilizando um vestido muito curto, de um modelo popularmente conhecido por “tomara que caia”, ou seja, com os ombros totalmente em evidencia. Na segunda imagem ela utiliza um “short” muito curto e uma blusa com alças fininhas, que também expõem todos os ombros. Nessas fotografias percebemos que ela preza por roupas que fiquem justas em seu corpo, e que deixem em evidencia suas pernas e ombros. Na terceira fotografia, Andreia faz uso de uma calça, e uma blusa com mangas curtas. O que se destaca nesta imagem além do traje, é a postura da entrevistada. Nestas fotografias, a fiel faz poses muito descontraídas, despojadas, extravagantes, podemos até dizer sensuais, que põem em evidencia seu corpo.

Agora, vamos observar esta mesma entrevistada em fotografias já registradas depois da conversão.



Figura 05: Andreia Mattos depois de se converter a ADTC.
Fonte: Acervo da entrevistada

Neste segundo conjunto de imagens observamos uma mudança radical na aparência da entrevistada a partir da conversão. Em todas as fotografias ela faz uso de vestidos com o comprimento um pouco acima dos joelhos. Na primeira, as mangas do vestido são muito grandes, no segundo o tamanho é intermediário e na terceira fotografia as mangas são mais curtas. Os dois primeiros vestidos não possuem nenhum decote, ou modelo que possa comprometer o objetivo central, que é a decência e a aparência adequada para a mulher assembleiana. O terceiro vestido é o único que se torna um pouco comprometedor pela existência de decote. Contudo ambos estão dentro dos padrões exigidos pelos usos e costumes, “saías, mangas e decência”.

É importante destacar ainda, que ambos são modelos muito condizentes com a modernidade, a fiel inova no uso de cintos coloridos, sandália colorida combinando com o

cinto, mangas compridas em modelos chemisier¹²¹ que estão em alta no mercado da moda, além do uso de babados e detalhes em fitas. Portanto, a fiel evidencia um fato que é muito frequente entre as atuais mulheres assembleianas que é a busca pela adequação ao padrão exigido pelos usos e costumes da Igreja, sem se despir totalmente do que as roupas da moda têm a oferecer.

Algo que não pode passar despercebido nessas fotografias é também a nova postura assumida pela fiel. A conversão também é expressa na maneira como a assembleiana coloca seu corpo. Ao contrario das fotografias anteriores ela assume uma postura sóbria, decorosa, e em uma das mãos traz a bíblia, para evidenciar de maneira concreta a adesão à nova religião. Isso porque, no cotidiano da cidade os “crentes” de forma geral, também são reconhecidos por sempre andar com a bíblia na mão ou “embaixo do braço”. Acreditamos então, que a intenção de Andreia Mattos ao se deixar fotografar em postura elegante, altiva, utilizando uma roupa com as características assembleianas e complementando o figurino com a bíblia na mão, foi justamente para evidenciar a concretização de sua conversão. E portando, de sua nova maneira de apresentar seu corpo dentro dos moldes da Igreja.

A mudança de vestes é, portanto relacionada ao “ser reconhecida” e esse reconhecimento, no sentido de valorização, é buscado dentro e fora da Igreja. A transformação na aparência, e, portanto, na compostura com o corpo e com os hábitos, proporciona ascensão para essas mulheres. Como ressaltamos no capítulo anterior, mesmo que a igreja não atribua cargos institucionais as mulheres, estas tem uma vida muito ativa nos trabalhos da Igreja. Ser missionária, fazer visitas, pregar testemunhos, louvar e cantar um hino, coordenar conjuntos de senhoras, de jovens, escolas dominicais, são funções que pertencem a ala feminina da Igreja, e que, portanto, atribuem destaque e status para aquelas mulheres que a exercem. Pois significa que elas estão fielmente seguindo os costumes, a ponto de serem dignas de atuar e representar a Igreja dentro e fora de suas adjacências. É que nos traz mais uma vez a fala da fiel Andreia Mattos,

Tive dificuldades como todo mundo tem, mas só que eu acho que assim, a gente tem que ter força de vontade também né. Certo? Num é só pelo tamanho das roupas, mas a gente tem que mudar. O hábito de se vestir. Porque? Porque eu frequento uma Igreja, já to com um ano frequentando essa Igreja, já to recebendo cargos dentro da Igreja. E continuo com os meus vestidinhos, com as minhas saíngas, com os meus shortinhos, será se isso ta

¹²¹ “Vestido cuja gola e punhos são inspirados nos das camisas sociais masculinas” in: www.dicio.com.br. Acesso em 20/10/2012.

certo? Será se eu visse uma irmã, membro da Igreja em outro canto de shortinho e camiseta, eu não iria criticar.

A boa aparência, no que se refere ao vestir-se de acordo com a doutrina é, portanto, relacionada à obtenção de cargos e status. Segundo a fiel, a mulher que trabalha em prol da Igreja deve dar exemplo e assumir a identidade. É também uma maneira de não receber críticas dos demais membros, pois como já salientamos a vigilância deve ser empreendida por todos.

Podemos nos perguntar agora, se as mulheres que seguem corretamente os costumes são dignas de representar a Igreja e são bem vistas, o que acontece com quem não segue os costumes, com quem não se adapta ao modo de vida assembleiano? Admitindo ser a questão da vestimenta um assunto polêmico, o pastor deixa implícita em sua fala anteriormente citada que a Igreja empreende uma forma de punição para aquelas que não seguem as recomendações de um vestir-se “decentemente”. Ele faz a seguinte afirmação, “eu não vou proibir nenhuma mulher de andar do jeito que ela quiser andar, só uma coisa ela não vai ter a posição perante a Igreja, representar a igreja do jeito das outras que andam direito”.

Nesta fala fica evidente que mesmo não ocorrendo a “proibição de caráter formal” algum tipo de estratégia é utilizada para que essas mulheres não tenham um tratamento privilegiado. As mulheres são, portanto, “disciplinadas”¹²². O termo disciplina pode significar respeito às regras, boa conduta, viver baseado em regulamentações, dentre outros. Porém o sentido realmente assumido pelas “disciplinas”¹²³, na Assembleia de Deus templo central em todo o Brasil é o de repreensão.

Quando se fala em disciplinas, os fiéis já passam a ideia de correção, ou de busca de enquadramento daqueles que descumprem as normas. Alencar (2012, p. 164) destaca que “ser disciplinado” ou “estar disciplinado”, ao contrário do que a frase indica, significa ter cometido algum pecado e, por isso, ser “cortado do rol de membros” impedido de participação nas atividades da igreja e “ficar no banco”. Em Milhã, as fiéis deixam evidente que os bancos ocupados pelos disciplinados, são os últimos da fileira, perto da porta do templo, evidenciando que os espaços do templo possuem cargas valorativas diferenciadas.

Portanto o fiel pode participar dos cultos, mas apenas assistindo, excluído de qualquer participação direta. O período de duração da disciplina é delimitado pelo pastor, e

¹²²“As normas acerca da disciplina na Igreja foram delimitadas pela convenção geral de 1938, realizada em Recife, que inclui a repreensão ao membro infrator até a exclusão”. (SOUSA, 2011, p.225)

¹²³As disciplinas são constantemente citadas nos depoimentos de nossas entrevistadas. É possível perceber que elas veem com bons olhos essa repreensão, pois entendem as disciplinas como uma maneira de advertir positivamente aquele fiel que está no erro, mas que pode sair dele. Algumas entrevistadas dão exemplos de atos disciplinadores empreendidos na instituição.

vai variar de acordo com a seriedade do erro. É importante salientar que todo fiel pode ser disciplinado, essa punição não é exclusividade para as mulheres. Também não ocorre puramente quando o fiel descumpre um costume, como o uso de vestes indicada pelo grupo. As disciplinas podem ocorrer por vários motivos, mas principalmente para aqueles que comprometam a moral do fiel “perante Deus” e perante os membros da Igreja. Com isso, os motivos que levam um fiel a ser disciplinado podem variar de uma Igreja para outra, de acordo ainda com o período, o pastor, e a gravidade do pecado. Contudo, segundo Alencar (2012, p. 164) o que mais vigorou independente dos tempos e lugares foram as “interdições a sexualidade”¹²⁴. Segundo ele, “não muito distinto de outros grupos religiosos”.

No que concerne à indumentária, essas “disciplinas” mostram, portanto, uma estratégia de disciplinar e impor a maneira considerada correta de uma evangélica se vestir. É uma forma também de exercer poder sobre o corpo dos fiéis, que não podem escolher o lugar da Igreja que desejam ocupar. As mulheres não são obrigadas, mas são incitadas a não desobedecer para não arcar com as consequências de serem privadas de seu prestígio perante os demais membros da Igreja.

Portanto o afastamento é a forma mais comum de punição para aquelas que descuidam da disciplina com o corpo, mais especificamente, utilizando roupas que o deixam exposto, proibindo-as de ter papéis ativos dentro da Igreja, seja pregando a palavra, participando ou liderando as atividades do grupo. Relegadas aos bancos de trás da Igreja. O fundo da Igreja serve, portanto como um espaço de “punição e ao mesmo tempo de exposição”, onde as falhas da fiel ficam expostas ao julgamento de todo o grupo. As disciplinas apresentam, pois, uma função pedagógica, pois os fiéis destinados aos bancos de trás por seu “erro” servem de exemplo para os outros membros do grupo que são comunicados implicitamente sobre a exclusão que sofrem aqueles que ousam desafiar as regras e desviar-se da postura moralmente recomendada.

Já para aquelas que iniciam o processo de conversão a segregação é uma forma de repreensão comum, tanto que nos depoimentos de nossas entrevistadas sempre percebemos a tentativa de querer ser igual. Se vestir igual às outras, para se sentir incluída. O medo dos olhares, das críticas, também são rapidamente citados quando falamos a respeito da mudança de trajes no período de conversão. A fiel, Andreia Mattos¹²⁵, nos falando da acolhida dos membros no início de sua conversão em 2008, e destaca que “alguns foram indiferentes, né, com as roupas, com as calças. As calças eu tirei logo porque eu via que os olhos me olhavam

¹²⁴ A sexualidade, dentro dos moldes judaico-cristãos, só é permitida dentro do casamento.

¹²⁵ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 09/01/2012

ao contrário, assim. Olhavam ‘vixe ela veio de calça’. Só pelos olhos você lê o que a pessoa está falando”. A entrevistada destaca que deixou de usar calças por se sentir repreendida pelos olhares dos membros da Igreja. De forma indireta ela foi levada a modificar sua aparência por sentir indiferença da parte dos membros, sua atitude significou uma tentativa de ser aceita.

Em outros trechos da entrevista realizada com esta mesma fiel, já utilizado no capítulo anterior, ela destaca que a pessoa que vai recebendo cargos na Igreja, deve andar segundo os costumes. Contudo, atentamos para o fato de que, primeiro a convertida deve seguir os costumes, para só então ser considerada uma mulher cristã, e assim poder desempenhar funções de importância da Igreja. Bem como se sentir parte integrante e atuante da membresia¹²⁶. A mulher que se converte e não muda sua aparência é vista de forma diferente. Embora os membros da Igreja não a ignorem, ou mesmo tentem incluí-la, quando a neoconvertida se entende dentro daquele grupo, e observa o todo, ela percebe que é diferente, que entre todas as mulheres assembleianas, ela se distingue de forma negativa por não estar dentro dos costumes. E assim, sente vergonha. A vergonha é introjetada e serve de força motriz para que nova convertida queira ser igual a suas irmãs. Segundo Miagusko e Ferreira (1999, p. 21), “A vergonha expressa a consciência da introjeção de regras, costumes, hábitos”. . Tal fato é claramente abordado na fala de Karla Lima¹²⁷,

No começo eu disse, olha é o seguinte, eu uso brinco, eu uso calça, então eu não vou deixar de usar, só porque o pastor, a pastora querem não. [...] Eu sei que um dia eu estava no conjunto de senhoras, que eu fui chamada logo pro conjunto de senhoras. Aí eu estava sentada, assim no banco das senhoras, aí, de repente me deu aquela coisa assim, como se eu tivesse sentindo vergonha. De ver todas as senhoras sem brinco, e só eu ali com brinco, sabe. Aí eu fiz o seguinte, eu disse meu Deus, coisa esquisita. Eu com esse brinco, eu quando chegar em casa eu vou tirar. Aí tirei os brincos, aí, mais era aquela coisa, tirava o brinco quando ia pra Igreja, quando vinha pra trabalhar, é, quando era pra trabalhar eu colocava. Levava o brinco na bolsa e colocava o brinco.

O sentimento de vergonha por estar diferente das outras senhoras utilizando brincos, fez com que a fiel quisesse mudar seus hábitos. Contudo essa mudança não se dá sem a existência de conflitos. A vergonha fez com que a fiel dividisse seus espaços. No espaço sagrado (Igreja) ela retirava os brincos, na rua (lugar do profano) ela os colocava. Isso demonstra uma clara dificuldade em se adequar, isso porque mesmo assimilando os costumes do grupo, naquele momento a fiel ainda não conseguia perceber porque o uso de um simples

¹²⁶ Grupo de Pessoas que formam uma organização com uma norma ou princípios comuns a todos os participantes. Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/membresia/>. Acesso em 17/01/2014.

¹²⁷ Nome Fictício. Entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012

brinco poderia significar um ato de pecado. Miagusko e Ferreira (1999, p. 25), fazendo uso das considerações de Heller, destacam que, “A vergonha não depende tanto da norma violada, mas principalmente da relação que o indivíduo possa ter com ela”.

Com isso pensamos, se o maior agravante da vergonha foi o caso da fiel sentir culpa por acreditar que o uso do brinco poderia ser uma afronta a Deus e mesmo assim estar descumprindo, ou foi um mero desconforto por não estar em sintonia com as demais mulheres da Igreja. Acreditando que a vergonha regula comportamentos, e faz com que os indivíduos se enquadrem em determinadas regras, Aguiheiros (1999, p. 123) destaca que “A preocupação com o traje na perspectiva do decoro, está intimamente ligada ao sentimento moral da vergonha, enquanto reguladora ética de comportamentos, resultando numa aprovação ou desaprovação social”. A autora salienta ainda, que dentro dessa regulação a vergonha é medida por meio da “observância dos costumes sociais”, por meio do olhar do outro, segundo ela “um olhar que observa, julga e, na maioria das vezes, condena”. (Ibidem, p.123).

Com isso, podemos pensar que as fiéis assembleianas são observadas pelos demais membros do grupo. Porém, isso ocorre de forma diferente entre aquelas que já são membros da Igreja e as novas convertidas. Isso porque as primeiras são observadas para que não transgridam os costumes. No caso das neoconvertidas, os membros tentam perceber se realmente a nova fiel esta se adequando, se a conversão de fato foi verdadeira. E isso, é apreendido na forma mais visível de expressar identidades, a vestimenta. O traje é, portanto o sinal mais externo, mais visado no que se refere ao olhar do outro dentro do grupo. Isso porque, “o vestir é, sobretudo expressão do pertencer a um determinado grupo social, marcado por um certo modo de vida”.(Ibidem, p.135).

O olhar do irmão, repreende, critica e define quem segue os costumes e quem transgredi em nome da vaidade. Isso porque existe uma diferença marcante entre aquelas que usam roupas decentes e decorosas e aquelas que cobrem todo o corpo, porém com roupas extravagantes, portadoras da vaidade do mundo. Esse fato é expresso numa fala do pastor Marcos da Silva, que cita o exemplo de uma fiel, que o procurou para reclamar de uma irmã que estava com uma saia “longa demais”. Observemos a seguir o que o pastor ressalta sobre esse caso de vigilância entre os próprios fiéis.

MARCOS DA SILVA- Uma vez ate me choquei com uma irmã. A irmã chegou pra mim e disse o seguinte, pastor, oh o tamanho da saia da irmã pastor, a saia da irmã ta grande demais, ai eu disse, oh tamanho da blusa da senhora irmã. Ela tava vestida com uma blusa, uma blusa bem longa, eu

disse a blusa da senhora também ta grande. Ai mas o senhor tem que pedir pra essa moça encurtar esta saia. Eu disse minha irmã a igreja prega...

ENTREVISTADOR- Encurtar?!

MARCOS DA SILVA Sim porque tava no pé, lá em baixo, saia longa, bem longona, lá em baixo, num usa aquela saia bem grandona, saia metida a cigano? Ela acha bonito ne, ta bem vestido. Irma eu prego na igreja pra mulher usar roupa longa, ai agora a senhora quer que eu mande ela encurtar a saia. Ai minha irmã é demais porque eu vou medir, quer dizer que eu vou andar com uma trena na mão pra medir, você não pode medir essa saia, ta longa, essa saia ta curta, é bem aqui, é bem aqui. Eu disse minha irmã num vou fazer isso não, desculpe eu num vou não. Faça disso, ore pela irmã, ora pra ela pra, vá orar por ela.

Percebemos nesse trecho que a tentativa de controle na aparência das mulheres, não é empreendida apenas pelo pastor, ou as demais lideranças da Igreja. As próprias mulheres vigiam a conduta uma das outras. Nesse caso, a fiel que reclamou da saia da Irmã expos o fato da saia ser longa demais, e o pastor mais na frente explica que não era o tamanho que a incomodava, mas o fato da saia exprimir aspectos de vaidades, pertencendo ao mercado da moda. Nesse caso a critica não seria ao tamanho, pois a Igreja prega a decência de não exhibir o corpo, e sim ao fato da irmã estar se deixando levar pelas vaidades do mundo.

Um fato interessante é que o próprio pastor ficou indignado com a reclamação da fiel. Porque mesmo pregando contra as vaidades ele sempre fala na necessidade de uma vaidade controlada. Assim, ele não viu ofensa no fato de uma mulher usar uma roupa da moda, já que ela cobria-lhe todas as pernas. E mais uma vez fazemos a assertiva de que a Igreja não é um espaço homogêneo. E nem todos os assuntos e tabus são tratados da mesma forma.

A decência, a vaidade, e a constante vigilância são temáticas que sempre são levantadas quando nos referimos a roupa da mulher assembleiana, porém não são assuntos fechados, já que dentro da Igreja existem grupos mais tradicionais e outros mais liberais. No próprio grupo de mulheres essa diferença é marcante, pois existem mulheres que cobram rigor na conduta das irmãs, e isso ocorre principalmente da parte das senhoras que se converteram no inicio da chegada da denominação na cidade. Elas criticam a modernização no traje das mais jovens. Contudo, existem mulheres que acreditam na possibilidade de serem decentes e ao mesmo tempo vaidosas, e esse grupo é marcado pela presença das jovens assembleianas que cresceram no seio da Igreja e também das mulheres que se converteram em períodos mais recentes.

Consequentemente, a indumentária feminina é alvo de polêmicas e divergências, especialmente no âmbito da religião. No caso da Igreja ADTC de Milhã, as mudanças nas

formas de trajar feminina, trazidas por mulheres que aderem as práticas de vaidade, têm causado calorosos debates em torno da moralidade. Isso porque o corpo feminino é tratado pela moda e por uma sociedade moderna de um ponto de vista muito diferente das instituições religiosas, principalmente das judaico-cristãs.

A moda, prezando pelo efêmero, caminha distante do que é pregado na Igreja. Segundo Lipovetsky (2009) a moda lança para as mulheres roupas ou acessórios que têm por principal finalidade seduzir, valorizar o corpo, e tornar a aparência mais jovem, sendo que a cada dia a desnudação dos trajes se torna algo mais evidente. A lógica da moda é expor os atributos do corpo belo, dar visibilidade a seu usuário e liberdade para reinventar sua aparência quantas vezes quiser, e uma das maneiras de evidenciar isso é através da vestimenta, ainda que esta seja inaudível. Todavia, essa lógica do desnudamento e da valorização dos atributos sensuais e sexuais do corpo, que é pregado pelo mercado da moda, é totalmente oposta do que a moral cristã recomenda. As instituições religiosas são, portanto, os principais agentes de questionamento e interferência no que se refere ao comportamento e ao trajar feminino, tentando construir a seu modo a imagem de mulher ideal, enfatizando a distinção entre os sexos e defendendo a legalidade desta censura feminina fundamentada nos textos bíblicos. (OLIVEIRA, 2011)

A extrema valorização do corpo e da exibição de suas formas nas roupas da moda nada mais é do que reflexos de um intenso culto ao corpo que presenciamos na atualidade. Desta feita, a vaidade exacerbada do corpo feminino é marca de nossa atual sociedade. Sobre isso Del Priore (2000, p. 11) destaca que,

No decorrer do século XX a mulher se despiu. O nú, na mídia, nas televisões, nas revistas e nas praias, incentivou o corpo a desvelar-se em público, banalizando-se sexualmente. A solução foi cobri-lo de cremes, vitaminas, silicones e colágenos. A pele tonificada, alisada, limpa, apresenta-se idealmente como uma nova forma de vestimenta, que não enruga nem “amassa” jamais. Uma estética esportiva votada ao culto ao corpo, fonte inesgotável de ansiedade e frustração, levou a melhor sobre a sensualidade imaginária e simbólica. Diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho. “Liberar-se”, contrariamente ao que queriam as feministas, tornou-se sinônimo de lutar, centímetro por centímetro, contra a decrepitude fatal. Decrepitude fatal. Decrepitude, agora, culpada, pois o prestígio da juventude tornou a velhice vergonhosa.

É contra esse valor exacerbado do corpo, e das vaidades que cercam sua valorização, que a religião trava sua mais forte batalha. A guerra, corpo e espírito, nunca

estiveram tão acirradas como agora. Isso porque o corpo, representado pelas coisas do mundo, pelos pecados da carne invade cada vez mais os limites estabelecidos pela religião. Mesmo assiduamente religiosas as pessoas buscam estar em sintonia com os ideais de beleza que a sociedade prega. Utilizar roupas e acessórios da moda, os cortes de cabelos mais utilizados pelos artistas de TV, buscar o ideal do corpo magro ou coberto por músculos, cuidar da pele, das rugas, buscar rejuvenescer a aparência, são práticas cada vez mais presentes no cotidiano das pessoas, inclusive daquelas que seguem fielmente uma religião. Tal fato é muito presente na Igreja Assembleia de Deus de Milhã.

Pertencer a um grupo tido como conservador, não mais significa aderir totalmente a esses conservadorismos. O próprio discurso das lideranças assembleianas identifica a existência da vaidade como algo inerente do ser humano, pois o que a Igreja realmente combate são os exageros. Percebemos isso na fala do Pastor Marcos da Silva, onde ele fala sobre os exageros de algumas fiéis da Igreja que se deixam levar por sua vaidade:

[...] Todos somos vaidosos, eu tenho minha vaidade, você tem a sua, todo mundo tem vaidade, elas tem também. Há uma vaidade controlada [...] O que eu acho que fere filha é quando você exagera, quando você veste uma roupa e não pode se mexer com ela, vão dizer tá andando com roupa feminina, 100% feminina, saia e blusa ou vestido. Mas se o vestido não tem manga, se o vestido foi cortado verde. Como as vezes eu brinco com as meninas. Minha filha aí você cortou verdinho? por que verde pastor? Eu digo verde minha filha porque encolhe, tudo que é verde murcha.

De maneira explícita a Igreja vem pregar a negação aos “exageros”, e o fato de seguir modas, ou dar relevância a tendências de vestimentas e acessórios, desconsiderando as regras de decoro e decência trazidas nos costumes do grupo, é considerado um ato extremo de vaidade, sendo, portanto uma afronta ao que é pregado na Igreja¹²⁸. A valorização da aparência externa, especialmente se ligada à beleza e a sensualidade, é sempre relacionada aos pecados da carne.

O Pastor assegura que todos nós temos vaidades, mas ela tem que ser uma vaidade controlada, ou seja, no caso da fiel assembleiana ela pode vestir uma roupa bonita e até atual, mas desde que se enquadre nos parâmetros da igreja, ou seja, roupas “100% femininas” (saias, vestidos e blusas com mangas), mas principalmente “decentes”, com tamanhos e detalhes que não desnudem o corpo. “Vestidos maduros” e não “verdes” que “murcham” e expõem os corpos femininos das Assembleianas aos olhos da Igreja e da sociedade.

¹²⁸ Segundo o pastor Marcos Pereira, a mulher deve resguardar seu corpo com trajes honestos, pois assim como o do homem, seu corpo é morada do Espírito Santo.

E aí podemos pensar essa vaidade de que nos fala o pastor é apenas com relação ao corpo e as vestes? Segundo ele o combate à vaidade exagerada “envolve qualquer coisa”. E continua afirmando que “todos nós, mesmo o crente fiel dos melhor, temos nossa vaidade, isso aí nós não podemos ser hipócritas, todo mundo tem sua vaidade, tem lá seu brochinho que a irmã vai colocar na cabeça, pra fazer diferente [...]”. Mesmo salientando que o uso do termo vaidade pode ser utilizado para combater diversas outras expressões de exagero, os exemplos que ele cita sempre dizem respeito a uma roupa ou acessório feminino. Demonstrando que mesmo reconhecendo a existência de vaidade em homens e mulheres, as últimas devem ser mais combatidas.

Nesse sentido, Silva (2003) afirma que muitos dos conflitos gerados na Igreja Assembleia de Deus no que se refere à indumentária, ocorrem pela dificuldade que os membros e os próprios pastores têm de compreender e contextualizar o significado do termo vaidade utilizado nas passagens bíblicas. Exemplo disso é que o próprio Pastor entrevistado salienta que a vaidade é caracterizada como um “vício”, ou seja, um contágio, um desejo descabido que deve ser evitado antes que vire algo incontrolável e corrompa o corpo e o espírito do fiel. Ainda com relação a isso Silva (2003, p. 38-39) afirma que:

Quando se pensa em vaidade para a maioria dos pastores evangélicos da Assembleia de Deus, pensa-se imediatamente da questão do trajar e adornos. Uma das questões a ser feitas é: por que só se fala em vaidade quando relacionada a joias, pinturas e trajes femininos, e por que não aos trajes masculinos? [...] Não há qualquer relação entre vaidade e o uso de jóias, roupas ou ornamentos. Seu significado, em primeiro lugar, refere-se ao mundo criado que, no pecado e sem preencher o propósito inicial para o qual foi criado, tornou-se vazio. [...] Levantar a questão de vaidade para provar que as pessoas que usam adornos e roupas da moda amam o mundo é confundir a real concepção de vocábulo bíblico sobre vaidade. Assim, vaidade é objetivamente descrito como vazio, inutilidade, e falta de consistência.

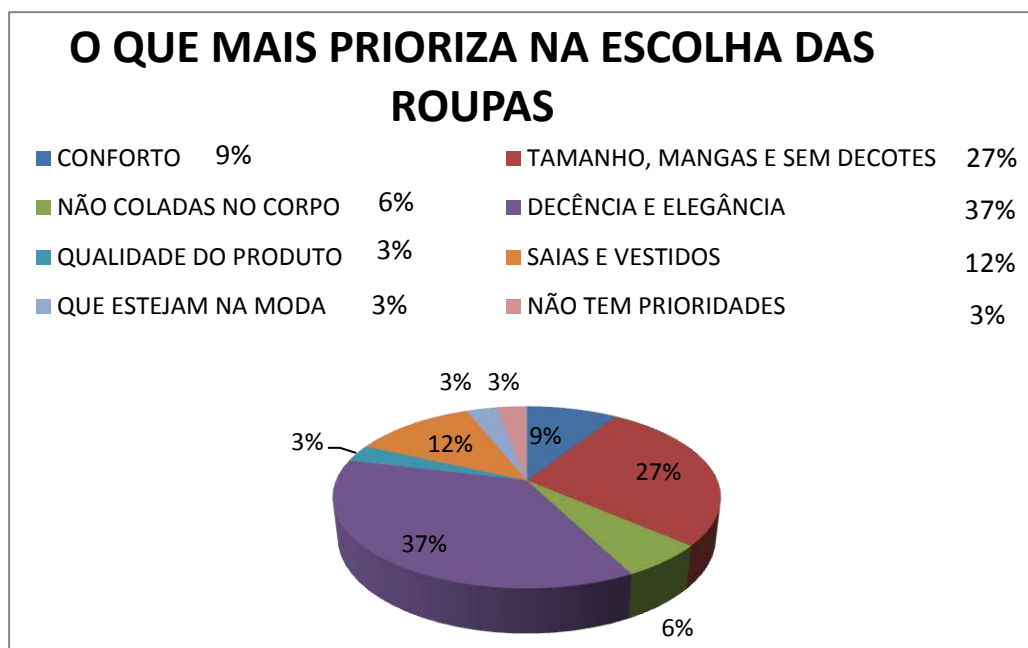
Segundo o autor, a interpretação de vaidade utilizada pela Igreja, no sentido de algo negativo, é empreendida para que haja um distanciamento com relação à importância das aparências. O intuito é impor limites no que se refere à indumentária e aos adornos que visem à ornamentação do corpo, considerando essa valorização de si uma ofensa a Deus e uma afronta aos dogmas religiosos, já que para o pensamento das instituições pentecostais, o homem não pode pensar e agir totalmente em função de seus desejos pessoais. Com relação a isso Bandini (2009) vem afirmar que, a religião sempre foi reconhecida como fonte de poder ou enfraquecimento pessoal e coletivo, já que antes de agir de acordo com seus desejos as

pessoas são levadas a refletir se suas atitudes estão corretas ou não tendo por base a religião a qual pertence.

Pensando nisso, podemos mais uma vez nos reportar ao questionário socioeconômico aplicado com 33 mulheres assembleianas no segundo semestre de 2012. Nele fizemos a seguinte indagação, “o que você mais prioriza na escolha de suas roupas?” As respostas trazem muitas das questões levantadas anteriormente a respeito da maneira correta de uma mulher assembleiana de mostrar em sociedade. Evidencia principalmente a relação dessas com seu corpo, e uma incessante busca em negar qualquer tipo de sensualidade do corpo feminino.

Optamos pela exposição em forma de tabela para que as respostas sejam analisadas individualmente. Pois mesmo que o leitor não possua conhecimento a respeito do nome das entrevistas, já que optamos pela preservação da imagem de nossos sujeitos, é uma forma de fazer um paralelo entre as respostas.

Gráfico 01: Prioridades das mulheres assembleianas na escolha das roupas.



Fonte: Questionários socioeconômicos realizados com mulheres assembleianas no ano de 2012. Total de 30 mulheres entrevistadas.

A influência dos costumes assembleianos é claramente percebida na maneira como cada uma dessas mulheres se veste. Das 33 entrevistadas apenas 03 afirmaram escolher roupas a partir do conforto que elas proporcionem. Uma das entrevistadas falou claramente que escolhia as roupas que estivessem na moda, e uma afirmou não ter nenhuma prioridade.

Portanto, apenas 04 das 33 entrevistadas relataram motivações pessoais para definir a maneira como se vestem. Uma se mostrou indiferente. E as outras 28 mulheres seguiram respondendo a partir das características que definem a maneira correta da mulher assembleiana se vestir. As principais respostas eram direcionadas a decência, ao pudor das roupas, ao uso de peças tipicamente femininas como saias e vestidos. A necessidade das mangas foram citadas por 5 mulheres. Entre as demais respostas está o cumprimento das roupas, a necessidade de roupas que não marquem o corpo. Algumas entrevistadas enfatizaram que gostavam de roupas que não escandalizassem, ou seja, que não chamassem a atenção.

Nesse sentido, percebemos que de forma geral a escolha dos trajes passa pela influência do grupo, pelas características tidas como inerentes à mulher virtuosa, e principalmente pela necessidade de se adequar a Igreja, aos seus costumes. Quando algumas mulheres falam em não escandalizar, podemos pensar que muitas buscam manter o equilíbrio, entre o que a Igreja permite, e o que elas gostariam de usar a partir de suas características individuais. Contudo, para muitas, o respeito ao grupo e preservação de seus costumes deve ser respeitada. Mais que respeitar os costumes estamos falando também de reconhecimento. Se vestir de acordo com o que a Igreja prega e respeitar os limites impostos ao corpo é também uma questão de reconhecimento. Um reconhecimento que deve ser vivenciado dentro da Igreja, mas também em toda a sociedade milhanense. A cidade passa a ser o palco onde as mulheres assembleianas, e em especial as neoconvertidas, expõem e apresentam sua identidade religiosa.

CAPÍTULO 3

A VESTIMENTA E OS ESPAÇOS SAGRADOS E PROFANOS

[...] Então. Eu não me recrimino usar calça. É, eu visto. Eu comento com meu esposo. Eu digo, eu não vejo nenhum problema nas vestes de calça. Eu, isso aí eu, eu creio que é uma doutrina que a Igreja segue, que eu sigo. Agora, jamais eu vou entrar na minha Igreja de calça, né. Jamais. Até porque a gente tem que ter o temor, e tem que respeitar a casa do senhor. (Grifo Nosso) Mais se disser, eu tenho que sair ali fora da minha casa, ali fora na calçada com uma calça, eu não vejo problema.

*Karla Lima
Fiel da Igreja Assembleia de Deus TC de Milhã*

Ao enfatizar que jamais entrará em sua Igreja, vestindo roupas diferentes do que sua doutrina exige, a fiel assembleiana nos traz uma questão muito importante a ser analisada. A importância que o templo assume para os fiéis desta denominação, e como ele se distingue em relação aos demais espaços da cidade. Segundo Eliade (2008) todas as definições do fenômeno religioso percebidas até hoje, possuem a característica comum de opor o sagrado, através da vida religiosa, ao profano, e a vida secular. O caso da Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã, e a maneira de trajar de suas mulheres, não está distante desta afirmativa. Para a Igreja, tudo que diz respeito a suas práticas, assumem sacralidade, já aquilo que se encontra fora dela representa riscos, e perigos ao homem religioso, por estar relacionado ao modo profano de se viver. Existem também as roupas utilizadas por aqueles que buscam o sagrado, e as roupas daqueles que habitam o profano.

Esses são apenas alguns dos aspectos que também podem ser refletidos dentro desta dicotomia vivenciada pelo ser religioso. Uma relação que é estabelecida pelos fiéis assembleianos. E que pode ser refletida na maneira como as fiéis se vestem. Isso porque, as roupas, objetos da cultura material, que trazem cargas valorativas de seus determinados grupos e épocas, assumem o “prestígio da sacralidade” quando utilizados no espaço da Igreja, ou mesmo quando se tornam “objetos culturais”. Isso significa dizer que, as roupas se transformam em “hierofanias”, ou seja, “ultrapassam sua condição normal de objetos” para se transformar em revelações do sagrado. No cotidiano da doutrina assembleiana, as roupas deixam de ser um objeto material relacionado ao profano e assumem uma carga de sacralidade, para evidenciar que as mulheres que as utilizam pertencem a um grupo que vivencia a religião de maneira intensa.

Fizemos essas considerações para destacar que o objetivo deste capítulo é perceber como essa relação sagrado e profano se dá através da forma de trajar num dado

espaço, que é a Igreja. Para tanto, iremos observar a cidade e a rotina dos assembleianos para perceber que segundo esse grupo religioso a cidade é particionada. O fiel desta denominação deve caminhar pela cidade escolhendo as ruas e os lugares para frequentar dentro de um ponto de vista religioso. Existem os lugares permitidos e proibidos. E dentre os permitidos a Igreja que é um templo de culto, assume a “ideia de casa”, pois se Deus é pai, a casa de Deus é também a morada sagrada de cada um de seus filhos. É assim, que a Igreja Assembleia de Deus cria um estilo de vida “diferenciado” para os seus membros. Afastando-os das diversões, lugares e costumes que não se adéquam ao que é permitido pela Igreja.

Portanto, a experiência religiosa dos fiéis assembleianos se distingue em meio a tantas outras. A maneira como vivenciam o espaço da rua, da cidade, ou mesmo a distribuição de seu tempo, são relacionados à forma como se compreendem nesse mundo. Isso porque, acreditando na busca pelo sagrado e acima de tudo, acreditando ter encontrado o modo sagrado e correto de viver, os fiéis constroem suas “experiências de espacialidade”. Não se trata apenas de segregar os espaços, é mais uma questão de reconhecimento, de pertencimento, de viver o que a Igreja prega e o que a Igreja significa em toda sua plenitude.

Desta feita, é necessário definir em que sentido utilizaremos o conceito de espaço. Remetendo-nos ao fato de que, o termo “espaço” por muitas vezes se confunde com a ideia de “lugar”, sendo necessário compreender como cada um se define e ao mesmo tempo se complementa. Para tanto, Certeau (2009) nos auxiliará nessa compreensão. Segundo o autor, “um lugar é a ordem (seja ela qual for) segundo a qual se distribuem as reações de coexistência”. Cada um ocupa um lugar que lhe é próprio. Para Certeau (2009, p. 201) duas coisas não podem ocupar o mesmo lugar. É a lei do próprio, e segundo ele “implica uma indicação de estabilidade”. Já o “espaço”, é para o autor, o cruzamento de móveis.

De modo geral o autor acredita que o espaço se distancia do lugar, pois o primeiro não implica na estabilidade de um próprio. Certeau (2009, p. 202) destaca que o espaço, “[...] é de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais”.

Desta feita, o espaço para Certeau, é visto como um campo de conflitos, de disputas e negociações entre os diferentes. Segundo ele “o espaço é um lugar praticado”, é, pois, um campo de existências. Portanto o espaço ganha significado a partir das ações dos sujeitos que nele atuam, “[...] parece que um movimento sempre condiciona a produção de um

espaço e o associa a história” (Ibidem, p. 203). E é nessa perspectiva que utilizaremos constantemente o “espaço”. Referindo-nos a Igreja ADTC de Milhã, como um espaço onde se imprimem os valores do grupo, suas crenças e ao mesmo tempo seus conflitos. É onde os sujeitos atuam e constroem cotidianamente sua história. Por isso a Igreja assume características sagradas. Ligadas não apenas ao transcendente, mas também por ser onde a história do grupo é construída e onde suas lembranças são constantemente incitadas.

O espaço da Igreja e o modo de vida que está imbricado em pertencer a ela assume uma positividade na vida do fiel, na medida em que se relaciona ao transcendente. Nessa perspectiva, tudo aquilo que não está dentro dos costumes do grupo, ou entre as paredes do templo, são vistos como modo profano de se viver. É pensando nessa oposição que compreenderemos que a Igreja só se transforma no lugar do “sagrado” porque tudo que nela é oferecido é diferente do que o “crente” encontra na rua, ou em outros espaços. É por isso que para o fiel vestir-se para caminhar pela rua, para frequentar lugares variados não possui o mesmo valor de vestir uma roupa para ir a Igreja. O fato de estar na “casa” de um deus requer respeito, e os trajes utilizados pelo fiel é uma maneira de reverenciar suas entidades divinas. Observemos a fala a seguir de Daniela Martins¹²⁹.

A bíblia diz que os que servem o senhor, eles tem que ser luz né. E a partir do momento que você chega num lugar, as pessoas, num sei, acredito que seja pelo brilho né. Mas muitos quando veem uma mulher vestida com sainha, blusinha, eles já perguntam logo se é evangélica. E isso em muitos lugares. Onde eu passo as pessoas me perguntam se eu sou evangélica. Acredito que faça alguma diferença né.

Percebemos nesta fala que o diferencial na aparência e na conduta dos fiéis assembleianos é um aspecto marcante na identidade do grupo. Quando conversamos com algum milhanense a respeito de Igrejas evangélicas existentes na cidade, a Assembleia ainda é vista como a mais tradicional do município. Principalmente porque a forma de trajar das mulheres assembleianas é constantemente mencionada entre aqueles que pertencem a outras denominações protestantes¹³⁰, ou mesmo aqueles que participam de outros segmentos religiosos. Mas porque ela é vista de tal forma? E em que medida ela pode ser considerada tradicional?¹³¹

¹²⁹ Nome Fictício. Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2012.

¹³⁰ Quando conversamos com fiéis de outras denominações da cidade tidas como mais liberais, como a Assembleia de Deus Ministério de Madureira que não enfatiza cobranças doutrinárias com relação às vestes, percebemos que a ADTC é mencionada como uma das Igrejas que mais foca na questão dos costumes nas vestes.

¹³¹ Discutimos em outros momentos deste trabalho que além da Assembleia de Deus existem muitas outras Igrejas pentecostais e protestantes históricas na cidade. Dentre estas também citamos a presença da Igreja

É necessário atentarmos para o fato de que, as questões abordadas nesta pesquisa sempre acabam por perpassar a questão do reconhecimento e do pertencimento a identidade assembleiana. Ser um componente da ADTC de Milhã é mais que uma conversão ao pentecostalismo, é distinguir-se entre os demais membros da sociedade milhanense. No trecho citado acima, a entrevistada acredita que o crente tem um brilho diferente em relação às pessoas do “mundo”. E nesse sentido, a vestimenta funciona com signo de distinção. Principalmente das mulheres. Percebemos também, que o fato de ser reconhecida como uma mulher evangélica estritamente pelo uso das vestes assembleianas, significa que sua marca de diferença está em evidência.

A distinção dos fiéis assembleianos em relação às demais pessoas de uma sociedade é também percebida por Silva (2003, p. 48), segundo ele,

Quando um membro da Assembleia de Deus está andando na rua ou em qualquer lugar pode-se conhecê-lo pelo traje, pela postura, até pela linguagem, pois são por estes hábitos que se caracteriza uma classe ou um grupo social em relação aos outros que não partilham das mesmas condições sociais.

A necessidade de ser exemplo, de ter uma aparência e uma rotina diferente é evidenciada nas pregações. O mundo e suas características sagradas e profanas são postas em evidência. Deste modo, o fiel tem a opção de escolher em qual mundo irá habitar. Aqueles que escolhem seguir a Igreja devem abandonar as coisas do mundo em nome do que pertence a Deus. Essa é a principal justificativa para a mudança de vida daquele que se converte e que deseja se solidificar no corpo de membros da Igreja. O assembleiano é cobrado e observado

Congregação Cristã no Brasil. Essa vertente do pentecostalismo, tendo em mente seus costumes, é muito mais tradicional que a AD. Durante os cultos, as mulheres, como já afirmamos, fazem uso de um tecido sobre a cabeça chamado de véu. Com a finalidade de esconder os cabelos. Ao entrar no templo, homens e mulheres sentam em lados opostos da Igreja, além da existência de outras normas que controlam acentuadamente a conduta dos fiéis. É muito raro encontrarmos os membros da CCB em lugares que não sejam seus locais de trabalho e a Igreja. O grupo também não investe em trabalhos sociais e evangelizações que visem a obtenção de novos convertidos. Tendo em vista tudo que expomos anteriormente, a Congregação Cristã do Brasil pode ser considerada a mais tradicional de Milhã. Mas, porque esse título é comumente atribuído a AD? Porque essa congregação é a mais lembrada quando se fala de condutas e posturas dos fiéis? Tendo em vista que seus usos e costumes não são os mais rígidos da cidade? Para entendermos tal fato, precisamos compreender que AD também possui regras. Além das vestes, e da aparência dos cabelos, a segregação dos espaços é algo marcante no cotidiano e no discurso do grupo. Contudo acreditamos que a AD tem uma participação mais ativa no cotidiano da cidade. É, portanto, mais conhecida e reconhecida pelos milhanenses. Esse reconhecimento também se transforma em cobranças. Na medida em que a sociedade estabelece um padrão de condutas do assembleiano, o estereótipo do homem e da mulher assembleiana é algo muito estabelecido no imaginário das pessoas.

através de um “bom testemunho” que deve ser evidenciado dentro da Igreja, como um ser religioso. E fora da Igreja como um cidadão de boa conduta entre os demais membros da cidade. Isso é expresso tanto no discurso das lideranças assembleianas, como nas revistas “lições bíblicas”. Para o grupo, “crente que é crente é uma pessoa diferenciada”.

Um crente de mau testemunho é uma contradição perante o mundo, pelo fato de confessar que é de Cristo, mas é também uma pedra de tropeço para os mais fracos. Quando o testemunho do crente chega ao ponto em que não há diferença de coportamento, de atitudes, ou procedimento a sós ou em grupo, entre ele e o mundo, tal crente desceu ao nível espiritual mais baixo, e mais difícil. [...] (2 Rs 17.33).” (CPAD, 4º trimestre, 1996, p.14)

Para os assembleianos dar um mau testemunho significa envolver-se em escândalos, ou ter qualquer tipo de conduta que vá contra os princípios dos usos e costumes do grupo, ou que vá contra as condutas de um cidadão de respeito. Para a Igreja, se o fiel cai em tais “armadilhas”, significam que está vivendo conforme o mundo, optando, portanto, por um estilo de vida profano.

Em todas as entrevistas realizadas os fiéis falam em negar e se afastar do que pertence ao “mundo”¹³². Para entendermos melhor o uso constante desse termo é necessário pensarmos que “mundo” é tudo aquilo que está relacionado a vida prática, as coisas seculares. Portanto, é distanciar-se de lugares, pessoas, práticas e de uma aparência que não esteja ligada ao mundo religioso. Um trecho apresentado nas “lições bíblicas” descreve algumas das práticas que a Igreja considera formas atuais de mundanismo, e que, portanto, devem ser excluídas do cotidiano de um assembleiano.

[...] diversões ímpias, passatempo pecaminosos, linguagem imunda, imoralidade, bebidas embriagantes, drogas, vícios, vestes imodestas, companhia impróprias, conceitos humanistas, artifícios perversos para chegar ao poder, corrupção de todas as formas, inveja, cobiça, ganância, egoísmo, oportunismo, ódio, vingança, impureza, etc. (CPAD, 1996, 4º trimestre, p.14-15)”.

¹³² Tudo aquilo que a Igreja acredita pertencer ao mundo passa a ser interdito. Torna-se, pois, um “tabu” para aquele que deseja seguir os ensinamentos do grupo. A respeito desse afastamento das coisas que não pertençam ao âmbito do grupo religioso do fiel, Eliade (2008, p. 21) destaca que “E não é sem risco que todo aquele que pertença a esfera profana, isto é, não preparado ritualmente, se aproxima de um objeto impuro ou consagrado. Aquilo a que se dá o nome de *tabu*- segundo uma palavra polinésia adotada pelos etnógrafos- é precisamente essa condição dos objetos, das ações das pessoas “isoladas” e “interditas” em virtude do perigo que comporta o seu contato. De uma maneira geral é ou transforma-se em tabu todo objeto, ação ou pessoa que, em do seu próprio ser, ou por uma ruptura de nível ontológico, se torna portadora ou adquire uma força de natureza mais ou menos incerta.

Determinados tipos de diversões, linguagens, roupas, companhias e sentimentos devem ser ignorados pelo fiel que deseja ter uma vida segundo os preceitos da Igreja. Assim, de acordo com a Igreja, de modo geral o assembleiano não deve ingerir bebidas alcoólicas. Não vai a festas com músicas que não sejam os hinos de sua Igreja. Não frequenta locais em que exista a venda de bebidas alcoólicas. Não tem amizade com pessoas de índole duvidosa (pessoas mal vistas pela sociedade). E também, não vê programas de TV ofensivos (novelas, ou programas que valorizem a nudez e a pornografia).

No que se refere às mulheres, não devem exibir o corpo através do que o próprio trecho da revista “lições bíblicas” denomina de “vestes imodestas”. Dentro dessa categoria estão as roupas que pertencem ao vestuário “tipicamente” masculino, como as calças e bermudas. As blusas com decotes, sem mangas ou que mostrem a barriga, e as saias e vestidos que exibam demasiadamente as pernas. Também não devem utilizar em exagero as maquiagens ou fazer uso de bijuterias. Essas são as características exigidas ao “Bom crente”. Posturas e práticas cobradas aos fiéis, tanto pelos membros da Assembleia de Deus. Quanto pelos demais membros da sociedade milhanense. Tais cobranças são percebidas e vivenciadas por nossas entrevistadas. Pois embora seja possível reconhecer um fiel assembleiano por sua maneira de falar, por seu comportamento, no caso da mulher a vestimenta se torna um sinal evidente e facilmente identificado de seu pertencimento a Igreja ADTC de Milhã.

Então, essa mulher é diferente das demais da sociedade. Sua roupa funciona como brasão de seu grupo. E, portanto, ela deve evitar a exposição em lugares que não estejam em comunhão com o que a Igreja prega. Ao frequentar um lugar condenado pela Igreja, essa mulher não estaria ferindo apenas sua imagem pessoal. Seria uma afronta, uma mancha para a Imagem da Igreja. Tendo em vista, que quando sua presença fosse notada, e suas vestes observadas, o reconhecimento de seu pertencimento a ADTC logo aconteceria. A mulher assembleiana carrega consigo uma importante tarefa de representar as crenças de sua igreja. De ser um símbolo e se fazer digna de ser este símbolo de seu grupo na sociedade. Deste modo, ter o nome ou a imagem ameaçados por especulações que giram em torno de seu comportamento ou aparência, causa constrangimento e o medo da exclusão. Rejeição e exclusão do espaço mais importante para o assembleiano, a Igreja.

3.1 A igreja como um espaço sagrado.

Quanto às religiões, elas estão solidamente afixadas sobre o solo, não somente porque se trata de uma condição que se impõe a todos os homens e a todos os grupos; mas uma sociedade de fiéis é conduzida a distribuir entre os diversos pontos do espaço o maior número de ideias e imagens que são por elas defendidas. Há lugares sagrados, há outros que evocam lembranças religiosas, há lugares profanos, alguns que estão povoados de inimigos de deus, onde é preciso fechar os olhos e ouvidos, outros sobre os quais pesa uma maldição.

Maurice Hawbwachs¹³³,

Por ser uma cidade pequena, Milhã não possui muitas opções para diversões. Praias, parques, shoppings, cinemas, dentre outros, são distantes de grande parte da população, pois são opções de lazer que poucos têm acesso, apenas aqueles que se deslocam até a capital, Fortaleza. As formas mais comuns de distração são as festas de forró, os campeonatos de futebol, as corridas de cavalos, e a praça da cidade com seus bares e lanchonetes. São esses os lugares mais frequentados pelos jovens e demais pessoas que desejam sair da rotina. Mas, o que dizer da população religiosa do município?

Todas as Igrejas do município realizam cerimônias durante os dias úteis, mas seus trabalhos são intensificados nos fins de semana. Tanto a Igreja Católica, como as protestantes, procuram ocupar os dias livres de seus fiéis. Missas, cultos, encontros, são realizados nos fins de semana, na tentativa de preencher o tempo de seus seguidores. Deste modo, para a população religiosa, uma das formas mais comuns de distração, ou mesmo de ocupação de seu tempo livre é no espaço da Igreja. Pensando nisso, o que podemos aferir sobre a forte ligação entre o fiel assembleiano e sua Igreja?

A pregação a respeito da necessidade de distanciamento das coisas mundanas está diretamente ligada ao distanciamento dos fiéis de determinados ambientes da cidade. Com base nisso, destacamos que as opções oferecidas em Milhã não são adequadas aos ideais religiosos dos assembleianos. Portanto, não tendo opções que possam ser consideradas dignas para o “crente” desta denominação, a Igreja se torna o único espaço de sociabilidade permitido e exaltado pelos membros assembleianos. É na Igreja que ocorrem os cultos, nos dias úteis e principalmente nos fins de semana. É na igreja que diariamente as mulheres ocupam o horário de meio dia com as orações das senhoras. Na Igreja o domingo pela manhã é destinado às escolas bíblicas dominicais. É na Igreja que ocorrem as festas, como o II congresso de senhoras que ocorreu em outubro deste ano. Natal, *Réveillon*, tudo é comemorado na Igreja. Cultos festivos, jantares beneficentes, banquetes, muita comida, fervor

¹³³ (HAWBWACHS, 1990, p.143)

e muita música gospel embalam as festas assembleianas. Além de muita elegância no visual dos fiéis que colocam seus melhores trajes, aqueles tidos como mais dignos, para frequentar a “casa de Deus”.

É assim que a Igreja, casa de todos os assembleianos, se constitui num lugar diferente. Os valores, as práticas e tudo que ela representa opõem-se ao mundo da rua, carregado do que é profano. Portanto a Igreja é um espaço moralmente diferente e ganha um sentido de “casa de Deus” a partir da relação que o fiel estabelece com ela, mobilizando o contraste com as coisas do “mundo”. Na Igreja, todos os fiéis são irmãos, pois são filhos do mesmo pai, e habitam a mesma casa. Nesse contexto suas diferenças e divergências são amenizadas em nome de algo maior, a fé. Além da fé, um sentimento de fraternidade, de união, de laços construídos dentro da Igreja. Já na rua, ou podemos dizer, nos espaços onde o membro assembleiano encontra um modo de vida diferente do que experimenta entre seus “irmãos”, ele permanece deslocado, desconfortável, sentindo que sua fé é constantemente testada pelas tentações mundanas.

O valor dos espaços é discutido de maneira muito profunda por Bachelard (1989, p. 23). Embora foque na análise poética dos espaços da casa, refletindo suas essências íntimas, suas abordagens nos permitem pensar a Igreja como um espaço vivido e louvado. Um espaço onde cargas positivas de imaginação, de sentimentos são empreendidos. Tendo em vista que para o autor “a imaginação aumenta os valores da realidade”. Com uma visão carregada de sensibilidades e uma busca da essência mais profunda que os espaços possam apresentar, Bachelard (1989) percebe que alguns espaços também podem ser pensados metaforicamente como uma casa.

De acordo com o autor, “[...] todo espaço realmente habitado traz essência da noção de casa” (BACHELARD, 1989, p.25). Pois esse sentido pode ser empreendido quando o ser encontra um abrigo, quando entre paredes alcança o sentimento de proteção. Assim, segundo Bachelard (1989, p. 25) “na mais interminável das dialéticas, o ser abrigado sensibiliza os limites do seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos.”. Pensamos, pois, que o fiel assembleiano, sentindo-se protegidos na Igreja, transforma aquele espaço, empreendendo sentimentos de conforto e bem estar, que só sentiria em sua própria casa.

Portanto, na Igreja a fé se manifesta de maneira mais intensa, é um espaço onde o sentimento religioso ganha uma tonalidade diferente, pois é onde o sagrado se manifesta em

toda sua plenitude. Pensando nisso destacamos as considerações de Hawbwachs (1990, p. 156), para quem a Igreja se distingue de todos os outros espaços da vida coletiva,

A Igreja não é somente o lugar onde se reúnem os fiéis e o recinto no interior do qual não penetram mais as influências dos meios profanos. Primeiro, por seu aspecto interior, ela se distingue de todos os outros lugares de reunião, de todos os outros recintos da vida coletiva. A distribuição e o arranjo de suas partes respondem às necessidades do culto e se inspiram em tradições e pensamentos do grupo religioso. Seja porque diferentes lugares estejam preparados para diversas categorias de fiéis, seja porque os sacramentos essenciais e as principais formas de devoção ali encontrem o lugar que lhes convém, a igreja mesma impõe aos membros do grupo uma distribuição e atitudes e grava em seu espírito um conjunto de imagens tão determinadas e imutáveis como as dos ritos, preces, elementos do dogma.

Segundo o autor, a Igreja é um espaço carregado de significações para os fiéis que a frequentam, isso porque é nela que se desenvolvem os dogmas e ritos responsáveis pela manutenção da tradição religiosa. Portanto, influenciam e transformam comportamentos. Nesse sentido, percebemos uma nítida semelhança no pensamento de Hawbwachs (1990) ao de Eliade (1992), para quem o espaço da Igreja é o limiar que separa dois mundos, por ser o lugar de contato com Deus. Para o autor, a Igreja significa uma porta de continuidade, onde o mundo profano é “transcendido”. Pensando nisso, destacamos que na Igreja ocorre a efetiva conversão do fiel, isso porque, como afirma Eliade (1992), os templos são lugares de passagem entre o céu e a terra. De acordo com os autores, a Igreja possui um valor diferenciado, pois é responsável pela construção de um “cosmos” para o homem religioso. Nesse sentido, Hawbwachs (1990) salienta que a distribuição espacial, as crenças, e tudo que está relacionado à Igreja são pensados em atender às necessidades de culto.

Os templos são lugares de transformação na vida dos novos e das novas convertidas assembleianas. De “mulheres do mundo”, elas se tornam “mulheres de Deus”. É para ir à Igreja que as novas convertidas vão aos poucos modificando suas roupas e se adequando aos trajes assembleianos. Nesse espaço, elas são doutrinadas. É no templo que conhecem e estudam a Bíblia. É que vão aderindo aos usos e costumes do grupo. É na Igreja que elas se sentem acolhidas pelos membros. Que buscam se adequar a uma nova identidade. Buscam pertencimento, engajamento e visam alcançar o reconhecimento. Afinal, suas vidas mudaram, sua aparência também, e elas querem ser vistas como “novas criaturas”. É na Igreja que essa nova experiência religiosa é efetivada e legitimada entre os irmãos de fé. Ribeiro (2007, p. 233) citando Berger (1985, p. 64) enfatiza que,

Reciprocamente, o indivíduo que deseja se converter e (o que é mais importante) “ficar convertido”, deve planejar sua vida social de acordo com o seu objetivo. Precisa, assim, desligar-se daqueles indivíduos ou grupos que constituíam a estrutura de plausibilidade da sua antiga realidade religiosa, e associar-se tanto mais intensamente e (se possível) exclusivamente àqueles que servem para manter a sua nova realidade religiosa.

Nesse sentido, não basta converte-se e afirmar uma mudança. É necessário manter e alimentar aquilo que sustenta e assegura todo o processo de conversão. Ou seja, manter os aspectos que asseguram o pertencimento a um determinado grupo e sua identidade. Por isso, criar um mundo separado é algo essencial para esta Igreja. Pois é uma forma de assegurar que a fé do membro esta sendo diariamente alimentada, e que os costumes da Igreja fazem parte de sua rotina. Quando ocorre a conversão o fiel é doutrinado através da seleção de alguns textos bíblicos e incitado a se afastar de tudo aquilo que pertencia a sua antiga vida. Ele deve se afastar dos costumes de sua antiga religião bem como se distanciar das praticas que simbolizem o mundo secular e profano.

Podemos ilustrar essas considerações através de fotografias de algumas mulheres da referida Igreja. A seguir temos uma fotografia da fiel Ana Luiza Oliveira, convertida no ano de 2007. Elas nos trazem uma imagem registrada antes de sua inserção na Igreja Assembleia de Deus de Milhã. Acreditamos que além dos aspectos vestimentares, acreditamos na importância da fonte fotográfica porque muitas nos possibilitam mapear os lugares frequentados pelas fiéis antes da conversão ao pentecostalismo.



Figura 06: Fiel Assembleiana antes da conversão em show de Forró.
Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

Nesta fotografia, percebemos que a fiel Ana Luiza Oliveira utiliza uma blusa com alças finas, decotada, fazendo uso de bijuterias “chamativas”, no caso, um colar. Observamos ainda que embora não seja tão curto, seu cabelo está acima dos ombros. O que ganha destaque nesta imagem é o espaço onde ela foi registrada. Percebemos que a jovem se encontra num show, mais especificamente num show de forró, em um clube da cidade. A foto enfatiza o palco do clube, e principalmente os dançarinos da banda, que além das coreografias, expõem seus corpos com trajes “minúsculos”. É, portanto, um espaço de diversão, que traz dança, bebidas, alcoólicas e exposição dos corpos dos dançarinos. Um espaço que um fiel assembleiano não deve frequentar com base em seus costumes. Um espaço que Ana Luiza, apresentada na fotografia e entrevistada durante esta pesquisa, afirma não mais frequentar. Para ela, esses são lugares que oferecem diversões impróprias a uma “pessoa de Deus”.

A relação que as fiéis passam a ter com a “espacialidade”, a partir da conversão, é percebida na fala de muitas de nossas entrevistadas. Segundo elas, após a conversão procuram abandonar os lugares do mundo, que simbolizam uma vida no pecado. Relatando a respeito do período em que se converteu a Assembleia de Deus de Milhã, em 1999, a fiel Daniela Martins¹³⁴ destaca que se afastar das diversões mundanas e de tudo que elas ofereciam foi algo difícil, mas que ocorreu lentamente no processo de conversão dela e do marido,

Nós passamos mais de ano, pra se libertar também dos forrós. Onde tinha, Solonópole, Senador, onde tinha forró a gente tava dentro né.[...] não foi que eu deixasse de frequentar as festas porque já tinha sido liberta não, [...] mas dentro das festas eu sentia muito incomodada, por estar ali, porque como eu acabei de dizer, pra mim, ser crente tem que ser diferente, há mudança de vida, é comum muitas pessoas chegar assim, acusando, tu num é crente, porque tu esta aqui? porque crente que é crente ele não vai pra festas.

Percebemos nesta fala, que para a entrevistada, se afastar do que o “mundo” proporciona e de seus lugares de diversão é algo essencial para aquele que deseja concretizar seu pertencimento da ADTC. Ela destaca sua antiga afinidade com os ambientes de festas. Relatando uma dificuldade enfrentada no período de conversão, confessa que mesmo depois de convertida, de se tornar uma conhecedora da palavra e consciente de que está em um lugar impróprio, por algum tempo, permaneceu frequentando festas com seu esposo. Percebemos então que, mesmo diante de todo o convencimento e doutrinação que a Igreja realiza esse momento de ruptura, onde o fiel é levado a se afastar de seus antigos modos de vida para se adequar aos da Igreja, não ocorre sem conflitos e dificuldades. Segundo a entrevistada o

¹³⁴ Nome Fictício. Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2012.

incomodo e o constrangimento foi inevitável. Isso porque, começou a perceber uma repreensão dos irmãos de Igreja e também dos demais membros da sociedade, que identificando-a como evangélica cobravam uma conduta diferente, e acreditavam que aquele não seria o espaço que um casal de novos convertidos deveriam frequentar.

Hoje nossa entrevistada destaca que uma pessoa que se converte deve assumir uma nova postura e padronizar sua vida na palavra bíblica. Daniela Martins acredita que uma jovem evangélica “não frequenta festas mundanas, que eu posso dizer mundanas pelo fato de forró, ambientes de bebida né, não se envolver com drogas, enfim, ser, estar separada”. Para ela, se distanciar dos lugares profanos significa não apenas conhecer a palavra é principalmente viver segundo a doutrina bíblica, é segundo sua fala, “aprender da palavra e viver do que tá pregando”.

Um fato interessante é que na própria fala de nossas entrevistadas temos a oportunidade de mapear os espaços que muitas delas frequentavam antes de se converter. Lugares que após a adesão a identidade assembleiana foram completamente excluídos do cotidiano dessas mulheres. Nesse sentido, as fotografias também são de grande importância, pois através delas conseguimos visivelmente perceber os espaços antes frequentados e também a maneira como essas mulheres se vestiam nesses lugares. Lugares que representam suas vivências antes de conhecer e pertencer ao universo assembleiano.

A seguir temos mais uma de nossas entrevistadas, a fiel Daniela Martins em alguns dos lugares que ela constantemente frequentava antes de se converter. Inicialmente a fiel se encontra em um santuário religioso, e posa para ser fotografada ao lado de imagens e esculturas pertencentes ao universo religioso do catolicismo.



Figura 07: Fotografia de Daniela Martins antes da Conversão, ao lado de “Imagens em vidro” no Santuário Rainha do Sertão em Quixadá-CE.
Fonte: Acervo pessoal da entrevistada



Figura 08: Fotografia de Daniela Martins antes da Conversão, ao lado de “Esculturas em tamanho real” representando Maria e Jesus, no Santuário Rainha do Sertão em Quixadá-CE.

Fonte: Acervo pessoal da entrevistada

Um dos aspectos enfatizados por essa entrevistada é que antes de se converter ela uma assídua frequentadora da Igreja católica. Participou de grupos dentro da Igreja e quase se dedicou inteiramente à vida religiosa. Ela, que antes fazia questão de ser fotografada ao lado dos Santos cultuados no catolicismo, hoje afirma ter perdido a crença nessas figuras religiosas. No trecho a seguir Daniela Martins fala de sua resistência inicial em ouvir as pregações dos evangélicos.

Eu era muito religiosa, muito católica. Trabalhei muito tempo numa loja de eletrodomésticos, e foi lá que comecei a ser evangelizada né. [...] Eu ensinava catecismo, fazia parte do grupo de jovens. Convivia muito com as pessoas de Iguatu, lá do diocesano. Freiras, padres, fazia parte da pastoral da criança. E tinha um envolvimento com eles lá em termos de convivência. E comecei a trabalhar nesta loja, e lá tinham algumas pessoas que trabalhavam que eram evangélicas. E lá eles começaram a pregar o evangelho pra mim. E no começo não foi muito fácil, pra eles conseguirem que eu viesse ser uma ouvinte. Porque devido eu ser muito religiosa, muito católica eu não aceitava. Eu achava que era besteira, exagero né, [...] e eu criticava. Não aceitava que eles viessem falar algo da bíblia que viesse distorcer aquilo que eu vivia, que era a idolatria.

Segundo a entrevistada, o principal motivo de sua indignação inicial com os evangélicos estava no fato de estes pregarem a negação a idolatria dos santos e de suas imagens e esculturas. O culto a estes personagens era um aspecto marcante na religiosidade dessa entrevistada antes de se converter a ADTC de Milhã. Em sua fala percebemos ainda

que, o fato de ser altamente engajada no catolicismo, além de frequentar lugares onde haviam pessoas também muito envolvidas com a religião, dificultou seu processo de evangelização e posteriormente de conversão. Essas fotografias são, portanto registros de suas antigas experiências religiosas e dos espaços sagrados que ela frequentava antes de se converter, pois eram espaços qualitativamente diferentes para ela, quando a mesma fazia parte da religião católica.

Assim, este santuário, um lugar que antes a entrevistada demonstrava felicidade em frequentar, hoje depois de convertida, não pertence mais a suas vivências religiosas, ou mesmo aos lugares que ela frequenta no lazer. Temos ainda a oportunidade de perceber a maneira como ela se vestia nesses lugares. Calça jeans e camiseta eram as peças indumentárias que a entrevistada utilizava, e segundo ela a calça era a peça mais frequente em seu guarda-roupa. Hoje ela afirma não ir mais a esses lugares e também não utiliza mais esses tipos de roupas.

A seguir temos mais exemplos de lugares frequentados por esta entrevistada antes de sua conversão. Espaços que ela deixou para trás quando buscou uma nova religião. O que novamente evidencia que, para o ser religioso, seja qual for sua crença, os espaços possuem uma importância cabal.

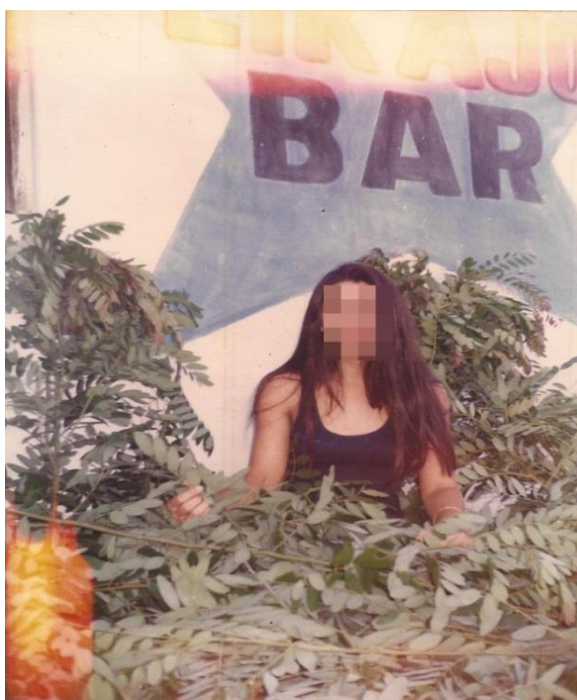


Figura 09: Fotografia da Fiel Daniela Martins em um bar.
Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.



Figura 10: Fotografia da Fiel Daniela Martins em uma festa de conclusão de curso.
Fonte: Acervo pessoal da entrevistada.

Nessas fotografias a entrevistada aparece em lugares de diversão. No primeiro momento em um bar. E no segundo caso numa festa de conclusão de curso, onde ela aparentemente está dançando e ao mesmo tempo posando para a foto. Em ambos os casos, percebemos que esses lugares e momentos representavam muito para ela, pois em ambas ela faz questão de parar e posar exclusivamente para guardar um registro daqueles momentos.

Bares e festas são lugares que hoje Daniela Martins não frequenta. Dentro de sua atual crença, são lugares proibidos, pois são carregados de pecados. Percebemos ainda que antes de se converter ela apresentava uma preferência por blusas decotadas e escuras. Os decotes e as blusas com alças, além das calças e saias curtas, foram extintas de sua aparência.

Com a análise dessas fotografias percebemos que grande parte dos lugares antes frequentados por nossas entrevistadas foram abandonados por elas. Tendo em mente que por serem lugares que não falam de Deus, ou que tenham uma percepção de religião diferenciada, são tidos como inadequados para um assembleiano. Nesse sentido, é importante pensarmos que a partir da conversão a Igreja tenta cercar o fiel de todas as maneiras possíveis, limitando seus espaços de sociabilidade e assim tornando toda sua vida carregada de religiosidade. Trazendo novas formas de se relacionar com as pessoas e com os espaços e com a própria

identidade. Para pensarmos essas questões dialogaremos com Bauman (2005), o autor debate a construção das identidades na sociedade moderna que denomina de “líquida,” ou seja, multifacetada. Segundo este autor, na atualidade, a identidade é algo eternamente provisório, instável. Um processo que envolve muitas escolhas. E precisa constantemente ser alimentado para se manter, fazendo parte de uma construção incessante.

Assim, na medida em que se assume a identidade de assembleiano, uma das formas que a Igreja encontra para manter essa identidade, ou uma coesão entre aqueles que buscam essa identidade, é lembrá-los a qual grupo pertencem, no que acreditam e como devem se comportar por pertencer a uma determinada coletividade. A conversão é, pois, um momento de ruptura. De mudança de identidade. A pessoa que antes se encontrava em crise com sua antiga religião (ou podemos dizer identidade), se sente solta, e assim busca um novo grupo como forma de alcançar uma identidade mais ou mesmo “fixa e sólida”¹³⁵. (BAUMAN, 2005).

Desta forma, a partir do momento que o fiel se reconhece enquanto portador da identidade assembleiana a Igreja busca criar um círculo de proteção em torno desta pessoa, para assegurar seu pertencimento e solidificar sua experiência religiosa,

Tornamo-nos consciente de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age- e a determinação de se manter firme a tudo isso- são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. Só começarão a ter essa ideia na forma de uma tarefa a ser realizada, e realizada vezes e vezes sem conta, e não de uma só tacada.” (BAUMAN, 2005, p.18)

De acordo com Bauman, o indivíduo passa por vários grupos no decorrer de sua vida, tornando a identidade em uma negociação permanente. Portanto, sendo algo provisório a identidade precisa ser alimentada, deve ser presente a assumir um papel na vida do indivíduo para que possa mostrar sua existência e sua importância. Como destaca o autor, “As identidades são para usar e exibir, não para armazenar e manter”. (BAUMAN, 2005, p 96). Desta forma, ele considera que “[...] existem mais de uma ideia para evocar e manter unida a comunidade fundida por ideias. (BAUMAN, 2005, p. 17). Segundo Bauman (2005), “A

¹³⁵ O próprio Bauman (2005), desconsidera na atualidade a existência de uma identidade totalmente fixa, salientando que estar fixo é mal visto na sociedade moderna.

identidade é definida para se ajustar 100% a um espaço para não ficar deslocado dos lugares”. E nesse sentido podemos pensar que os espaços fazem parte da constituição de uma memória coletiva e de uma identidade para os grupos.

Pensando nisso, recorreremos às considerações do autor sobre a existência de uma “subclasse” na sociedade moderna. Mas o que seria essa “subclasse” e como ela pode nos auxiliar na reflexão do caso assembleiano? Bauman (2005, p. 46) chama de “subclasse”, pessoas ou demais categorias que foram “arbitrariamente excluídas da lista oficial dos que são considerados adequados e admissíveis.[...]” São aqueles que infringem ou fogem aos padrões estabelecidos por uma ideia tradicional de identidade. O autor destaca que a partir do momento que se infringe uma identidade, as outras também lhes são negadas *a priori*. Deste modo, “a ‘identidade da subclasse’ é a ausência de identidade, [...] você é excluído do espaço social em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas”. Isso nos remete aos disciplinamentos realizados na ADTC de Milhã, um assunto muito debatido no decorrer deste trabalho. Onde aqueles que infringem os aspectos de uma identidade pré-estabelecida para o grupo, são afastados provisoriamente de sua convivência social e são vistos como pessoas que se distinguem negativamente dos demais. A partir do momento que o fiel disciplinado reconhece seu erro e se enquadra novamente nos ideias de convívio do grupo, sua identidade volta a ser reconhecida.

Segundo Bauman (2005, p. 92-93) no mundo instável, de identidades em constante modificação, para as religiões tradicionais se torna difícil manter unidade e coesão no grupo. Então, diante da diversidade de opções e da rápida mutação da sociedade,

[...] as Igrejas são forçadas a assumir a posição de fortalezas sitiadas e/ou instituições em “contra-reforma permanente.” O cânone da fé precisa ser defendido a unhas e dentes e reafirmado diariamente, distração é suicídio, vigilância é a ordem do dia, a “quinta coluna” (qualquer coisa indiferente e hesitante no interior da congregação) deve ser identificada a tempo e cortada pela raiz.

A fé constantemente reafirmada, as distrações rigorosamente evitadas e a vigilância auxiliando na manutenção da ordem. É desta forma, que a Igreja ADTC de Milhã, procura construir a sociabilidade de seus fiéis unicamente no espaço da Igreja. Um lugar em que todos compartilham as mesmas doutrinas e tem os mesmos ensinamentos. A Igreja é, portanto, um espaço sagrado que deve ser respeitado e vivenciado por todos. No caso da nova convertida, através de sua maneira de trajar ela pode exprimir sinais a respeito da sacralidade do lugar. Na igreja é importante que todas estejam iguais, em comunhão com a doutrina,

manter a hegemonia no grupo aparentemente é o mais importante. Percebemos essa característica na fala da fiel Karla Lima¹³⁶, quando ela salienta que, “[...] logo quando eu comecei a aceitar. Ir pra Igreja, fazer parte do conjunto, mudei todas minhas roupas. Ou seja, tinha aquelas calças, tinha short, mas usava só em casa. Na igreja eu ia com [...] as vestes de crente”.

A sacralização da Igreja e a necessidade de reconhecimento na sociedade milhanense são questões percebidas na fala acima mencionada. Isso porque na Rua ela deve expor, através de sua aparência e de seu comportamento a identidade assembleiana. Porém, na casa, um espaço privado, de maior liberdade, no seio da família e longe dos olhos dos irmãos, ela não se envergonha de usar seus antigos trajes. Assim, no processo de conversão se torna comum as mulheres dividirem seu guarda roupas. As roupas antes da conversão (calças, shorts, blusas com alças) passam a ser utilizadas apenas em casa, longe da exposição da sociedade milhanense, e dos membros da Igreja. Na rua, ou indo para a Igreja, ela se apresenta como mulher assembleiana, como saias, blusas com mangas, e tudo que represente sua Igreja. A aparência oscila, entre aquela que deve ser assumida nas ruas e na Igreja e aquela que a fiel esconde em casa.

A respeito das comunidades religiosas, e da importância que estas atribuem aos espaços sacralizados, Hawbwachs (1990, p. 155) salienta que

A separação fundamental, para estas sociedades, entre mundo sagrado e mundo profano, realiza-se materialmente no espaço. Quando entra numa Igreja, num cemitério, num lugar sagrado, o cristão sabe que vai encontrar lá um estado de espírito do qual já teve experiência, e com outros fiéis, vai reconstruir, ao mesmo tempo, além de uma comunidade visível, um pensamento e lembranças comuns, aquelas mesmas que foram formadas e mantidas em épocas anteriores nesse mesmo lugar.

No templo, um espaço dedicado às vivências espirituais, e aos ensinamentos de um credo, pensamentos e lembranças são construídos de forma coletiva. É isso que vai constituir uma identidade para os grupos. Os fiéis são doutrinados e juntos cultuam uma fé, que conduz suas vidas dentro e fora do espaço da Igreja. Desta forma, além de pensar o espaço da Igreja e a maneira correta de se vestir e se comportar entre suas paredes numa perspectiva das relações sagradas e profanas, devemos pensar que o templo assembleiano é, pois, um lugar de memória, tendo em vista que “as imagens espaciais desempenham um papel

¹³⁶ Nome Fictício. Entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012.

na memória coletiva” (HAWBWACHS, 1990, p.133). Percebemos, portanto, a importância da memória no processo de construção identitária.

Segundo o autor cada grupo expressa suas práticas e crenças em termos espaciais. Os grupos organizam os elementos dentro de um espaço de acordo com seus modos de vida. Cada espaço, objeto, ou ritual dentro de um lugar tem motivações simbólicas dos indivíduos que a exercem. O valor simbólico que os grupos dedicam ao espaço é percebido por Hawbwachs (1990), e este vem salientar que esses grupos precisam de um quadro espacial, para manter e perpetuar suas memórias. Segundo ele os espaços auxiliam a reconstruir as memórias. A Igreja é, pois, um suporte físico que auxilia os fiéis, guardiões da memória assembleiana. É no espaço do templo onde se constrói a identidade coletiva.

Não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma a outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço-aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir- que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HAWBWACHS, 1990, p. 143)

O autor destaca que a memória necessita de um espaço físico para se desenvolver¹³⁷ pois é nele que as experiências dos sujeitos são registradas. As paredes do templo auxiliam no resgate das lembranças. Neste espaço se vivenciam os costumes, embasados em valores que possuem significados individuais e coletivos. O religioso não é algo isolado, que atua apenas na vida coletiva de seus seguidores. Ela está imbricada em suas vivências para além da Igreja. Em casa, no trabalho, no íntimo das memórias e dos desejos, a religião se manifesta, influenciando comportamentos e pensamentos.

O discurso mais recorrente no que se refere aqueles que se convertem é que, “Aceitam Jesus, se tornam novas criaturas”. Essa fala do pastor Marcos, é presente em toda a homilia assembleiana. Se tornar uma nova criatura, é dar “bom testemunho” de vida, que

¹³⁷ O valor simbólico dos espaços também é percebido por Bachelard (1989, p. 29), pois, segundo ele “o tempo já não anima a memória. A memória- coisa estranha!- não registra a duração concreta, a duração no sentido bergsoniano. Não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências. O inconsciente permanece nos locais. As lembranças são imóveis, tanto mais sólidas quanto mais bem especializados. Localizar uma lembrança no tempo não passa de uma preocupação de biógrafo e corresponde praticamente apenas a uma espécie de história externa, uma história para uso externo, para ser contada aos outros.

significa desempenhar ações e posturas citadas anteriormente. Mas uma das principais características dessa mudança de vida é criar um mundo pautado no transcendente e isolado dos mundanismo. Isso ocorre principalmente através da segregação dos espaços.

A partir da conversão os fiéis, sejam homens ou mulheres, passam a ter a Igreja como espaço único de sociabilidade. A Igreja passa a ser o templo onde se ora. A escola onde se estuda a palavra e os modos de vida permitidos. O salão de festas onde se comemoram as datas importantes e os cerimoniais da Igreja. O lugar onde as mulheres exibem sua elegância, beleza e obediência aos preceitos, através dos trajes tipicamente femininos. O espaço onde as famílias se reúnem, e são aconselhadas quando passam por problemas. Refletindo sobre esse mundo isolado dos pecados que a Igreja busca construir para seus fiéis, Silva (2003, p. 36-37) destaca que,

[...] a igreja pentecostal separa os seus membros do mundo com a condição de criar para eles um mundo separado, não só do ponto de vista ético (não beber, não fumar, não jogar bola, não ir ao cinema, não assistir TV etc), como do ponto de vista de uma rotina de vida. Para não serem contaminados e corrompidos pelas coisas, paixões e interesses do mundo, os líderes pentecostais procuravam imprimir na conduta dos fiéis desde a conversão, os ensinamentos da Bíblia que era na base e a norma de comportamento de todo verdadeiro cristão e que deviam estimular a obediência plena, e com isso, os usos e costumes para esta igreja tomaram-se numa forma de santidade.

Uma vez convertidos, “os crentes” transferem suas relações sociais para o ambiente da Igreja. As paredes do templo se tornam muros, que separam a rotina dessas pessoas das demais da cidade (OLIVEIRA, 2011). Porém a resistência deste muro não é garantida pela estrutura de ferro ou pelo concreto que os sustentam e sim pelas crenças ancoradas na fé e na doutrina. Na Assembleia de Deus de Milhã, os fiéis são cobrados a demonstrar um comportamento diferente e o fato de se tornar um “crente” traz consigo a necessidade de renunciar a seu passado de pecados. Os lugares que frequentavam antes são evitados. A vida vai girar em torno da Igreja e de seus membros, que a partir da conversão de um fiel se tornam o grupo de referência. Segundo o Pastor, os ambientes fora da Igreja são as “rodas de escarnecedores¹³⁸”. A Igreja se torna, portanto, uma “Casa” que acolhe e protege os fiéis dos perigos representados pelo “Mundo”.

¹³⁸ O pastor Marcos Pereira chama de “rodas de escarnecedores” os espaços da cidade que são destinados a diversão como: bares, clubes, campo de futebol e etc. O termo é destinado ainda as pessoas que não são crentes, que podem de alguma maneira influenciar o fiel assembleiano para um mau caminho. Assim o pastor, por várias vezes, deixa explícito que o verdadeiro crente deve se distanciar de lugares e pessoas “do mundo”, para não cair nas tentações.

Com isso podemos aferir que para o ser religioso o espaço não se constitui de forma homogênea. Ele é carregado de significados. Desta feita se constituem de forma qualitativamente diferente. Essas considerações são discutidas principalmente por Eliade (1996). Uma das primeiras definições que o autor nós trás para tal relação é revelada através de uma dicotomia, pois segundo ele, o sagrado é definido como tal por se opor ao profano. O sagrado representa o “Cosmos”, significa o nosso mundo e toda sua carga simbólica. O Profano é relacionado ao “Caos”, portanto, um outro mundo, carregado em toda sua negatividade. Eliade (1996, p. 25) salienta que,

Para o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferentes das outras. “Não te aproximes daqui, disse o Senhor a Moisés; tira as sandálias de teus pés, porque o lugar onde te encontras é uma terra santa.” (Êxodo, 3:5) Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não-sagrados, e por consequência sem estrutura nem consistência, em suma, amorfos. Mais ainda: para o homem religioso essa não-homogeneidade espacial traduz-se pela experiência de uma oposição entre o espaço sagrado - o único que é real, que existe realmente - e todo o resto, a extensão informe, que o cerca.

Ainda de acordo com ele, o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais. Segundo Eliade (1996, Cf. p. 26) essa não homogeneidade do espaço é responsável pela fundação de um mundo para o fiel. É a constituição de um ponto fixo. Assim, a Igreja tem características sagradas não pelo formato de suas paredes, ou pela extensão de seu território. Ela é diferente por representar uma *hierofania*, ou seja, vai além da materialidade e de seus significados práticos para conceber o sagrado. É um espaço privilegiado de contato com Deus, a porta para o alto. Um lugar de comunhão com o transcendente.

[...] a revelação de um espaço sagrado permite que se obtenha um “ponto fixo”, possibilitando, portanto, a orientação na homogeneidade caótica, “a fundação do mundo” o viver real. A experiência profana, ao contrário, mantém a homogeneidade e, portanto, a relatividade do espaço.” (ELIADE, 1996, p. 27)

O principal argumento utilizado para realizar a segregação dos membros é, selecionar e frequentar espaços que falem de Deus, que preguem a palavra. Pois todos aqueles que não falam de Deus devem ser isolados. Percebemos isso claramente no trecho a seguir,

onde o pastor Marcos da Silva¹³⁹ nos fala de um diálogo que teve com um fiel da Igreja a respeito desta temática. Esse fragmento nos possibilita perceber que os direcionamentos doutrinários também são recorrentes entre os fiéis do gênero masculino. O bom comportamento e a segregação dos espaços é uma diretriz que deve ser respeitada por homens e mulheres,

Teve um irmão que chegou e perguntou: “Pastor o que é que você acha de eu vender na vaquejada? Eu ir pra vaquejada, eu ir pro futebol, vender lá no futebol?” Meu filho, eu não acho nada, mas você quer uma resposta minha? “Quero”. Eu não vou. Mas você que sabe, você tem o direito de ir e vir. “O senhor me cita alguma coisa”. Leia salmo primeiro. Aí um jovem me perguntou, pastor qual é o problema de eu ir pro estádio de futebol assistir um jogo? [...] Nenhum. Mas pastor porque é que eu não posso ir, o que é que diz o salmo? O salmo primeiro diz, “Bem aventurado o varão que não anda segundo o conselho dos ímpios. Não se detém no caminho dos pecadores nem se atem aos escarnecedores”. No campo, estádio se fala em que? Fala em Deus? Não fala não. O que é que fala lá? Palavrões, é brigas, é distratar a mãe do juiz, distrata o time contrário, há brigas, até morte há. Eu digo, nesses ambientes, Deus ta presente? “Tá não”. Pois é meu amigo, é roda de escarnecedor. É lá onde vão escarnecer da minha mãe. Do meu pai. Do meu trabalho, do que eu faço. Do passe no time que eu dei errado. E eu vou gritar e vou levar nome de burro, levar nome feio. Então é essa situação que nos tamos vivendo. Agora proibir, vá não! Vá meu filho. Quer ir vá. Só que você vai sofrer suas consequências. [...] Evangélico é um referencial, um pessoal diferente.

Neste trecho, percebemos que o estádio de futebol, um lugar onde ocorrem jogos, disputas e onde os ânimos se exaltam significa uma aproximação das “rodas de escarnecedores”. É, portanto, um lugar do mundo, pois além de não falar em Deus, os torcedores dos diferentes times brigam, xingam e cometem atos que são condenados pela bíblia. Segundo o pastor, o crente fiel às doutrinas não deve frequentar um lugar como esse, nem mesmo para trabalhar vendendo bebidas ou alimentos. Já que a indagação inicial do fiel foi saber se poderia ir ao estádio para trabalhar. Porém, o fato de estar próximo do que o mundo oferece é uma “tentação”, e pode “desviar o crente do caminho de Deus”. O trecho sugere ainda que o fiel só deve frequentar e buscar os lugares que falam de Deus (Igreja), ou que não ofereçam diversões e atrações “mundanas”.

Para o pastor, se um fiel se deixa influenciar pelos objetos, pensamentos, e pessoas do mundo, seu prestígio na Igreja e perante Deus está em questionamento. E mais uma vez, a fala em torno do diferencial do evangélico é citada. Contudo, de forma mais firme, pois além de ser diferente, ele deve ser um referencial. Alguém que deve ser visto como

¹³⁹Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 10/09/2010.

exemplo pelos membros da sociedade, pois “quem não se converte permanece no pecado”. Deste modo, segundo Ribeiro (2007, p. 233) “para o pentecostalismo, arrependimento é uma experiência que só é alcançada, a partir de uma ruptura, por parte do crente, com o domínio das coisas profanas, ou seja, o afastamento da vida secular”.

O estádio de futebol é apenas um dos exemplos de lugares proibidos ou mesmo que devem ser evitados pelos assembleianos. Nas lições bíblicas encontramos um trecho que fala claramente dos lugares que representam perigo para o crente fiel.

Nesse contexto encaixam-se instituições, eventos e passatempos, como associações de bairro, clubes esportivos, política, administração pública, projetos comunitários, eventos repetitivos como o carnaval, festa junina, festa caipira, liderança de comunidade, etc. a) *Associações de Bairro*. Se de fato é um esforço cívico para a promoção do bem-estar comum, educacional, ético e moral do povo (o que é muito duvidoso hoje em dia nessas tais associações), o cristão deve orar muito a Deus, antes de se engajar nelas, porque o mundo costuma falar uma coisa na teoria e aparecer com outra na prática. É numa hora dessas que o crente fraco, enquanto auxilia os outros, pode vir a ter comunhão com as trevas, e sua fé cristã começa a perder qualidade [...] b) *É uma lástima que*, devido à natureza adâmica, rebelde, que todo ser humano traz do berço, o povo de Deus tenha uma tendência inata para conformar-se com a maneira de viver e proceder no mundo, isto é, seus valores, padrões, prazeres, costumes, práticas e procedimentos. Isto parece evolução, modernidade, mas a palavra diz o contrário, e também o futuro ainda não chegou, para se ver a colheita dessa sementeira mista. (p.17) c) *Clubes esportivos e esportes em geral*. Esporte como arte, digna de ser admirada e praticada, acabou há muitas décadas. Hoje, o que chamam de esporte é puro mercantilismo, competição violenta e batalha campal, visando apenas o ganho. (CPAD, 1996, 4º TRIMESTRE, p.16-17)

Natureza Adâmica e rebeldia são assinaladas como tendências do ser humano, que precisam ser domesticadas em nome do espiritual. No trecho acima observamos que a revista lições bíblicas fala em espaços, cargos, festas, práticas morais e atividades físicas que não devem fazer parte do cotidiano de um membro da Igreja. A classificação é categórica, associações de bairro, carnaval, festas juninas, clubes esportivos, e até mesmo envolvimento em problemas políticos são apenas algumas das esferas de espaços e práticas que segundo a “Igreja” agridem a fé e a vida em santidade do fiel. A Igreja condena a presença de seus membros nesses lugares porque aponta que apenas entre os irmãos, com a força da fé e distante das vaidades e ameaças que o mundo oferece o fiel ira encontrar o verdadeiro caminho da salvação. A hesitação é atribuída até mesmo a associações e projetos que visem o bem estar comum. Isso acontece devido a uma desconfiança de que as lideranças e os objetivos de tais eventos possam estar sendo manipulados pelo mal. O discurso das revistas,

igualmente utilizado pelas lideranças assembleianas, expõe o “mundo” como um lugar amoral, antiético e incrédulo. Cria-se então a visão de que o único lugar onde os valores morais e religiosos coexistem, e onde se vive da maneira correta, é dentro da Igreja.



Figura 11. Interior da Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã- CE
Fonte: Acervo registrado pela autora.

Para o crente, ou seja, o ser religioso, a Igreja faz parte de um espaço qualitativamente diferente da rua onde ela se encontra, “a porta que se abre para o interior da Igreja significa, de fato, uma solução de continuidade”. Segundo Eliade (1996, Cf. p.29) a Porta do templo é o “limiar” que distingue os dois espaços, indicando a diferença e a distancia entre o mundo “Sagrado” e “Profano”. A Igreja é o lugar sagrado pois é onde se vive e se prega a obra de Deus. “Na realidade, o ritual pelo qual o homem constrói um espaço sagrado é eficiente à medida que ele reproduz a obra dos deuses” (ELIADE, 1996, p. 32).

A postura dos membros, a distribuição destes no interior da Igreja, tudo isso está ligado aos valores e crenças do grupo. Por exemplo, é visível a distinção a partir dos “papéis de gênero” que se faz presente na Igreja ADTC de Milhã. Ao chegar à Igreja o visitante é logo acolhido nos portões de entrada pelos “receptionistas”, sempre homens, que dão as boas vindas com um caloroso aperto de mãos. Dali, uma senhora que possui o cargo de “acomodadora”, uma atribuição recentemente criada pela congregação de Milhã, encaminha o visitante para que encontre um lugar para sentar, geralmente nos bancos de trás. Nestes é possível perceber como se constroem as fortes estruturas hierárquicas da instituição. No

púlpito, é visível o destaque masculino, pois lá, dirigindo os trabalhos do culto, ficam os líderes da Igreja. Do lado direito do altar fica a banda de música, do lado esquerdo alguns bancos que são destinados ou ao grupo de senhoras, ou ao grupo de jovens. Já que durante o mês, existem divisões entre cultos de doutrina, cultos dos jovens, e cultos de senhoras. Aqueles (as) que irão louvar algum cântico ou dar algum testemunho permanecem ali.

Nos demais espaços da Igreja também existem divisões. Elas não se apresentam de forma perceptível quando não se conhece bem o grupo, mas existem. Geralmente nos bancos da frente há uma predominância na presença de senhoras, moças e crianças que estão “em dias” com seus deveres de boas cristãs, ou seja, aquelas que se comportam e se vestem como a Igreja determina ser a maneira correta. Entre os bancos intermediários, possivelmente sentam-se os homens que não ocupam cargos na Igreja, e também algumas mulheres. Nos últimos bancos, do lado esquerdo do púlpito, ficam os “disciplinados”, que são aqueles que recebem punições por alguma falta ou descumprimento de normas.

A descrição do espaço interno da Igreja é propícia, pois através dela conseguimos perceber reflexos do lugar atribuído aos homens e as mulheres assembleianos. Um fato que também é registrado através de imagens, onde entendemos que o altar da Igreja é predominantemente formado pelos homens da instituição.



Figura 12: Altar da Igreja ADTC de Milhã. Nesta fotografia percebemos as hierarquias masculinas
Fonte: Acervo da Autora

As duas mulheres que vemos na fotografia estão realizando um momento de louvor, já que esta imagem foi registrada no encontro de senhoras. Este momento é reservado a uma participação mais intensa das mulheres no culto, exceto na homilia oficial, que é exclusivamente realizada por homens, sendo ele o pastor, o copastor, ou algum convidado vindo da Assembleia de Deus de outra cidade.

Desta forma interna e externamente a Igreja possui uma estrutura e organização baseada em suas crenças religiosas. Todo o espaço onde a Igreja está localizada assume, portanto, características simbólicas. Desde sua construção, ela é projetada a partir das crenças assumidas pelo grupo. Isso porque, desde o lançamento da pedra fundamental (um ritual analisado anteriormente) ocorre uma consagração do território. Segundo Eliade (1996, p. 35) isso representa sua “cosmização”. Ou seja, “[...] organizando um espaço, reitera-se a obra exemplar dos deuses”). A consagração é a fundação, a repetição da origem onde se funda o “centro do mundo” para o homem religioso. Assim a Igreja se torna o centro para o fiel, um lugar essencial para sua vida religiosa, pois é onde ele consegue de maneira mais intensa uma conexão com o sagrado.

Na Igreja, a comunhão de um mesmo Deus e de sua obra ganham efervescência. É um espaço diferente, onde se vive e se prega a palavra e as obras dessa divindade. É onde o fiel se sente parte de uma fé coletiva. Constrói-se a ideia de que aquele é o único lugar onde se prega a verdade, e a formula correta do viver. O fiel é cercado por “usos e costumes”, ou seja, por práticas que orientam sua vida e seu comportamento dentro da Igreja, mas principalmente fora dela. Para não se perder nos perigos que possa enfrentar nos espaços profanos.

Assim, a Igreja e tudo que ela representa vira o “cosmos” do fiel assembleiano. E os lugares tidos como profanos (a rua e os lugares de diversão que não falam de seu mesmo deus) passam a ser vistos como um ataque exterior que ameaça transformar o “mundo” do assembleiano, ou seja transformá-lo em “caos”. Esse pode ser visto, portanto, como um dos principais motivos do isolacionismo que as lideranças da igreja pregam aos seus fiéis. Pois o “caos” do mundo profano aterroriza e ameaça desconstruir toda a ordem criada pelo “cosmos” que é a Igreja, o espaço do sagrado. (medo de perder a pessoa para o mundo).

Ao mesmo tempo em que percebemos essa forte distinção entre sagrado e Profano, entre Cosmos e caos, acreditamos que o grande diferencial da Igreja ADTC de Milhã, é sua capacidade de transformar os espaços e momentos considerados “do mundo” em lugares de oração. Ou seja, constroem uma maneira diferenciada de diversão. Uma forma de

transformar o profano, sacralizando-o. Podemos citar o exemplo do Carnaval, uma festa que a Igreja considera mundana. Pois exalta a inversão, o corpo e o uso de bebidas. Durante uma entrevista, uma das fiéis acrescenta que quando gostava das coisas do mundo a festa que mais curtia era o carnaval. Então indagamos se ela após a conversão havia sentido falta de participar desta festa, que dentro do município é uma das mais tradicionais. A resposta de Ana Luiza Oliveira¹⁴⁰ foi rápida e objetiva,

Não. Até porque sempre no carnaval, quando a gente num sai pra retiro, eu passo o carnaval na calçada lá de casa, olhando. É como se num, como se eu nunca tivesse participado daquilo. (No retiro) a gente se reuni os 4 dias de carnaval, e tem louvores, tem pregação. Sempre a gente se junta com outras Igrejas. Então é bastante legal. [...] No último inclusive, nós fomos pra Parambu. Então, durante o dia a gente tem louvor. A gente faz churrasco. Tem piscina também. Então a gente se diverte. A gente brinca. E a noite tem os cultos.[...] Quem quiser assim, geralmente vão os casados. Mas, geralmente assim, sempre é mais os jovens. [...] É bem bacana. Que você nem lembra. Eu pelo menos quando eu estava lá em Parambu, ano passado, nossa num queria nem vir. Nem lembrava de carnaval. Por que lá também em Parambu não tem Carnaval.

A fiel relata a existência dos “retiros de carnaval”¹⁴¹. Nessa ocasião o carnaval se torna numa festa particular do grupo, onde mesmo reservando horários para louvores e pregações, há o espírito da diversão, com churrascos, banhos de piscina e brincadeiras. Os retiros são realizados em lugares estratégicos, ou seja, onde a festa de carnaval não seja algo presente nas proximidades. Evitando assim que os fiéis lembrem que a festa esta ocorrendo em grande parte do estado e do País, ou mesmo que se sintam tentados a participar das comemorações. Isso permanece nas entrelinhas quando a fiel é indagada se sentia falta de participar do carnaval, já que afirmara anteriormente que esta seria a festa que ela mais gostava. A diversão passa a considerada “sadia” em um lugar que não realiza os festejos do carnaval. Cria-se um universo separado para os fies, distante de uma das festas mais condenadas pelos evangélicos em todo o país.

¹⁴⁰ Nome Fictício. Entrevista realizada em 08/01/2012.

¹⁴¹ Retiros são espaços preparados pelas pessoas que desejam se afastar de determinadas festas e dedicar-se a religião, realizando momentos de Oração. Não é algo exclusivo de uma grupo religioso. No caso da Assembleia de Deus, são organizados pelas assembleias de Deus de várias cidades, que se unem para organizar o evento. Escolher o lugar, inscrever os fiéis, conseguir transportes para conduzir as pessoas. E mais, unir os fiéis de diversas cidades em prol de um único objetivo, afasta-los dos pecados carnavais representado pelo festejo do carnaval. A seguir temos o folder do retiro organizado para este ano de 2013. O evento aconteceria na cidade de Mombaça - CE, e foi organizado pela União da Mocidade da Assembleia de Deus Templo Central da referida localidade. Oração, Louvor, Lazer, Cultos, Filmes, Devocional, Discipulado, União e Confraternização, foram algumas das promessas desse evento. Portanto, os quatro dias de festa mundana que é o carnaval, se transformam em quatro dias de uma festa sagrada. Os retiros são direcionados a todos os fiéis, mas há um convite especial para os jovens. Tidos como os mais propícios aos convites tentadores de uma festa tão “carnal” e profana.

É assim que a ADTC de Milhã, assim como as ADs em outras cidades, criam, portanto, uma diversão diferente, construindo um mundo diferenciado para aquele que se converte. Gerando novas práticas e uma nova maneira de se comportar diante dos lugares de diversão e dos grandes festejos do país. Essa é uma maneira estratégica de conquistar, manter, e gerar um diferencial para os assembleianos. Mostrando que ser crente não é ser uma pessoa morta para as diversões, ou para os prazeres da vida. É, contudo, aproveitar e vivenciar tais prazeres de maneira diferente. É o que salienta uma de nossas entrevistadas, a fiel Andreia Mattos¹⁴²,

Crete viaja, crete vai a praia, crete passeia em shoppings, certo? Crete tem uma vida normal. A gente faz festas. Ah! Mas as nossas festas tem muita comida. (risos) Festa de crete é o que? É comida, comida e comida. [...] O som tem música, os hinos evangélicos. Quer disser, nos temos festas lindíssimas, festas que a gente traz pregadores, o pastor traz pregadores de fora.

A entrevistada fala de uma nova forma de se divertir. Segundo ela o crete viaja, vai a praia ao shopping, tem festas, mas tudo isso é vivenciado de uma maneira distinta. É uma forma que os fiéis assembleianos encontram de entreter-se e ao mesmo tempo sentir que estão seguindo os ensinamentos de Deus. Edina destaca que após a conversão ela frequenta alguns lugares de antes, porém em sua mentalidade, suas novas práticas de convertida se distanciam de bebidas, músicas e danças do mundo. Segundo ela, festa de crete é animada, porém uma animação sem embriaguez, com muita comida, hinos e alegria. Ana Luiza Oliveira também fala das diversões da Igreja.

Nossa Igreja é quando a gente, a gente sempre sai. Tem cultos com os jovens. A gente vai visitar outras Igrejas, e a gente faz passeios também. Sempre no fim do ano a gente tem um passeio. A gente vai pra praia, ou a gente vai pra chácara. Sempre a gente faz uma diversão entendeu? E diferentemente de antes, assim tudo. Então é, são coisas assim que eu me divirto de uma maneira sadia, diferente. E que não precisa de bebida, não precisa de festa. E com meus irmãos, meus amigos e tudo. Ou então as vezes eu saio, eu vou pra casa das minhas amigas. Ou eu estudo. O meu cotidiano é esse. Faço. Tem a faculdade e tudo. Tem o trabalho, ou então tó em casa. Esse é o meu cotidiano.

Observando as falas das duas entrevistas constatamos que uma das principais formas de diversão dos assembleianos são os passeios para visitar Igrejas em outras cidades. Além destes temos as viagens como principal diversão. Seja para casa de praia ou para

¹⁴² Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 09/01/2012.

chácaras. Nestes lugares festejam, realizam churrascos, brincadeiras, mas tudo dentro de um limite estabelecido pelos costumes do grupo. Nessas ocasiões também reservam um tempo para realizar suas celebrações. Com isso, acreditamos que as diversões do mundo são resignificadas ao que a Igreja considera uma comemoração diferente, sagrada. Assim como, as festas assembleianas assumem um aspecto diferenciado do que comumente entendemos por festas.

As festas da Igreja são momentos de união, alegria e muito trabalho para os assembleianos. Os mais engajados são responsáveis pela organização das cerimônias. Nesses eventos, temos oportunidade de observar como a aparência é algo “distintivo” para os membros desta Igreja. Pois são nos momentos de festas que homens e mulheres colocam suas melhores roupas, aquelas consideradas mais decentes e elegantes, que mais representem a sobriedade de seu grupo. No que se refere aos homens, o mais comum é que utilizem calças e camisas sociais, fazendo uso de gravatas. O terno completo é algo mais utilizado pelas lideranças (pastores, presbíteros, diáconos). Já para as mulheres, todas utilizam suas melhores vestes. Em dias de festas elas “desfilam” nas proximidades da Igreja com longos vestidos, sapatos de salto, e os cabelos sempre escovados ou com penteados diferentes. É muito comum ouvirmos relatos informais de mulheres que mesmo sem condições financeiras, fazem dívidas enormes, ou gastam todas as economias, para comprar roupas novas para esses eventos. Esse é um sinal de que a vaidade permanece e é muito comum no cotidiano dessas mulheres.

Partindo dessas considerações acreditamos que a vestimenta atua como elemento de diferenciação. Isso porque a vestimenta dessas fiéis, padronizada em saias, vestidos e no uso de blusas com mangas, pode ser considerada uma espécie de uniforme, que caracteriza o grupo. Em trechos anteriores, o pastor da Igreja, principal liderança da instituição, faz um paralelo entre as vestes do “crente” e às vestes dos militares. Essa comparação é pertinente se pensarmos que a vestimenta do evangélico imprime na aparência uma série de normas de condutas. Distingue o assembleiano de outras denominações evangélicas e de outras religiões. Nesse sentido, segundo o pastor, o fiel assembleiano, principalmente as mulheres devem vestir-se de um “uniforme cristão”. Contudo, se pensarmos que cada fiel imprime em seu traje os costumes do grupo, mas também os valores individuais, o peso de um uniforme vai deixando de existir.

Em seus estudos sobre história da indumentária Roche¹⁴³ (2007, p. 228), considera que “o uniforme¹⁴⁴ merece, pois, a nossa atenção, uma vez que está no cerne do encontro entre as aparências e a disciplina social.”. É um mecanismo que confunde inteiramente a pessoa com a “personagem social”. Pensando nisso, a roupa “tipicamente” assembleiana é parte de uma disciplina social e religiosa, que serve para identificar o grupo do qual a fiel faz parte, sendo também uma maneira de controlar e esconder o corpo. Porém, em que medida podemos afirmar que essa maneira de trajar se transforma no uniforme se as próprias fiéis inserem nas roupas seus desejos, suas vaidades, seus gostos pessoais e até mesmo o grau de aceitação da doutrina que a Igreja lhe impõe?

Para a Igreja seguir os usos e costumes vestimentares deve estar acima das aspirações particulares. Um exemplo disso pode ser observado na fotografia a seguir, registrada pela própria Igreja e divulgada nas redes sociais. Percebemos a tentativa de legitimar um padrão. De corroborar um estereotipo dessas mulheres. Já que para muitos, elas são todas iguais, que se vestem da mesma forma. Observemos a imagem a seguir onde todas as “senhoras¹⁴⁵” da Igreja ADTC de Milhã estão utilizando roupas idênticas.



Figura 13- Fotografia de todas as “senhoras” da ADTC de Milhã, no 1º Encontro de Senhoras da referida Assembleia de Deus no ano de 2012.

Fonte: Face book da Igreja Assembleia de Deus de Milhã¹⁴⁶.

¹⁴³ Roche (2007) fala da importância e das transformações proporcionadas pelo surgimento do Uniforme na sociedade Francesa do século XVII e XVIII. Contudo, estamos nos apropriando das considerações gerais a respeito do simbolismo presente nos uniformes para pensar o caso assembleiano, já que para essas mulheres seguir as normas vestimentares impostas pelo grupo, assim como os próprios militares, requer disciplina. É, portanto, um simbolismo distintivo.

¹⁴⁴ Segundo Roche (2007) os uniformes, são peças indumentárias nascidas no século XVII.

¹⁴⁵ Os membros da Igreja atribuem o status de senhoras a todas as mulheres casadas do grupo, sem dar relevância à faixa etária das fiéis.

¹⁴⁶ <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=318806514892544&set=a.100526243387240.373.100002895931789&type=3&theater>. Acesso em 28-07-2013.

Esta fotografia foi registrada no 1º Congresso de Senhoras realizado ano de 2012¹⁴⁷ na Assembleia de Deus TC de Milhã. Um evento criado para comemorar a existência do Círculo de oração das senhoras. No evento o grupo de louvor das senhoras participou cantando os hinos escolhidos para a ocasião. E as pregações são direcionadas ao papel da mulher na família, na Igreja e na comunidade. Nessas ocasiões, o que mais tem nos chamado atenção são as festas organizadas e assumidas pelas mulheres. É mais um indício de que o papel que essas mulheres assumem dentro da Igreja tem se ampliado. E que em meio a predominância das lideranças masculinas, as lideranças femininas tem se destacado.

A Igreja chamou de evento de “festa”, e esse encontro teve uma característica marcante em relação aos demais. Isso porque o “uniforme da mulher assembleiana” estava concretamente estabelecido. Como podemos perceber na fotografia as roupas exatamente iguais evidenciavam a participação dessas senhoras num determinado grupo. Além dos aspectos típicos da indumentária do grupo, como mangas e saias compridas, a cor das roupas, num tom de rosa, uma cor tida como feminina, dócil, fraterna além da sobriedade proporcionada pela padronização dos sapatos pretos, pela postura corporal das mulheres que estão organizadas numa espécie de hierarquia, onde na primeira fila estão sentadas as mais velhas da Igreja, nos evidencia a importância das representações proporcionadas pelo trajar e pelo comportamento das fiéis.

Contudo é importante percebermos que esse tipo de “uniforme”, que padroniza a imagem das mulheres assembleianas é utilizado exclusivamente nesses congressos e em alguns outros eventos. No dia a dia, saias, mangas e vestidos são adaptados e utilizados por cada uma dessas mulheres de maneira singular. Essa prática de adotar um “uniforme” para os para o congresso de senhoras da Igreja também foi seguida no ano de 2013. Entretanto destacamos que essa não é uma prática exclusiva da Igreja de Milhã. Temos conhecimento de que ADTC da cidade de Senador Pompeu¹⁴⁸, um grupo que mantém estreitos laços com a denominação de Milhã, também adota um “uniforme feminino” no congresso de senhoras que realiza na referida Igreja.

Neste tópico percebemos que a maneira de trajar também está diretamente relacionada aos aspectos sagrados e profanos que podem se desenvolver nos espaços. Para os

¹⁴⁷ No fim de semana de 18 de outubro de 2013, mais uma vez a Igreja organizou este evento, o 2º congresso de senhoras¹⁴⁷ da Igreja. Um fim de semana de casa cheia, muitas visitas de outras congregações e Assembleia de Deus de outras cidades. O mais interessante é que, o culto contou inteiramente com a participação das mulheres nas celebrações oficiais, inclusive na pregação. Na ocasião comemorava-se 43º aniversário do Círculo de Oração da Igreja. Um dos grupos mais sólidos que a igreja possui, composto pelas mulheres da congregação.

¹⁴⁸ Cidade do Sertão Central do Ceará. Distante cerca de 28 Km de Milhã.

fiéis assembleianos, a Igreja, como um lugar sacralizado deve ser respeitado e vivenciado através do uso de roupas que condizem com a crença do grupo. Portanto, se uma mulher se converte e deseja experimentar os modos de vida de seu novo grupo, ela deve se adequar as exigências que a mudança de espaço de um culto religioso necessita. Vestir o traje assembleiano e ir para a Igreja “uniformizada” na palavra e nos usos e costumes do grupo é uma forma de reverenciar a Deus e também a Igreja, o lugar onde a fé se manifesta plenamente. Em virtude disso, surge uma das maiores proibições relacionadas às vestes femininas. Uma característica que distingue o padrão indumentário da ADTC de Milhã de muitas outras religiões e até mesmo de outras Assembleias de Deus. A proibição do uso de calças compridas.

3.2 “E não haverá traje de homem na mulher...”. (Deuteronômio 22:5): A calça como tabu.

[...] Eu não digo que uma calça vá dizer que você aceitou Jesus, ou não. Que você não tem Cristo. Mas assim, pra que tudo esteja conforme né. Isso é uma doutrina da Igreja. E eu tenho que obedecer a doutrina também, é necessário você obedecer.

*Lúcia Pinheiro
Fiel da Igreja Assembleia de Deus TC de Milhã*

Uma das características mais emblemáticas na aparência das mulheres assembleianas em todo o Brasil é o não uso de calças compridas. Essa é uma prática que é legitimada com base nos usos e costumes do grupo. Conforme analisamos anteriormente, a Resolução de Santo André, do ano de 1975, trazia como segunda proibição, “Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados, do sexo feminino”. No ano de 1999, a resolução ELAD modificou alguns pontos no texto, porém o teor da proibição permaneceu o mesmo “As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias”. Percebemos que, a proibição com relação ao uso de vestes que sejam comuns aos trajes masculinos é um assunto presente e muitas vezes polêmico para o grupo. Mesmo sendo um costume oficial da Igreja, é um ponto que traz divergências, pois denota a proibição de uma das peças de vestuário mais comuns em todo o mundo, as calças compridas.

Na epígrafe deste capítulo a fiel destaca que para ela, a calça comprida deve ser utilizada por sua questão de praticidade. Porém na Igreja a mulher deve ir com vestes femininas.

Expressando mais uma vez toda a importância que o espaço da igreja assume para os fiéis que a frequentam. No trecho inicialmente citado neste tópico, a fiel acredita que a proibição no uso de calças para as mulheres deve ser exercida, não por ser um pecado, ou significar que a fiel não seja de Cristo, mas se é uma doutrina deve ser cumprida. Mais a frente iremos analisar falas em que a entrevistada abandonou terminantemente o uso de calças em nome de sua fé, segundo ela é uma distinção que vêm de Deus.

A valorização de “signos estritamente femininos”¹⁴⁹ é uma característica muito difundida entre os membros da ADTC. É também uma prática reconhecida pela sociedade milhanense. Por isso essa denominação é reconhecida como uma das mais conservadoras do município de Milhã. É possível localizar uma clara reprovação ao uso de calças por parte das fiéis, posto que a inapropriação de seu uso pelas mulheres é tida como uma verdade bíblica, uma vez que a calça é considerada uma peça do vestuário, exclusivamente, masculino.

A pregação do pastor, ele prega muito, que a mulher não deve usar roupas masculinas né. Que tem na bíblia que a mulher não deve vestir roupa de homem né. Mas, ele prega muito que nos devemos usar a roupa conforme uma mulher bem vestida. Uma mulher bem arrumada. [...] que a pessoa ande bem vestida, limpinha [...] que tem pastor que quer que a mulher cubra tudo. Ele não. Que ande arrumada. Já o meu presbítero, ele diz o seguinte, que na bíblia quando fala pra mulher não usar roupa de homem, um é que teja proibindo a gente de usar calça. Que em alguma ocasião há necessidade da gente usar uma calça, que não tá sendo pecado, mas é que é pra mulher não se vestir ali e tá todo tempo com aquelas calças. Mas se há necessidade de você vestir uma calça, você pode vestir sem medo de tá pecando. A gente tem ensinamentos bíblicos dia de segunda, e a gente relutou muito sobre isso. Porque que usar calça seria tanto pecado assim? Porque tá escrito na bíblia que mulher não pode usar roupa de homem.

Falando o que o pastor prega a respeito da vestimenta, a fiel Andreia Mattos¹⁵⁰ salienta que o mais repreendido é o uso de roupas masculinas, sem falar propriamente das calças. Segundo ela, as lideranças assembleianas atualmente vêm ressaltando que o uso de calças não são proibidas desde que sejam peças que não marquem tanto o corpo, ou que sejam utilizadas em uma necessidade de trabalho ou locomoção. Portanto, a calça vem assumindo um valor utilitário no discurso conservador da Igreja. Ela afirma que esse é o posicionamento do atual pastor. No entanto, a fiel afirma que no espaço da Igreja o uso de saias deve se manter de forma primordial, em respeito à doutrina pregada pelo grupo

¹⁴⁹ Os vestidos são peças culturalmente associadas às mulheres. E estão entre as peças indumentárias que a Igreja Assembleia de Deus considera adequadamente femininas. Segundo Lipovetsky (2009, p. 154) “O vestido está identificado às mulheres há seis séculos [...]”.

¹⁵⁰ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 09/01/2012.

Quando indagado sobre a temática vestimentas, nos textos bíblicos, uma das primeiras coisas que o Pastor Marcos da Silva¹⁵¹ afirmou foi, “A vestimenta, aí tem muita passagem, no antigo testamento, no antigo testamento, capítulos 22 e 5 Deuteronômio, diz, maldito o homem que veste a roupa da mulher e a mulher que veste a roupa do homem”. Mas, o que a bíblia considera roupas de mulher e roupas de homens? Quanto a isso, o pastor acredita que quando Deus criou o mundo, não havia necessidade de distinguir, foi o próprio homem que no decorrer da história criou novas exigências.

[...]no antigo testamento, capítulo 22 e 5 deuteronômio, diz, maldito o homem que veste a roupa da mulher e a mulher que veste a roupa do homem. Aí nos temos no antigo, logo no começo da bíblia, quando o casal pecou, eu num posso dizer que se eu for pegar um desses doutor que tem aí, desses pastor que tem Igreja aí, que eles são teólogos. Fizeram cursos teológicos, as vezes fizeram até na igreja católica, eles vem dizer pra mim e você sabe qual era a roupa que as mulheres usavam naquele tempo? Por exemplo, a roupa que Deus fez pra Adão e Eva. Você sabe que quando eles ficaram nus. Eles pecaram e descobriram que estavam nus, porque não tinham roupa. Eles num iam usar roupa, eles num tinham maldade. Tiveram quando eles pecaram,. Aí Deus fez roupas pra eles. Eu admito que a roupa de Adão era a mesma roupa de Eva. Porque Deus num tinha uma, uma casa de confecção como nos temos hoje. Deus num tinha. Deus num tinha. Ele pode ter feito o vestido mais bonito do que é feto hoje, ele pode ter feito a peça mais bonita. Mas vou deixar aqui que tanto fazia porque só tinha duas pessoas no mundo. Então num tinha moda, num existia nada disso, eu admito que tenha sido.

O pastor fala de passagens do antigo testamento, e relata a “constituição do pecado” a partir de Adão e Eva. Segundo ele a partir do momento que o casal percebeu o pecado refletido na nudez, Deus teve que criar roupas para eles. E essas roupas talvez fossem Iguais. Porém para ele, isso não deve ser levado em conta, pois só havia os dois no mundo. Mas quando a terra foi totalmente habitada, e as sociedades se constituíram da forma que conhecemos hoje, a necessidade de distinguir homens e mulheres foi surgindo. Para ele, na época não existiam fábricas, nem a indústria da moda¹⁵². Por isso essa falta de

¹⁵¹ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 10/09/2010.

¹⁵² Atentando para a necessidade de distinguir moda e vestuário, debatemos as considerações de Lipovetsky (2009, p. 25-26) onde o autor afirma que a moda não é um fenômeno que abrange todas as épocas e todas as civilizações. Sendo ainda, um acontecimento inseparável do nascimento e do desenvolvimento do mundo moderno ocidental, uma formação essencialmente sócio histórico, circunscrito a um tipo de sociedade. “Nesse sentido, é verdade que desde que instalada no Ocidente, não tem conteúdo próprio; forma específica da mudança social ela não está ligada a um objeto determinado, mas é, em primeiro lugar, um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva. Mas até os séculos XIX e XX foi o vestuário, sem dúvida alguma, que encarnou mais ostensivamente o processo da moda. [...] Deste modo, entendemos que para o autor o fenômeno da moda não é algo exclusivo ao vestuário. O vestuário e suas estruturas mais ou menos estáveis, sofrem variações através da lógica do efêmero e “expressam” a moda em um tempo e espaço. O uso do

distinção nos trajes devia ser irrelevante. Mas, com a existência de uma sociedade complexa, e com o surgimento de mecanismo que possibilitem a produção de trajes, roupas diferenciadas para homens e mulheres, é algo necessário.

A Bíblia descreve uma restrição ao uso de trajes masculinos, mas porque a Igreja de forma quase instantânea, relaciona essa proibição ao uso de calças? Percebemos que para os fiéis de Milhã essa divergência no uso de calças é uma questão que está relacionada aos usos e costumes¹⁵³, a fé, as experiências individuais e aos espaços que o fiel frequenta. Reflete os costumes da Igreja, mas também de toda a sociedade, com relação aos trajes “tipicamente” adequados as mulheres.

No fragmento de entrevista mencionado anteriormente, percebemos que mesmo relacionando a distinção de roupas entre homens e mulheres a uma questão bíblica. A construção cultural desses significados está refletida no assunto. Se a bíblia fala que as mulheres não devem usar roupas de homens, e a sociedade moderna considera a calça uma peça indumentária destinada a estes, então as mulheres não devem utilizá-las. Pensando assim, elas não devem usar calças, não porque a bíblia condena, mas porque a sociedade moderna diz que calças são roupas mais apropriadas para homens.

Dentro das ADTC a proibição existe, e é constantemente pregada pelos pastores. Porém, percebemos que aos poucos o discurso em torno do uso de calças vem sendo modificado. O que era terminantemente proibido passa a ser permitido em virtude do lugar a ser frequentado, da ocasião, ou mesmo da necessidade de uso. Logo, concordamos com Crane (2006, p. 198) ao salientar que em qualquer período os discursos a respeito do vestuário estão entre aqueles que “sustentam a conformidade com as concepções dominantes dos papéis sociais e os que expressam as tensões sociais que forcem os conceitos amplamente aceitos de papel social a tomar novas direções”. De acordo com a autora, o vestuário é objeto de posicionamentos distintos a respeito da conformidade com os papéis sociais ou da transformação desses papéis. Percebemos isso na afirmação da fiel Daniela Martins¹⁵⁴, não é a bíblia que proíbe, e sim a Igreja,

Hoje em dia tá mais liberal as Igrejas né. Hoje você vê as pessoas da assembleia de Deus, mulheres de pastor, cê vê usando calça, porque é como

“vestuário” pode ser pautado por tradições, por normas e pela visão de mundo de um determinado grupo ou sociedade. Mas o uso de um vestuário inserido no mercado da moda tem sua “significação social modificada”. Isso porque, o vestuário da moda rompe os elos com o passado, retirando seu prestígio de um presente efêmero, onde reina o culto as novidades.

¹⁵³ Mesmo que os usos e costumes, enquanto documentos através de resoluções, sejam desconhecidos dos fiéis.

¹⁵⁴ Nome Fictício. Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2012.

eu acabei de dizer não é na bíblia que tá proibindo é um costume que a Igreja colocou né. (*grifo nosso*)

Nessa entrevista e em varias outras, percebemos que muitas fiéis relacionam o fato das mulheres não trajarem calças a um costume da Igreja enquanto instituição. Ressaltam uma mudança na postura da Igreja, onde a própria mulher do pastor, que deve ser o exemplo para as demais, quando necessário utiliza calças compridas. Assim, mesmo que os costumes do grupo busquem manter os tradicionalismos e a relação com suas origens, os sujeitos que recebem os ensinamentos e que praticam a religião não estão isentos das modificações pelas quais passam a sociedade.

Para além de uma questão bíblica, já que na constituição dos textos bíblicos havia a existência de outro padrão indumentário¹⁵⁵, a proibição no uso de calças compridas pode ser analisado a partir de uma construção cultural¹⁵⁶. O uso da calça comprida pelo gênero feminino é uma prática que foi massificada apenas ao longo do século XX. Antes disso¹⁵⁷, as mulheres enfrentaram uma árdua batalha pelo direito de vestir-se como queriam, e de incorporar em sua aparência trajes que lembrassem aqueles utilizados pelos homens.

¹⁵⁵ Corobim (2008, p. 14) citando Coleman (1991, p. 58-74), afirma que este autor nos traz “um excelente panorama do contexto bíblico do Antigo e do Novo Testamento, acerca dos costumes no modo de se vestir, uso de perfumes, cosméticos, joias, cabelo e barba, aqui resumidos. Embora os judeus não possuíssem uma grande variação de tecidos ou diversidade de modelos, eles se vestiam bem. Seu guarda roupa básico era: a túnica exterior, às vezes chamada de capa. José ganhou uma de Jacó. Paulo possuía a sua e até Bartimeu estava com a sua antes de ser curado. Era de tamanha importância que Coleman frisa: “um homem que se prezasse não entraria no templo sem estar conveniente vestido com sua capa”. Havia também a veste interior, conhecida como túnica, “uma espécie de camisa longa, semelhante a um vestido ou a uma camisola de dormir. Como a capa, era feita de lã ou linho”. Outra peça importante era o cinto; difícil andar sem ele. Coleman ensina que “nos dias de Cristo, os cintos tinham diversas finalidades práticas. Enfiavam-se neles facas, ou facões, espadas ou tinteiros de chifre.” Outros complementos eram chapéus e adornos de cabeça. Na antiguidade, havia apenas dois tipos de calçados: sandálias e sapatos. O autor informa ainda que não havia muita diferença entre as roupas masculinas e femininas; estas eram menores que as dos homens, apenas. Algumas mulheres usavam batom e pintavam as unhas das mãos e dos pés. Outros, como Jacó e Gideão, usavam jóias (pendentes de ouro, cf. Gn 35.4; Jz 8.24). Muitos judeus gostavam de se enfeitar com diversos tipos de correntinhas, colares, anéis, pulseiras. Os judeus sempre apreciaram a barba. Normalmente era crescida, não aparada. Os cabelos, por sua vez, compridos como os de Sansão, de Absalão entre outros; as mulheres usavam tranças.

¹⁵⁶ Segundo Lipovetsky (2009, Cf. p.31) A moda, (ou podemos dizer o sistema indumentário que temos hoje) não existia antes da metade do século XIV. É nesse período, mais precisamente a partir de 1350, que surge um estilo de vestuário “radicalmente novo”, e visivelmente diferenciado segundo os sexos. . Calanca (2008, p. 51) completa essa afirmativa ressaltando que, “Essa diferenciação, que pode ser considerada uma verdadeira revolução do modo de vestir, estabelece as bases da indumentária moderna. Por séculos os dois sexos vestiram o “camisolão”, quase igual para ambos. No século XIV os homens o substituem por uma roupa constituída por um jaleco, uma espécie de casaco curto e estreito, e por meias-calças [...], aderentes, que delineiam o contorno das pernas. As mulheres vestem um “camisolão” tradicional, mais apertado e decotado. A grande novidade é que a indumentária masculina põe em evidencia as pernas modeladas pelas meias- calças, estabelecendo uma diferença muito marcada entre roupas masculinas e femininas. O abandono de um modo de vestir uniforme aos dois sexos constitui o mais importante o mais importante fenômeno de uma nova concepção do costume no Ocidente”.

¹⁵⁷ Em nações como Inglaterra e Estados Unidos as proibições existiam, mas podiam ser consideradas menos acentuadas que na França, já que nesta ultima a calça feminina foi proibida terminantemente em inícios do século XIX. Na Inglaterra de 1860, mesmo com as forte influencias da cultura vitoriana, algumas mulheres começaram a utilizar calças masculinas em estilos que prefiguraram o terninho feminino do final do século XX. (Cf. CRANE, 2006)

Em meados do sec. XIX, surge um “estilo alternativo”¹⁵⁸, que coexiste com o dominante. Esse estilo incorporou na aparência feminina, itens do vestuário masculino, (gravatas, chapéus, paletós, coletes e camisas) utilizados em conjunto ou isoladamente¹⁵⁹.

O surgimento desse estilo alternativo significou um avanço nos moldes em que se delimitavam a aparência ideal para homens e mulheres. Porém nesse contexto, as calças continuavam como um tabu a ser superado. Essa peça do vestuário, considerada tipicamente “masculina”, não fazia parte do estilo alternativo, “provavelmente porque, se usada por mulheres, constituiriam um desafio simbólico mais forte ao sistema do que a maioria delas estava preparada para fazer”. Para as mulheres, usar calças passava a ser considerado uma “desobediência à ordem social”[...] Deste modo, se inserida no vestuário feminino, a calça comprida tornou-se sinônimo de “emancipação” das mulheres, modernismo, feminismo e até mesmo lesbianismo, por parte de alguns detratores dos novos hábitos de trajar. (CRANE, 2006, p. 200). Sobre isso, Crane (2006, p. 227-228) salienta o papel dos movimentos feministas, na luta pelo direito das mulheres vestirem-se com maior liberdade e adotarem o uso de calças.

No centro de grande parte do debate acerca do vestuário feminino no século XIX estavam membros de movimentos feministas, que tentavam induzir uma reforma no vestuário para torná-lo prático, saudável e confortável. Essas mulheres condenavam o uso de espartilhos e trajes muito pesados. Ao contrario do que ocorria com o estilo alternativo, que não era definido por nenhum grupo em particular, as reformadoras do vestuário centravam suas propostas na adoção do uso de calças.

Portanto, ao longo de todo o século XIX, os debates a cerca do uso de calças pelas mulheres ocorriam de forma acalorada. Muito influenciados, obviamente, pela cultura da era vitoriana que associava a calça à autoridade masculina. Para a sociedade da época, as mulheres que as utilizavam queriam usurpar essa autoridade. Crane (2006) salienta ainda que, durante a segunda metade do século XIX, ocorreu uma maior aceitação do uso de peças masculinas pelas mulheres, mas somente da cintura para cima. A aceitação ao uso de calças foi um tabu superado apenas no século XX. Um fator que influenciou nesse abrandamento,

¹⁵⁸ Surgido em fins do século XIX, chamamos de estilo alternativo, “um conjunto de sinais, extraídos do vestuário masculino, composto de itens usados separadamente ou em conjunto, que modificam sutilmente o efeito geral do traje feminino”. (CRANE, 2006, p. 201)

¹⁵⁹ “O elemento final do traje da mulher independente surgiu nos Estados Unidos, na década de 1870, na forma de chemisier, uma camisa masculina adaptada, com o colarinho duro ou virado, muitas vezes ornamentada com uma pequena gravata ou gravata- borboleta de cor preta. Uma peça semelhante, descrita como um tipo de camisa, foi muito popular na Inglaterra da década de 1880. A chemisier tornou-se praticamente um uniforme para as mulheres de classes média e operária no país durante a década de 1890.” (CRANE, 2006, p.213)

foram os efeitos provocados pela segunda guerra mundial. Pois devido à escassez de roupas novas, as calças foram usadas com frequência pelas mulheres. Contudo, apenas em meados da década de 1950 passaram a ser aceitas para a vida urbana. (CRANE, 2006, Cf. p.256-257). Segundo Crane (2006, p. 257) “A calça foi aceita pelas mulheres de classe operária durante a guerra, e apenas muito mais tarde, na década de 1960, pelas de classe média, depois de aparecerem nas coleções de estilistas franceses”.

Discutindo a incorporação de peças masculinas, aos trajes femininos nas sociedades modernas, Lipovetsky (2009, Cf. p. 152-153) nos faz pensar em que medida essa utilização de calças pelas mulheres amenizou a distinção sexual através da aparência. Para o autor, em 1960 a silhueta feminina foi libertada com a generalização do uso de calças, porém, novos signos de distinção sexual foram surgindo nos trajes. Os trajes masculinos, destaca o autor, não conseguiram dessexualizar a mulher, pois são produzidos de acordo com as especificidades femininas. É a busca por uma “diferenciação sutil” da aparência. Por isso, ele considera que essa aproximação da aparência entre os sexos ainda é muito excludente.

É muito pertinente refletirmos esse posicionamento, pois ele se contrapõe a grande parte dos teóricos, que veem na utilização de calças por mulheres uma erradicação da diferença entre os sexos através das roupas. Para Lipovetsky (2009) as mulheres passam a incorporar trajes masculinos, porém estes foram intensamente modificados para atender aos padrões de feminilidade. Já no caso dos homens, a exclusão de peças que lembrem as roupas femininas é uma constante para aquele que deseja manter uma postura máscula na sociedade. Assim, mesmo com uma certa amenização das diferenças, as roupas continuam sendo signos de distinção entre homens e mulheres¹⁶⁰.

Após décadas de debate em torno da emancipação feminina na sociedade ocidental, bem como acerca da sua forma de se vestir, hoje em pleno século XXI a calça é uma peça costumeira no vestuário das mulheres do ocidente. Presente nos guarda-roupas de homens e mulheres, suas formas e modelagens são responsáveis pela diferenciação estabelecida para o feminino e o masculino. As calças femininas, por exemplo, podem atribuir um toque especial de sensualidade ao corpo, principalmente no que se refere às

¹⁶⁰ De acordo com o autor, “Certamente a aparência dos sexos, desde os anos 1960, aproximou-se consideravelmente: além da adoção generalizada da calça feminina, os homens agora podem usar cabelos compridos, cores outrora proibidas, brincos. Mas esse movimento de convergência não abalou em nada a interdição de fundo que pesa sobre a moda masculina. A lógica não igualitária em matéria de aparência, permanece a regra; há reconhecimento social do boy look para as mulheres, mas os homens, salvo para afrontar o riso ou o desprezo, não podem adotar os emblemas do feminino”. (LIPOVETSKY, 2009, p. 154)

que ficam completamente justas, evidenciando as formas. É por isso, que seu uso é tão criticado dentro de Igrejas mais tradicionais. Além do fato de lembrar um signo indumentário masculino, sua modelagem marca expressivamente o corpo da mulher.

Em detrimento disso, para a Igreja ADTC de Milhã esta ainda é uma vestimenta imprópria ao uso de mulheres que prezam pelos costumes e pela virtuosidade feminina. Mais que uma questão bíblica, o não uso das calças compridas pelas mulheres tem relação com o conservadorismo da Igreja e da tradição de uma cultura moralista que aponta o uso da calça como algo, se não ilícito, pelo menos moralmente inconveniente. Percebemos a existência de muitas lacunas, nas falas de nossos entrevistados, quanto a uma justificação para a proibição do uso de calças compridas. Pois a única base bíblica dessa doutrina é o não uso de vestes masculinas. Mas, se a calça comprida surgiu muito tempo depois dos textos bíblicos, o que definitivamente justifica sua condenação?

Numa Igreja que preza pelos costumes e pela manutenção de hierarquias, que acredita, estabelecidas por Deus. Homens e mulheres devem se portar e se vestir de acordo com sua posição. Se em nossa sociedade, calças são roupas para homens, cabe às mulheres respeitar e não insurgir contra esse fato. Na Igreja ADTC de Milhã esse costume é conhecido e aceito pelos membros. Grande parte dos fiéis respeita essa doutrina não por perceber uma condenação bíblica, mas por reconhecer que é um costume do grupo, e como tal, deve ser seguido.

Isso é perceptível na fala de Daniela Martins¹⁶¹, evangélica da Igreja ADTC de Milhã. No que se refere ao uso da calça ela afirma que,

Eu dizia pra Deus, Deus aquilo que não te agrada o senhor venha me libertar, porque eu gostava de usava calça, short, e foi um pouco difícil eu deixar de usar, porque o costume da Igreja, a doutrina é usar saia e vestido.[...] É bem claro que a bíblia não condena que você venha a usar calça nem short, é um costume da Igreja né. [...] a pessoa tem que ficar bem a vontade, como é uso e costume da doutrina da Igreja então eles não tem que proibir, porque quem tem que fazer você mudar daquilo que não te agrada é o senhor. Mas como o costume da Igreja era vestir saia e vestido eu pedi pra que o senhor viesse me libertar. E hoje, há muito tempo, com um ano ou dois eu fui liberta, só que eu continuava indo de calça, de short, shortinhos compridos, porque é bem verdade que a aparência, como você se veste conta muito. Você ta bem trajadinha, bem vestida, então isso é muito importante.

A entrevistada acredita que a bíblia não condena o uso de calças e shorts e que a Igreja deixa o fiel a vontade para que se liberte com a ajuda de Deus. No entanto a fala nos

¹⁶¹ Nome Fictício. Entrevista realizada em 31 de janeiro de 2012.

mostra que a necessidade de mudança parte também do fato que querer seguir os usos e costumes da Igreja, de seguir a doutrina para se consolidar como membro da instituição. Para esta fiel estar bem vestida é muito importante para quem deseja se estabelecer na fé. Mas porque a calça comprida, uma roupa que normalmente cobre toda a extensão das pernas é tão imprópria?

Algumas entrevistadas não utilizam as calças por acreditarem que elas se ajustam demais ao corpo, e muitas vezes sensualizam a mulher. Contudo, tendo em vista toda a questão da moralidade no trajar, que é pregado na Igreja, o que mais influencia na decisão das fiéis que optam por não usar calça, é o fato da denominação, pregar fortemente a diferenciação entre homens e mulheres através da forma como se vestem. Em virtude disso, destacamos a afirmação trazida por Calanca (2008), citando Levi Pisetzky¹⁶² (1970, p. 34), ao sugerir que, “A relação entre os sexos é sempre medida pelo conceito de moralidade, que sofre fortes oscilações em relação à orientação religiosa e cultural do tempo e a maior ou menor distribuição da riqueza. Tais oscilações refletem sempre nas roupas”.

Por ser uma Igreja que prega a forte diferenciação entre os sexos, podemos considerar que manter as saias como signos femininos, e a calça como uma peça da vestimenta masculina, deixa bem estabelecido a posição de cada um dentro da Igreja, bem como os papéis que cada um pode e/ou deve desempenhar. É uma forma de manter as hierarquias e evitar conflitos entre os gêneros.

No século XIX, acreditava-se que as calças feriam a sexualidade feminina. Mas desde aquela época até hoje, não seria o oposto? Será que o fato das mulheres utilizarem calças não elevaria sua sexualidade a ponto de se libertarem de suas amarras e ferirem a altivez ligada à sexualidade masculina? Acreditamos que essa resistência da Igreja ADTC de Milhã e de tantas outras instituições a uma maior liberdade na aparência das mulheres, são influenciados pela tentativa de enquadrar as mulheres e evitar mudanças em suas estruturas.

Há muito tempo as sociedades perceberam que uma inversão na aparência pode causar também uma inversão de condutas¹⁶³. Para instituições tradicionais, como as

¹⁶² Rosita Levi Pisetzky (1898-1985), chamada de “a senhora do costume italiano”. É considerada a pioneira nos estudos que percebiam a roupa como “meio de comunicação e documento social”. (CALANCA, 2008, Cf. 34)

¹⁶³ Na obra *Culturas do Povo: Sociedade e cultura no início da França Moderna*, a historiadora Natalie Davis, demonstra uma forte preocupação em compreender o papel da cultura (religião, rituais e ideias) na dinâmica ou mais especificamente na mudança social, das comunidades do século XVI. É *mister*, destacar suas análises a respeito da participação feminina nos movimentos de protesto, e nas transformações por qual passam a imagem dessas mulheres, onde a ideia da mulher desregrada, da mulher por cima, era usada como pretexto para o controle, já que a sujeição da mulher ao marido significava a manutenção das hierarquias de poder. No

religiões cristãs, os trajes do vestuário masculino quando utilizado por mulheres dão a ideia de que está ocorrendo uma transgressão da ordem. Uma ordem estabelecida não apenas pela sociedade, mas por Deus. Assim, esse embate passa a ser refletido na roupa, de um lado as saias, símbolos de feminilidade, de outro a calça, símbolo da mulher que deseja inverter os papéis já pré-estabelecidos.

Freyre (1987, p. 22) salienta que desde o séc. XX, a calça representa uma “moda triunfante”, já que rompeu barreiras entre os sexos, e solidificou seu uso por mulheres até os dias atuais, “triunfante, por ter vencido, através de sua adoção por número considerável de mulheres, o preconceito de não corresponder ao conceito de feminilidade como essencial às modas de mulher”. Ainda com relação a isso, Freyre assume um posicionamento, afirmando que a utilização de peças da indumentária masculina por mulheres não resulta na perda “do essencial de sua feminilidade”. De tal modo, o uso de calças reflete essa busca da independência, e de uma nova identidade feminina, que apresente maior liberdade e autonomia. O autor confirma ainda a inclinação que as roupas e a própria moda têm de influenciar na identidade de seu usuário, sendo que uma determinada peça pode ter aceitação ou recusa a partir das ideologias de uma pessoa ou grupo, como podemos perceber na reflexão do autor.

Certas modas de traje, de calçado, de penteado de mulher, de homem de criança podem ser seguidas com entusiasmo por umas mulheres e com severas restrições, e até com repúdio por outras, de acordo com diferentes

entanto enquanto a mulher desregrada era criticada e sofria uma série de restrições, essa imagem foi aos poucos funcionando como uma espécie de incentivo para aquelas que desejavam assumir novas posturas diante da sujeição. Assim, a historiadora vem falar da inversão sexual, das fantasias e das trocas de papéis entre homens e mulheres. Para ela, as trocas de papéis e de vestes que ocorriam já no século XVI são chamadas de inversões sexuais. Segundo a autora homens se vestiam de mulher e “em muitas perturbações da ordem, os homens estavam tentando proteger direitos tradicionais contra as mudanças; em outras, eram os que protestavam que estavam pressionando por inovações. Mas em qualquer caso, eles estavam fazendo um novo uso das inversões rituais e festivas.” (DAVIS, 1990, p.125) No caso feminino, as mulheres vestiam-se de homens, o que estimulava-as a ações excepcionais. A autora considera que “As histórias, o teatro e as ilustrações pictóricas da Europa pré-industrial oferecem muito mais exemplos de mulheres tentando atuar como homens do que o contrário e na maior parte do tempo a inversão sexual permite a crítica da ordem estabelecida. Um conjunto de reversões retrata mulheres indo além do que comumente poderia ser esperado de uma simples mulher- isto é, mostra mulheres controlando o que é baixo em si mesmas e assim merecendo ser como homens.”(DAVIS, 1990, p.113) Ainda a respeito dessas inversões, citadas por Natalie Davis, evidenciamos Perrot (1988, p.219) que ao retratar a Paris popular do século XIX, onde a “a circulação das coisas e das pessoas é cada vez mais regulada”, narra a história de um pai que veste o filho com roupas femininas para tentar impedi-lo de sair as ruas e vagabundear, tendo suas expectativas frustradas quando nem isso o impediu, e ele afirmou: “escapou da mesma forma”. Nesse sentido a autora considera que “Ao mesmo tempo, vê-se a extrema importância pela qual, quando as mulheres querem sair de sua condição feminina, algumas se vestem de homens”, afirmando ainda que “isso sempre é visto como transgressão.”

ideias, da parte delas, do que seja decoro moral, religioso, digno, artístico, funcional (FREYRE, 1987, p.24).

Esse sentimento de repúdio às transformações na forma de trajar pode ser percebido, principalmente, na fala das mulheres mais velhas da Igreja Assembleia de Deus Templo Central, que num confronto de gerações não veem com bons olhos certas mudanças e certas permissões dentro da comunidade assembleiana. Para essas mulheres, a renúncia à forma mundana de trajar, que lhes foi imposta quando do momento de sua conversão, há anos atrás, deveria ser mantida, como uma forma de cultivar a decência e a obediência às sagradas escrituras. É o caso de Marta Lúcia¹⁶⁴, convertida ainda na década de 60, que reflete com certa crítica as mudanças presenciadas nos dias atuais,

Porque na Bíblia encontra né, na bíblia você vai encontrar, que não a vaidade, que as roupas têm que se portar com roupas decentes, né, nós temos que usar roupas decentes, então agente, a mudança quando a gente é crente já vai procurando ajeitar as roupas da gente, quem usa, bermuda num usa mais. Hoje já tá muito mudado, porque hoje já tá muitas igrejas, até na nossa igreja mesmo tem gente que usa bermuda, calça comprida. Mas que a bíblia diz que a calça comprida e a bermuda, mais é adequada pra homem né. Mas hoje tem pra mulher e tudo mais nos crente num é muito.

Marta diz claramente, que na bíblia “calça comprida e bermudas são mais adequadas aos homens”. Mas, esse discurso é o da Igreja. É uma proibição dos costumes, posto que a bíblia não cita especificamente quais as peças devem ser utilizadas. Fala apenas da inversão. Mulher vestida como homem e homem trajado como mulher. Nesse sentido, as mudanças e permanências na forma de se analisar o uso de calças por mulheres assembleianas é algo que perpassa o religioso e entra no âmbito da identidade e dos costumes dessas mulheres. Educadas em um ambiente de austeridade que introjeta os valores morais de seu grupo, que se tornam os seus também. Com relação a isso, Coutinho (1994, p. 48) salienta que:

A identidade feminina, longe de ser natural, é antes, construída a partir de um discurso social que visa atender e se adequar às necessidades e mitos de uma sociedade determinada em um momento histórico específico. Tal discurso tem desempenhado um importante papel na construção da subjetividade das mulheres e, conseqüentemente tem servido para mantê-las na posição de subordinação em que há muito se encontram.

¹⁶⁴ Nome fictício- Entrevista realizada no dia 11/07/2010

Assim, a identidade e a noção de decência presente na mentalidade da mulher assembleiana, mais do que um princípio bíblico, é social e cultural. Pois como afirma Crane (2006, p.135), “o vestuário é uma forma do realce de si mesmo, mas pode também ser utilizado como uma forma de controle social por parte de organizações, públicas e privadas”. A indumentária é utilizada como mecanismo de controle sobre o indivíduo a partir do momento que se exige dele uma determinada maneira de trajar, que possa indicar significados e aspectos específicos da identidade do grupo ao qual pertence. Nesse sentido, a Igreja busca cultivar a identidade da mulher assembleiana a partir de suas vestimentas, estabelecendo um embate com novas práticas que surgem ao longo dos tempos, como o uso de calças, e que vem modificando o cotidiano da Igreja, bem como as relações entre o grupo.

O aspecto utilitário do uso de calças é uma questão muito citada entre nossas entrevistadas. Mas isso nem sempre foi debatido, tendo em mente que até meados do século XX, o espaço destinado às mulheres se limitava muito ao doméstico. Com a ascensão feminina ao trabalho, ao público, e na relação com seu próprio corpo, surge também a necessidade das mulheres libertarem sua aparência e usar roupas mais adequadas às novas necessidades.

A calça é inegavelmente uma peça indumentária que traz conforto e uma maior liberdade a quem a utiliza. Para as mulheres, possibilita maiores movimentos do corpo, sem a necessidade de temer a exposição física. Ao contrário das saias e vestidos que exigem da mulher um controle corporal e um comedimento na maneira de andar, de sentar, ou mesmo de trabalhar. As calças facilitam qualquer tarefa que exige um trabalho físico. Esse tipo de situação pode ser percebido a seguir, na fala da entrevistada Karla Lima¹⁶⁵,

Calça, é o seguinte. Quando foi pra eu trabalhar, eu cheguei pra o pastor. Que antes de eu aceitar Jesus eu já trabalhava na área da saúde. E a área na qual eu trabalho, a necessidade é essa. Ou seja, tem que ser toda paramentada. Tem que usar calça comprida, tem que usar calça com meia, porque eu trabalho em área de risco, em área contaminada. Lidando com sangue, secreção, entendeu? Com coisas que, em área hospitalar todo mundo sabe que corre o risco de contaminação. Então eu cheguei pra ele, conversei, e disse: olha pastor é o seguinte, eu vou chegar e falar pro senhor, que é melhor eu falar do que alguém chegar e dizer, “aí aquela irmã esta usando, ela é crente mas usa calça comprida”. Eu disse, olha é o seguinte, eu uso no meu trabalho, tudo bem. É o meu trabalho, eu quero que o senhor entenda. E ele entendeu. Eu cheguei pra ele e conversei direitinho. Ele disse, “olha irmã, em você trabalhar é uma coisa. E a, a irmã chegar e se vestir por

¹⁶⁵ Nome Fictício. Entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012

vaidade, só pra mostrar o contorno das pernas, da cintura e tudo mais é outra coisa”. Eu disse é, [...] estou falando pra não vim boatos, dizer que eu sou crente na Igreja, e lá fora eu fico me vestindo com vestes diferentes, o senhor sabe.

Nesse trecho a fiel comunica ao pastor que necessitar utilizar calças para trabalhar. Na verdade, sua fala dá a entender que, mais que um comunicado a fiel pediu uma permissão. Ela explicita por varias vezes que vai usar a calça por necessidade, mas, mesmo diante de uma necessidade, para ela é importante ter a aprovação de sua liderança religiosa. Ela fala em evitar boatos dentro da Igreja, demonstrando que o uso de calças por uma fiel é ainda um forte tabu para o grupo. Essas questões são contempladas no trecho acima citado. A fiel insinua que o fato de uma irmã se vestir diferente das outras gera boatos e críticas entre as demais fiéis da congregação. Mostrando que a vigilância não parte apenas do pastor, ou demais lideranças masculinas. As próprias mulheres tentam exercer um controle na aparência do grupo. A proibição ao uso de calças é uma das características da Igreja ADTC, mais conhecida da população milhanense.

Em outro trecho da entrevista realizada com Karla Lima¹⁶⁶, a fiel salienta que em determinadas ocasiões a calça é mais decente do que a própria saia. “Subir em uma moto”, por exemplo. A motocicleta é um dos meios de transportes mais utilizados pelos habitantes do município, e para a entrevistada é um transporte que exige o uso de calça até mesmo da mulher assembleiana. A dificuldade já se inicia no próprio ato de sentar, pois é necessário elevar uma das pernas. Vestindo saias isso se torna extremamente desconfortável,

Se nos formos analisar, uma calça veste até melhor do que uma saia. Que quando é pra você subir num transporte tipo moto, né, você subindo com uma saia você vai se sentir mal porque você ali vai elevar a perna, né. É como sempre eu falo eu me sinto melhor subir em uma moto de calça do estar com uma saia e me vestir ali, correr o risco de, de brechar alguma coisa né.

Se até muito pouco tempo atrás o uso de calça era totalmente proibido na Igreja ADTC, hoje encontramos algumas mudanças no discurso. Até fins da década de 1990, onde predominavam usos e costumes mais rígidos, seu uso era negado. E a mulher assembleiana que ia contra a doutrina, podia ser disciplinada¹⁶⁷. Era muito comum encontrarmos mulheres que para se locomoverem numa motocicleta, vestiam a calça e colocavam uma saia por cima. Na primeira década de 2000 percebemos uma mudança nessa postura. Pois mesmo que a

¹⁶⁶ Nome Fictício. Entrevista realizada em 17 de janeiro de 2012.

¹⁶⁷ Sobre as disciplinas ver as discussões realizadas no segundo capítulo.

pregação contra o uso de calças por mulheres aconteça seu valor utilitário começa a ser considerado. É muito recorrente ouvirmos lideranças assembleianas afirmarem que as fiéis podem usar calças, mas, de acordo com a necessidade. Desde que não seja em nome da vaidade e que não entre no espaço da Igreja. O respeito para com a Igreja, com o momento dos cultos, e com a presença dos irmãos, deve ser mantido.

Mas, será que a Igreja está mais liberal, ou a permissão ao uso de calças está ocorrendo, apenas por conta de seu valor utilitário da calça? Observemos a seguir a fala da fiel Lúcia Pinheiro¹⁶⁸.

Mesmo diante das regras da Igreja, da doutrina, a calça eu vejo assim, a calça ela é, eu vejo mais pela necessidade. Tem certos momentos que é necessário, você usa uma calça. Eu acho, eu não sou de acordo uma jovem que vai de moto, dirigindo uma moto, [...] de saia. Eu acho que pra tudo tem uma ocasião, e requer né, vestes apropriadas pro momento. Assim né, eu fui criada na doutrina, né assim, mas diante do tempo, tem passado e tem aberto assim um, tem sido mais flexível agora. É, continua sendo pregado e cobrado também mais tão, tá havendo mais, algumas igrejas tão adaptando mais assim, aa, a forma de que, quem trabalha, tem certos trabalhos que é necessário usar calça e tá sendo mais flexível pra essa área.

Essa fala da fiel Lúcia Pinheiro¹⁶⁹ evidencia mais uma vez o uso da calça pela necessidade. E dentro dessa necessidade o respeito a doutrina e a Igreja deve ser mantido. Mas a fiel nós trás uma afirmação muito pertinente e digna de nota. Ela acredita que agora a Igreja esta mais liberal, mais flexível. E mesmo dizendo que a cobrança com base na doutrina não deixa de existir, a igreja tem feito exceções. Eliane converteu-se a ADTC no ano de 1998, e ela destaca em falas anteriores que na época a cobrança para as mulheres que se convertiam é muito maior do que acontece hoje. Segundo ela,

Em 98 era mais rígido, quando aceitava Jesus, as pessoas de uma certa forma cobravam mais de você a libertação em termos de vestes. Queriam que você usasse saia, a blusa tinha que ter mangas. E assim, a época de 98 pra cá mudou bastante, porque hoje não. A doutrina ela continua a mesma, mas sendo que as pessoas tão dando mais a oportunidade da pessoa ir automaticamente se libertando. Ao longo do tempo.

Para Lúcia a doutrina continua a mesma, mas a Igreja esta condenando e cobrando de forma mais branda. Porém devemos pensar que algumas mudanças, mesmo parecendo sutis, podem provocar grandes transformações. No início deste tópico, falamos nas resoluções

¹⁶⁸ Nome Fictício. Entrevista realizada em 05 de maio de 2012.

¹⁶⁹ Nome Fictício. Entrevista realizada em 05 de maio de 2012

de 1975, com os primeiros usos e costumes e em sua reformulação em 1999. Em ambas se fala na proibição do uso de vestes masculinas, porém se observamos a resolução na íntegra, citada no primeiro capítulo deste trabalho, observaremos um abrandamento no texto do documento. Acreditamos, que essa sutil mudança apresentada no texto da resolução, pode ter influenciado na modificação de muitas práticas vestimentares das mulheres assembleianas.

Durante nossa pesquisa uma questão muito importante com relação aos usos e costumes nos instigou. Pois todas as entrevistadas afirmavam que a proibição de calças é parte dos usos e costumes, porém nenhuma delas, e nem mesmo o pastor da Igreja, conhece visualmente as resoluções enquanto documentos. O mais interessante é que, se indagados sobre os costumes do grupo, de forma um pouco mais simplificada as lideranças e as entrevistadas assembleianas, conhecem todos os termos que proíbem e definem a conduta dos membros de sua Igreja. Assim, os termos dos usos e costumes são transmitidos na ADTC de Milhã unicamente através da oralidade.

A CGADB, órgão responsável pelas convenções, institui os documentos e resoluções que determinam o destino das Igrejas, mas as informações sobre estes chegam nas Igrejas municipais de maneira muito simplificada. Muitas vezes apenas como exigências, e obrigações que estas devem ter para com a Igreja sede. O pastor da AD de Milhã, afirma que as decisões tomadas pela Convenção Geral (CGADB) são repassadas para as lideranças estaduais da Convenção das Assembleias de Deus do Estado do Ceará (CONADEC) e esta última, fica responsável por transmitir as informações para os pastores locais.

Deste modo, acreditamos que mesmo fazendo parte de um contexto diferente das Igrejas sedes, e mesmo desconhecendo os documentos que institucionalizam os usos e costumes, a modificação dos usos e costumes de 1975 para 1999 possibilitou inúmeras transformações no contexto da ADTC de Milhã. Isso porque, o fato das mulheres inserirem o uso de calças em seu cotidiano, mesmo de forma utilitária é reflexo dessas modificações. A reformulação, fez com que os Usos e costumes deixassem pequenas lacunas e aberturas no seu texto. Isso possibilitou que as mulheres ampliassem suas formas de uso da indumentária. Uma nova perspectiva surgia para as mulheres assembleianas, pois elas começavam a perceber oportunidade de empreender a criatividade e seguir a doutrina sem deixar de ser moderna e inventiva.

3.3 O traje de usar na igreja: as astúcias da mulher assembleiana

Dá pra adequar. É, como tem bolero e tudo, é da pra você adequar com, com um tomara que caia. Você vê roupas diferentes, que não fora feitas especificamente pra nós, mas que com um bolero dá pra você adequar, você fazer um modelo bem diferente. Então é você, dá pra você adequar e você usar e ficar bem elegante.

Ana Luiza Oliveira

Quando uma mulher assembleiana caminha nas ruas da pequena cidade de Milhã, sua presença é rapidamente percebida. As saias que cobrem os joelhos, as blusas sem decotes e com mangas, os cabelos em tamanhos maiores, a leveza nos tons de suas unhas e em suas faces, são características que diferenciam essas mulheres das demais. Com uma aparência decorosa, e uma postura altamente comedida, elas se destacam ainda por sua elegância. A combinação dos trajes tipicamente assembleianos com feições modernas fazem com que uma festa ou encontro realizado pela Igreja se transforme num espaço onde caminham com “recato” e elegância, as “mulheres virtuosas”.

Tendo em mente nossas discussões anteriores, acreditamos que a existência de uma vestimenta adequada e impecável para ir a Igreja é algo incontestável. Na Igreja as mulheres assembleianas usam suas melhores roupas, aquelas que mais expressam seu pertencimento ao grupo. No que se refere às novas convertidas, utilizam seus novos trajes, sua nova aparência, ou seja, mostram visivelmente sua adesão. Contudo, será que aquela que se converte abandona totalmente todos os estilos de roupas que utilizava? E as demais mulheres assembleianas, será que excluem totalmente de sua aparência as roupas da “moda”, por não serem aquelas permitidas por seu grupo? Que tipo de vestimentas as mulheres assembleianas utilizam para ir para aos cultos? Buscaremos discutir essas questões, percebendo que as roupas ganham, portanto, um valor simbólico, que vai além de seu uso prático.

Saias, vestidos, mangas, são aspectos marcantes no traje da assembleiana. Os símbolos de feminilidade, decência e da “virtuosidade” dessas mulheres. É seguindo esses signos que as primeiras assembleianas de Milhã, na década de 1960 se vestiam. É com base neles que as mulheres de hoje se vestem. É tentando segui-los que as novas convertidas buscam reconhecimento. Mas será que a aparência das fiéis, a partir desses signos é a mesma? Será que o fato de seguir um padrão indumentário, realmente padroniza a aparência dessas mulheres? E o que dizer da maneira como as fiéis se vestem hoje, em relação a imagem de “crente” assembleiana estereotipada na sociedade desde as pioneiras assembleianas no município de Milhã?

Através dos relatos de nossas entrevistadas, principalmente das mulheres mais velhas, conseguimos descrever a maneira como a mulher assembleiana se vestia no período de

instalação da Igreja na cidade. Longos vestidos até quase as “canelas”¹⁷⁰, com mangas que batiam nos “cotovelos”¹⁷¹. Roupas frouxas, sem detalhes. Apenas com algumas estampas que já pertenciam ao tecido. Nada de muito chamativo ou extravagante. Essa é a descrição do estilo da mulher evangélica pioneira.

Mesmo reconhecendo as mudanças que seguem ao longo dos anos, as Igrejas mais tradicionais que prezam por um padrão indumentário, e mesmo as lideranças de Milhã, acreditam que essa é a maneira correta de uma mulher se vestir. Contudo as divergências são muito comuns entre a opinião, das lideranças, das pioneiras, das mais jovens e entre aquelas que ainda passam pelo processo de conversão. Falando a respeito do estereótipo da mulher evangélica, a fiel Andreia Mattos¹⁷², convertida em 2008, faz uma crítica às pessoas que só reconhecem uma mulher “crente” se estas se vestirem como as fiéis de antes,

[...] é porque tem pessoas que acham que crente é aquele do saião, do cabelão, do lar. E eu me arrumo bem arrumadinha pra sair. Aí o povo, ainda quer aquele crente antigo. Do saião lá nos pés, da roupa bem aqui. sabe, todo desarrumado, que é o que era antigamente. Hoje em dia, a Igreja em si, as pessoas andam bem vestidas. Bem arrumadas. Não andam vulgar, mas bem arrumadas elas andam, né. [...] Eu acho que as pessoas daqui querem o crente vestido como antigamente. O crente santo, entendeu? Aquele crente da roupona e tudo. Acham, “ah fulano é crente, olha a sainha dela”, entendeu? Mas as minhas saias são tamanho normal, tanto que aonde eu vou com elas, lá fora as pessoas veem e diz, olha você é crente? Qual Igreja? Então é sinal que eu estou me vestindo adequadamente. Aqui na cidade nunca ninguém chegou pra mim e perguntou se eu era crente.

A fiel se mostra indignada porque mesmo depois de ter se convertido e mudado sua aparência muitas pessoas da sociedade milhanense não a reconhecem como crente. Ela acredita que as pessoas da cidade ainda buscam aquela crente de antes, com roupas muito longas, como o que ela chama de “saiões”, além dos cabelos compridos. Andreia deixa transparecer a imagem que possui das mulheres evangélicas de antes, segundo ela eram mulheres “desarrumadas”, é o que ela chama de “crente antigo”. Para Andreia Mattos, as mulheres de hoje se arrumam mais, andam bem vestidas sem deixar de usar saias e roupas decentes, sendo, portanto, reconhecidas em outros lugares como mulheres evangélicas.

Mas será que essas mulheres de “antigamente”, as crentes pioneiras, eram totalmente exíguas de vaidades? Em algumas conversas informais com nossas entrevistadas,

¹⁷⁰ Parte da perna, entre o joelho e o pé. Disponível em <http://www.dicio.com.br/canela>. Acesso em 04/12/2013.

¹⁷¹ Articulação situada na parte média do membro superior, que reúne o braço e o antebraço. Disponível em <http://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=cotovelos>. Acesso em 04/12/2013.

¹⁷² Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 09/01/2012.

elas afirmam que as mulheres de antes se vestiam praticamente iguais. Isso porque maiorias das roupas eram encomendadas em costureiras. Isso é destacado por Marta Lúcia¹⁷³, uma das primeiras assembleianas de Milhã, quando interrogada a respeito de como conseguia obter suas roupas de evangélica, ela afirma,

É as costureiras. Usava roupa feita pelas costureiras, quase, num tinha essa história de comprar roupa feita. Comprava a fazenda pra fazer, a pessoa fazia do seu gosto né. Aí a gente, nesse tempo num tinha revistas pra gente vê. Mas a gente fazia os desenhos. Sempre tinha a costureira né. Dava aquela dica pra gente, há esse modelo aqui é assim. Num é feio, é bonito, tal. E a gente mandava fazer.

Mesmo com a falta de opções para comprar as roupas, ou mesmo com as dificuldades de encomendar, as fiéis utilizavam o trabalho das costureiras. Segundo Marta, a opinião da costureira ao apresentar modelos que considerava bonito, era de grande valia para as fiéis que procuram mesclar o que achavam bonito, e o que não feria as ideologias do grupo. Assim, não há como negar a existência de vaidades, mesmo que de forma comedida, entre as fiéis desse período (o período narrado pela fiel Marta Lúcia é de fins da década de 1960). O fato de não ter opções, ou mesmo condições financeiras para comprar roupas, não evitava que essas mulheres conseguissem driblar as dificuldades. Mesmo com as imposições culturais e religiosas da época, usar roupas adequadas aos seus gostos pessoais e que estivessem dentro dos padrões da Igreja era uma necessidade para essas mulheres.

Acreditamos que a criatividade empreendida pelas mulheres no “uso” das vestimentas assembleianas sempre existiu. Até principalmente 1990, ocorriam de forma mais singela, mas nem por isso deixavam de existir. Só depois de 1999 começaram a ocorrer de maneira mais intensa. Tal fato é percebido em alguns relatos analisados nesta pesquisa. Onde ponderamos que essa mudança na Igreja de Milhã, tem a influencia dos “usos e costumes” direcionados a AD de todo o Brasil pela resolução ELAD de 1999¹⁷⁴. As mulheres começaram a ousar mais, fazer “bricolagens”¹⁷⁵ com o que a Igreja permite e com o que a “moda” lhes oferece. É por isso que, os relatos que estamos analisando neste tópico, trazem falas de mulheres que seguem os usos e costumes assembleianos, e mesmo assim, são vaidosas e procuram cuidar da aparência escolhendo bem a indumentária. Elas desfilam beleza, costumes e inovações nos dias de cultos e festas de seu grupo. Na Igreja, onde sempre

¹⁷³ Nome fictício- Entrevista realizada no dia 11/07/2010

¹⁷⁴ A resolução ELAD vem sendo discutida no decorrer de toda esta pesquisa.

¹⁷⁵ Trabalho ou conjunto de trabalhos manuais, ou de artesanato. Disponível em : <http://www.dicio.com.br/bricolagem/>. Acesso em 02/12/2013.

vestem as roupas que mais tipificam a mulher assembleiana, elas mostram que não basta comprar uma saia, ou um vestido. Pois empreendendo criatividade, elas utilizam vários modelos e ainda assim, se vestem de mulher assembleiana.

Acreditando que as roupas são essenciais enquanto “códigos de leitura social” (ROCHE, 2007), percebe-se a necessidade de analisá-la em seus aspectos de uso. Desta feita abordamos as peças indumentárias das fiéis assembleianas não de maneira meramente utilitária ou descritiva, nosso intuito é compreender como se constroem as “práticas cotidianas” que transformam o uso das vestimentas e conseguem empreender resistências sutis em meio às proibições doutrinárias da congregação assembleiana. De maneira sutil, elas trazem as roupas da moda para dentro do cotidiano evangélico, que ainda se faz altamente tradicionalista, e isso só vai sendo percebido com o passar do tempo, e da adesão de mais fiéis aos novos usos e estilos indumentários.

Maneiras de fazer, táticas, astúcias, caracterizam a construção da vestimenta assembleiana feminina. Abordaremos principalmente, os modos de combinar, modificar e transformar as roupas comuns em roupas “assembleianas”, a partir do conceito de “táticas”, tal como o define Certeau (2009, p. 95). Isso porque, para o autor, “a tática é a arte do fraco”, é uma antidisciplina. Posto isso, consideramos que é burlando as imposições e a vigilância do grupo elas reinventam sua práticas, sem interferir nos costumes. De forma audaciosa e ao mesmo tempo “sutil” essas mulheres transformam sua aparência. Para Certeau (2009, p. 45) as táticas de consumo são engenhosidades do fraco, e constituem uma “politização das praticas cotidianas”, ele define ainda as táticas como a

[...] ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, a distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”[...] Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia. (p. 100-101)

“Aproveitando as ocasiões” a fiel assembleiana utiliza suas roupas fazendo um misto do seu desejo com o que lhe é imposto pelos costumes da Igreja. Ela transforma seu

espaço, e assinala sua existência de autor, já que mesmo se adequando as doutrinas e exigências da instituição religiosa que segue, impõe seus gostos pessoais e suas características que a distinguem enquanto usuária de um determinado produto. Desta feita “sem sair do lugar onde têm que viver e que lhe impõe uma lei” (CERTEAU, 2009, p.87), as mulheres assembleianas utilizam da criatividade na escolha de seus trajes, onde o intuito é se manter dentro dos costumes de seu grupo, sem estar alheia as inovações vestimentares.

Para entendermos um pouco mais as diversas formas de “usos” das vestes femininas assembleianas, é necessário compreendermos como o vestuário ganha destaque dentro uma sociedade. E também dentro de uma área de estudos que é a história. Segundo Roche (2007, p. 38), “O primeiro interesse histórico pelo vestuário remonta aos séculos XVII e XVIII” No entanto, foi só no decorrer do século XX que a historiografia gradativamente foi reconhecendo à importância dos estudos da indumentária, intimamente ligada a história dos costumes¹⁷⁶.

O estudo das roupas também está intimamente ligado as pesquisas com relação a civilização material, ao homem e suas produções, suas práticas de consumo, não deixando de enfatizar também, aspectos econômicos¹⁷⁷. Também se destaca em pesquisas que afirmam estudar a cultura material das sociedades, uma área intimamente ligada aos estudos arqueológicos. Destacar a vestimenta como objeto de estudos partindo de uma perspectiva da cultura material é pensá-la como um objeto de múltiplas facetas, diretamente relacionado às experiências do homem em diferentes espaços e temporalidades.

Para Roche (2007, p. 47), as roupas são capazes de fazer perceber os meandros da sociabilidade, proporcionando ainda um sentimento de pertencimento social. Segundo o autor,

¹⁷⁶ Para uma história do vestuário, não apenas descritiva mas que acentue a preferência histórica pelo fenômeno dos costumes, Roland Barthes e Fernand Braudel, podem ser considerados fundadores. Em pleno sec. XX, realizam uma abordagem do vestuário a partir de um posicionamento crítico, representando uma guinada decisiva em relação a abordagem tradicional do sec. XIX. Segundo Calanca (2008, p.19) o ponto em comum entre esses estudiosos é de que, “[...] a história do vestuário não se constitui uma espécie de inventário das diferentes formas que se seguiram nos séculos, mas é uma história que se delineia circularmente, na qual as perspectivas econômica, social e antropológica, longe de estarem separadas em compartimentos estanques, estão profundamente interligadas.

¹⁷⁷ Uma das obras norteadoras para esse tipo de abordagem sobre civilização Material, é o primeiro dos clássicos “As estruturas do cotidiano” de Braudel(1997), onde discutimos a civilização material e a civilização econômica entre os séculos XV e XVIII. Braudel faz uma reflexão a certa da história global sendo esta ancorada pelos eventos, onde o autor busca abordar as especificidades dessa história, não tratando o todo de forma homogênea. De acordo com o autor “A cotidianidade são os fatos miúdos que quase não deixam marcas no tempo e no espaço”. Assim, ele aborda elementos que nem sempre são percebidos na sua devida importância, mostrando também que as explicações muitas vezes são de determinadas por fatores internos e não econômicos. Os números, através dos recuos e avanços demográficos, os alimentos e bebidas, o vestuário, o luxo, a moda, o supérfluo, os utensílios domésticos e mobiliários, os armamentos, os instrumentos monetários, as novas fontes de energia e técnicas metalúrgicas, os transportes, as transformações das cidades, no interior e no exterior das casas. Para o autor “vida material são homens e coisas, coisas e homens” (BRAUDEL, 1997, p.17- 19).

as roupas enquanto objetos de análise proporcionam uma leitura da sociedade. “A roupa, signo de adesão, de solidariedade, de hierarquia, de exclusão, é um dos códigos de leitura social”. Deste modo, a maneira de trajar traz consigo significados culturais, sociais, religiosos, políticos e econômicos, identificando uma época e os conflitos nela existentes. Ainda nesse sentido destacamos as prerrogativas de Andrade (2006, p. 01), para ela,

As roupas têm sua biografia, uma vida social, cultural, política e mantém relações com outros objetos e com pessoas. Ao se relacionar com coisas e pessoas, as roupas produzem e ganham novas existências que são partilhadas especialmente através de experiências humanas.

Portanto, são as experiências humanas que empreendem diferentes significados e funcionalidades aos objetos¹⁷⁸, e com a indumentária isso não é diferente. Ao optarmos por uma determinada vestimenta em detrimento de outras, empreendemos um processo seletivo e criativo que se torna visível na sociedade através da aparência. Nesse sentido, as relações entre coisas e indivíduos formam as bases dos estudos em cultura material.

Desta forma as roupas das mulheres assembleianas, ganham destaque dentro desse campo de pesquisa¹⁷⁹ pois podem ser vistas a partir de suas diferentes formas de uso. As assembleianas de antes, tinham uma forma de consumir essas roupas. As de hoje, também possuem seus próprios mecanismos, e assim, cada uma delas vai dando sentido a constituição de seu “figurino diário”. As roupas deixam de ser objetos puramente materiais e passam a possuir uma carga simbólica e cultural embutida em sua materialidade¹⁸⁰.

Estudar a materialidade é perceber a importância dos elementos físicos e seus significados no cotidiano das pessoas. É observar a roupa da mulher assembleiana e perceber sua importância simbólica para o grupo. E como os elementos do vestuário vão sendo modificados no cotidiano do grupo a partir da utilização que as mulheres empreendem nelas.

¹⁷⁸ Sobre isso Julian (2003, p. 01) destaca que “A ideia de que as coisas materiais são entidades que nós podemos estar à parte, e empregá-las como evidência para as ações das pessoas no passado, se não é algo exclusivamente moderno, pelo menos é algo de uma sensibilidade moderna”.

¹⁷⁹ Vale destacar que segundo Le Goff (2005, p. 241), não há a definição de um termo para a cultura material, e sim de um campo de pesquisa. Também para o autor, os estudos da cultura material se desenvolveram a partir da ênfase nos estudos da vida cotidiana. Para o autor, sem querer propor uma definição que se pretenda decisiva e universal, podemos observar o que supõe a materialidade associada à cultura. A cultura material tem uma relação evidente com as injunções materiais que pesam sobre a vida do homem e às quais o homem opõe uma resposta que é precisamente a cultura.

¹⁸⁰ Contudo, é importante percebermos em que sentido essa materialidade é construída. A respeito disso Andrade (2006) citando Meneses (1992, p. 08) afirma que, “Por materialidade entendemos um conjunto de elementos físicos que indiciam uma problemática histórica, a vida social e cultural de uma pessoa e sua sociedade ecoadas por seus objetos. Os objetos nos ajudam a entender como se processam as relações sociais, a vida, o cotidiano”. (Meneses, 1992: 8).

Nos relatos de nossas entrevistadas, elas descrevem as várias maneiras que encontram de adequar as roupas da moda ao que é permitido na Igreja. São as “táticas de consumo”, da qual falamos anteriormente. Andreia Mattos¹⁸¹ destaca as práticas que empreende para transformar roupas comuns, ofertadas pelo “mercado da moda” num traje propício a mulher evangélica. Ser moderna, sem ser extravagante é o estilo ideal segundo a entrevistada.

Elas andam arrumadas. Elas fazem um penteado bonito, elas usam, uma, um batonzinho leve, tá. Num usam maquiagem, mas a gente nota que não é mais aquele crente de antigamente. É uma saia, um conjuntinho, um modelo moderno, sapatinho moderno. Então, a gente acompanha, como é que se dá o nome? A gente acompanha a modernidade, entendeu? Certo que eu não vou também botar um salto dessa altura, uma roupa extravagante pra entrar na Igreja, que aí num é nem um, um, como é que o meu pastor diz meu Deus? “Isso aqui não é um desfile de modas” a gente tem que andar arrumada, adequadamente, acompanhando a atualidade, mas, com moderação.

Penteados nos cabelos, batons em cores leves, combinados de saias e blusas, sapatos modernos, constituem o figurino atual da mulher assembleiana na opinião de Andreia. Para ela, a mulher pode ser moderna sem ser sensualizada. Esse posicionamento é o mais encontrado entre as atuais mulheres assembleianas. É também comum, entre as mulheres que se convertem e tem dificuldades de abandonar seus antigos trajes. Com adaptações, as roupas de antes ganham novos significados para aquelas que se convertem e nem por isso querem se desfazer de todas as suas roupas antigas. O exemplo a seguir, descreve como um modelo “tomara que caia”¹⁸² pode se transformar numa vestimenta assembleiana.

Às vezes coloca um babadinho, uma rendinha na beiradinha da saia. Uma manguinha, um sobretudo, um bleizerzinho. Se é um tomara que caia, você da uma adaptada. Certo? Então cê fica na moda, né, como se diz. Você fica com uma roupa moderna, e bem vestida, na Igreja você num vai [...]

Babados ou rendas nas saias para aumentar-lhes o comprimento, mangas, *blazers*, são acessórios que vão aos poucos atribuindo decência, ao traje que expõe o corpo. Segundo Andreia Mattos, é possível ficar na moda, e ir bem vestidas para Igreja reaproveitando antigas roupas, ou mesmo comprando aquelas ofertadas em lojas comuns, e modificando-as. Essa readaptação das roupas é uma característica citada por todas as entrevistadas desta pesquisa.

¹⁸¹ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 09/01/2012.

¹⁸² Tipo de peça do vestuário feminino que não é preso ao pescoço ou ombros por meio de alça (diz-se de vestido, blusa etc.). Disponível: <http://aulete.uol.com.br/tomara%20que%20caia#ixzz2pYbRDkxv>. Acesso em: 03/12/2013.

Até mesmo as senhoras da Igreja, que mesmo afirmando não usarem roupas da moda, reconhecem que é possível transformá-las.

Em meio a tantas táticas de usos mais simples e rápidas como a sobreposição de um bolero, destacamos a existência de muitos outros artifícios utilizados por essas mulheres. Conversando com algumas fiéis, constatamos a existência de uma costureira comum entre elas. Em conversas informais, a profissional afirmou que grande parte de suas clientes, que fazem encomendas tanto para conserto de roupas, como para a costura completa eram de mulheres assembleianas. Quando questionada a respeito da faixa-etária principal de suas clientes evangélicas, Silvia responde que,

O público, assim jovem, porque depois que surgiram vestidos de tecido esses modelos de tafetá, sempre vem mais pras lojas é tomara que caia, essas peças aí, esses vestidos né. Aí elas procuram muito porque mandam fazer, botam manguinhas, mandam fazer lençõs, boleros, usam tomara que caia, mas com bolero.

De acordo com Silvia a procura é maior por parte das jovens. Ela destaca que principalmente com o surgimento de novas modas, as jovens requisitam seus serviços para adaptar as roupas da moda compradas em lojas da cidade. O fato de fazer a readaptação das roupas em prol do que é permitido também é citado pela costureira, que quando indagada a respeito do que as assembleianas mais fazem para consertar suas roupas afirma, “É botar barra em vestidos, quando compram os que são mais curtos, põem uma barrinha. É uma manga, porque tem modelos que dá pra adaptar uma manga. Aí já compram de acordo com o que dá pra fazer né.” Porém ela também destaca a procura por parte das senhoras da Igreja, que em períodos festivos da Igreja costumam reforçar a boa aparência e encomendam novas roupas. Para Silvia é no período de festas da Igreja que as assembleianas mais investem na exuberância de seus trajes. Quando indagada a respeito do que elas mais encomendam a entrevistada logo respondeu da seguinte maneira,

É vestido longo é saia. Usam bastante [...] Elas gostam muito de brilho. E no período que teve, que o pessoal usava muita lantejoulá, a gente, eu sempre bordava as roupas. Tinha muito bordado com pedras. Agora já mudaram né. Aquelas aplicações tipo, é gregas. Colocam aquelas gregas aí faz um detalhe com pedras ao redor. É de acordo com a moda elas acompanham. [...].

Nesta fala percebemos então que além da roupa tipicamente assembleiana utilizada no dia a dia existem também as roupas para as festas da Igreja. Nesta fala Silvia

destaca o uso de longos vestidos e saias. Além de outras incorporações da moda que sofrem “apropriações” por parte das fiéis. É o caso das roupas estampadas com brilho. A entrevistada destaca, quando se usavam as lantejoulas¹⁸³, as mulheres assembleianas também davam um jeitinho de aplicá-las em seus trajes, principalmente de festas. Mas agora, passaram a utilizar as “gregas”¹⁸⁴. Os detalhes em pedras são uma maneira visível de se apropriar do que a moda oferece. Pois é um tipo de acessório que pode ser utilizado tanto na constituição das roupas “curtas e sensuais”, como nos estilos mais comportados e longos. Esse tipo de detalhe não influencia no comprimento ou na decência dos trajes. E sim, no fato de torná-los mais visível, extravagantes e modernos.

A costureira salienta ainda que grande parte dos modelos de roupas, encomendados pela assembleianas, são retirados de revistas de moda comuns. Ou seja, modas ofertadas para o público em geral. Silvia nos aponta a maneira mais comum encontrada pelas fiéis, para obter a roupa que desejam, elas fazem uma espécie de montagem, “Tem umas que trazem, pedem pra mim (eu) riscar, juntam um pouco de uma roupa, um pouco de outra, e formam um modelo”. Os croquis¹⁸⁵ desenhados pela própria Silvia, e grande parte deles auxiliados pelas ideias das fiéis assembleianas que procuravam os trabalhos da costureira, foram disponibilizados e podemos observá-los a seguir. Ainda de acordo com a profissional, todos os modelos desenhados foram produzidos e vendidos a mulheres da Igreja ADTC de Milhã.

¹⁸³ Pequena lâmina cintilante, de metal ou vidro, com orifício para enfiar a linha, que serve para enfeitar vestidos ou bordados. (Var.: lantejoila, lentejoula, lentejoila.) Disponível em <http://www.dicio.com.br/lantejoula/>. Acesso em 03/12/2013.

¹⁸⁴ O que a entrevistada chama de grega são também conhecidas por miçangas. Conta de vidro pequena e colorida. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/micanga/> Acesso em 03/12/2013

¹⁸⁵ Croquis são desenhos de moda ou um esboço qualquer que não exige refinamento nos traços e é feito rapidamente como o esboço de uma ideia.

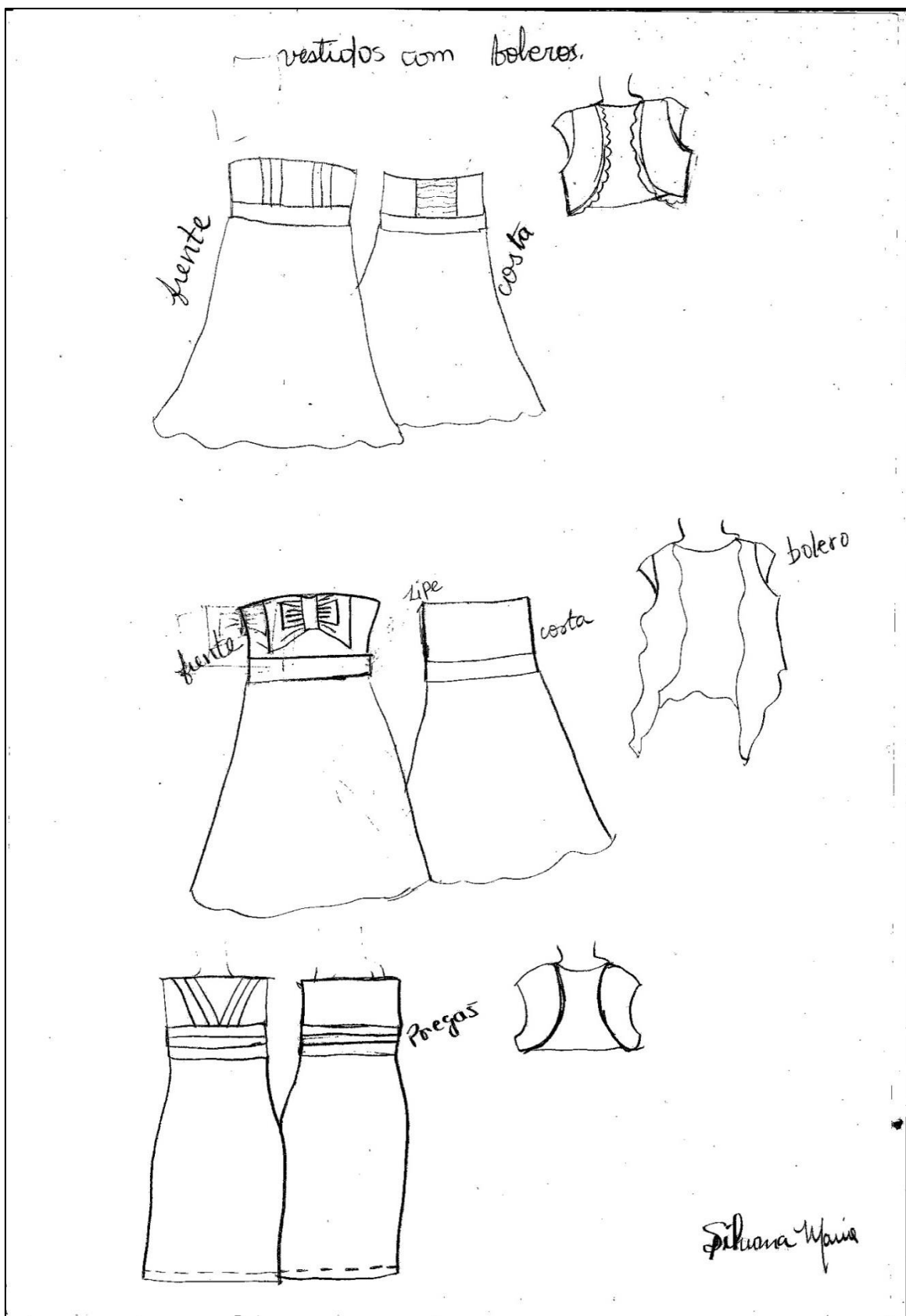


Figura 14: Croquis de vestidos com boleros.
Fonte: Acervo da Costureira

Na figura 14 observemos que a maior parte dos croquis apresentados é de vestidos com o modelo costumeiramente conhecido por “tomara que caia”. Peças sem uso de alças, que realçam o busto feminino e que tem o decote como chamariz. Porém, cada peça apresenta detalhes diferenciados em laços, fitas, pregas, na localização do zíper, ou até mesmo nos estilos da costura. As modelagens das peças também contribuem em seus diferenciais. Alguns vestidos são mais soltos na silhueta e outros marcam acentuadamente o corpo feminino. Desta forma, se tivéssemos como único referencial os estilos dos vestidos, não teríamos como identificar especificamente a que tipo de mulheres eles seriam destinados. São modelos modernos, e com tamanhos intermediários. Pelos croquis podemos observar que o comprimento das peças é possivelmente pouco acima dos joelhos.

Para atribuir “decência aos trajés” e para que pudessem ficar apropriados as regras vestimentares assembleianas a costureira utilizou de uma prática de disfarce muito conhecida e utilizada entre as fiéis, o uso de “boleros”. Os boleros cobrem os decotes e os ombros da mulher, atribuindo mangas e comedimento a aparência. Para cada vestido a costureira desenhou ao lado modelos diferentes de boleros. Desta forma, os próprios boleros possuem formas e tamanhos diferenciados. Alguns são mais curtos com mangas um pouco maiores, outros possuem mangas mais curtas, porém são mais compridos. E há ainda, aqueles que mesmo curtos, quase não apresentam mangas.

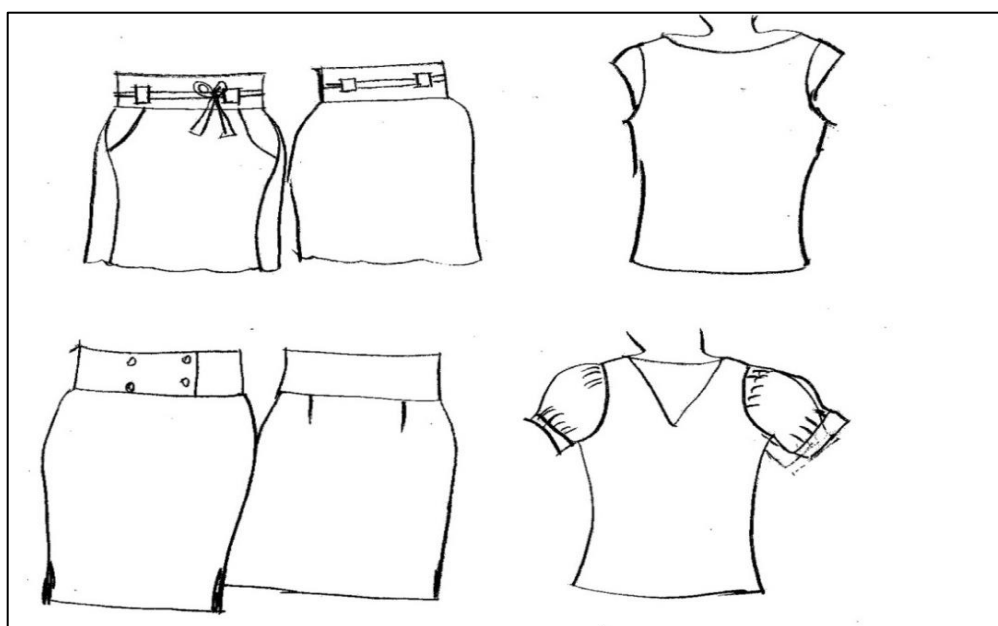


Figura 15: Croquis de saias e blusas.
Fonte: Acervo da Costureira

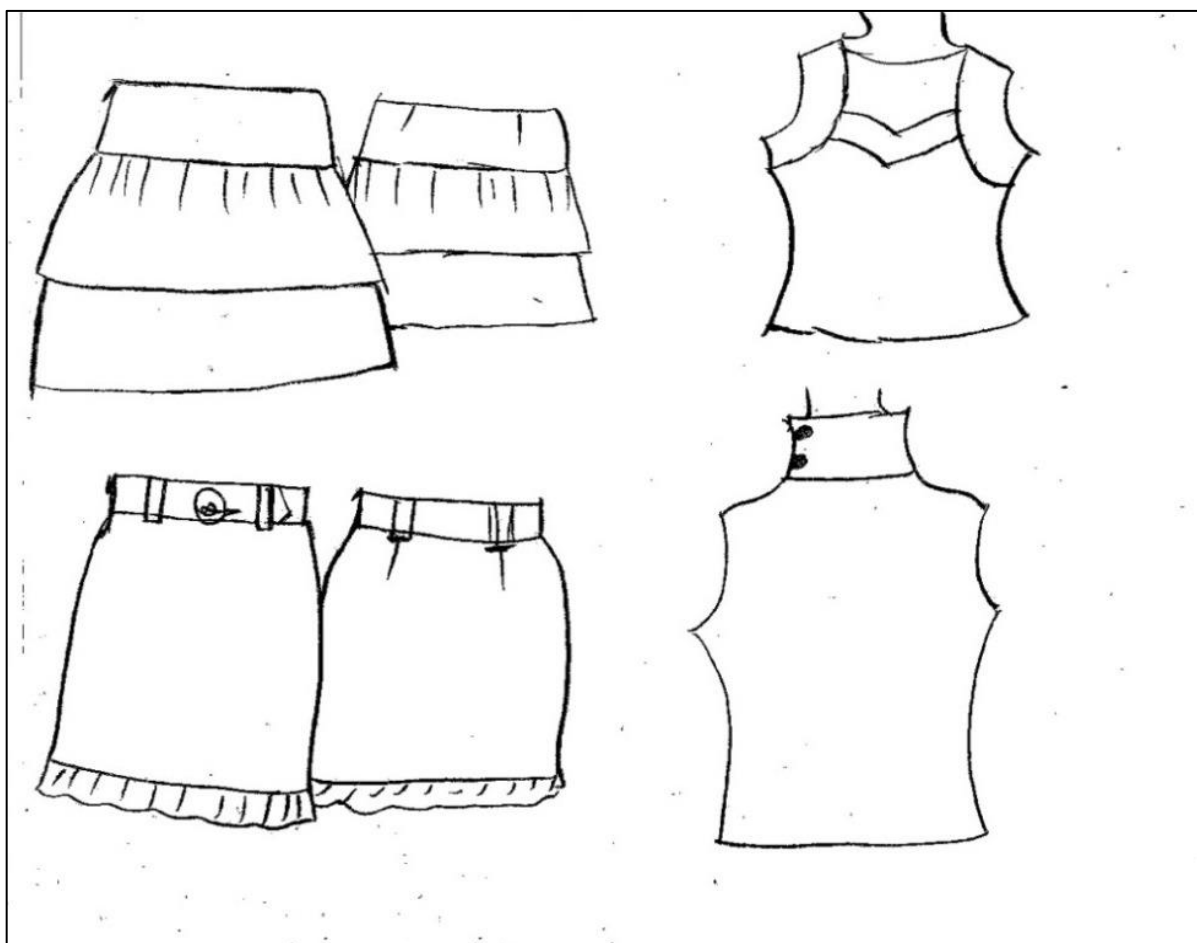


Figura 16: Croquis de saias e blusas.
Fonte: Acervo da Costureira

Nas figuras 15 e 16 podemos observar croquis de saias e blusas. As peças esboçadas apresentam um comprimento intermediário, possivelmente também acima dos joelhos. Todas as peças apresentam modelos diferenciados. Algumas saias possuem a “cintura alta”, com detalhes em botões, ou filhos ao redor da cintura. Outras têm cós¹⁸⁶ mais fino e tem como acessório o cinto. Um dos modelos de saias tem uma sobreposição de tecidos em forma de babados formando saias mais rodadas. O detalhe, comum entre elas, é o uso de fitas, botões, e babados. Nas blusas predomina a ausência de mangas e um molde que aparentemente ficará colado ao corpo. Apenas um dos modelos apresenta mangas em seus moldes mais tradicionais.

¹⁸⁶ Tira de pano reforçada que envolve como remate a cintura de certas peças de vestuário, como calças e saias; CINTA. Disponível em <http://aulete.uol.com.br/c%C3%B3s#ixzz2pYfx7MGI>. Acesso em 03/12/2013.

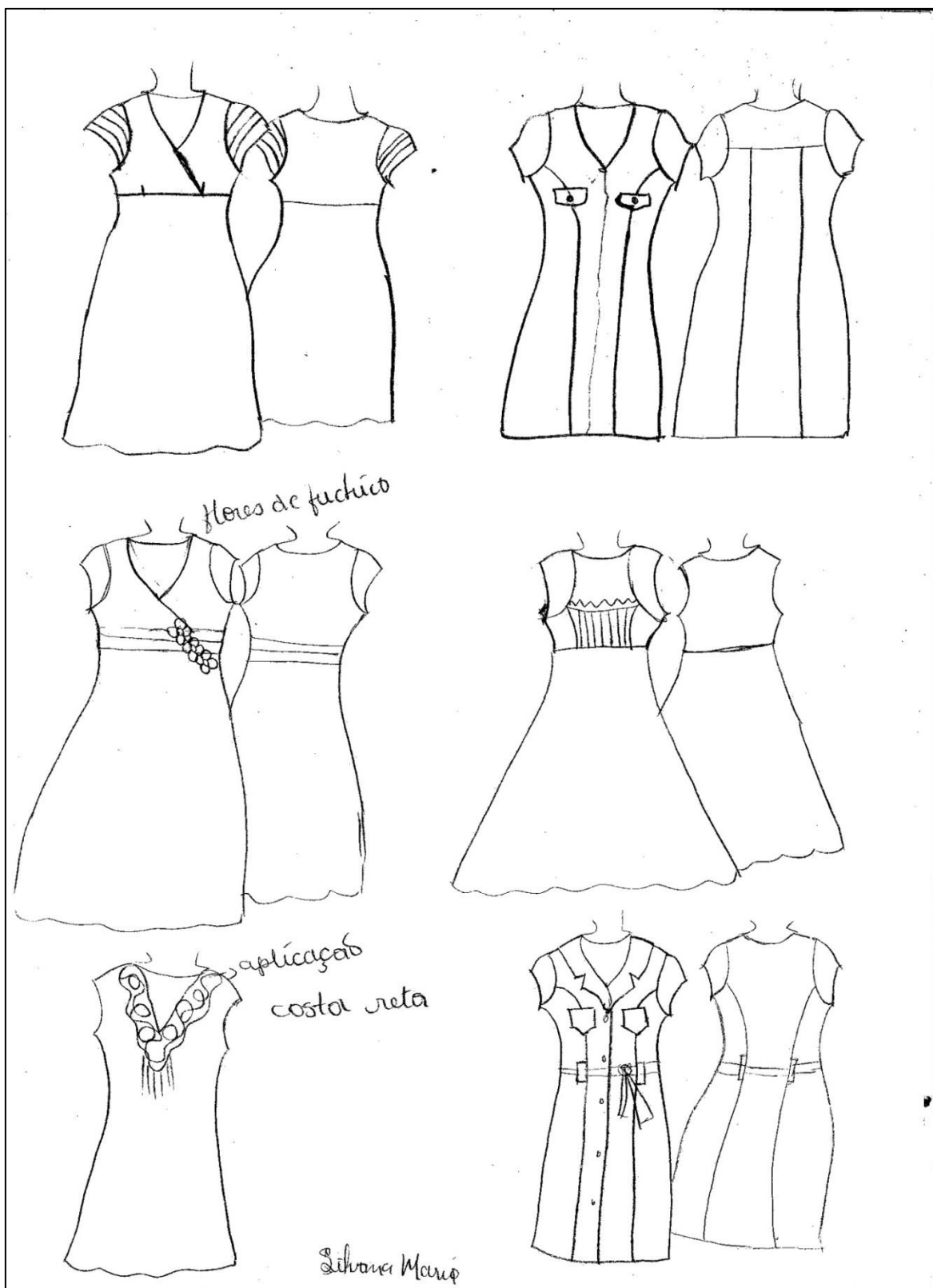


Figura 17: Croquis de vestidos com mangas
 Fonte: Acervo pessoal da Costureira

Na figura 17 temos alguns modelos um pouco mais tradicionais das roupas evangélicas. Vestidos aparentemente mais compridos, com mangas, sem decotes, e também sem extravagâncias. Estes modelos são caracterizados pela existência de bolsos nos vestidos, botões, e golas mais largas. Porém algumas peças se destacam pela ausência de mangas ou mesmo por possuírem mangas muito curtas, além de possuírem pequenos decotes. Na modelagem, alguns são mais soltos ao corpo, enquanto outros são mais ajustados. Algumas peças também se destacam nas aplicações. Um dos vestidos possui abaixo do busto uma aplicação de “fuxicos”¹⁸⁷. Outro vestido tem um decote que se destaca por ser contornado por aplicações. A costureira não especifica que tipo de apliques ele coloca, mas diante de algumas considerações anteriores acreditamos que são aplicações de “gregas”.

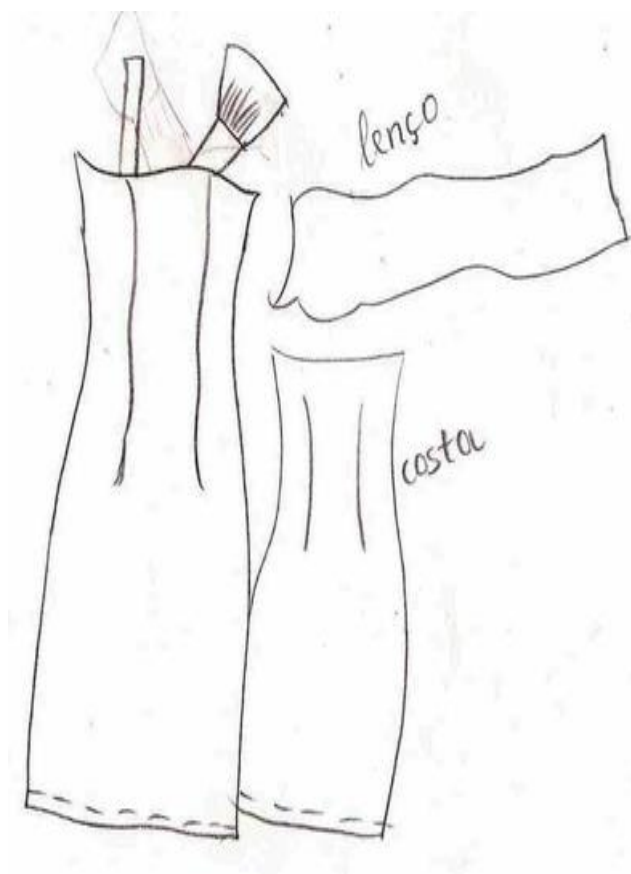


Figura 18: Croqui de vestido com echarpe
Fonte: Acervo da Costureira



Figura 19: Materialização do vestido com echarpe.
Fonte: Acervo Autora

¹⁸⁷ Roseta feita com pequenos pedaços de pano. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/fuxico>. Acesso em 03/12/2013.

Na figura 18, último dos croquis esboçados, trazemos um modelo mais diferenciado. O vestido é totalmente colado ao corpo, tem o comprimento pouco acima do joelho, e possui alças. Uma mais fina e outra um pouco mais larga, com um detalhe de caimento. Através dessa descrição, dificilmente poderíamos relacionar esse tipo de roupa a uma mulher assembleiana. Porém, como tantas outras “táticas” descritas anteriormente, essa peça se adéqua ao uso de uma assembleiana através de um acessório conhecido por “echarpe”¹⁸⁸.

Esse croqui foi confeccionado para uma fiel assembleiana, e conseguimos obter uma fotografia dessa mesma fiel fazendo uso do modelo, como podemos perceber na figura 19. É importante observamos que quando o desenho se torna um objeto material conseguimos perceber alguns traços importantes que estando no papel é impossível refletir. Dentre eles, a cor do tecido. Isso porque, além de um modelo diferente dos padrões da Igreja, a fiel ainda utilizou um tecido de “cetim” na cor “rosa Pink”. Ou seja, um tecido e uma cor que se destacam pela extravagância. E que ajustadas ao corpo, atribuem um toque a mais de sensualidade. A echarpe foi confeccionada em um tecido fino e transparente na cor preto, e foi utilizado para cobrir as alças e os ombros da fiel assembleiana. Esse é, portanto, um modelo de roupa que foge aos padrões da Igreja, por sua modelagem e sua cor, mas ao mesmo tempo é parcialmente adequado, pelo “uso” de um lenço sobre os “ombros” femininos.

Portanto, é importante pensarmos na vestimenta como um objeto que permeiam o cotidiano dos indivíduos, mas principalmente pensar a ação e reação dos indivíduos sobre estes objetos. O “homem” é um ser inventivo, cria e reconfigura constantemente os objetos a sua volta, lhes atribui novos e diferentes significados, os transforma de acordo com sua cultura. E é isso que as fiéis assembleianas fazem com as roupas, elas agem sobre as roupas comuns, transformando-as e trajas assembleianos. Para pensarmos esse assunto evocamos as considerações de Glessie (1999), para ele, através dos objetos se busca compreender os modos de vida de um determinado povo, suas manifestações culturais, as necessidades da época, as relações sociais existentes.

Mais a adiante o autor enfatiza que em termos práticos “o estudo da cultura material é o estudo da criatividade no contexto”¹⁸⁹. (GLESSIE, 1999, p. 16). Nesse sentido,

¹⁸⁸ Faixa de tecido de lã ou de seda que se usa nos ombros ou em volta do pescoço. Disponível em: <http://www.dicio.com.br/echarpe/>; Acesso em 02/12/2013.

¹⁸⁹ Para o autor “a cultura material é o nome convencional para o rendimento tangível da conduta humana”. Um estudo que usa objetos para aproximar os pensamentos da ação. De acordo com Glessie (1999) “A mente literal pode saber a história de uma próspera, minoria culta. A história da maioria das pessoas é presente em artefatos não registrados na escrita, e escapa do que é ouvido”. Desta feita, Glessie estuda a cultura material a partir do

Glessie (1999) atribui ao “uso” um processo criativo. Estamos falando do consumo de roupas, que se transforma em uso à medida que a mulher assembleiana cria e reconfigura novas formas de vestir. Para o autor o “uso” encontra-se na intersecção da criação e do consumo. O uso é o que diferencia os objetos, é o que lhes atribui características próprias. Isso porque o mesmo objeto pode ser utilizado de maneiras diferentes, assumindo distintos significados a partir das pessoas que o utilizam e dos contextos ao qual se inserem. É o caso da “echarpe” anteriormente citada. Em outros ambiente é um acessório utilizado para atribuir elegância ao visual, ou confeccionado em outros materiais, é utilizado para amenizar o frio. No contexto assembleiano é responsável por atribuir decência a um vestido sem mangas. Fazendo-o digno de ser utilizado para ir a Igreja. Pensando nisso, se um objeto é levado de um contexto a outro, seu uso pode ser transformado.

Não é a comida comprada, mas a comida processada e feita numa refeição— não é a camisa comprada na pechincha, mas a camisa como um componente em uma composição de roupas que informam sobre você. Refeições inteiras, jogos de roupas em ação (amacia arquitetura dos ambientes que estão perto de nós), e coleções dos produtos montados em ajustes domésticos- estas são as chaves das criações da cultura material da civilização industrial. São nossos espelhos; nós nos vemos neles. São nossas lentes; os outros nos lêem através deles. (GLESSIE, 1999, p. 23).

Mesmo que a funcionalidade permaneça a mesma, os significados que os indivíduos atribuem aos objetos são diferentes. É através das distintas realidades, temporalidades, e culturas que as roupas vão adquirindo sua significância, refletindo tanto nossas escolhas pessoais como coletivas. Assim, quando nos vestimos de determinada maneira não atribuímos a isto apenas gostos individuais, somos levados por nossas ideologias, influências, e pelas normas que regem nossa sociedade. (OLIVEIRA, 2011). As roupas pertencem a uma identidade visível, as roupas informam. E fazem parte também de um processo e criação, manutenção e resgate de memórias.

Stallybrass (2000) discutindo um contexto muito diferente do que abordamos nesta pesquisa¹⁹⁰, faz considerações muito pertinentes e atuais. Segundo ele, as roupas

ponto de vista de um processo artístico, que envolve criação, associação, e comunicação. Para ele “o estudo da cultura material é, em termos acadêmicos, um movimento transdisciplinar, projetado para expandir e integrar o estudo da arte. Usa-se técnicas históricas e etnográficas para compreender a arte como uma parte comum da experiência humana. Adiciona-se a ideia antropológica de cultura à história da arte a fim de fazer a arte uma parte da história geral. Adiciona-se a arte das pessoas à história geral para fazê-la mais democrática. Recolhe-se evidência arqueológica, geográfica, histórica e etnográfica para localizar a arte no mundo”. (p.16)

¹⁹⁰ O autor destaca que na Inglaterra Moderna pensar sobre as roupas era pensar também a respeito da memória, “mas também sobre poder e posse.” (p.18). Para ele, a Inglaterra da renascença era uma sociedade que atribuía

assumem aspectos que ultrapassam suas materialidades, pois podem ser transformadas pelo fabricante e pelo usuário, e de outro lado duram no tempo, funcionando como um mecanismo de resgate de memória. É também um mecanismo de incorporação, pois através delas as pessoas assumem obrigações, seguem normas e se enquadram em determinados grupos. Desta forma, ela também se destaca através da distinção. Um dos pontos abordados por este autor é a relação do valor material e imaterial das roupas, isso porque elas podem ser consideradas legados para a história, em virtude das lembranças que possam ativar

(...) as roupas tem uma vida própria; elas são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de códigos para outras presenças materiais e imateriais. Na transferência de roupas, as identidades são transferidas de uma mãe para uma filha, de um aristocrata para um ator, de um mestre para um aprendiz. (STALLYBRASS, 2000, p. 39)

Nesse sentido, as lembranças que as roupas resgatam e as características de quem as utilizaram são evidenciadas no “pedaço de tecido” que além de suas características primárias, ou mesmo após a elaboração de um modelo indumentário, absorveu as marcas pessoais de quem as utilizou. A classe social, a religião, os estilos vestimentares preferidos, a cor preferida, são aspectos possíveis de análise quando desejamos adentrar nos estudos sobre as roupas. Tais reflexões se fazem pertinentes quando nos dispomos a estudar as “roupas” das mulheres assembleianas. Isso porque mesmo se tratando de conjunturas distantes no espaço e principalmente no tempo, concordamos com autores como Calanca (2008), Crane (2006), Freyre (1987) e Roche (2007), que destacam o ato de vestir como algo imbuído de escolhas individuais e ao mesmo tempo coletivas.

Temos, pois, os costumes assembleianos de um lado, e os usos individuais de outro. Calanca (2008, p. 19), citando a importância de Barthes para uma nova perspectiva nos estudos da Indumentária, acredita que este autor identificou as interpretações psicológicas do vestir. Para Calanca, uma de suas principais contribuições foi traçar,

[...] uma diferença fundamental entre costume e roupa, o primeiro configura-se como uma realidade institucional, social, independente do indivíduo particular, a segunda, ao contrário, como uma realidade individual, o ato de vestir-se propriamente dito, pelo qual o indivíduo se apossa da instituição geral do costume.

excessiva importância ao vestuário, sendo este definidor de posições sociais. Segundo o autor esta era uma sociedade da roupa, “Em sua forma mais extrema, trata-se de uma sociedade na qual os valores e também a troca assumem a forma de roupas” (STALLYBRASS, 2000, p.17).

Calanca (2008, Cf. 20) segue afirmando que o valor social da indumentária deve ser “entendida como um conjunto genérico que resulta da combinação da roupa com o costume”. Ou seja, da junção entre uma “instituição social” e “um ato individual”. Por isso estudar essa relação entre “costumes indumentários assembleianos” e os usos que as mulheres fazem deles se torna tão essencial. Pois mesmo que os sistemas normativos exerçam um forte controle nos indivíduos, e que estes compreendam as imposições vestimentares de uma sociedade religiosa, como algo inerente as características do grupo, a ação individual do vestir vai refletir suas próprias características.

Roche (2007) em sua “Cultura das aparências¹⁹¹”, faz uma afirmativa muito semelhante com esse posicionamento de Barthes. Segundo ele, um estudo histórico da vestimenta relaciona “dois níveis de realidade”, o do “vestir”, se referindo ao ato individual que se apropria das características do grupo. Ou o traje/vestimenta abordado de um ponto de vista sociológico ou histórico através de um sistema formal, sancionado pela sociedade. (ROCHE, 2007, p.58) Portanto, o individuo pode assemelha-se a um grupo através do traje e da vestimenta e pode distanciar-se dele empreendendo suas características pessoais no “ato de vestir”.¹⁹²

Numa fala da fiel Andreia Mattos¹⁹³ é possível perceber essa ação da individualidade. Quando questionada a respeito da existência de algum detalhe que ela sempre utiliza em suas roupas ou do estilo de roupas que mais gosta, ela destaca,

E eu uso muito broche. Porque roupas que são muito cavadinhas aqui na frente, eu também não gosto. Aí eu uso muito broche. Às vezes o que dá um toque de diferença é o broche”. [...] existe chemisier como chamam, né. Que tá na moda ultimamente. É só praticamente o que eu visto. Então é, manga comprida, manga três quarto, e a saia aqui no joelho. Então, né, você bota um vestido, um cintinho, um sapatinho, fica vestida.

O uso frequente de um acessório como o “broche” é o que diferencia a roupas de Andreia, das demais irmãs de sua Igreja. Isso nos mostra que mesmo se adequando aos costumes e procurando assumir uma identidade visível, para se parecer com as outras, a busca pelo diferencial pessoal existe. Ao utilizar de táticas para diminuir o decote, na tentativa de adaptar suas vestimentas ao que lhe é permitido, a fiel também encontra uma maneira de obter certa exclusividade com o broche. Nesse trecho ela evidencia ainda que o estilo mais presente

¹⁹¹ Nesta obra, Roche se dedica exclusivamente aos estudos da indumentária entre os séculos XVII e XVIII,

¹⁹² Esse assunto também é debatido por Roche (2000) em sua obra. História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX.

¹⁹³ Nome Fictício. Entrevista realizada no dia 09/01/2012.

entre suas roupas são os vestidos *chemisiers*,¹⁹⁴ além do uso de cintos e sapatos. Assim, Andreia Mattos constrói para si um estilo próprio, fazendo uso dos signos femininos cobrados nos costumes de seu grupo.

A Igreja prega a necessidade da semelhança entre os trajes femininos, havendo uma tentativa de padronização das aparências, onde a roupa é vista pelos membros assembleianos como uma espécie uniforme. No entanto, o que percebemos é que essas mulheres empreendem modificação no “uniforme assembleiano” para se destacar das demais fiéis da Igreja. À medida que buscam se diferenciar das mulheres não crentes e se aproximar do ideal de mulher e aparência pregado na instituição, elas também empreendem suas subjetividades a fim de inserir um toque pessoal em sua aparência, é o que percebemos na falada fiel Ana Luiza Oliveira¹⁹⁵,

Eu priorizo, cor nem tanto, eu gosto, num tenho muito apreço por cor não. Eu gosto de preto, gosto de branco assim, cor não é o principal não, mas eu priorizo o modelo. Porque eu gosto de coisa diferente. [...] Ah, um jeans é tão comum. A saia jeans é tão comum. Então tem vários modelos, tem cetim, tem seda, tem vários modelos. Tem tecido, então já vai mudando né, a forma e tudo. Tem, tem renda, tem saia com renda, tem saia, tem saia floral, então tem vários modelos que, que já são diferentes. Já dá pra adequar.

A busca do diferencial se traduz para a fiel Ana Luiza Oliveira, entrevistada através do uso de saias com estampas, já que para ela a saia jeans é algo muito comum. As saias de tecidos com estampas, ou com apliques de rendas é o que modifica seu traje. Isso mostra que a tentativa de se distinguir das mulheres do mundo e assumir o uniforme da mulher assembleiana, também é acompanhado pela tentativa de distinção dentro do próprio grupo. Onde tudo é realizado de forma sutil para não sair dos padrões da instituição. A fiel acredita na possibilidade de adaptar as roupas e se sentir ao mesmo tempo moderna e decente.

Percebemos, pois, que adaptar as roupas evangélicas a modernidade, ou seria melhor afirmar, adaptar as roupas da moda ao que pode ser utilizado na Igreja com base nos usos e costumes assembleianos, é uma prática reconhecida e praticada pelas mulheres. Tendo como imposição o não uso de calças no espaço sagrado da Igreja, e tendo ao mesmo tempo uma série de “restrições” com relação ao tamanho e modelo de saias, blusas e vestidos, as fiéis utilizam variadas “táticas e apropriações” para compor a indumentária da mulher assembleiana. Assim, se converter a Igreja ADTC de Milhã, não significa necessariamente

¹⁹⁴ O termo *chemisiers* já foi explorado em outro momento.

¹⁹⁵ Nome Fictício. Entrevista realizada em 08/01/2012.

deixar de se vestir bem, ou com vaidades. É acima de tudo respeitar os costumes, porém reconfigurando as práticas de uso das roupas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O vestuário, exprimindo uma determinada corporeidade e uma determinada sexualidade, rompe os equilíbrios tradicionais dos papéis sociais e sexuais. Vista nessa perspectiva, a história do vestuário mostra-se como um ponto privilegiado para observar a circularidade entre história da sexualidade e história dos comportamentos sexuais, história das mulheres, história da vida privada e, não menos importante, história dos corpos, das suas paixões, percepções e representações¹⁹⁶.

Daniela Calanca

Tendo como objeto a indumentária, e como sujeitos as mulheres, adentramos no universo religioso pentecostal da Igreja Assembleia de Deus Templo Central de Milhã-CE. Por isso, acreditamos que a afirmativa acima mencionada como epigrafe, se faz tão pertinente. Através da indumentária, e mais ainda do ato de vestir, conhecemos e analisamos o imaginário assembleiano, suas práticas e representações de mundo. Nesta pesquisa, debatemos as relações de gênero, a história da Igreja, os costumes do grupo, suas práticas religiosas, conhecemos suas motivações através das crenças e da fé, suas visões de hierarquias, suas formas de perceber o próprio corpo e o corpo do outro, no caso, das mulheres, suas formas de ascender na Igreja, suas memórias, seus rituais de conversão, suas interpretações da bíblia, suas relações com o espaço da Igreja e da cidade, e tudo isso relacionado à importância do traje.

O maior enfoque deste trabalho foi a importância da mudança indumentária das novas convertidas, e como isso auxilia na construção de sua nova identidade. Porém, o leitor, pesquisador ou não, pode nós indagar, porque não falar apenas das neoconvertidas? Nossa única opção seria dizer, impossível. Os significados embutidos na indumentária tipicamente assembleiana, só se constituem como tal porque são construídos em conjunto, por todos aqueles que compõem a Igreja. As lideranças assembleianas, os homens e mulheres que cresceram na Igreja e estudam a doutrina desde crianças, as pioneiras assembleianas de Milhã, as mulheres que há muitos anos estão na Igreja, as neoconvertidas, todas essas pessoas são sustentáculos dos costumes assembleianos.

É por isso, que nunca tratamos a maneira da trajar dessas mulheres como uma regra que obrigatoriamente deveria ser cumprida porque é sancionada pela Igreja. Sempre buscamos perceber os meandros culturais, sociais, religiosos e a construção e afirmação

¹⁹⁶ (CALANCA, 2008, p.40)

identitária, como os maiores pilares da importância que esta denominação religiosa atribui à aparência vestimentaria de suas mulheres. E assim, as considerações mais evidentes que temos a fazer é que, a indumentária feminina é uma das formas mais visíveis de expor a identidade assembleiana, e de evidenciar a diferença do grupo em relação aos demais da cidade. A indumentária é também a maneira mais rápida e visível encontrada por aquela que se converte, de buscar se assemelhar as demais fiéis e de assumir a identidade assembleiana.

A indumentária é ainda um mecanismo de controle do corpo, um corpo que se doutrinado na Igreja deve ser coberto e bem vestido, pois segundo o pentecostalismo, é uma morada do “espírito santo”. É ainda, com base na maneira de vestir que a relação da neoconvertida com a doutrina e com seu corpo é vista e comparada pela Igreja. A maneira de vestir também define o lugar que o fiel frequenta, o fiel dignifica sua Igreja através da maneira como se veste. Por isso na Igreja, uma mulher jamais deve usar calças, e é também por isso, que ela veste suas melhores roupas para ir ao culto.

Um fator importante desta pesquisa, é que nunca tratamos as mulheres assembleianas como “coitadinhas da história” ou como personagens, enganados ou iludidos por uma religião. Ao contrário, são mulheres guerreiras, que erguem a Igreja, que trabalham por ela, que mesmo acreditando na importância das lideranças masculinas, reconhecem a importância da participação feminina na Igreja. Mulheres que oram, que trabalham fora de casa, que cuidam dos filhos e esposos, e que constroem suas vidas e sua aparência, com base na maneira mais “virtuosa” de ser. Mulheres criativas, astutas, que sem sair da religião e sem fugir da doutrina transformam suas práticas e seus usos, reinventando a indumentária das mulheres assembleianas e reinventando também modos de ser e de praticar a religião.

Assim, finalizamos esse trabalho não com a sensação de dever cumprido, mas com o desejo de querer saber mais. Nesse momento, novas indagações começam a surgir e junto com elas o anseio de ir a campo novamente e buscar novas respostas. Os resultados apresentados nessa dissertação nos instigam a perguntar: se em Milhã, interior do sertão central, a relação da mulher assembleiana com a indumentária apresenta os aspectos trabalhados aqui, como eles são tratados numa Igreja ADTC da capital Fortaleza? Será que os diferentes contextos dessas Igrejas influenciam na maneira como suas fiéis se vestem, e na maneira como os usos e costumes são vistos? Com isso, pensamos que, ao contrário de Fortaleza, onde existem lojas exclusivas para “evangélicos”, em Milhã as fiéis fazem um verdadeiro trabalho de “garimpagem” nas lojas e costureiras da cidade, para conseguir montar seus figurinos diários. Percebemos que além de um contexto cultural diferente, o próprio

“comércio de roupas evangélicas”, tão crescente nas grandes capitais e em algumas cidades do interior, é ainda muito ínfimo na cidade de Milhã. E então nos perguntamos: se a procura é tão intensa, tendo em vista o forte processo de conversão de fiéis empreendidos pelas Igrejas, porque ainda não existem lojas exclusivas para atender esse público?

Ao lado da Igreja ADTC de Fortaleza, pioneira na cidade, existe uma loja que oferece roupas exclusivas para homens e mulheres evangélicas. Em especial para os assembleianos, que antes de chegar a seu local de culto são “lembrados” de como devem se vestir. Ela comercializa marcas originárias da região sul e sudeste, fazendo um trabalho de marketing totalmente dedicado a evangélicos. Contudo, em Milhã, as fiéis desconhecem a existência de marcas exclusivas e como salientamos nesse trabalho, elas utilizam todas às “astúcias possíveis” para atender aos padrões dos usos e costumes. Vencem as dificuldades em nome do cumprimento e da força que a doutrina exerce em suas vidas. Então, como será a influência dessa doutrina na vida das mulheres assembleianas em Fortaleza? Que diferenças e semelhanças iremos encontrar na relação que essas mulheres estabelecem com suas roupas, tendo como comparativo o contexto de Milhã? Essas são questões que ainda necessitam de aprofundamentos, mas que estamos dispostos a fazer, tendo em vista que a temática abordada nesse trabalho é um campo fértil de indagações para aqueles que têm interesse na história das mulheres, das religiões e da indumentária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AGUIEIROS, Gabriela Hasimoto. O Traje e o decoro. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Vergonha e Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole**. São Paulo: Hucitec, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História: A Arte de Inventar o Passado. Ensaio de teoria da História**. São Paulo: Edusc, 2007.

ALENCAR, Gedeon Freire. **Assembleias Brasileiras de Deus: Teorização, História e Tipologia-1911-2011**. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)- Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2012.

ALENCAR, Gedeon Freire. Frida Vingren (1891-1940): quando uma missão vale mais que a vida. In: OROZCO, Yury Puello (org). **Religiões em Diálogo: Violência Contra as Mulheres**. São Paulo: Católicas pelo direito de decidir. 2009, p.69-86.

ALMEIDA, Joede Braga de. **O Sagrado e o Profano: construção e desconstrução dos usos e costumes nas Assembleias de Deus no Brasil**. 2007. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)- Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2007.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. **Trânsito Religioso no Brasil**. Revista São Paulo em Perspectiva, 2001.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é Feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ALVES, Rubem. **O que é Religião**. 2a. Ed. São Paulo: brasiliense, 1981. Coleção Primeiros passos.

ANDRADE, Rita. **Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos**. Anais, Colóquio de Moda, 2006. s.l, s.d. Disponível em: http://coloquiomoda.com.br/anais/anais/2-Coloquio-de-Moda_2006/artigos/100.pdf. Acesso em 12 de janeiro de 2013.

AUBRÉÉ, Marion. A visão da Mulher no Imaginário Pentecostal. **Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência**. n° 09. Niterói, p.119-131. 2.sem.2000.

AUGRAS, Monique. Passagem: Morte e Renascimento. In: ROCHA, Danielle Perin. **O Imaginário e a Simbologia da Passagem**. Recife: Editora Massangana, 1984. p.35-42.

BACHELARD, Gaston. A Casa. Do porão ao Sótão. O sentido da cabana. In: **A Poética do Espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993. (Coleção tópicos). p. 23-53.

BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. Religião e relações de Gênero: Um olhar sobre as transformações de identidades e práticas sociais de líderes femininas pentecostais. **Revista Brasileira de História das Religiões, ANPUH**. ano.II, n.5. p. 225-239, Set.2009.

BARROS, José D'Assunção. **Cidade e História**. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 2005.

BEDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.219-229.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Os novos rumos da história oral: o caso brasileiro. **Revista de História**. n° 155, p.191-203, 2006.

BORGES, Maria Eliza Linhares. **História & Fotografia**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2011.

BOURDIER, Pierre. A Economia dos bens simbólicos. In: **Razões Práticas: Sobre a teoria da ação**. Campinas, SP: Papiros, 1996. p. 157-197.

BOURDIER, Pierre. Gênese e Estrutura do Campo Religioso. In: **A economia das trocas simbólicas**. Sergio Miceli (Org.) São Paulo: Perspectiva, 2007. p. 27-78.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material: economia e capitalismo séculos XVII-XVIII**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: O homem, a mulher e a renúncia sexual no início do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CALANCA, Daniela. **História Social da Moda**. São Paulo: Editora SENAC, 2008.

CANDAU, Joël (2011). **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

CASTRO, Carlos. **Gunnan Vingren no Ceará: 40 dias de avivamento pentecostal**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2013.

CASTRO, Carlos. **Fragmentos da História do Evangelho no Ceará: Da Sementeira Presbiteriana ao Movimento Pentecostal**. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.

CERTEAU, Michel. Caminhadas pela cidade. In: **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p.169-191.

CERTEAU, Michel. Fazer com Usos e táticas. In: **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p.91-106.

CERTEAU, Michel. Relatos de Espaço. In: **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p.199-217.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.215- 218.

CONDE, Emílio. O Fogo Pentecostal incendeia o Ceará. In: **História das Assembleias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 6ª edição, p.99-114.

COROBIM, Antônio Luiz. **Uma análise dos usos e costumes adotados pela convenção geral das Assembléias de Deus no Brasil – CGADB**. 2008. 50 f. Monografia (Bacharel em teologia)- Faculdade Teológica Batista de São Paulo. São Paulo, 2008.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. Alterações das características da Igreja Assembléia de Deus no bairro Bom Retiro em São Paulo. **História Agora**. 11^a. Edição-Dossiê Religiões e Religiosidades no Tempo Presente, V. 2, p. 01-29, 2011.

COUTINHO, Maria Lúcia Rocha. **Tecendo por trás dos Panos: A Mulher Brasileira nas relações Familiares**. Rio de Janeiro: ROCCO, 1994.

CRANE, Diana. **A Moda e seu papel social: Classe, Gênero e identidade das roupas**. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Editora Senac, 2006.

DA MATA, Sergio. **História & Religião**. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

DA MATTA, Roberto. Espaço- Casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil. In: **A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil**. Rio de Janeiro, 5^o edição, 1997.p.29-63.

DARNTON, Robert. **O grande massacre dos gatos – e outros episódios da história cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DAVIS, Natálie Zemon. **Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França Moderna** (oito ensaios). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. (Coleção oficinas de História).

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a Corpo com a Mulher: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil**. São Paulo: SENAC, 2000.

_____. Mary. História das Mulheres: As vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cêzar (org). **Historiografia Brasileira em Perspectiva**. 6. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

_____; ADAMANTINO, Márcia (Orgs.) **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

_____. Viagem pelo imaginário do interior feminino. **Revista Brasileira de História**, vol. 19, núm. 37, p.0, 1999.

DUARTE, Ana Rita Fonteles. Mulher Macho, sim senhor: histórias de mulheres que romperam limites no Ceará. In: CARVALHO, Gilmar. **Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense**. Fortaleza: edições Demócrito Rocha, 2003.

DURKHEIM, Emíle. Definição do fenômeno Religioso e da Religião. In: **As Formas elementares de Vida religiosa: O sistema totêmico da Austrália**. Tradução: Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Editora Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano: A essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____. Aproximações: estrutura e morfologia do sagrado. In: **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 07-38.

_____. O espaço sagrado: templo, palácio, “centro do mundo”. In: **Tratado de História das Religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 296-331.

FARJADO, Maxwell Pinheiro. Religião e memória: Afirmção da memória institucional da Igreja Assembleia de Deus no Brasil. **Revista Brasileira de História das religiões**. ANPUH, Ano V, n.13, p 273-284. 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Revista Topoi**. Rio de Janeiro, p.314-332, 2002.

FICO, Carlos. História que temos vivido. In: VARELLA, Flávia; MOLLO, Helena Miranda;

FARIA PEREIRA, Mateus Henrique; DA MATA, Sérgio (Orgs) **Tempo Presente & Usos do passado**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 67-100.

FONSECA, André Dioneu. Os impressos institucionais como fonte de estudo do pentecostalismo: uma análise a partir do livro História da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil. **Revista História em Reflexão**. Vol. 3, n. 5, p.01-21, 2009.

_____. Identidade, Prática e Representação: reflexões sobre a contribuição da Nova História Cultural ao estudo do movimento pentecostal. **Revista Outros Tempos**. Dossiê Estudos de Gênero. Vol. 07, n. 09, p. 01-22, 2010.

FONSECA, André Dione; FARIAS, Marcilene Nascimento. Relações de Gênero e Cultura Religiosa: Um Estudo Comparado Sobre a Atuação Feminina na Igreja Evangélica Luterana do Brasil e Assembléia de Deus. **Revista de História Comparada**. Rio de Janeiro, Vol. 04, n.01, p. 06-41, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Roberto Machado (Org.). Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Modos de Homem & Modas de Mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987

GEETZ, Clifford. A Religião como sistema cultural. In: **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.p.

GIDDENS, Anthony. Religião. **In: Sociologia**. Tradução: Sandra Regina. Netz.- 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GLASSIE, H. **Material Culture**. Indianopoles: Indiana University Press, 1999.

GOLDENBERG, Mirian. **O Corpo como Capital: gênero, sexualidade e moda na cultura brasileira**. 2.ed., São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

GONÇALVES, Andréa Lisly. **História & Gênero**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

GUIMARAES, Aender. **Do labirinto da História e da memória à História Oral**. Revista historia agora. Revista 09, Dossiê 07, p. 01-12, 2010.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo : Vértice, 1990

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guarareira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2011. 104p. Título original: The question of cultural identity.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos: O breve século XX / 1914-1991**. Tradução: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBBSBAWM, Eric. RANGER, Terencer. **A Invenção das Tradições**. (Coleção Pensamento Crítico; v.55) Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. **A Oralidade dos velhos na Polifonia Urbana**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997.

LE GOFF, Jacques. **A Nova História**. Editora: Martins Fontes, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LISBÔA, Maria Regina Azevedo. A “Batalha Espiritual” na Assembléia de Deus: Uma Metáfora das Relações de Gênero. **Fazendo Gênero**. Vol. 9, p. 01-09, 2010.

MACHADO, Maria Das Dores Campos. Representações e Relações de Gênero nos Grupos Pentecostais. **Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 13, n.02, p.387-396, 2005.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da Fotografia e da Imagem**. 2ª.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. **O Corpo feminino em Debate**. São Paulo: UNESP, 2003.

MAUAD, Ana Maria. Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces. **Revista Tempo**. Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, p. 73-98, 1996.

MELLO, Eliana Müller de. Religião e Mulher: Uma discussão sobre modos de enunciar o feminino na Igreja. **Revista Ártemis**. vol. 06, p.68-76, 2007.

MIAGUSKO, Edson; FERREIRA, Lúcia Marina Puga. Circunstâncias e coadjuvantes na interação social: o poder da vergonha. . In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Vergonha e**

Decoro na Vida Cotidiana da Metrópole. São Paulo: Hucitec, 1999.

MOCELLIM, Alan. A Questão da identidade em Giddens e Bauman. **Revista Em Tese.** Santa Catarina. Vol. 05, p.01-31, 2008.

NERIS, Wheriston Silva. **Bourdier e a Religião: Aportes para (re)discussão do conceito de campo religioso.** Disponível em: http://www.abhr.org.br/wp_content/uploads/2008/12/neris-wheriston-gp2.pdf. Acesso em: 17 de Março de 2013.

NOGUEIRA, Sebastiana Maria. A Glossolalia (Falar em Línguas) no cristianismo do primeiro século e o fenômeno Hoje. II ENCONTRO NACIONAL DO GT HISTÓRIA DAS RELIGIÕES E DAS RELIGIOSIDADES. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH.** Maringá (PR). Vol.01, n.03, p.01-19, 2009.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. In: DEL PRIORE, Mary; ADAMANTINO, Márcia (Orgs.) **História do Corpo no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 478- 506.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever. In: **O trabalho do Antropólogo.** 2ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Rok Sônia Naiária de. **Construindo uma identidade e combatendo o vício da vaidade: a vestimenta da mulher Assembleiana de Milhã-Ce (1990-2011).** 2011. 74 f. Monografia (Graduação em História)- Faculdade de Educação, Ciências Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará. Quixadá, 2011.

PEIXOTO, Esdras Gusmão de Holanda. **Caminho das Assembléias de Deus: tentativas de compreensão do seu crescimento no campo religioso brasileiro.** II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. Recife, p. 273-287, set. de 2007.

PEREIRA, Mateus Henrique Faria; DA MATA, Sérgio. Introdução: Transformações de experiência do tempo e pluralização do presente. In: VARELLA, Flávia; MOLLO, Helena Miranda; PEREIRA, Mateus Henrique Faria; DA MATA, Sérgio (Orgs) **Tempo Presente & Usos do passado.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012. p. 09-30.

PERROT, Michelle. **As Mulheres ou os Silêncios da História.** Tradução: Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

_____. Parte II- mulheres. In: **Os excluídos da História.** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

_____. **Minha História das Mulheres.** São Paulo: contexto, 2007.

_____. **Mulheres Públicas.** São Paulo: UNESP, 1998.

_____. Os silêncios do corpo da Mulher. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. **O Corpo feminino em Debate.** São Paulo: UNESP, 2003. p.13-27.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural.** 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

PINHEIRO, Iana Vlândia. **MEMÓRIA, CULTURA E FÉ: Histórias de Milhã na oralidade dos velhos (1957 à 1965).** 2011. 57 f. Monografia (Graduação em História)- Faculdade de Educação, Ciências Letras do Sertão Central, Universidade Estadual do Ceará. Quixadá, 2011.

PORTELLA, Rodrigo. Sua excelência, o indivíduo: apontamentos básicos para a pesquisa sobre a religião no tempo presente. **História Agora**, 11ª. Edição, Vol. 02, p.483-498, 2011.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História.** São Paulo, PUC, n. 14, p.25-39, Fev. de 1997.

PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter. **A escrita da História:** Novas Perspectivas. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 2011. p.297- 333.

PRANDI, Reginaldo. **Converter Indivíduos, Mudar Culturas.** **Revista Tempo Social.** São Paulo, v. 20, n. 2, p.155-172, 2008.

RAGO, Margareth. Os mistérios do corpo feminino, ou as muitas descobertas do “amor venéreo”. **Revista Projeto História: Corpo & Cultura.** São Paulo, p.181-268, 2002.

RIOS, Kênia Sousa. Artigo: **A Seca nos atalhos da Oralidade.** In: Projeto História, nº 22, São Paulo, jun. 2001.

ROCHE, Daniel. **A Cultura das Aparências: Uma história da Indumentária (séculos XVII-XVIII).** Tradução: Assef Kfourí. São Paulo: Editora Senac, 2007.

_____. Vestuário e Aparência. In: **História das coisas banais: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX**. Tradução: Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.256-291.

ROIZ, Diogo da Silva. FONSECA, André Dioneu. As Representações da Igreja Assembleia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. **Revista Brasileira de História das religiões**. Ano II, n.4, p.185-205, maio de 2009.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **O que é Pentecostalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987. Coleção Primeiros Passos.

_____. **Pentecostalismo: Brasil e América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ROSADO-NUNES, Maria José. Gênero e Religião. **Estudos Feministas**. Florianópolis, 13(2): 256, p.363- 364, 2005.

SCHIMITT-PANTEL, Pauline. “A criação da Mulher”: um artilho para a história das mulheres? In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel. **O Corpo feminino em Debate**. São Paulo: UNESP, 2003. p.129-156.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Revista Educação e Realidade**. Vol. 20, n.02, p.71-99, 1995

SHIMITT, Daniela. **Mortes Vitorianas: Corpos, Luto e Vestuário**. São Paulo: Alameda, 2010.

SILVA, Cláudio José da. **A Doutrina dos Usos e Costumes na Assembléia de Deus**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)- Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 11. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

SOUSA, Bertone de Oliveira. **Religião e negação da Modernidade: A leitura Fundamentalista da Bíblia nas Revistas de escola Bíblica dominical da Assembleia de Deus**. Revista Brasileira de História das religiões. ANPUH, Ano III, n.7, maio 2010.

_____. **Uma perspectiva histórica sobre construções de identidades religiosas: A Assembleia de Deus em Imperatriz, MA.** Maranhão: Ética Editora, 2011.

SOUSA, Gilda de Mello. **O Espírito das roupas: A moda no século dezenove.** São Paulo: Companhia das letras, 1987.

STALLYBRASS, Peter. A vida social das coisas: roupas, memória, dor. In: **O Casaco de Marx: Roupas, memória e dor.** Belo Horizonte: Editora Autentica, 2000. p. 08-47.

THOMAS, Julian. **Materialities.** In: Archaeology and Modernnity. London: Routledge, 2003. Pp. 202-222.

THOMPSON, E.P. **Costumes em Comum: Estudos sobre a cultura popular tradicional.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VAN GENNEP, Arnold. **Os Ritos de Passagem:** estudo sistemático dos ritos da porta e a soleira, da hospitalidade, da puberdade, iniciação, coroação, noivado, casamento, funerais, estações, etc. PEREIRA, Mariano. (trad.); DA MATTA, Roberto. (Apres.) Petrópolis: Vozes, 1977.

VELHO, Gilberto. **Desvio e Divergência: Uma crítica da patologia social.** 3ª Ed, Rio de Janeiro: Zahar editores, 1979.

VELOSSO, Mônica Pimenta; ROUCHOU, Joelle; OLIVEIRA, Cláudia. **Corpo: Identidades, Memórias e Subjetividades.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

VIGÁRIO, Jacqueline Sirqueira. **História e Imaginário.** II seminário de pesquisa da pós-graduação em História UFG/UCG. Goiás, 2009.

PERIÓDICOS

LIÇÕES BÍBLICAS SAL E LUZ: AS MARCAS DO CRISTÃO ATUAL. Rio de Janeiro: CPAD, 1º exemplar, 4º trimestre, 1996.

LIÇÕES BÍBLICAS: OS ENSINOS DE JESUS PARA O HOMEM ATUAL. Rio de Janeiro: CPAD, 2º exemplar, 2º trimestre, 2000.

LIÇÕES BÍBLICAS: MORDOMIA CRISTÃ: SERVINDO A DEUS COM EXCELÊNCIA. Rio de Janeiro: CPAD, 3º exemplar, 4º trimestre, 2003.

LIÇÕES BÍBLICAS: E AGORA COMO VIVEREMOS? A RESPOSTA CRISTÃ PARA TEMPOS DE CRISE E CALAMIDADE MORAL. Rio de Janeiro: CPAD, 4º exemplar, 4º trimestre, 2005.

LIÇÕES BÍBLICAS: AS VERDADES CENTRAIS DA FÉ CRISTÃ. Rio de Janeiro: CPAD, 4º exemplar, 4º trimestre, 2006.

LIÇÕES BÍBLICAS: AS DOENÇAS DO NOSSO SÉCULO: AS CURAS QUE A BÍBLIA OFERECE. Rio de Janeiro: CPAD, 7º Exemplar, 3º trimestre, 2008.

LIÇÕES BÍBLICAS: 1 JOÃO: OS FUNDAMENTOS DA FÉ CRISTÃ E A PERFEITA COMUNHÃO COM O PAI. Rio de Janeiro: CPAD, 8º exemplar, 3º Trimestre, 2009.